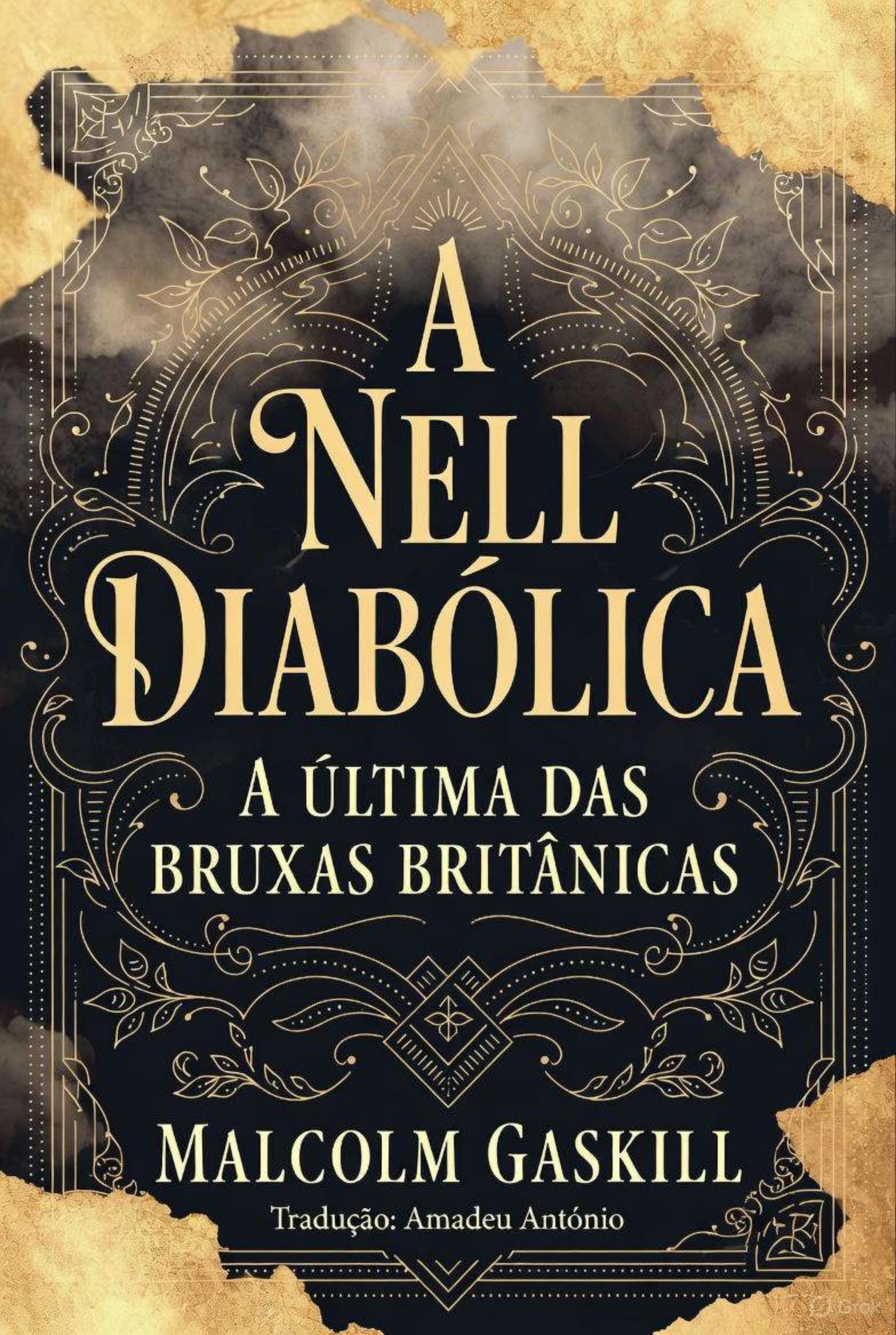




A NELL DIABÓLICA

A ÚLTIMA DAS
BRUXAS BRITÂNICAS

MALCOLM GASKILL

Tradução: Amadeu António

A NELL DIABÓLICA
A ÚLTIMA DAS BRUXAS BRITÂNICAS
MALCOLM GASKILL

Primeira publicação na Grã-Bretanha em 2001 por Fourth Estate Uma divisão da HarperCollinsPublishers 77-85 Fulham Palace Road Londres W6 8JB

Copyright © Malcolm Gaskill 2001

A S.P., com amor, por me ter permitido colocá-la em segundo lugar depois de outra mulher.

A crença de que espíritos desencarnados podem ser autorizados a revisitar este mundo tem o seu fundamento naquela sublime esperança de imortalidade que é, ao mesmo tempo, o principal consolo e o maior triunfo da nossa razão. CHARLES MACKAY, *Extraordinary Popular Delusions and the Madness of Crowds* (1841)

Nenhum testemunho é suficiente para estabelecer um milagre, a menos que o testemunho seja de tal natureza que a sua falsidade seria mais milagrosa do que o facto que se esforça por estabelecer. DAVID HUME, *An Enquiry Concerning Human Understanding* (1748)

Agora não, senhor! Não me exponha! Só desta vez! Foi a primeira e única vez, juro — Olhe para mim — veja, ajoelho-me, a única vez, Juro, em que alguma vez enganei — sim, pela alma D'aquela que ouve (a sua santa mãe, senhor!) Tudo, exceto este último acidente, foi verdade. ROBERT BROWNING, «Sr. Sludge, the Medium» (1864)

Quanto se escreve sobre pigmeus, fadas, ninfas, sereias, aparições, as quais, embora nem a décima parte seja verdade, não poderiam ter surgido do nada? ROBERT KIRK, *The Secret Common-wealth and a Short Treatise of Charms and Spells* (c. 1690)

ÍNDICE Prefácio Prólogo: SOB FOGO PARTE I: HELEN VALORIZADA

1. Vais ser queimada como bruxa!: A criança-profeta de Perthshire
2. Desenvolvendo o dom de Deus: Trabalho, amor e a chegada de Henry
3. Efeitos radiantes: «Albert» e o espetáculo das sessões espiritualistas PARTE II: HELEN VILIPENDIADA
4. Escuridão e luz: Investigação e a busca pelo respeito
5. Fortunas mutáveis: Um encontro com a lei e a chegada da guerra
6. Uma espécie de conjuração: Julgamento e negação no Old Bailey, 1944 PARTE III: HELEN VINGADA
7. Fechando o círculo: Fenómenos e fraude nas sessões espiritualistas
8. Muitas moradas: Vida pública e homens proeminentes
9. Nellie, mantém o queixo erguido!: O caminho para a liberdade Epílogo: Para além do véu Notas Índice remissivo

PREFÁCIO

O título exige uma explicação prévia. Embora a Helen Duncan não tenha sido efetivamente a última pessoa a ser julgada ao abrigo da Lei da Bruxaria de 1735, o seu caso foi o mais célebre e influente de um punhado de processos intentados antes de a lei ser alterada em 1951. Historiadores e etnógrafos poderão objetar que a Helen Duncan não era bruxa em nenhum sentido folclórico ou teológico; pagãos da Nova Era dirão que as bruxas estão vivas, de boa saúde e atarefadas no seu trabalho. A minha defesa é simples.

A maior parte das bruxas registadas na história foram definidas como tal não porque fossem cultistas confessas, nem sequer porque reivindicassem poderes mágicos, mas porque tinham sido julgadas como bruxas por processo judicial. Helen foi uma das bruxas britânicas porque foi um tribunal britânico (e uma imprensa britânica) que assim a rotulou. Por fim, ainda hoje é recordada como «Nell Diabólica» na cidade de Perthshire onde nasceu, não tanto por causa da sua condenação ao abrigo

da Lei da Bruxaria, mas porque era assim que a conheciam em criança. Desde os seus primeiros anos que era travessa, rebelde até, Isto é uma biografia, de certa forma: uma vida e uma época com o acento colocado na época. Sem desrespeito pela sua memória, a Helen Duncan não foi escolhida como tema porque a sua vida se encaixe perfeitamente nas grandes narrativas históricas do nosso tempo, mas porque reflete uma luz pálida sobre áreas menos óbvias da consciência social, especialmente nas suas interseções caóticas.

A realidade histórica era caleidoscópica; perspectivas nítidas e singulares sobre o passado são pouco fiáveis. Como a explicação de «bruxa» acima apresentada sugere, o meu objetivo principal é explorar definições alternativas e contrastantes daquilo que com demasiada confiança chamamos «a verdade». Nesse sentido, este livro trata de epistemologia prática: como sabemos as coisas que sabemos e o modo como as fronteiras culturais que rodeiam esse conhecimento determinam quem somos, no nosso próprio tempo e ao longo da história. Mas é mais ou menos isto o quão teórico o assunto fica e dificilmente voltará a ser incomodado com a ideia — pelo menos, abstraída de forma tão explícita.

Poderá também ser útil dizer o que este livro não é. Recentemente, o interesse pela Helen Duncan cresceu com a campanha para limpar o seu nome; eu, porém, não procuro exonerá-la, tal como não estou empenhado numa cruzada racionalista contra a superstição. Além disso, não avanço a causa do Espiritualismo ou do oculto, nem promovo a parapsicologia ou qualquer outro ramo da investigação psíquica. Dito isto, nenhum código, crença ou hábito mental é intencionalmente atacado, embora antecipe um desprezo acerbo por parte daqueles cujas convicções são mais fortes do que as minhas.

A minha ênfase assenta claramente na interpretação livre em vez do dogma; na verdade, este é, em muitos aspetos, um livro sobre interpretação. Como todos os biógrafos e historiadores deveriam fazer, além disso, esforcei-me por desaparecer na presença dos meus temas. Análise à parte, esta é uma história verídica impulsionada pelo curioso e pelo dramático, e merece ser lida como tal. Enquanto historiador, estou mais habituado a escrever sobre o século XVII; aqui, no entanto, o meu interesse está investido num elenco enorme de personagens cujos mundos mentais abrangem gerações e eras, e cujas vidas podem ser traçadas ao longo de linhagens e ligações intrincadas de atitude, pensamento e crença.

O que mais me importa é o aglomerado de ideias e valores que cristalizou em torno dos temas da bruxaria, dos espíritos e do sobrenatural ao longo de um período de quinhentos anos, sobretudo pela maneira como os fios do passado inevitavelmente se entrecem no tecido do presente. Todos os autores sabem que mais pessoas merecem gratidão do que as que podem ser recordadas num prefácio. O encorajamento e os conselhos de amigos significaram muito para mim, entre os quais Sheena Peirse e Rosamond Roughton são preeminentes, a primeira de uma paciência e compreensão quase santas.

Ambas leram na íntegra as versões preliminares do livro e fizeram sugestões inestimáveis. Chris Jones ajudou com a revisão de provas. O Donald West teve a amabilidade de ler o prólogo, recuando mentalmente cinquenta e seis anos para me poupar a erros. Como a maior parte dos meus projetos, este livro começou com um dos envios postais do meu pai com recortes de jornais e, por isso, bem como pela sua boa intuição e perspicácia, estou profundamente em dívida. Deve também ser mencionada a minha agente, a Felicity Bryan, que me colocou nas mãos do Clive Priddle, um editor que desde o início compreendeu e valorizou o meu próprio sentido daquilo que eu tentava alcançar. A Mitzi Angel foi de enorme ajuda com as imagens.

O pessoal de muitos arquivos e bibliotecas foi prestável, de forma memorável na Cambridge University Library, no Public Record Office em Kew, na British Library em Colindale, na University of London Library, no Island Archives Service em Guernsey, no Churchill Archives Centre e no College of Psychic Studies. Gostaria também de agradecer aos departamentos de gestão de registos do Crown Prosecution Service e do Home Office, ambos os quais providenciaram para que eu examinasse ficheiros de acesso restrito. Jenny Lee mostrou-me a antiga London Spiritualist Alliance e deixou-me espreitar o armário dos arquivos. Arthur Oram arranhou para que eu visse um médium: Helen Duncan alegadamente comunicou.

Na Escócia, Andy Thomson levou-me aos pubs de Callander e fotocopiou um livro raro guardado atrás do balcão do Crown Hotel; Sheila Livingstone ajudou com fontes relacionadas com bruxas a norte da fronteira. O Roger Caldwell, do Home Office, e o Muito Honorável Michael Ancram MP puseram-me a par da campanha pelo perdão. Um dos prazeres de escrever sobre o passado recente é que muitas das personagens

centrais ainda estão vivas: mais do que uma vez regressei a casa depois de um dia passado a aprender sobre um indivíduo num arquivo, apenas para descobrir que ele ou ela tinha deixado uma mensagem no atendedor de chamadas.

Estou particularmente grato a Sheila Downie e a Ann Pooley por terem dado generosamente do seu tempo e por me terem permitido usar o trabalho publicado e inédito da mãe delas, a Gena Brealey. Outros que partilharam memórias incluem o Bob e a Georgina Brake, o Tony Cornell, o Alan Crossley, a Jean Frost, o Richard Howe, a Denise Iredell, a Lucian Landau, o Harvey Lingwood, a Dorothy Mahoney, a June Moore, o Chris Newberry, a Eileen Philp, a Diane White, o Geoffrey Wilson e o Stanley Worth.

Agradeço à BBC a permissão para citar *The Last Witchcraft Trial*, um documentário transmitido na Radio 4 em 1979 no qual Maurice Barbanell, a Gena Brealey, o Henry Elam e o Arthur West foram entrevistados. Agradeço igualmente aos repositórios acima mencionados a permissão para citar dos seus arquivos e à Coroa no que respeita aos documentos protegidos por direitos de autor guardados no Public Record Office. Nenhuma quantidade de gratidão aos amigos, família e participantes nas sessões da Helen Duncan pode ocultar o facto simples de que os seus relatos frequentemente discordam nos detalhes e na interpretação.

Esforcei-me por não privilegiar uma versão em detrimento de outra, em parte para evitar mensagens menos cordiais no meu atendedor de chamadas, mas sobretudo no interesse de estabelecer verdades múltiplas, e em desafio ao «um único mundo real» do filósofo e historiador R. G. Collingwood, uma compreensão desimpedida do qual era, para ele, o objetivo exclusivo de ambas as suas disciplinas. O ditame de Collingwood de que a história deveria visar ser «a reencenação da experiência passada», no entanto, endosso sem hesitação nem reservas. Não me coloco em julgamento sobre Nell Diabólica, a última das bruxas britânicas; antes, desejo restaurar as imagens desbotadas e amplificar os ecos que sobreviveram ao período colorido em que ela viveu.

PRÓLOGO SOB FOGO

Perto do fim de março de 1944, o Donald West, um estudante de medicina de dezanove anos, embarcou num comboio de Liverpool para Londres. As notícias da capital eram sombrias. À noite, os abrigos, desertos há mais de um ano, voltavam a estar cheios, as massas encolhidas fugindo daquilo a que as pessoas já chamavam o «Pequeno Blitz». Dias antes, Islington tinha ardido em chamas e no mês anterior os teatros do West End tinham-se esvaziado quando os bombardeiros regressaram em força. Na Grã-Bretanha em tempo de guerra, um cartaz perguntava aos viajantes de comboio se as suas viagens eram realmente necessárias. Mas o Donald prestou pouca atenção a isso, nem refletiu muito sobre os perigos dos raids aéreos.

Por causa da Helen Duncan, em tempo de guerra, ouvira dizer que ia haver um julgamento de bruxaria e estava determinado a vê-lo. Mais cedo na guerra, o Donald tornara-se membro da Society for Psychical Research, sediada em Londres, e agora fora convidado pela figura de proa Mollie Goldney para a acompanhar naquele evento notável. Uma senhora da alta sociedade de uma zona elegante de Putney, de cabelos ruivos, outrora elegante mas ainda formidável, a Sr.^a Goldney era tão indiferente à Luftwaffe como aos protestos dos médiuns fraudulentos que desmascarava, e o zumbido das sirenes causava-lhe pouca impressão enquanto atravessava a metrópole para cumprir o seu encontro com o jovem Donald.

O Old Bailey, o Tribunal Criminal Central de Londres, situava-se numa área que ia de Cripplegate ao Tamisa, queimada e destruída quando a devastação de 1666 foi revisitada na City. Ali perto, a Catedral de São Paulo fora poupada, a majestosa cúpula entre nuvens de fumo sendo uma imagem inesquecível da guerra. O «Bailey», como lhe chamavam os advogados, tinha sofrido danos graves, mas, tal como em tantas lojas e escritórios por toda a capital, declarara-se «business as usual» e o escrivão do tribunal prosseguia com o seu trabalho.

Uma fila de pessoas que se estendia rua abaixo, muito mais do que as que caberiam lá dentro, confirmava a previsão da Mollie Goldney de que teriam de chegar cedo ao tribunal. Alguns eram espiritualistas, mas a maioria eram apenas cidadãos curiosos, sucessores dos londrinos da época de Hogarth que se reuniam ali para seguir os condenados até Tyburn,

aplaudindo, vaiando e partilhando as últimas novidades das imprensas de Grub Street. Numa cidade tapada com tábuas e às escuras, as pessoas eram atraídas por qualquer distração, o terror excitante do primeiro Blitz tendo há muito desvanecido num tédio plano e previsível. Além do cinema, onde *E Tudo o Vento Levou* — revivendo paixões de outra guerra — entrara no seu quarto ano, crimes sensacionais, embora raros, eram o melhor entretenimento e os repórteres de Fleet Street só tinham de subir Ludgate Hill para verificar os painéis com os casos vindouros.

Este, porém, era algo completamente novo. A Sr.^a Goldney, que ocupava um lugar elevado no Women's Voluntary Service (e que outrora tipificara o Raj britânico), não era mulher para ser recusada e abriu caminho à força para o Tribunal n.º 4, com um Donald West de olhos esbugalhados na sua esteira. Nunca tendo estado num lugar daqueles, o ambiente magistral despertou nele uma antecipação sentida por muitos espectadores que agora tomavam os seus lugares, alguns dos quais tinham feito fila durante horas. O espaço era limitado, a galeria pública bombardeada ainda estava fechada e os bancos da frente reservados para os senhores da imprensa.

À frente sentava-se o representante do Director of Public Prosecutions, J. E. Robey — filho do «Primeiro-Ministro do Riso», o comediante mais querido da Grã-Bretanha — e ao lado dele o escrivão. À direita estavam os advogados, à esquerda o júri de guerra de sete membros, junto aos quais se erguia o banco dos réus elevado, ainda vazio. Três pancadas secas, como o sinal para levantar o pano num teatro francês, silenciaram o burburinho e todos se levantaram para enfrentar o estrado. Abriu-se uma porta e emergiram os vereadores e os xerifes, seguidos pelo Recorder of London, Sir Gerald Dodson, que ocupou o centro do palco com peruca e robes escarlates.

O oficial de justiça entoou uma proclamação antiga, Dodson inclinou-se perante os vereadores, o escrivão, os advogados e o júri por turnos, e todos se sentaram. Pouco tinha mudado em duzentos anos. Os réus agora tinham direito a advogado e a sala de audiências já não se abria para um pátio público como um gigantesco espetáculo de Punch e Judy. No entanto, em estilo e substância, o tribunal era o mesmo. Apenas desde o início da guerra as canetas tinham substituído as penas de pato e os habituais mementos herbais da febre das prisões tinham sido descontinuados — a

arruda protetora e outras plantas mágicas ao longo da borda do banco dos réus, as flores secas espalhadas no estrado judicial.

Apenas o escrivão permaneceu de pé. À sua ordem para que os prisioneiros fossem trazidos, ouviram-se passos a subir as escadas das celas e o Donald West viu pela primeira vez a Helen Duncan, uma mulher maciça de meia-idade, com uma tez vermelho-azulada, olhos escuros faiscantes e o cabelo por baixo do chapéu tão preto quanto o casaco de pele que a envolvia.

Ao lado dela estava um homem de ar tímido com óculos de armação de chifre bastante parecidos com os do próprio Donald, e ao lado dele duas outras mulheres, uma rival da Sr.^a Duncan em corpulência e também em peles, a outra mais pequena de estatura, quase como um pássaro. O escrivão ergueu um maço de papéis atados com uma fita cor-de-rosa e os acusados confirmaram os seus nomes. Depois leu as acusações:

A Helen Duncan, o Ernest Edward Hartland Homer, a Elizabeth Anne Jones e a Frances Brown, os quatro são acusados por uma acusação que contém sete crimes. No primeiro crime, que entre 1 de dezembro de 1943 e 19 de janeiro de 1944 conspiraram juntos e com outras pessoas desconhecidas para fingir exercer ou usar uma espécie de conjuração, a saber, que através da agência da referida Helen Duncan espíritos de pessoas falecidas deveriam aparecer como estando de facto presentes no lugar onde a referida Helen Duncan então se encontrava, e que os referidos espíritos estavam a comunicar com pessoas vivas então e ali presentes, contrariamente ao artigo 4.º da Lei da Bruxaria de 1735.

Seguiram-se outras acusações: fingimento efetivo de usar conjuração, fraude monetária e «provocar um malefício público» — uma acusação genérica recentemente usada contra os construtores de abrigos antiaéreos de má qualidade, mas aqui destinada a significar a exploração da ansiedade num momento de crise nacional.

Os acusados declararam-se não culpados — apenas a Sr.^a Duncan, com o seu sotaque escocês reduzido a um grasnar, acrescentando «senhor» como gesto de deferência — o escrivão empossou os jurados e o lendário advogado de acusação, John Maude KC, tomou a palavra. Durante quarenta minutos os réus ficaram sob fogo num discurso de tal segurança, engenho e compostura que o seu adjunto, Henry Elam, só conseguiu olhar com admiração, sobretudo porque Maude, filho de um empresário teatral

formado em Eton e Oxford, estava simultaneamente a defender um homem acusado de homicídio no Tribunal n.º 1.

A mensagem de Maude era que a acusação se referia apenas a fraude comum. No fundo da mente de Donald West estava o médium falso que ele próprio desmascarara em Liverpool em 1942, pelo que fora vaiado e silvado para fora da sala de sessões. «Todo o episódio foi dos mais revoltantes», anotara West, «e que tais fraudes possam florescer e ser apoiadas e incentivadas pela estúpida credulidade dos espiritualistas provincianos não é menos do que uma desgraça pública.»

Do mesmo modo, como Maude sublinhou, o caso Duncan nada tinha a ver com religião, muito menos com bruxaria, embora fosse inevitável que o uso da quase esquecida Lei da Bruxaria de 1735 moldasse a forma como era visto pela imprensa e pelo público. Normalmente, os médiuns eram apenas multados ao abrigo da Vagrancy Act de 1824, tal como acontecia aos adivinhos na época em que o exército desmobilizado de Wellington tentava ganhar a vida. Para a maior parte das pessoas, a Lei da Bruxaria significava bruxaria.

A única preocupação de Maude, contudo, era a opinião dos seis homens e uma mulher do júri. «Nos tempos antigos», informou-os, «era quase um desporto popular perseguir pobres criaturas iludidas que se julgava serem bruxas, ou que por vezes até elas próprias acreditavam ser bruxas, e a massa do público acreditava que tal coisa era possível. Mas já no reinado de Jorge II», continuou Maude, «os julgamentos de bruxaria eram considerados ridículos e foi aprovada uma lei para os acabar — um marco nas crenças e valores britânicos.

Chegamos assim à situação de 1735 que sem dúvida seria bem-vinda por qualquer pessoa que hoje se denominasse espiritualista; pois essas pessoas seriam sem dúvida os mais calorosos defensores de qualquer medida tomada pelo Estado contra as atividades fraudulentas e deploráveis de quem quer que fingisse algo como trazer os mortos de volta a uma sala.

A Sr.^a Duncan bebeu um gole de água, trocando olhares com a filha Nan lá em baixo, enquanto Maude condenava o regresso dos mortos da guerra como uma «falsa e oca mentira» e um entretenimento cruel. Maude sabia bem como a indiferença cansada dos civis em relação à guerra mascarava uma ansiedade corrosiva pelos militares no estrangeiro, e nunca pior do que nas semanas que antecedia a invasão da Europa.

Maude esboçou os acontecimentos que conduziram às detenções. Num local conhecido como «Master Temple Psychic Centre», uma sala por cima da farmácia de Ernest Homer em Portsmouth, o tenente naval Stanley Worth assistira a várias sessões espiritualistas medíocres. Em dezembro de 1943, porém, Elizabeth Jones (a suposta Sr.^a Homer) prometera algo mais especial: no Ano Novo viria uma Sr.^a Duncan, um médium maravilhoso capaz de materializar espíritos a partir de ectoplasma, uma substância rodopiante e brilhante, parte física, parte espiritual, que voltava a entrar no corpo dela com tal vitalidade, entusiasmou-se a Sr.^a Homer, que aspirava o pó e o lixo como beatas e fósforos — exatamente como um aspirador.

O preço de entrada — 12 xelins e 6 pence (hoje equivalente a 20-25 libras) — poderia ter sido razoável, sugeriu Maude, «se fôssemos ver o fantasma de Napoleão ou do Duque de Wellington, mas de pouco valor se fôssemos ver um truque de prestidigitação falso». Worth, contudo, ficou intrigado e comprou bilhetes para si e para um colega oficial da marinha.

A sessão a que assistiram foi típica. As cadeiras estavam dispostas em filas viradas para «o gabinete», um canto separado por uma cortina. Ali sentava-se a Sr.^a Duncan com uma veste preta, gavetas e sapatos examinados pelos participantes, que três mulheres nomeadas para revistar o seu corpo tinham visto ela vestir. Material de blackout cobria a janela, a única iluminação era uma fraca lâmpada vermelha ainda mais esbatida por um lenço, e a Sr.^a Homer — que na guerra anterior entretivera tropas em França — conduziu primeiro o círculo em oração, depois em cânticos, como os espiritualistas costumavam dizer, para elevar as vibrações.

Nessa ocasião foi o favorito do médium, «South of the Border». Em transe, com a cabeça de lado e a ressonar suavemente, por algum meio oculto a Sr.^a Duncan começou a gerar o seu ectoplasma, que se arrastou sinuosamente de debaixo do gabinete. Frances Brown, a companheira de viagens geordie de Sr.^a Duncan, observava atentamente da última fila. Quando Worth foi chamado para invocar um espírito, perguntou se era a sua tia, embora todas as tias estivessem vivas. «Sim», veio a resposta rouca. A irmã de Worth também apareceu, embora ela também estivesse viva e de boa saúde, a conduzir uma ambulância em Londres. Depois, Worth disse que ficara espantado com a sessão; mas, tal como o Donald West, quanto mais pensava nela mais indignado ficava, a ponto de ir à polícia.

Lá, o inspetor-detetive Ford perguntou-lhe se estaria disposto a assistir a outra sessão como infiltrado. Na noite de 19 de janeiro de 1944, Worth e o agente reserva de guerra Rupert Cross foram ao número 301 da Copnor Road, e a sessão começou como da primeira vez. Desta vez, porém, Cross lançou-se sobre uma das formas espirituais, enquanto Worth apontava uma lanterna para o gabinete e soprava um apito para chamar os polícias que aguardavam lá fora. Do ectoplasma, que Cross jurou ser musselina de manteiga, não havia vestígio.

O poder mágico do relato de Maude residia não só na solenidade mas na paródia. Falou menos de espíritos do que de fantasmas e pediu ao júri que considerasse a vida após a morte de um gato: «O que o gato estaria a fazer antes de ser chamado para aparecer em Portsmouth só podemos imaginar: se estaria a caçar ratos cor-de-rosa nos Campos Elísios, não sabemos. Tudo o que sabemos é que um miado veio de trás das cortinas; portanto, suponho, se se é gato, não se progride muito.»

Uma onda de divertimento espalhou-se pelos bancos do público, deixando apenas os espiritualistas desafiadoramente impassíveis enquanto Maude, igualmente sério, alargava o bestiário: «Dizem que apareceu um papagaio, chamava-se Bronco. Veio esvoaçando de algum lado; foi chamado de alguma floresta celestial e apareceu em Portsmouth. Seguiu-se um coelho. Não sabemos o nome dele; sabemos que o papagaio se chamava Bronco.»

Quando a primeira onda de riso foi reforçada por uma segunda, o Recorder mexeu-se na cadeira. Maude prosseguiu, relatando como o pai materializado de um participante, polícia em vida, tinha voltado rapidamente para ir buscar o capacete. «Sem dúvida todos os polícias», sugeriu ao tribunal, «esperam que, quando passarem para o outro mundo, não continuem a ser polícias para sempre...

Podem imaginar algo mais desapontante do que um polícia que passou pela vida e aparentemente não subiu além de agente, porque ainda usava capacete? Encontrar-se no outro mundo, não à civil, não à vontade com uma camisa e umas calças simples, mas ter de ir procurar o capacete?»

Agora que os tinha sob o seu feitiço, Maude pediu aos jurados que pusessem de lado toda a loucura e tentassem pensar em algo mais emocionante do que perguntar «És tu, pai?» e receber a resposta de que sim, era o pai. E com aquela mudança hábil entre as máscaras da comédia e da tragédia, Maude simplesmente roubou o momento.

Pela Defesa, a Spiritualists' National Union nomeara Charles Loseby, espiritualista fervoroso e veterano das trincheiras. A Sr.^a Duncan defenderia ele com a simples estratégia de provar que era um médium genuíno, excluindo assim a possibilidade de fraude. Das 300 testemunhas que dizia ter à espera nos bastidores, chamou quarenta e cinco, algumas das quais tinham assistido a dezenas de sessões. E as suas histórias eram extraordinárias. Invocados e vestidos de ectoplasma, os espíritos de pais, irmãos, tios e tias verdadeiras tinham regressado (por vezes vinte numa única sessão), mãos espectrais estendendo-se, os seus lábios depositando beijos quentes em faces lavadas em lágrimas.

Os repórteres escreveram como nunca para captar as palavras das testemunhas. Aqui está Alfred Dodd, um são, sóbrio especialista amador nos sonetos de Shakespeare, recordando uma sessão em Liverpool em 1936 onde foi brevemente reunido com a sua primeira namorada, Helen. Ela morrera em 1897 com vinte e um anos:

Ela estava lá vestida com uma longa túnica branca, e por cima dessa túnica branca fluida havia um fino véu de rede. Fiquei tão espantado que me levantei do meu lugar, o que não devia ter feito, e gritei para a minha mulher...

«É a Helen! É a Helen!» Ela não veio diretamente ter comigo, deu a volta à sala da esquerda para a direita e parou diante de mim, uma mulher viva, palpitante. O mesmo cabelo que eu conhecia tão bem, escuro e ruivo; os mesmos olhos, cor de avelã; brilhavam de animação; o rosto, o mesmo tom de marfim nas faces... Depois ouvi-a falar e falou com o mesmo suave sotaque escocês que eu conhecia tão bem.

À medida que o testemunho flutuava pela sala de audiências, os espiritualistas sentiram o agulhão de Maude perder força, sobretudo a Sr.^a Duncan que chorou quando Dodd a descreveu como um «médium de materialização absolutamente honesto». Cada testemunha, invariavelmente de boa reputação, lúcida e eloquente, acrescentava uma voz ao coro que, ao quarto dia, começava a parecer interminável.

E aqui residia o erro mais básico de Loseby: longe de ficarem impressionados, os jurados estavam aborrecidíssimos, a imprensa começou a desejar novidade e o Recorder estava irritado. O que para a Acusação era um palco, com demasiada frequência tornava-se um púlpito para a Defesa. Apenas os investigadores psíquicos mantiveram o fascínio e até eles reprimiram alguns bocejos.

O mais tentador para o Donald West foi a oferta de Loseby para que a Sr.^a Duncan realizasse uma sessão especial para o júri. Fez-se silêncio, seguido de um mexerico excitado. A Sr.^a Duncan fitou em frente e passou a mão pela testa cerosa como se pudesse desmaiar. O copo de água que a guarda prisional lhe ofereceu afastou com um gesto sem quebrar o olhar fixo. Mas os repórteres ficariam desapontados: o júri recusou a oferta, depois de o Recorder ter expresso o desejo de que o tribunal não fosse transformado num espetáculo secundário.

Mas Dodson não era nenhum estraga-prazeres; de facto, como coautor de um musical de sucesso no West End, tinha uma certa paixão pelo teatro popular. Limitou-se apenas a fazer o que a Coroa lhe pagava para fazer: aplicar a lei. Se não aparecessem fenómenos, argumentou, a Sr.^a Duncan seria condenada antes do julgamento, constituindo «uma regressão à Idade das Trevas e a algo muito próximo do julgamento por ordálio».

Na sexta-feira — dia do veredito — a procura por lugares foi maior do que em qualquer dia anterior. As condições na sala eram tão apertadas, a atmosfera tão carregada, que quando um colega da Mollie Goldney na SPR lhe ofereceu o seu lugar, a polícia tomou exceção e expulsou-o. Uma vez iniciados os trabalhos, tornou-se claro que a aura de otimismo de Loseby se evaporava no éter.

A não ser por algum soluço lamentoso, até então a Sr.^a Duncan mantivera uma compostura que, à medida que Loseby acumulava testemunhas, beirava a presunção. «Numa ocasião», anotou um repórter espantado, «subiu das celas como se fosse a uma receção. Depois de sorrir às pessoas no tribunal, sentou-se com toda a elegância que uma mulher do seu tamanho conseguia reunir. Pouco depois, tirou um xaile dos ombros e, com a maneira de uma rainha, entregou-o à guarda prisional atrás dela.»

Em contraste, quando os trabalhos chegaram ao clímax, as suas emoções caíram em desordem. O júri foi dispensado de deliberar sobre todos os crimes exceto o da Lei da Bruxaria e retirou-se perto da hora do chá para considerar o longo resumo do Recorder. Durante vinte e três minutos os espectadores esperaram pacientemente, especulando em voz baixa, antes de o júri regressar e o porta-voz se levantar e pigarrear. Quando a Sr.^a Duncan ouviu que ela e os co-réus tinham sido todos considerados culpados, a princípio ficou demasiado chocada para sentir outra coisa que não uma estranha calma anestesiada.

Antes da sentença, o Recorder chamou o Chief Constable de Portsmouth, Arthur West, para fornecer alguns antecedentes sobre a vida dos acusados. O tribunal ficou a saber que a Sr.^a Duncan tinha de facto sido multada em Edimburgo em 1933 por uma infração semelhante e que ameaçara e amaldiçoara a mulher que a desmascarara. A isso, como se saísse de um transe, a Sr.^a Duncan exclamou de repente: «Nunca fiz tal coisa!» West (sem parentesco com o Donald) continuou. O mais intrigante foi a sua breve referência à principal ré ter violado regulamentos de segurança em 1941 ao prever o afundamento de um navio de guerra antes de a sua perda ter sido anunciada — uma única alusão solitária ao que, para lá do fumo e da sombra da sala de sessões, o julgamento poderia realmente significar. Em todo o caso, era «uma impostora e praga sem remédio», sem qualquer qualidade redentora que o Chief Constable conseguisse imaginar.

A pedido de Loseby, o Recorder adiou a sentença para segunda-feira e o tribunal foi suspenso. Quando Sr.^a Duncan foi levada para as celas, gritou algo que a Mollie Goldney não conseguiu perceber, mas outros relataram como: «Nunca ouvi tantas mentiras em toda a minha vida. Não sei como é que eles se safam com essas mentiras!» E enquanto os seus ruídos abafados se desvaneciam da sala, os seus seguidores fecharam os olhos marejados de lágrimas em incredulidade. A Nan Duncan gritou que a prisão mataria a mãe, afastando os agentes que se aproximaram para a acalmar.

Na segunda-feira seguinte, o Recorder condenou a Sr.^a Duncan a nove meses de prisão, decisão que ela recebeu com perplexidade e descrença. Soluçou e gemeu a sua inocência, depois gritou: «Ó Deus! Existe um Deus? Eu nunca fiz isso, existe um Deus?» antes de desmaiar pesadamente no chão do banco dos réus, derrubando a cadeira. Os guardas, polícias e os três outros réus, que mal amorteceram a queda, ajudaram-na a levantar-se e devolveram-lhe o chapéu.

Enquanto era levada escadas abaixo continuou a protestar, o Recorder esperando que os seus gritos diminuíssem antes de retomar. O Sr. Homer e a suposta esposa foram colocados em liberdade condicional por dois anos. Assim martirizada, Helen Duncan foi escoltada até uma carrinha que a levaria de volta ao norte de Londres. Os seus apoiantes, que começavam a dispersar do átrio do tribunal com flores murchas ao lado, reuniram-se momentaneamente e, como Charles Loseby observou, «aplaudiram-na como que para a encorajar, mas sem excitação».

O julgamento fora longo, sete dias no total. De facto, tanto se disse que a audiência de recurso pela qual Loseby pediu foi adiada enquanto os estenógrafos terminavam a transcrição. Entretanto, ofuscado por John Maude (que também ganhou o seu caso de homicídio) e enfrentando a ira não só da Spiritualists' National Union, mas do editor do Psychic News, da família Duncan e até de espiritualistas dentro da SPR, um Loseby de faces encovadas parecia de repente dez anos mais velho. Aos olhos dos seus apoiantes, os guardiões da justiça britânica tinham negado o que era demonstravelmente verdadeiro sobre a vida e a morte — e a vida para lá da morte — e, de caminho, tinham vilipendiado uma mulher inocente.

Os investigadores psíquicos adotaram uma visão mais distanciada e clínica. No sábado entre o veredicto e a sentença, a Mollie Goldney escreveu à sua boa amiga Harry Price, o principal investigador psíquico britânico, para o tranquilizar de que ele não tinha realmente perdido grande coisa:

Como vêes, veredicto de culpada. O resumo do juiz foi muito fraco. Não comentou; limitou-se a recapitular, dizendo ao júri com cada palavra que ela era uma fraude...

A convicção fanática de 50 ou 60 testemunhas é um estudo psicológico dos mais espantosos; todos afirmaram que nenhum argumento, nenhum facto alegado os abalaria na convicção de que tinham realmente visto os seus parentes.

No entanto, a questão principal fora a culpa dos réus segundo os processos arcanos, arcaicos mas imparciais da lei, nunca a possibilidade de sobrevivência pós-morte ou as falácias da percepção humana, por mais que alguém desejasse que essas matérias fossem debatidas em público. Como o Recorder declarara inequivocamente: «Se as manifestações genuínas são possíveis, o veredicto não decide.»

A impressão do Donald West era que, embora a Helen Duncan fosse uma fraude, a Coroa não conseguira provar o seu caso. Em vez disso, as autoridades tinham recorrido a um estatuto que tornava os quatro acusados culpados desde o momento da acusação. E enquanto a acusação terminava, repórteres, editores, tipógrafos e impressores correram para colocar o julgamento de bruxaria na primeira página e nas carrinhas de distribuição de jornais.

Claro que a Helen Duncan não era uma bruxa, mas em termos de associações populares e imagem pública, a lei tinha-a lançado nesse papel,

apesar das sérias objeções da Coroa. Para usar um termo da Idade Média, Helen fora marcada como invocadora de espíritos e, só por isso, na Londres em tempo de guerra, os dias antigos e os tempos das fogueiras foram recordados mesmo enquanto as bombas caíam do céu.

PARTE I

HELEN VALORIZADA

1 Vais ser queimada como bruxa! A criança-profeta de Perthshire
Em 1697, dois séculos antes do nascimento da Helen Duncan, uma mulher de Dumfriesshire chamada Elspeth McEwen estava sentada, desolada, na prisão à espera de julgamento. No ano anterior, os vizinhos tinham-se queixado à sessão da igreja de Dalry de que ela era uma bruxa que roubava o leite às vacas e impedia as galinhas de pôr ovos.

Devidamente convocada, foi levada para a sessão da igreja numa cavalgadura (dizia o boato que esta suara sangue) e, após uma audiência sumária, foi encarcerada enquanto as rodas agonizantemente lentas da justiça superior se punham em movimento. Nesse ano, o diabo andara muito atarefado no sudoeste da Escócia. Outras paróquias, iradas e assustadas, tinham identificado bruxas e, em Kerrick, um espírito maligno tornara a vida intolerável à família Mackie atirando-lhes pedras, turfa e bolas de fogo que incendiavam a casa.

Tinha-se visto uma pequena mão e braço brancos a bater nas paredes e, quando puxaram um pano de cima de uma figura misteriosa que se materializara junto da lareira, não encontraram nada por baixo. Inspirado por uma ira justa, o ministro local levou o caso a público em Edimburgo; oportunamente, as prensas de Londres editaram-no, com o dialeto escocês anglicizado para facilitar a compreensão daquilo que, para lá da retórica do fogo do inferno, era uma notícia sensacionalista vendável.

Só em abril de 1698 Elspeth foi examinada por uma comissão de justiça no burgo de Kirkcudbright, perante a qual confessou ter feito um pacto com o diabo — prova que garantia a sua condenação. Com a memória local ainda fresca das bruxas executadas na cidade de Paisley, em Renfrewshire, o comissário-chefe, Sir John Maxwell, recomendou que Elspeth fosse queimada viva e ela foi devolvida à prisão por mais cinco

meses até à sentença do Conselho Privado, período durante o qual foi tão maltratada que suplicou aos seus algozes que a matassem.

A 24 de agosto foi levada numa carroça até um local público na cidade de Kirkcudbright, amarrada com cordas e colocada dentro de um barril de alcatrão rodeado de turfa e carvão. O preboste repetiu a sentença, acompanhado por um tambor que marcava um ritmo solene; depois disso, o carrasco, um velho indigente previamente embebedado, estrangulou Elspeth até ela perder os sentidos e ateou fogo. Exemplo de boa administração nas terras baixas calvinistas, o tesoureiro do burgo registou minuciosamente as despesas no seu livro de contas, desde o barril de alcatrão e o carvão até à cerveja do carrasco. No total, gastaram-se sete libras escocesas e nove xelins na morte de Elspeth McEwen.

O que exatamente receberam por esse dinheiro parece-nos hoje obscuro, pois as esperanças e os medos dos nossos antepassados quase desapareceram da vista. Imaginem, porém, um mundo mental em que as bruxas eram uma ameaça real e a sua execução constituía a prova tranquilizadora de que um Estado divinamente ordenado resistia ao domínio de Satanás. Pois o castigo de Elspeth McEwen e de sessenta mil europeus como ela (quatro quintos dos quais mulheres) não foi apenas um abate aleatório, nem foi motivado pelo amor à cegueira e à ignorância que o poeta elisabetano Spenser lamentava.

Pelo contrário, as caçadas às bruxas resultaram de mudanças religiosas, políticas e económicas rápidas no século XVI, explodindo ao longo das linhas de fratura nas relações entre Igreja, Estado e povo, e até entre as próprias pessoas. Por todo o continente, crenças concorrentes aguçaram a definição de um universo moral equilibrado entre o bem e o mal, e de um ambiente físico onde manifestações maravilhosas do sobrenatural eram comuns.

Loucura terá sido a perseguição às bruxas, mas, tomando os nossos antepassados (relativamente recentes) nos seus próprios termos, maior loucura teria sido ignorar o diabo que certamente rondava no seu meio. E assim foi que praticamente todas as gerações escocesas, dos anos 1590 até ao final do século XVII, viveram o seu próprio pânico regional de bruxaria, cada um durando pouco mais de um ano.

O destino das bruxas era determinado pela lei, cuja padronização e aplicação uniforme eram essenciais à construção de um Estado piedoso. De acordo com a injunção do Livro do Êxodo — «Não deixarás viver a

feiticeira» —, em 1563 tanto a católica Maria, Rainha dos Escoceses, como a sua contraparte protestante inglesa, Isabel I, aprovaram legislação contra a bruxaria, sendo a de Maria a mais severa das duas.

O filho dela, Jaime, foi um rei-menino solitário cujo interesse acadêmico pela religião e pelo corpo político abrangia, com toda a propriedade, a demonologia — o estudo daquilo que ameaçava minar toda a ordem e autoridade. O seu interesse atingiu o auge com o primeiro dos grandes surtos escoceses de caça às bruxas, que começou em 1590 depois de o navio que transportava Jaime e a sua nova esposa, Ana da Dinamarca, ter sido ameaçado por tempestades atribuídas a bruxas hostis à união entre estados protestantes nascentes. A primeira acusada foi uma criada cujo nome, curiosamente, era Geillie Duncan. Adquirira reputação de curandeira e dizia-se que assistia a reuniões secretas na igreja de North Berwick com outras bruxas, algumas delas pessoas de posição, que identificou quando lhe esmagaram as articulações dos dedos com pilliewinkis e lhe torceram a cabeça com uma corda.

Na garganta encontraram a marca do diabo, geralmente uma mancha ou excrescência onde era costume cravar alfinetes para ver se sentia dor ou se saía sangue. Jaime interrogou pessoalmente os nomeados por Geillie Duncan, entre eles Agnes Sampson, uma matrona respeitável que curara um homem transferindo a doença para o próprio corpo e depois tentando passá-la para um animal. Sampson contou a Jaime muitas coisas, mais famosamente fragmentos de conversa de almofada da sua noite de núpcias, que Jaime recebeu com uma mistura de ceticismo e credulidade, chamando às bruxas «mentirosas extremas» — tal como o seu mestre, o diabo.

No geral, porém, levou as bruxas a sério porque, para estados europeus inseguros, a obtenção de tais informações não era apenas perversa: era potencialmente traiçoeira. Jaime assistiu às torturas das bruxas e aprovou as suas execuções (Duncan e Sampson foram ambas enforcadas) e, em 1597, publicou um tratado curto, erudito, embora algo derivativo, intitulado *Daemonologie*, no qual destilou o seu saber e experiência.

Quando sucedeu ao trono inglês em 1603, pouco tempo se perdeu a aproximar legislativamente os dois países e, de caminho, a *Daemonologie* foi reeditada em Londres. Em honra de Jaime, o dramaturgo mais célebre da capital escreveu uma peça curta (sabia-se que o rei se impacientava)

sobre um usurpador cuja destruição se deveu menos à bruxaria em si do que à ambição alimentada pelas falsas promessas das bruxas:

E aquilo destilado por artes mágicas Há de erguer espíritos artificiais que, pela força da sua ilusão, O arrastarão para a sua confusão.

O modo como o conselho de Hécate às irmãs fatais acerca do destino de Macbeth enfatiza a ilusão diabólica em vez da possessão diabólica revelar-se-ia altamente significativo para a história legislativa da bruxaria no século seguinte e além.

A Lei da Bruxaria de 1604 distinguia-se da anterior por uma cláusula que prescrevia a morte apenas pela invocação e conjuração de espíritos diabólicos. Em Inglaterra, Jaime depressa perdeu o interesse pelas bruxas (a não ser para salvar mulheres assim acusadas) e, durante a sua vida, não houve ao sul da fronteira nenhum surto comparável ao da sua pátria. Contudo, a sua lei permaneceu e tornou-se a base estatutária para várias centenas de julgamentos de bruxaria em Inglaterra ao longo de mais de um século, período durante o qual a *Daemonologie* teve numerosas edições.

Também na Escócia a ideia social e legal da bruxa persistiu, prova gráfica disso são as execuções em Kirkcudbright e Paisley. No julgamento de Paisley em 1697, James Hutchinson, ministro de Kilallan, foi nomeado para pregar aos comissários e, escolhendo o Êxodo como texto, insurgiu-se contra o facto de as bruxas serem aquelas que, por pacto diabólico, alcançavam fins contra a natureza, acrescentando que «o homem ou mulher que tem um espírito familiar... será certamente morto».

Nessa altura, porém, as dúvidas que tinham arrefecido o ardor caçador de bruxas de Jaime endureciam em ceticismo entre a elite educada e foi como reação a essa tendência «ateísta» que o ministro de Kerrick escreveu o seu panfleto sobre o espírito piromaníaco dos Mackie. Do mesmo modo, no ano seguinte outro ministro escocês, John Bell, derramou mais tinta em Glasgow com um tratado publicado que provava a existência de espíritos a partir da história sagrada e profana e, ecoando Hutchinson, descrevia as marcas pelas quais os seus acólitos podiam ser reconhecidos.

A perseguição às bruxas devia tanto à tradição popular como à demonologia erudita. As crenças plebeias, que remontavam muito antes dos registos escritos, prestavam atenção a fantasmas, demónios e fadas, que povoavam um cenário onírico onde a natureza se encontrava com o sobrenatural e o mundano se juntava ao milagroso. Os curandeiros, médicos e xamãs dos pobres, diagnosticavam, curavam e prognosticavam,

interpretavam presságios e resistiam a maldições, permitindo assim aos sem-poder, de formas pequenas, tomar controlo das suas vidas.

Mesmo os julgamentos inquisitoriais raramente avançavam sem o testemunho de paroquianos comuns; se os agricultores de Dalry não tivessem temido pelas suas galinhas e pelo leite, Elspeth McEwen nunca teria acabado num barril de alcatrão em chamas. Nos tribunais, forjavam-se verdades que serviam as necessidades da comunidade e da sociedade, e também aí o declínio das crenças nas bruxas entre a elite se refletiu até que a bruxaria se tornou legalmente insustentável. Em 1736, tanto os estatutos escoceses como os ingleses foram revogados e substituídos por uma única lei (datada de 1735) que tornava crime o fingimento de conjuração — medida que, segundo um antiquário escocês eduardiano, transformou a bruxa numa vigarista e impostora e substituiu a fogueira pelo pelourinho.

Mas no século XIX a mesma classe social que pôs fim aos julgamentos de bruxaria produziu homens fascinados por superstições antigas. Como antropólogos na sua própria terra, descobriram uma memória coletiva de longevidade notável. Logo no início do reinado da rainha Vitória, um investigador recordou ter conhecido em Renfrewshire um velho cuja bisavó assistira à queima das bruxas em Paisley em 1697 e estremecia sempre que se lembrava do cheiro a carne assada.

As crenças e costumes preservados na tradição oral e em inúmeros arquivos, bibliotecas e arcas paroquiais sugeriam a esses homens a existência de uma mentalidade separada no espaço e no tempo da sua própria. O que a maioria não conseguiu perceber foi até que ponto tais crenças sobreviveram à revogação das leis de bruxaria — cegueira que se revelava sempre que expunham publicamente os seus pensamentos e descobertas.

Em 1841 Charles Mackay, jornalista e lexicógrafo das terras baixas escocesas, encheu centenas de páginas com histórias de profecias, delírios, aparições e demónios, e um capítulo inteiro sobre «a mania das bruxas», ignorando o fio vivo que se estendia entre a Idade das Trevas e a era da indústria e do império.

Callander, com a proximidade do rápido rio Teith e cercada por altos penhascos arborizados e pela cadeia dos Trossachs mais além, era um lugar de importância estratégica onde as terras baixas encontravam as terras altas: os romanos tinham aí construído um forte, e os barões de Linlithgow e Callander um castelo. Tradicionalmente, a língua vulgar era o gaélico.

Um ministro reformador demitiu-se do seu lugar em 1596 porque os paroquianos tinham apenas «um mísero pennyworth do inglês», situação que um visitante em 1724 encontrou inalterada, embora a anglicização da fala tenha avançado no século XVIII com a construção de uma nova vila, confiscação de propriedades após as rebeliões jacobitas e a instalação de veteranos da Guerra dos Sete Anos. Hoje, se estiverem a meia hora a norte de Glasgow, é o tipo de lugar por onde se pode passar de carro sem prestar muita atenção — uma vila sem nada de especial onde as lojas vendem nós celtas, certificados de filiação a clãs e vestuário de tartã das fábricas locais de lã.

Edifícios construídos com o granito salpicado a que os naturais chamam «pedra de pudim de ameixa» ladeiam a Main Street, a principal artéria pela qual outrora se conduziam os rebanhos para as grandes feiras ou trysts das terras baixas. Uma geração britânica mais velha talvez se lembre de Callander como a «Tannochbrae» da série Dr Finlay's Casebook da BBC, uma evocação nostálgica da vida nas pequenas vilas de Perthshire, cada plano e cada linha de diálogo lamentando o avanço da anonimato urbano e da falta de alma.

A nostalgia, porém, deve ser separada de uma realidade mais brutal, tal como o património deve ser separado da história. A verdade é que, desde tempos imemoriais, gerações de habitantes de Callander labutaram em quintas e pequenas propriedades agrícolas nos pântanos ácidos e nos campos encharcados, ou palmilharam as extenuantes encostas das colinas, apascentando rebanhos, cortando lenha e ansiando por estar em casa junto da lareira. Até os homens com ofícios cultivavam hortaliças ou criavam galinhas e vacas nos longos e estreitos jardins que se estendiam atrás das suas casas, e competiam com os lucioperca (peixe) para completar as suas dietas à base de amido com trutas e salmões do Teith.

A vida era, parafraseando Hobbes, sórdida, brutal e curta, com poucas oportunidades de ascensão. É verdade que, por volta de 1800, a fundição e a tecelagem se tinham juntado às ocupações tradicionais da vila, e era comum os homens transportarem carregamentos de casca de árvore, lã e madeira para as terras baixas, regressando com carvão, alcatrão, gordura e pequenos luxos para vender com lucro. Mas nem a mais poderosa bruxa que rondasse o brejo desolado poderia ter previsto que o futuro industrial da vila não residiria no comércio nem na construção de moinhos satânicos, mas na poesia.

As previsões meteorológicas de Callander do início do século XX não eram nem subtis nem variadas: ou «exceccionalmente frio e húmido», ou «fenomenalmente ameno». No século anterior, as estradas eram intimidantes, as instalações rudimentares, as pessoas impenetráveis e intratáveis. Em suma, os Trossachs pareciam o mundo seguro aberto e exposto aos elementos, sem oferecer nenhum refúgio óbvio aos amantes do conforto. Almas sensíveis de disposição poética começaram, porém, a encontrar inspiração na sua beleza selvagem, o antídoto perfeito para a correção afetada do classicismo. Em 1803 os Wordsworth chegaram a Callander em tom elegíaco e passaram uma noite chuvosa encolhidos junto da lareira no quarto do hotel, aprendendo sobre a vila a partir de um folheto do ministro, Dr James Robertson.

Mais do que ninguém, porém, foi Sir Walter Scott quem atraiu visitantes com o seu romance em verso *The Lady of the Lake*, publicado em 1810, que evocava um reino melancólico de heróis e heroínas, de colinas primitivas e escuras e passagens ainda mais escuras, de mito, magia e da luta primordial entre o bem e o mal. Pois na crueza e vastidão da natureza os poetas sentiam-se tocados pela força sublime e imanente do sobrenatural.

O impacto no mundo das letras não se comparava aos efeitos na economia local. Carruagens públicas e privadas importaram vagas sucessivas de turistas, a ponto de um poeta romântico mal conseguir ouvir os próprios suspiros. Em 1818 Keats queixou-se de que a zona estava «irritantemente cheia de visitantes», dos quais três carregamentos de barco a vapor por dia eram transportados de um lado para o outro do lago nos anos 1840, e o *Dreadnought Hotel* e os poucos outros locais de alojamento de Callander estavam cheios até acima.

O ponto de viragem, porém, veio uma década mais tarde com a construção da ferrovia de Oban, que trouxe também as classes trabalhadoras urbanas, levando a esta apreciação cínica do legado de Scott por Robert Pearse Gillies: «Todo o mundo, ricos e pobres, incluindo príncipes herdeiros e nobreza, correu a visitar o cenário que ele descrevera. Em vez de ser, como habitualmente, uma vila aborrecida e estúpida cujos habitantes viviam todos num estado de couvismo, Callander de Menteith tornou-se um ponto de encontro para todas as classes, um lugar

onde estudar variedades de carácter. Na verdade, esse estudo não era muito consolador nem edificante.»

Couve, talvez; mas couve atarefada. Em 1870 assistira-se a uma expansão dramática do número e variedade de lojas e serviços à disposição dos visitantes, para quem havia agora escolha entre seis hotéis e sessenta e seis casas de hóspedes. Quando a Helen Duncan nasceu aqui em 1897, a Callander Recreation Company já tinha investido num campo de bowling e num campo de golfe de nove buracos, tinham sido construídos courts de ténis e contratado um guarda para os manter. Numa época em que habitação operária de qualidade era escassa, construíram-se casas especialmente para famílias abastadas — os chamados «carriage folk» — que as alugavam para si, para os seus animais de estimação e criados durante todo o verão.

Era a consumidores refinados como estes que, em 1900, se destinavam modas como fatos de tweed e capas para senhoras; do mesmo modo, a coluna «Women's Chat» no Callander Advertiser, que trocava mexericos reais e dicas de estilo: «O lenço do momento é branco», aconselhava «Madge», antes de passar sem esforço para uma receita de pudim de Balmoral de sonoridade distintamente proletária.

Em 1897, os pais da Helen Duncan teriam experimentado um ambiente físico melhorado e horizontes mentais mais amplos em Callander — um despertar da sonolência rural. E com o crescimento económico veio a maturidade política. O estatuto de burgo foi concedido em 1866 e o fornecimento de equipamentos públicos supervisionado por um conselho de comissários. O gás foi estendido, lançaram-se lancis e sarjetas, reconstruíram-se esgotos e plantaram-se arbustos para esconder os depósitos de cinzas.

Os contribuintes levavam estas questões a sério e homens de negócios cívicos sentavam-se em comités inumeráveis. Ainda assim, a vida permanecia um caleidoscópio de antigo e novo. O estrume das ruas era usado para cultivar feno vendido para fundos públicos. Anúncios de jornais de coelhos e desinfetante para ovelhas conviviam com os de chapelaria francesa e pílulas femininas para «corrigir rapidamente todas as irregularidades, remover todos os obstáculos e aliviar os sintomas angustiantes tão prevalentes no sexo».

Noticiavam-se mortes em explosões de caldeiras e infeções tuberculosas no leite. Na viragem do século, o inglês não tanto banira o

gaélico como estabelecera bilinguismo — um meio de cooperar com a cultura dominante, mas também de lhe resistir. Em suma, estes contrastes sugerem uma vila onde as classes médias prosperaram desproporcionalmente em comparação com as famílias trabalhadoras dependentes de salários sazonais, caridade cristã e o Penny Bank, e explicam também a impressão da rainha Vitória de que Callander tinha «algumas boas casas e muitas pobres». Até os artesãos e comerciantes menores se preocupavam com taxas de 1 xelim e 8 pence por libra (como estavam em 1897). Pequenos ladrões eram frequentemente levados perante o presidente da comissão (também magistrado-chefe), tal como os vigaristas — tecelões que adulteravam o linho com algodão, por exemplo.

Ocasionalmente havia suicídios. Era, pois, natural que muitos jovens fossem seduzidos por visões do Novo Mundo evocadas pelos agentes de emigração que visitavam Callander para recrutar trabalhadores rurais e criadas, oferecendo passagens para o Canadá e a Austrália por uma pequena quantia ou, em alguns casos, de graça.

As esperanças também se depositavam na religião, que oferecia a vida eterna no além e, até lá, um sentido de dignidade na adversidade.

A fé em Callander era tão pluralista como em qualquer cidade vitoriana, abrangendo, entre outros, presbiterianos livres e unidos, católicos, episcopalianos e a Igreja da Escócia. Dominante era o protestantismo da variedade mais calada e de costas direitas, um ethos que impregnava uma série de clubes e sociedades.

Havia a Loja Maçónica Ben Ledi e a Loja Fiery Cross. O magistrado, coronel Robertson, presidia à União dos Abstémios, enquanto a sua esposa dirigia a aula bíblica da YWCA, que se reunia durante a temporada de verão no Mission Hall, onde a Sra. Chenevix-Trench também realizava as suas reuniões da Band of Hope.

A edificação e a educação eram as chaves. Em 1892, a Free Kirk School evoluiu para uma escola secundária com o nome do McLaren Trust, que fora criado para promover «a sólida formação religiosa e moral dos jovens da paróquia e da vizinhança de Callander», mas que oferecia também aulas noturnas para adultos de taquigrafia, contabilidade, desenho e agrimensura.

As palestras públicas promoviam mais diretamente ideais de proibição e de autoaperfeiçoamento — por exemplo, condenando o uso de palavrões, a burla, a mentira e o tabaco entre os jovens, aos quais eram apresentados

modelos de moralidade: em dezembro de 1898, uma palestra da YMCA sobre o Sr. Gladstone, ilustrada com diapositivos de lanterna mágica, teve boa assistência apesar do tempo tempestuoso. Tratava-se, portanto, de um ambiente formativo caracterizado tanto pela restrição como pela oportunidade. Quando a Callander Literary Society, um ponto central da vida social e cultural da cidade, se reuniu para debater o futuro direito de voto das mulheres, a moção foi rejeitada por trinta e quatro votos contra dezoito. Os papéis tradicionais estavam firmemente estabelecidos.

«Depois, havia o outro lado desta existência racional de disciplina cívica e religião musculada. Quando o Dreadnought Hotel foi construído em 1802, os seus proprietários, os McNabs, mandaram esculpir em relevo a cabeça cortada de um chefe de clã rival para comemorar o seu assassinio e colocaram-na na parede do frontão, onde ainda hoje se encontra. Sem dúvida que o seu fantasma regressou. Segundo os locais, o hotel está certamente assombrado por uma mãe que morreu ao dar à luz um filho ilegítimo; ainda hoje a janela do seu quarto está visivelmente escurecida.

E se nos afastarmos das ruas principais de Callander, se subirmos os caminhos sinuosos até aos penedos, entramos num mundo muito mais encantatório de feitos sangrentos e do seu legado espectral, onde a presença imponente do Ben Ledi — a Colina de Deus — e o frio envolvente e o nevoeiro transportam a mente através do tempo e do espaço. Era, afinal, o local onde os poetas românticos encontravam verdade no folclore e na imaginação, e onde a razão fria se tornava redundante. Aqui vagueava Robert MacGregor, o fora-da-lei do século XVIII imortalizado por Sir Walter Scott, e aqui os sentidos do romancista eram seduzidos pelo mórbido e pelo sobrenatural.

Uma geração antes de Rob Roy, a caça às bruxas fora mais intensa nas terras baixas, onde a Kirk era mais zelosa; mas essa tendência apenas ajudou a preservar nas terras altas a crença em maldições, feitiços, poços sagrados, colinas de fadas, guerreiros fantasmagóricos, anjos, bruxas, necromantes, lobisomens e banshees — os espíritos celtas cujo lamento pressagiava uma morte. Se os Wordsworth tivessem tido acesso aos *Proceedings of the Archaeological Society of Scotland*, talvez tivessem tido ocasião de ler o Rev. Dr. Robertson sobre este assunto.

As terras altas eram também o lar da segunda visão: o dom da profecia. O Dr. Samuel Johnson, de quem o seu companheiro Boswell disse que «não afirmava nada positivamente sobre um tema que na moda da

época se ridicularizava como uma questão de credulidade absurda», regressou da sua viagem às Hébridas na década de 1790 totalmente convencido do seu poder. No século XVII, as opiniões dividiam-se quanto à sua origem: o diabo ou os «bons povos» — as fadas tribais que habitavam as montanhas e que podiam cegar os humanos, mas que, por alguma razão, tinham medo do ferro. A autoridade no assunto fora Robert Kirk, ministro de Aberfoyle, uma paróquia a oito quilómetros a sudoeste de Callander. Até à sua morte em 1692, Kirk interessou-se vivamente por todo o tipo de crenças espirituais e mágicas que, tal como os ministros mencionados anteriormente, encontrava todos os dias entre os seus paroquianos e que defendia para repelir o que considerava ser o avanço do ateísmo.

«Não há maior absurdo num Espírito informar um corpo infantil de ar», argumentava ele, «do que num corpo composto de terra pesada e sonolenta», um dualismo que estendia para além da existência dos espíritos a uma compreensão prática da sua ação. Espíritos malignos sugavam o sangue das bruxas, deixando a marca do diabo; espíritos benignos podiam ser invocados para fins criativos. Recordando o tipo de poder curativo que selara o destino da Agnes Sampson um século antes, anotava que: «Há palavras instituídas para a transferência da alma ou da doença para outras pessoas, animais, árvores, águas, colinas ou pedras, conforme o encantador decidir nomear: e o efeito segue-se de forma maravilhosa.»

No século XIX, este era exatamente o tipo de superstição que fascinava o jornalista Charles Mackay, tal como Kirk natural de Perthshire; e, do mesmo modo, o antropólogo nascido em Glasgow Sir James Frazer, cujo conspecto objetivo dos costumes antigos, *The Golden Bough*, foi concluído em 1915. É irónico que a obra de Frazer tenha servido na verdade para sublinhar a resistência e a vitalidade atual de tais crenças — chegando mesmo a propagá-las numa nova geração de poetas.

Numa gélida quinta-feira à noite de janeiro de 1908, a Callander Literary Society recebeu um orador convidado, o Dr. McDiarmid, especialista em gaélico e no folclore de Bredalbane. Agarrando as suas notas, McDiarmid procedeu a cativar uma audiência local invulgarmente numerosa com uma evocação vívida dos dias de romantismo e crueldade, resgatando rituais, observâncias e crenças sobrenaturais há muito mortos de um passado tão sombrio e misterioso como as montanhas que encerravam a sua cidade ou como a noite de inverno sem lua.

Depois de terminar, o presidente da sociedade, o professor primário Alexander Cumming, exprimiu o seu apreço pela evocação de McDiarmid do mundo que haviam perdido e provocou uma modesta salva de palmas educadas mas sinceras. As aparências, porém, enganavam. Se alguns dos presentes supunham que o arcano supersticioso de McDiarmid pertencia inteiramente à lenda, certamente havia outros que sabiam que não era assim, em especial o Sr. Cumming que, naquela altura, tinha na sua turma uma menina pouco comum, para não dizer perturbadora.

* * *

Foram estas as fundações culturais em que a vida da Helen Duncan lançou raízes, o seu território mental mapeado por um passado intemporal e por um presente de progresso, o presbiterianismo evangélico das ruas e os espíritos e duendes das colinas de Menteith. Helen nasceu MacFarlane, um clã profundamente enraizado em Callander e arredores, com as suas sepulturas espalhadas pelo cemitério da igreja no lugar vizinho de Kilmahog. Diz-se que a esposa de um antepassado morto em Waterloo usou luto pelo resto da sua vida solitária.

No século XVIII, época em que os laços de parentesco eram os tendões do poder local, os MacFarlane forneceram numerosos homens influentes, entre os quais John MacFarlane de Kilmahog, um professor respeitado na escola paroquial durante mais de trinta anos. Mais tarde, Norman MacFarlane dera o seu nome a um poço de salmões no Teith. Na altura do nascimento de Helen, essa proeminência já tinha declinado um pouco, embora os MacFarlane ainda aparecessem aqui e ali: o bibliotecário da cidade, um secretário do clube de ciclismo, um finalista num torneio de damas da YMCA.

Archibald, o pai de Helen, era ardósia e construtor, o tipo de artífice qualificado da classe operária superior que, embora não registado como vereador ou magistrado (como os seus descendentes afirmam), se preocupava contudo com os impostos locais e era tipicamente trabalhador, temente a Deus e leal à Coroa. A tradição diz que, quando a sua esposa Isabella era rapariga, uma carruagem aberta a caminho de Balmoral foi apanhada por tempo assassino e a família dela foi chamada para abrigar a Rainha dos elementos.

A história, por mais improvável que fosse, foi repetida mil vezes; a carta de agradecimento em relevo, tal como o brasão num frasco de

marmelada, de alguma forma afirmava que a família era «por nomeação real». Era um orgulho que Isabella levou no seu enxoval quando casou com Archibald MacFarlane e se instalou em casa no número 96 da Main Street, uma casa alugada a Daniel Melrose, um ferreiro da cidade, pela respeitável soma de 14 libras por ano.

Em junho de 1897, durante as celebrações do Jubileu de Ouro da Rainha Vitória, Isabella MacFarlane estava grávida de três meses do seu quarto filho. Por todo o país, um fausto deslumbrante e festividades eufóricas marcaram o apogeu do orgulho imperial britânico e Callander fez a sua parte, apesar da controvérsia sobre o plano de gastar bom dinheiro a plantar árvores comemorativas na Main Street quando, dizia-se, os canos de água da cidade precisavam urgentemente de reparação.

O bebé de Isabella nasceu a 25 de novembro às três horas da manhã, uma menina saudável a quem ela e Archie deram o nome de Victoria Helen em honra da Rainha. Celebraram modestamente, mas não publicaram anúncio no Advertiser. Batizada na Igreja Presbiteriana, conta a história que Victoria dormiu durante a maior parte da cerimónia, acordando apenas para o nome e a bênção, quando o ministro pôde olhar para aqueles olhos castanho-escuros profundos que os seus seguidores recordariam muito depois da sua morte. Os detalhes do nascimento foram registados junto do conservador (que usava a escola como escritório) e os irmãos MacFarlane começaram a habituar-se à nova chegada na casa da família.

Ainda hoje, tal como há dois séculos, há MacFarlanes a viver em Bridgend, uma estrada que atravessa o Teith e que, por tradição, é a parte mais antiga da cidade, e foi para aqui que Archie e Isabella se mudaram no início do novo século, para uma pequena casa caiada de branco com telhado de ardósia, três frontões frontais e janelas de guilhotina. Alguns dizem que Archie a construiu ele próprio. O primeiro nome talvez fosse demasiado grandioso para o uso diário; a mais nova dos MacFarlane era conhecida pelo nome do meio, Helen, e mesmo esse depressa evoluiu para «Nellie» ou «Nell». Tornou-se uma criança rechonchuda e robusta, mais bonita do que propriamente formosa, com os seus olhos vivos e cabelo tão preto que tinha reflexos azuis.

Como em muitas casas de Callander, o regime do pai era amoroso mas austero. Embora não fossem exatamente pobres, quando nasceu o oitavo filho de Isabella os MacFarlane já não podiam dar-se ao luxo de esbanjar, mesmo que o esbanjamento não fosse um pecado. O Natal era

celebrado com o mínimo de ostentação e ênfase nos aspetos religiosos da festividade. Os luxos eram poucos. Helen, porém, tinha gulodice e desejava doces (naquela época, como agora, a especialidade local era o «tablet», um fondant quebradiço extravagante feito de açúcar, natas e manteiga). O seu corpo robusto adequava-a a brincadeiras de rapaz e jogava duramente com os irmãos, formando um laço sólido com Peter, e talvez seja significativo que, possivelmente na única fotografia que sobreviveu dela em criança, pareça muito um rapaz com o seu casaco, colarinho e gravata.

Uma memória duradoura em Callander é a de ela trepar um edifício para recuperar uma bola e ficar de pé no telhado em triunfo, absorvendo os aplausos e os vivas das crianças lá em baixo. Foi por tais travessuras de maria-rapaz que ganhou a alcunha pela qual ainda hoje é conhecida na sua terra natal: «Hellish Nell».

Tal como os irmãos, Helen passava os verões ao ar livre e era frequentemente encontrada a brincar junto ao Teith, onde os guarda-rios mergulhavam baixo sobre a água. O tempo era invariavelmente instável: quando estava calor, o rio baixava (estragando a pesca do salmão); depois chovia e havia cheias. Certamente conheceria o velho ditado escocês de que quando o sol brilha através da chuva significa que as fadas estão a cozer; talvez até acreditasse nele.

Havia atividades consideradas adequadas para raparigas, mas sentiu-se que não seriam bem do agrado de Helen. Em junho de 1908, quando tinha dez anos, a visita da Scotch Girls Friendly Society ao vizinho Castelo de Doune foi relatada de forma sucinta: «O tempo esteve infelizmente chuvoso e interferiu com o prazer da excursão.» Era melhor estar num sítio onde se pudesse abrigar numa árvore.

Lá em cima nas colinas, as crianças MacFarlane escondiam-se entre os carvalhos e bétulas ou observavam as suas terras a partir das fortificações de Dunmore Fort, onde o chão remexido ocasionalmente revelava moedas romanas. Mais perto de casa, no local da antiga igreja paroquial, estendia-se o cemitério abandonado com a sua casa de vigia construída para dissuadir os «ressurreicionistas» — os ladrões de cadáveres do século XIX que forneciam cirurgiões novatos.

Raramente longe da travessura, as crianças uma vez soltaram o carvão de um vagão de mercadorias para a linha férrea e foram obrigadas a apanhá-lo pedaço a pedaço. Parece, porém, que quanto mais Helen era repreendida e contida, mais resistia e persistia no seu comportamento

infernais. Os MacFarlane há muito prezavam a sua reputação de nadadores campeões, mas até essa válvula de escape lhe era proibida, considerando-se o Poço de Norman inseguro para uma criança e despir-se até à roupa interior indigno de uma rapariga. Ela fazia-o na mesma.

Crescendo em Callander, Helen conheceria os «pancakes» — um jogo de esconde-esconde em que uma «bruxa» nomeada roubava crianças (os «pancakes») a uma «mãe», e uma «criada» tinha de tentar impedi-la. As suas origens simbólicas — um festival da colheita descrito por Sir James Frazer em que bruxa, criada e mãe eram nomes para o último molho de cereais consoante o momento em que era cortado — ilustram bem como os costumes do início do século XX remontavam a um passado mais distante, vestígios históricos que talvez sejam mais evidentes na forma como as crianças compreendem o mundo antes que o racionalismo invada demais a inocência.

E quando Helen atingiu os sete anos, mais ou menos, o seu sentido nascente de si própria encontrou a crença na segunda visão das terras altas. O gatilho pode ter sido nada mais do que uma história à lareira ou um vidente ambulante a ler a sina, mas deu significado à sua vida mesmo assim. Um dos primeiros sinais foi na verdade a sua suspeita de que a mãe era médium, pelo facto de ela saber sempre quando a filha rebelde tinha ido nadar. Mesmo quando a Helen descobriu a verdade — a Isabella MacFarlane reparava sempre que a combinação da criança estava atada à frente —, não abandonou a ideia de que a mãe tinha poderes especiais e as suas próprias suspeitas sobre si mesma intensificaram-se, especialmente depois de começar a ver coisas estranhas.

As memórias pessoais de muitos médiuns contam de poderes que emergiram na infância. A médium húngara Maria Irtzl descobriu o seu dom aos doze anos e decidiu convencer o mundo da verdade da sobrevivência após a morte. A maior parte das crianças que falavam de tais convicções eram repreendidas ou castigadas, como a londrina Elizabeth Hope cuja experiência de ver «pessoas-sombra» na década de 1860 a levou a um manicómio.

Não é, pois, surpresa que, quando Helen descreveu ter visto por via clarividente um soldado (há muito morto) e um homem perdido numa tempestade de neve (vivo), a mãe a avisasse de que, se continuasse assim, ganharia fama de criança «glaikit» (*pateta*) ou mesmo «fey» (*estranha*) possuída por poder sobrenatural, e ainda acrescentou que seria queimada

como bruxa ou atirada para o Loch Sloy. «Agora, não digas essas coisas lá fora», recordava Helen a mãe a dizer. «Quando tiveres alguma coisa assim para dizer, vem ter comigo e com mais ninguém.»

Mas Helen teimosamente considerava o seu comportamento natural e, como tal, recusava-se a suprimi-lo ou disfarçá-lo. Também não evitava a igreja, como seria de esperar de uma bruxa. Pelo contrário, era recompensada pela boa assistência, um feito apenas ligeiramente manchado por ela adivinhar previamente qual seria o seu prémio — um exemplar de *Oliver Twist* — e pelo seu desdém hipócrita por «um livro que ensina a roubar». A tradição familiar sustenta que o ministro ficou suficientemente alarmado e ofendido com o que chamou os seus «sonhos e visões» para condenar as suas profecias durante o serviço de domingo. Em contraste, o Dr. Todd, o médico de família, considerava-a uma criança bastante notável.

Em 1908, o Rev. William Morrison escreveu uma introdução para uma nova coletânea de casos de segunda visão, fenómeno que atribuía ao «génio racial» do povo das terras altas. Tal como o Robert Kirk em 1690, afirmava que as crianças eram incapazes de resistir ao dom que lhes era transmitido pelo sangue — uma bênção mista que «é em todos os casos considerada incómoda para quem a possui».

É improvável que a Helen alguma vez tivesse sido tão erudita como Morrison; ainda assim, as suas intuições oferecem curiosos paralelos para a vida e obra dela, sugerindo uma psicologia moldada tanto por fatores físicos como culturais. Descrevia como os episódios clarividentes podiam ser precedidos por «tempestades nervosas» durante as quais os doadores de conhecimento espiritual por vezes se tornavam visíveis, terminando de forma traumática com a prostração total do vidente. Na sua forma mais suave, a segunda visão era uma sensibilidade aumentada, permitindo aos videntes, nas palavras de Kirk, «perceber coisas que, pela sua pequenez, subtileza e secretismo, são invisíveis para os outros». E na sua percepção extraordinária, Helen encerrava-se num casulo.

Todos os dias passava por uma porta sobre a qual o texto de João 3:16 estava gravado na pedra, um lembrete diário de que Deus amou tanto o mundo que, por meio do seu filho unigénito, prometeu a vida eterna aos fiéis. Disso não tinha dúvidas; mas a parede entre o céu e a terra — a barreira que tornava necessário o salto de fé — começara inevitavelmente a desmoronar-se à medida que o tráfego de espíritos entre a vida e o além se tornava visível e cintilante.

Helen não podia viver no seu casulo o tempo todo e aí residia o problema. Frequentava a escola paroquial em Craigard Road, cujas tradições antes da nomeação do Sr. Cumming em 1879 eram ensino incompetente, absentismo elevado e má gestão pela Junta Escolar. Erudito e sóbrio, Cumming (alcunhado «Tiger») foi um sucessor adequado do antepassado da Helen, John MacFarlane, e era recordado com carinho e reverência por alunos ao longo de um quarto de século. O absentismo continuou a ser um problema, especialmente em maio, quando as raparigas preparavam as casas dos ricos que chegavam de carruagem e os rapazes faziam recados e entregavam mensagens.

Nem mesmo um professor talentoso e dedicado conseguia fazer muito, sobretudo com uma aluna como a Helen, cuja própria avaliação dos seus dons psíquicos passou a compensar, ou pelo menos a desculpar, a sua falta de aptidão académica. Os sentimentos de desconexão foram agravados pela descoberta de que era menos popular entre os colegas quando não estava a recuperar bolas dos telhados. No recreio, ela abrangia os seus passados e futuros, emitindo conselhos severos e avisos terríveis — e eles não gostavam nada disso.

A uma rapariga foi dito que casaria com um motorista que, exoticamente, não seria de Callander; pior, a um rapaz de fato de marinheiro foi dito que acabaria no fundo do mar na guerra que se aproximava. Nessas ocasiões, Helen era tratada com uma mistura de respeito, medo e desprezo e, tal como Elspeth McEwen, tornou-se objeto de rumores constantes que a colocavam fora do convívio social normal. Talvez as crianças jogassem «pancakes» sem ela — ou talvez ela fosse sempre a bruxa.

O ostracismo da criança-profeta era autoprodutor. Uma curiosa memória escrita em 1933, supostamente da autoria de Helen (deteta-se a mão do marido), racionalizava a bênção da antevisão com o benefício da retrospectiva:

Coisas estranhas saíam-me dos lábios. Não conseguia controlar a língua. Simplesmente tinha de expressar os pensamentos que me vinham. O resultado foi que fiquei entregue quase totalmente aos meus próprios recursos, mas isso não era um sacrifício. Pelo contrário, permitiu-me desenvolver a minha personalidade livre da influência dos outros, e acredito que isso foi um fator que fomentou os meus dons psíquicos.

No entanto, não seria totalmente verdade dizer que ela estava à vontade consigo mesma e com o mundo. Os traços do seu carácter — uma timidez incapacitante, timidez e passividade, pontuadas por explosões súbitas de raiva histórica — sugerem que a sua personalidade não se estava a desenvolver como deveria e hoje poderia valer-lhe a etiqueta de «passivo-agressiva». Algumas histórias destacam-se. Gostava de recordar como nunca precisava de estudar porque, sem ser chamada, o conhecimento filtrava-se para a sua cabeça a partir de uma fonte invisível (pensava que era Deus) e que, sempre que lhe faziam uma pergunta, «erguia a cabeça baixa e cantava a resposta».

Uma vez, um inspetor escolar espantado, suspeitando que ela escondia um livro, ordenou que outra rapariga lhe revistasse a roupa interior. Noutra ocasião, quando as datas de quatro batalhas famosas apareceram milagrosamente no seu quadro durante um teste de história — ela apertara-o fortemente contra o peito e rezara por ajuda a Deus —, o Tiger Cumming acusou-a de copiar. Ela negou-o até que, de repente, explodiu, atirou o tinteiro contra ele e fugiu para casa. Uma variante da história sustenta que, com a data «1066» fixa na cabeça, ela previu a morte de Cumming e que ele sucumbiu a um ataque cardíaco fatal durante uma aula sobre a Batalha de Hastings.

Da mesma forma, temeu pelo Dr. Todd pouco antes de ele morrer num acidente de automóvel. Assumindo que estas histórias são verdadeiras, se tivesse sido uma aluna mais aplicada talvez tivesse prestado atenção a uma lição do século XVII, nomeadamente que aqueles que se dedicavam a prever a morte dos outros arriscavam a suspeita de serem eles próprios a causa. Como todas as crianças de Callander na era eduardiana, Helen lutava para reconciliar o mundo segundo os pais com as imagens de vida graciosa que dançavam diante dos seus olhos todos os verões: os automóveis lustrosos conduzidos por motoristas, as jovens drapejadas em sedas ou peles, conforme o barómetro indicasse.

Nas suas modas e maneiras, os ricos visitantes anunciavam uma era de mudança. A Feira de Cockhill em maio, outrora um dos pontos altos do ano, entrou em declínio depois de 1900 e o afluxo de automóveis privados levou os comissários a impor um limite de velocidade de dez milhas por hora. A recreação popular já não era determinada exclusivamente pelo calendário agrícola e até as palestras com lanterna mágica da YMCA perderam o atrativo após a primeira visita da Frame's Vaudeville Company

que, oportunamente, incluiu exposições do Anglo-American Bio-Tableau Cinematograph.

Ver imagens luminosas na escuridão era como espreitar para um jardim secreto e entrever uma realidade alternativa inebriante. Sabemos mais sobre a Helen Duncan na vida adulta do que sobre o modo como pensava em criança, mas, lendo-a de trás para a frente, podemos supor que algo se agitou dentro dela nesses anos, um anseio que ela sabia que a levaria para longe de Callander e de praticamente tudo o que com ela se relacionava. De que forma isso aconteceria ela não podia prever, embora provavelmente tenha acertado ao depositar as suas esperanças no amor e no casamento. Indiretamente, porém, para ela, tal como para milhares de outros, o cadinho da mudança seria a guerra.

Em fevereiro de 1914, sentado perante uma audiência de quase mil pessoas, Sir Arthur Conan Doyle, criador de Sherlock Holmes e espiritualista convicto, recebeu esta arrepiante previsão de uma médium australiana, Sr.^a Foster Turner:

Embora neste momento não haja o mais pequeno sussurro de uma grande guerra europeia iminente, quero avisar-vos de que, antes que este ano de 1914 chegue ao fim, a Europa será inundada em sangue. A Grã-Bretanha, a nossa amada nação, será arrastada para a guerra mais terrível que o mundo alguma vez conheceu. A Alemanha será o grande antagonista e arrastará outras nações no seu séquito. A Áustria cambaleará até à ruína. Reis e reinos cairão. Milhões de vidas preciosas serão massacradas, mas a Grã-Bretanha triunfará finalmente e sairá vitoriosa.

As previsões de guerra eram numerosas e variadas, algumas divulgadas antes do início das hostilidades, outras, menos impressionantemente, depois. Na Alemanha, rumores circulavam desde a década de 1850 sobre o príncipe Guilherme ter encontrado uma cigana que, à maneira de Macbeth, insinuara que ele se tornaria o primeiro Kaiser; mas as previsões de grandeza imperial cedo deram lugar a visões mais apocalípticas do futuro.

Numa sessão privada de 1909, uma médium em Teddington, Middlesex, viu papoilas, entrou em êxtase místico sobre o reino de Marte e, tal como Sr.^a Foster Turner, avisou de um mundo futuro encharcado em sangue. No extremo mais popular do mercado, o Old Moore's Almanac só entrou no espírito da coisa em 1916, altura em que um don de Oxford que estudava tais augúrios comentou: «O que se pode esperar por um penny?»

A guerra eclodiu no verão anterior ao décimo sétimo aniversário da Helen Duncan. Por toda a Grã-Bretanha, o patriotismo popular e o jingoísmo ultrapassaram os níveis atingidos durante as celebrações de 1897 e homens que eram ou orgulhosos, ou entediados, ou desempregados formavam alegremente fila à porta das estações de recrutamento como se, refletiu o Philip Larkin, fosse tudo uma brincadeira de feriado bancário de agosto. O salário médio semanal destes homens, se tinham emprego, era de 2 libras. Em Callander, tal como noutros locais, rapazes ansiosos por fugir dos campos, fábricas e minas (onde muitos ganhavam menos de 10 xelins por semana) endireitavam as costas e tentavam olhar o sargento de recrutamento nos olhos quando declaravam ter dezanove anos.

Não que a maioria precisasse de temer a recusa: o bônus per capita do sargento tratava disso. Quando os homens da vila marcharam para França com o Black Watch e as bandeiras foram guardadas até à vitória, chegaram refugiados da Bélgica; e no Natal — quando todos diziam que já estaria tudo acabado — as baixas começaram a encher as camas da mansão requisitada de Inverlony, que em breve adquiriu caráter permanente como Hospital Militar de Extensão de Callander. A vida transformou-se em inúmeras pequenas formas. As florestas debaixo dos penedos onde Helen brincara em criança foram abatidas para madeira e, por economia, o Callander Advertiser reduziu de tamanho.

Archie MacFarlane, que também pensava que a guerra acabaria em meses, riu-se quando a filha carregada de mau agouro disse que se arrastaria por três ou quatro anos, matando muitas dezenas de milhares de homens, e riu-se ainda mais quando ela descreveu a sua visão de máquinas de guerra sem cavalos que se moviam sobre as barrigas e esmagavam casas. Só a Helen via o horror, recordaria ela mais tarde, e as suas profecias eram tão abundantes como fiáveis.

As notícias das primeiras baixas de Callander propriamente dita começaram a chegar em 1915, uma das primeiras sendo o soldado William Ferguson, canalizador, gravemente ferido no pescoço por estilhaços. Isso foi em abril. Em junho, o fio de histórias sobre soldados feridos, gaseados, capturados e desaparecidos tornara-se um caudal constante. A primeira morte foi John Cameron, do 1/6.º Black Watch, com vinte e nove anos, a 11 de agosto de 1915; antes da guerra fora o responsável pelos campos de ténis de Callander.

Cartões comemorativos começaram a ser vendidos nas lojas da Main Street, «especialmente adequados para os nossos Heróis Caídos», e, tal como o resto de Callander, os MacFarlane fizeram o que podiam para manter os homens a combater e para aceitar o luto.

Uma fotografia datada de abril de 1915, que mostra um grupo de raparigas de Callander a angariar dinheiro para comprar uma ambulância, inclui três MacFarlanes. O seu clã não saiu ileso. Tal como o seu antepassado napoleónico um século antes, em abril de 1918 Mary MacFarlane de Kilmahog vestiu o luto de viúva quando o marido foi morto durante o último grande avanço alemão na Frente Ocidental.

Nada disto, porém, significava grande coisa para Nell Diabólica, pois mesmo antes do início da guerra ela já partira, banida da família sob a mais negra das nuvens e, consequentemente, da comunidade cujas tradições lhe tinham incutido um sentido do misterioso e do milagroso. À medida que a guerra se arrastava e a visão da Sr.^a Foster Turner se transformava em realidade medonha, à noite Helen era transportada em sonhos para as trincheiras e aí semeava as sementes de um futuro em que o propósito da sua vida não residiria apenas na segunda visão das terras altas, mas na capacidade de comunicar mais diretamente com os espíritos dos mortos.

2

DESENVOLVENDO O DOM DE DEUS TRABALHO, AMOR E A CHEGADA DE HENRY

Em 1966, um vigilante noturno da Universidade de Edimburgo sofreu um acidente vascular cerebral e foi internado no City Hospital. Traumatizado pela morte da esposa alguns anos antes e assombrado pela sua memória, vendera a grande casa deles em Rankeillor Street com tudo e mais alguma coisa (incluindo os móveis Chippendale e as primeiras edições oferecidas como prendas), casara com a sua empregada de limpeza Anna e mudara-se para um apartamento de dois quartos.

Foi aqui que a neta Sheila o visitou durante a convalescença e o encontrou sentado num sonho, completamente nu e sem qualquer pudor, enquanto a Anna se preparava indiferentemente para o trabalho. Notas, recortes e fotografias cobriam o chão, e ele rememorava num fluxo de semiconsciência. Sheila sempre o conhecera como um homem firme e

disciplinado, um velho soldado que usava colarinho e gravata rígidos, mesmo em casa com um cardigã de cotovelos de couro.

Bebia moderadamente, lia vorazmente e, embora a saúde fosse frágil desde jovem, era um rochedo para todos os que o rodeavam. E ali estava ele, diminuído, suspenso algures entre a morte e a vida que se espalhava em papel diante dele. «Ele não está a falar comigo, Sheila», disse a Anna com azedume. «Está a falar com ela!» Referia-se, claro, à primeira esposa: a sua preciosa Nell.

Depois de Henry Duncan morrer no ano seguinte, o filho mais velho, Harry, que emigrara para a Austrália para instalar cabos telefónicos, levou os papéis do pai consigo, mas perdeu a maior parte num incêndio doméstico. Quando a irmã de Harry, Gena, começou a escrever a biografia da mãe, ele devolveu a Escócia o pouco que sobrevivera, incluindo o registo meticuloso de Henry sobre o desenvolvimento da esposa como médium.

A filha de Gena, Sheila (a visitante de Henry após o AVC), recorda a mãe a bater à máquina durante anos, moldando a história a partir de memórias de infância, tradição familiar, restos do incêndio e, crucialmente, orientação espiritual. Sétima filha, a Gena professara poderes psíquicos e espiritualistas desde a infância, poderes que lhe davam uma visão única do dom de Helen e que, por sua vez, transmitiu pela linha matrilinear a Sheila.

Gena legou também à posteridade o seu livro, que fixou os detalhes da vida da Helen Duncan, mas mostra igualmente como o conhecimento que cada família tem de si própria está cheio de falhas de memória, elipses, elisões e elaborações, segredos e mentiras. Até o ano de nascimento dela atraiu conjecturas.

Registado oficialmente como 1897, a própria Helen por vezes dizia que era 1898; a Gena pensava que era 1895 e noutros locais aparece 1896. No mundo ocidental, a família é o último grande repositório da cultura oral e, tal como os bardos das terras altas idealizados por Sir Walter Scott, herdamos histórias ancestrais reelaboradas por cada geração para tornar a sua verdade poderosa em vez de precisa, moral em vez de empírica.

Para tornar as águas ainda mais turvas, hoje em dia o pós-modernismo dividiu a verdade histórica numa multiplicidade de perspetivas igualmente válidas, partindo do pressuposto de que a observação e a representação, como os físicos do século XX aprenderam, conduzem inevitavelmente à

incerteza. O curioso, porém, é que mesmo que possuíssemos os meios para estabelecer verdades absolutas, a maioria de nós não se daria ao trabalho.

Não precisávamos realmente de Wittgenstein para nos dizer que acreditamos no que queremos acreditar, nem para compreender que, enquanto as ficções familiares persuadirem, reconfortarem e entreterem, permanecem tão verdadeiras como a maior parte das coisas alguma vez é. As ficções transmitem verdades poderosas, escreveu uma vez Sir Philip Sidney, porque «podem ser afinadas na mais alta nota da paixão».

Existe o mito de que no passado as raparigas casavam jovens e viviam em famílias extensas, quando na realidade a maioria precisava de encontrar um homem capaz de estabelecer um lar separado. Quando a Nellie MacFarlane deixou a escola no início da adolescência, por volta de 1911, casá-la era manifestamente impossível; mas mesmo aos dezasseis anos a perspetiva ainda poderia ser remota.

A escassez de emprego regular em Callander significava que muitos homens não podiam dar-se ao luxo de casar e, como acontecia por todas as terras altas, emigravam ou imigravam — e em maior número do que as mulheres, entre as quais a idade média de casamento em 1911 era vinte e seis anos. No entanto, mesmo que os MacFarlane reconhecessem a necessidade de prover o futuro da filha na década seguinte, há algo de estranho no relato de Gena sobre as alegres discussões para lhe arranjar um emprego em Dundee — trabalho duro e mal pago associado a mulheres casadas sem qualificação e demasiado pobres para subsistir com o salário do marido.

O que a Gena não podia dizer, mesmo em 1985, era que no início do verão de 1914 Helen ficara grávida e fora muito provavelmente mandada embora por esse motivo. Quando o bebé nasceu em fevereiro de 1915 no Dundee Maternity Hospital, Helen registou a morada de casa como Ivy Cottage, Bridgend, Callander, e a sua ocupação como empregada de mesa de hotel. Para além de um único encontro espúrio pouco antes do casamento de Helen, Gena nunca mais menciona a família MacFarlane. Na verdade, a jovem Nell foi banida para sempre e pode ter voltado a Callander apenas uma vez, quando ficou com o irmão Peter, o seu protetor desde os dias em que, recém-saídos do poço proibido, aprenderam a atar o colete dela nas costas para evitar a deteção pela mãe. De forma comovente, foi Isabella MacFarlane o nome que Helen deu ao bebé que não queria mas não conseguia abandonar.

A sua nova vida num hostel feminino não foi a aventura que Gena pintou: uma travessura de dormitório tingida de saudades de casa, salários magros tocantemente gastos em viagens de regresso. Das duas principais ocupações de Dundee — as fábricas de compota e os teares de juta — Helen escolheu esta última e aí fez amizade com a Jean Duncan, uma rapariga um ano mais velha com quem passava grande parte do tempo livre, no inverno a patinar no gelo no antigo lago da pedreira. Depois de declarada a guerra, as duas raparigas procuraram trabalho na produção de munições, sem dúvida atraídas pela responsabilidade, camaradagem e salários mais altos, mas Helen foi rejeitada devido ao seu volume de quinze stones, a um pulmão tuberculoso ou talvez por estar grávida de três meses. Foi uma bênção disfarçada.

Não só escapou à pele amarelada e à doença das «canárias» envenenadas pelo TNT, mas, como relatou Gena, o sanatório onde entrou em vez disso restaurou rapidamente a sua saúde e inspirou-a a cuidar dos outros. Logo após o nascimento de Isabella, foi contratada como auxiliar de enfermagem no Dundee Royal Infirmary e talvez conseguisse que cuidassem de Isabella ali enquanto estava de serviço. A filha de Gena, Sheila, sustenta que a experiência de Helen na ala psiquiátrica deixou nela uma marca duradoura, especialmente a mulher frenética que comia pensos higiénicos quando menstruava e os epiléticos cujos ataques a convenceram para sempre de que o seu mal era devido a possessão demoníaca.

Trabalhando separadas, Helen e Jean continuaram a ver-se sempre que podiam, e numa visita aos alojamentos hospitalares de Helen, Jean, que sem dúvida já partilhara o maior segredo da amiga, foi incumbida de outro.

O que aconteceu foi o seguinte. Nos seus sonhos, Helen visitava as trincheiras de Flandres, estendendo a sua vida monótona e cheia de terror para o que Lord Byron uma vez chamou «um vasto reino de realidade selvagem». Se Byron tivesse nascido um século mais tarde, é provável que se encontrasse «com os olhos afundados no inferno», como disse Ezra Pound, um mundo onde o temporal e o infernal estavam horrendamente justapostos, e a realidade dos sonhos e o surrealismo da vida lançados numa confusão infernal.

Aí, ouviu Jean, a Nellie conhecera um jovem soldado cujo olhar doente de guerra lhe disse imediatamente que a sua alma ficaria unida à dela para sempre. Para trazer Helen de volta à terra, Jean encorajou-a a escrever ao irmão Henry, um soldado verdadeiro na frente e da idade de

Helen, e foi o que ela fez; mas a primeira resposta de Henry apenas fundiu o material e o espiritual, cumprindo a sua profecia transportada pelo sono e satisfazendo um profundo anseio de amar e ser amada.

Nesta fase, a sua interpretação desta experiência ainda era moldada pelas tradições das terras altas de fantasmas e presságios, e não pela convicção de que a personalidade sobrevivia à morte, de que os espíritos comunicavam necessariamente com os vivos, ou de que a mediunidade era um dom de Deus. Eram estes os princípios do Espiritualismo, uma religião de que ela ouvira falar mas cuja pretensão extravagante de ter aberto o reino dos céus encarava, até então, com ceticismo. Tal como no coração de milhares, porém, a guerra mudaria isso.

Por toda a Grã-Bretanha, o massacre mecanizado na Frente Ocidental e o vasto luto incontável que gerou elevaram dramaticamente o perfil público do Espiritualismo e a procura pelos serviços de médiuns. Sessões privadas traziam mensagens de conforto e esperança dos mortos da guerra, e hoje álbuns empoeirados de fotografias espirituais mostram mulheres de aspeto exausto abotoadas de preto, com os rostos plácidos de militares posados em estúdio pairando sobre elas numa aura difusa.

Tal como a participação no morticínio e as tristezas que lhe estavam associadas em casa, o interesse por tais fenómenos não conhecia fronteiras de classe ou educação: quando Rudyard Kipling, de coração partido pela perda do filho adolescente em Loos em 1915, implorava para saber «quem nos devolverá os nossos filhos?», para um exército crescente de enlutados a resposta parecia óbvia. Kipling não estava sozinho ao lidar com sentimentos ambivalentes em relação ao Espiritualismo, sentimentos que, num poema, exprimiu através da história bíblica de Saul a quebrar a lei de Deus visitando uma bruxa em Endor para comunicar com o espírito de Samuel. O Espiritualismo podia parecer irracional, ou pelo exemplo de Saul até pecaminoso, no entanto, para muitos pais, viúvas e irmãos a tentação de aliviar a dor do luto provou ser irresistível.

Como movimento, o Espiritualismo teve origem em Hydesville, no interior do estado de Nova Iorque. Em 1848, as filhas adolescentes de um pobre agricultor metodista, J. D. Fox, ouviram estranhos ruídos de pancadas que decifraram como mensagens do espírito de um homem assassinado cujos ossos foram posteriormente descobertos na cave. À medida que a notícia se espalhava, as irmãs Fox atraíram a atenção de

vários comités de investigação e de um enorme número de pessoas que desejavam sentar-se com elas.

O movimento varreu a América, gerando «depósitos de espíritos» e inúmeros periódicos, e atraindo convertidos entre académicos, escritores, políticos e industriais, uma expansão que nem mesmo a confissão das raparigas de que eram fraudes conseguiu travar. Em breve, o empreendedor showman Phineas T. Barnum (especialidade: espetáculos de aberrações) assegurou os seus serviços e o dinheiro começou a mudar de mãos. Por este facto um cínico pode explicar não só o número impressionante de participantes nas sessões das Fox que se tornaram eles próprios médiums, mas também a diversificação da comunicação espiritual. Escrita automática em ardósias (da qual a jovem Nell MacFarlane muito provavelmente ouvira falar), móveis em levitação, moldes em parafina de mãos espirituais, fala direta em transe e o aparecimento de rostos sombrios tornaram-se padrão.

A família Koons, agricultores num município remoto de Ohio, organizava espetáculos espirituais em completa escuridão, tocando instrumentos musicais, agitando mãos fosforescentes e falando através de trompetes, estabelecendo assim o repertório padrão dos médiums físicos para o século seguinte.

Se o Espiritualismo casou religião com entretenimento, igualmente casou religião com ciência. Na religião havia antecedentes no desejo da Igreja Católica Apostólica de falar em línguas; na América, considerem-se os êxtases dos Shakers e, em certa medida, o não-conformismo radical do Mormonismo e do Adventismo. Na ciência, o Espiritualismo devia mais à hipnose e ao «magnetismo animal» desenvolvido como procedimento curativo na França pré-revolucionária pelo médico austríaco Friedrich Mesmer.

Nas suas sessões — naturalmente chamadas séances — doentes e visitantes davam as mãos para permitir a livre passagem de um fluido invisível que, segundo Mesmer, exercia atração elétrica sobre os corpos humanos. A meio do século XIX, o mesmerismo inspirara o «Espiritualismo» que, sob a direção do filósofo religioso Allan Kardec, tratava a busca de fenómenos físicos como uma pista falsa e pregava a reencarnação como principal ligação entre este mundo e o outro.

Ainda antes de Mesmer, o místico e polímata sueco Emanuel Swedenborg, em criança, entrava em transe prendendo a respiração e, na década de 1740, já se aventurava livremente pelo mundo dos espíritos e

conversava com os seus habitantes. Pela descoberta da continuidade direta entre a vida e a morte é frequentemente saudado como o pai do Espiritualismo, embora seja significativo que negasse a possibilidade de interação terrena entre humanos e espíritos — facto que a estopada enfadonha dos seus escritos continua a ocultar.

Evidentemente, a ideia de que os vivos poderiam comunicar com os espíritos dos mortos era muito mais antiga e permeia o folclore pagão e o xamanismo das civilizações não europeias e antigas e, como sugerem as pinturas rupestres, também da pré-história. Encontros espirituais ocorrem ao longo de toda a Bíblia (a vida dos profetas do Antigo Testamento era controlada por espíritos) e faziam parte do pensamento da Igreja cristã primitiva, cujo principal luminar, Santo Agostinho, acreditava que «os espíritos dos mortos podem ser enviados aos vivos e podem desvelar-lhes o futuro que eles próprios aprenderam de outros espíritos ou de anjos, ou por revelação divina».

Tanto os dogmas protestantes como os católicos basearam-se no ensino agostiniano no século XVI e pregavam a realidade do mundo espiritual, embora os primeiros sustentassem que a era dos milagres havia terminado. A rainha Isabel I (que, recorde-se, legislara contra as bruxas) empregava um astrólogo chamado John Dee que mantinha conversas com anjos através de um médium, Edward Kelley, as quais Dee registava sob a forma de pergunta-e-resposta como um investigador psíquico do século XX numa sessão espiritualista. Espíritos, alguns dos quais se manifestavam, profetizavam várias coisas, incluindo a morte de Maria, Rainha dos Escoceses, e a tentativa de invasão pela Armada Espanhola.

No século seguinte, homens cultos continuavam a encarar o mundo espiritual como corolário da doutrina da imortalidade. Foi Milton quem (parafraseando Hesíodo) afirmou que «milhões de criaturas espirituais andam pela Terra, invisíveis, tanto quando estamos acordados como quando dormimos», uma realidade de que outros escritores se serviram para repelir o deísmo, tendência intelectual que afastava do palco cósmico um Deus e um diabo intervencionistas, juntamente com o elenco de apoio de anjos, demónios, fantasmas e bruxas.

Em 1661, Joseph Glanvill, mais tarde capelão de Carlos II, reagiu fortemente contra o «ateísmo» da sua época num tratado intitulado *The Vanity of Dogmatizing*, que contemplava a «arte secreta da Alma, que para nós é totalmente oculta e fora do alcance dos nossos intelectos». A crença

dominante, porém, era a ambiguidade e a ambivalência. O próprio Glanvill era um pensador progressista que absorvia a filosofia dualista de Descartes, e esquecemo-nos de que o seu contemporâneo, Isaac Newton, se fascinava tanto pela sabedoria angélica como pelas maçãs gravitantes.

Na atitude, Glanvill e Newton eram típicos dos virtuosos cujo interesse pela natureza era inseparável da reverência pelo desígnio de Deus, ainda que esse interesse, sem eles o saberem, estivesse a corroer por dentro a visão tradicional do mundo.

Como era de prever, o tipo de universo metafísico discutido na Royal Society encontrou os seus defensores mais conservadores nas mais humildes casas dos pobres analfabetos. Até ao século XIX, muitas pessoas comuns encontravam espíritos que revelavam segredos, emitiam avisos, acusavam os culpados e absolviam os inocentes. Estes não eram fantasmas históricos — o lúgubre elisabetano com a cabeça debaixo do braço; a criada grávida selada num sótão —, mas sim os mortos familiares, os análogos espectrais de parentes, amigos e vizinhos, e tinham algo a dizer.

Muito antes de Charles Loseby levar a oferta da Helen Duncan a um júri no Old Bailey, histórias de aparições já tinham entrado nos tribunais ingleses, acrescentando verdade moral, em vez de empírica, ao testemunho. Na década de 1760, um julgamento de assassinio foi iniciado por um espírito feminino que, tal como na casa das Fox, comunicava por pancadas e atraiu londrinos que pagavam para ver a casa assombrada. A «Fanny que Arranhava», como era conhecida, exigia justiça para o seu envenenador através de uma menina de onze anos a quem o Dr. Johnson interrogou, concluindo que «a criança tem alguma arte de produzir ou falsificar um ruído particular e que não há intervenção de uma causa superior».

Contudo, os sentimentos mais amplos de Johnson eram mais ambivalentes. Não só ficava impressionado com a segunda visão das Terras Altas como, desolado após a morte da esposa, rezava fervorosamente para que ela o revisitasse «por aparição, impulsos, sonhos ou de qualquer outro modo». E tal ambivalência continuou a fazer parte das crenças e maneiras da classe média inglesa cento e cinquenta anos depois de o próprio Johnson ter pago a sua dívida à natureza.

A diferença entre o Espiritualismo vitoriano e a crença primordial nos espíritos consistia principalmente no contexto cultural. A partir do momento em que as irmãs Fox batiam o seu caminho para a fama, na Europa e na América o crescimento da tecnologia e da indústria alimentava

a confiança no progresso material. Isso, por sua vez, desafiava sorrateiramente a relevância social da fé baseada nas Escrituras, declínio que em 1867 Matthew Arnold, então no seu último ano como Professor de Poesia em Oxford, comparou ao «longo, melancólico e retrátil rugido» do mar em Dover.

Todavia, à medida que a ciência envenenava a constituição da religião, no Espiritualismo também oferecia um antídoto. A investigação de impulsos invisíveis — ondas luminosas, magnetismo e eletricidade — e o clamor popular pela invenção do telégrafo mostram paralelos óbvios com o interesse na transferência de pensamento e na comunicação espiritual. Podemos até ouvir ecos da tradição providencial em que Newton trabalhara, investigando os reinos natural e sobrenatural como uma única entidade, ainda que de modo que na verdade punha em causa a validade da física newtoniana.

Na esfera pública, a imagem dominante era a de uma aurora gloriosa erguendo-se sobre um mundo obscurecido pelo secularismo e pelo desencantamento. «Parece-me que uma nova era na história da humanidade começou efetivamente», declarou o Rev. S. B. Britten na primeira palestra pública sobre Espiritualismo, proferida na cidade de Nova Iorque em 1850, «e que esses tremendos e inexplicados mistérios que nas eras mais remotas chamámos “Magia”, na dispensação bíblica “Milagre” e na Idade Média “Bruxaria” estão agora a vir ao de cima como obra de espíritos humanos, sempre a tentar comunicar com os amigos terrenos que deixaram para trás e sempre a esforçar-se por transmitir esse conhecimento da vida e das possibilidades espirituais de que a humanidade tem sido tão lamentavelmente ignorante.»

Os críticos notavam a ironia de que o Espiritualismo, longe de derrotar o materialismo, a ele se rendera. Com efeito, a substituição da fé por verdades tangíveis era o ponto de venda único do Espiritualismo e explica o seu apelo para a respeitável classe operária inglesa, para quem oferecia uma alternativa ao dogma e à autoridade eclesiásticos que durante tanto tempo haviam preservado a sua subordinação. O Espiritualismo, prometia Sir Arthur Conan Doyle, era «uma religião para aqueles que se encontram fora de todas as religiões». Não surpreende, pois, que a Igreja Católica o visse como um contágio letal e condenasse os médiuns (muitos, admita-se, jovens de pouco préstimo natural) como imbecis ou prostitutas vendidas a um comércio perverso — até como bruxas.

Também não surpreende que, enquanto movimento progressista e idealista, o Espiritualismo tenha dado as mãos ao socialismo e prosperasse nos salões não-conformistas e institutos de mecânica das cidades industriais do norte. O reformador social Robert Owen, por exemplo, viveu o suficiente para o ver alimentar os ideais de liberdade e combinação operária que lhe eram caros. Tal como nas sociedades de socorros mútuos e sindicatos, e como acontecera na América, a chave para a expansão do Espiritualismo foi a imprensa popular. O primeiro de muitos periódicos espiritualistas foi publicado em 1853 pelo marido de uma médium americana visitante, Sr.^a Hayden, que realizava sessões a uma guinéu por cabeça e contava Owen entre os seus convertidos. No mesmo ano abriu as portas a primeira igreja espiritualista inglesa em Keighley, Yorkshire.

E foi por essa altura que a Emma Hardinge, atriz musical do East End de Londres que em criança vira visões de parentes mortos, conheceu as irmãs Fox na América e, uma década depois, regressou a casa para atuar como oradora em transe. Publicitária e oradora habilidosa — tendo feito campanha por Abraham Lincoln —, desenvolveu ela própria um leque de habilidades, desde a levitação à cura, que levou por todo o mundo antes de se estabelecer em Cheetham Hill, Manchester.

Aí, em 1887, usou o texto da palestra nova-iorquina do Rev. Britten para lançar o primeiro número do seu semanário *Two Worlds*, cujo cabeçalho mostrava a Verdade empoleirada no topo da Terra, exortando as figuras acoradas da Ciência e do Amor a elevarem-se ao seu nível. Impresso discretamente no verso, Sr.^a Hardinge Britten (como passara a chamar-se) incluía-se num diretório de médiuns que ia de Bradford a Bayswater, de Barnsley a Bloomsbury.

Significativamente, metade desta lista eram mulheres. É outra ironia do Espiritualismo que, na sua passividade e no seu papel de mães, as mulheres fossem comumente vistas como médiuns naturais, papel em que podiam ser respeitadas, recompensadas e colocadas no centro das atenções. Classe e educação não eram obstáculos: quanto mais simples a alma, mais puros os resultados. Num mundo social rigidamente patriarcal, onde os espaços habitados pelas mulheres eram rotineiramente policiados por homens, a libertação nas sessões espiritualistas também podia ser sexual.

Como se os costumes vitorianos já não fossem suficientemente desafiados pela ligação de jovens mulheres com homens numa atmosfera emocionalmente carregada — homens com quem davam as mãos —, a

maior parte das sessões também se realizava na escuridão. A luz tendia a inibir a produção de fenómenos psíquicos. A mais antiga sugestão de que outras inibições mais naturais também podiam ser levantadas pelas condições da sessão animou satiristas e moralistas.

Um cartoon humorístico da década de 1890 mostra um participante masculino e uma participante feminina abandonando todo o decoro no momento em que as luzes se apagam; mas para os arautos da «degeneração moral» em tempos decadentes, as sessões espiritualistas não tinham graça nenhuma. O que estes tradicionalistas viam, claro, eram mulheres — médiuns e participantes — em busca de empoderamento, a transpor fronteiras e a quebrar regras de classe e gênero. E, nem que fosse apenas como símbolo do que viria no século seguinte, essas incursões eram importantes.

Assistir a sessões também podia ser um passatempo perfeitamente decente, chegando mesmo a fazer parte do ritual do chá da tarde praticado por anfitriãs da alta sociedade cujos convites avisavam os convidados em conformidade. Menos frivolamente, as mulheres também eram proeminentes entre a intelligentsia literária e científica cujos hábitos obsessivo as tornavam vulneráveis à dúvida religiosa e, por isso, curiosas pelo Espiritualismo. George Eliot interessou-se, tal como a Elizabeth Barrett Browning, embora o marido Robert fosse mais cauteloso. Dickens, o Trollope, o Thackeray e o Tennyson satisfizeram todos a sua curiosidade em sessões, entre os quais Tennyson era o poeta espiritualista:

O Fantasma no Homem, o Fantasma que outrora foi Homem, Mas não consegue libertar-se totalmente do Homem, Chamam um pelo outro através de uma aurora Mais estranha do que a Terra jamais viu; o véu Está a rasgar-se, e as Vozes do dia São ouvidas por cima das Vozes da escuridão.

No entanto, o próprio facto desta renascença espiritual sugere a extensão do desespero dentro da elite educada à medida que as convicções se evaporavam com o calor da mudança económica, os avanços na crítica bíblica, as descobertas revolucionárias em fisiologia e as possibilidades de reorganização das relações humanas oferecidas pela filosofia empírica. Darwin (que tinha má opinião tanto do mesmerismo como do Espiritualismo) também não ajudou.

À deriva das amarras cortadas da sua fé, três fellows do Trinity College, Cambridge — o professor de Filosofia Moral Henry Sidgwick, o Frederick Myers e o Edmund Gurney (por quem George Eliot se

apaixonara) — passaram da participação no University Ghost Club à investigação ativa de fenômenos paranormais. Neste trabalho enérgico oscilaram entre várias posições, desde a mente aberta à credulidade absoluta — espectro de opinião que caracterizou a Society for Psychical Research, da qual eles, juntamente com o professor William Barrett, foram fundadores em 1882. Era uma sociedade eminentemente respeitável, que atraía membros, espiritualistas e não espiritualistas, de todos os quadrantes da vida intelectual de Cambridge e além.

Longe de serem lunáticos instáveis, Sidgwick e Myers em particular eram homens escrupulosos, de barbas extravagantes e olhar franzido, com credenciais impecáveis e capacidade para se exprimirem de forma coerente e serem levados a sério pelos pares. Tudo isto também era verdade para outro avatar da ciência psíquica e amigo de Myers, o renomado físico e pioneiro da telegrafia sem fios, Sir Oliver Lodge.

Em maio de 1915, Lodge recebeu uma carta de Alta Piper, filha de uma médium bostoniana muito respeitada, Sr.^a. Leonora Piper, que mais do que ninguém o convencera da realidade da sobrevivência humana. Lamentando a neutralidade americana, a Miss Piper relatava como a guerra na Europa lhes enchia a alma de horror e juntava um script de uma sessão de escrita automática em que o espírito de Myers, morto em 1902, previa um mundo melhor emergindo da guerra, mas avisava que «alguns dos nossos ajudantes terrenos terão de ser sacrificados antes que esta luta termine, não dizemos quem».

Só podemos imaginar o efeito arrepiante que estas palavras tiveram em Lodge, cujo filho Raymond, de vinte e seis anos, era oficial subalterno no South Lancashire Regiment e servia na Frente Ocidental. Na sua secretária, Lodge guardava um maço de cartas de Raymond — quatro só nesse mês — descrevendo sistemas de trincheiras, refeições desarrumadas de bacon e queijo e a ocasional ferida horrenda de estilhaços. Uma nota datada de 12 de setembro de 1915 foi a última. Dois dias depois, Raymond foi atingido por um fragmento de obus durante um ataque a uma colina e morreu poucas horas depois.

Uma semana mais tarde, enquanto a família permanecia atordoada com a notícia, a Lady Lodge recebeu uma carta de condolências de um companheiro de armas, o tenente G. R. A. Case, que, conforme o costume, se extasiava sobre a popularidade de Raymond e o seu fim indolor. Mas o sofrimento dos Lodge, e os sacrifícios previstos pelo espiritual Myers, eram

quase demasiado grandes para suportar. E mesmo enquanto a Lady Lodge tentava absorver as suas palavras, o próprio Case já estava morto e enterrado.

Tal como muitos outros — incluindo o amigo Conan Doyle, que perdeu um filho, um irmão e um cunhado —, Sir Oliver e Lady Lodge suportaram o luto através da sua crença espiritualista e do seu exercício na mediunidade. Comunicações regulares de Raymond recebidas através de uma das médiuns mais conhecidas de Inglaterra, Gladys Osborne Leonard, foram compiladas por Lodge num livro simplesmente intitulado Raymond, publicado em novembro de 1916 e que esgotou três edições antes do fim do mês.

A mensagem era clara: a morte devia ser vista como um renascimento noutra estado; era, segundo Lodge, não uma extinção e, na pior das hipóteses, equivalia a exílio num mundo ligado a este por uma ponte de amor. Não há registo de Lodge ter ficado surpreendido ao receber uma carta de William Shakespeare em junho de 1918, sussurrada ao ouvido interior da médium americana Sarah Taylor Shatford e dactilografada num quarto de hotel em Nova Iorque.

O bardo, aparentemente enlouquecido pelos séculos, falava copiosamente do seu amor por Inglaterra e do seu esforço para «abrir a suave e fina divisória que esconde os seus filhos já idos daqueles que estão na sua terra fértil e adorada». A acompanhar a carta vinham quase quatrocentas páginas de doggerel patriótico supostamente da sua autoria, cujo primeiro verso do primeiro poema — «Peace After War» — provavelmente já é mais do que a maioria dos estudiosos renascentistas conseguirá suportar:

Quando as guerras terminarem e a paz chegar, e a um mundo ferido já não dilacerado Por obuses ou dúvidas ou medos, chega o doce repouso, recém-nascido, Para consolar corações e fazer os homens ver quão traiçoeira foi a sua cobiça ansiosa, Oh que Mundo em que viver, onde cada homem partilha a necessidade do irmão!

Embora aqui, e noutras alegadas comunicações espirituais, a ideia de que a guerra seria banida pelo amor e pela fraternidade esclarecida tendesse a ser mais forte no afeto do que em propostas detalhadas, estes sentimentos eram exatamente os de muitos homens e mulheres comuns que tinham vivido a guerra. Eram certamente os do soldado Henry Duncan que, na altura em que Sarah Shatford transcrevia as vozes na sua cabeça, já era

veterano de um mundo dilacerado por obuses, dúvidas e medos, e ansiava por uma vida melhor.

A nova vida de Henry Duncan fora primeiro procurada na guerra. Cresceu em Dundee onde, em 1914, com dezasseis anos e meio, abandonou um aprendizado e dirigiu-se ao depósito de recrutamento do 4.º Batalhão do Black Watch. Mentindo a um sargento, recebeu o tam-o'-shanter e o kilt e foi enviado para dez semanas de treino básico com muitos outros homens de Dundee — tantos, na verdade, que chamavam ao 4.º Batalhão «uma cidade em guerra».

Com eles levaram os piolhos e os peitos encovados, mas deixaram para trás os prédios de apartamentos, fábricas e teares. A maior parte sentia que nada tinha a perder. O pai de Henry, perfurador de ferro nos estaleiros, também se alistou. Presbiteriano com inclinações espiritualistas, casara em 1895 com Annie Mearns, católica de Arbroath que em rapariga trabalhara a esventrar arenques. Criaram cinco filhos num apartamento exíguo de um prédio onde os espíritos dos mortos nunca estavam longe. Mesmo para os padrões da época, o edifício estava impregnado de uma melancolia que despertava impulsos violentos no pai Henry.

Um dia, o pequeno Henry, que tinha um pesadelo recorrente com um homem ameaçador no seu quarto, sentiu cheiro a gás e saiu para o patamar para investigar. Aí viu uma mulher spectral que não reconheceu, mas que, segundo o senhorio, era a esposa de um valentão que se suicidara com gás; o marido fora encontrado enforcado. Os Duncan mudaram-se para outra casa onde encontraram tragédia própria. Com oito anos, o irmão de Henry desapareceu e a polícia, que investigou o rumor de que fora raptado por ciganos, não descobriu nada.

Contrariando os ditames da sua igreja e com os mesmos sentimentos ambivalentes que viriam a atormentar o Kipling na guerra que se aproximava, a Annie Duncan consultou uma médium que viu água e navios e previu corretamente que a notícia chegaria dentro de três semanas. Exatamente a tempo, um navio em reparação no Victoria Dock levantou âncora e revelou um rapaz afogado entre o casco e o cais. Ao saber do sucedido, um homem de Fife enviou a Annie um dos seus poemas que começava com o dístico:

Há apenas um véu fino que quase conseguimos ver através,
E alguém que amamos aparece debilmente à vista.

Originalmente escrito para a rainha Alexandra por ocasião da morte de Eduardo VII em 1910, trouxe-lhe algum conforto. Mas em 1914 a memória da perda voltou vivamente com o medo de que estivesse prestes a perder outro filho e o marido.

Na guerra, o Black Watch honrou a sua reputação de ferocidade e resistência, chegando a servir sete semanas seguidas na linha sem relevo. Como todos os homens na frente, Henry confrontava-se com cenas com que lidava como podia mas com pouca compreensão real. Uma vez, a explosão de um obus arrancou o uniforme a um amigo que estava ao lado, deixando-o nu no momento da morte.

O esgotamento trazia o sono, que o desconforto e o sofrimento teriam impedido, e com ele a fuga para a realidade selvagem dos sonhos, recordando o ditame de Sir Thomas Smith de que «chamamos ao sono uma morte, e no entanto é o estado de vigília que nos mata e destrói esses espíritos que são a casa da vida». Nas trincheiras, muitos viram a sua fé em Deus posta à prova, consciência que talvez tenha inspirado a missão da National Bible Society of Scotland de fornecer a cada soldado escocês um Novo Testamento de «serviço ativo» por três pence.

Noutros, porém, a crença religiosa floresceu como reação primordial ao perigo e à desordem. Até os ateus se descobriam a observar superstições e a repetir rumores de ocorrências sobrenaturais que, entre homens confrontados com a mortalidade, adquiriam uma circulação e solidez raramente experimentadas na vida civil. Mascotes e talismãs da sorte eram universais, tal como as histórias de relógios, maços de cigarros e bíblias de bolso que paravam balas — estas últimas ganhando o maior significado mágico, sobretudo as distribuídas pela NBSS.

Histórias ouvidas ou lidas retroalimentavam a experiência. Todos conheciam os «Anjos de Mons», os arqueiros espectrais de Azincourt que socorreram a Força Expedicionária Britânica em 1914; mas o escritor popular que os inventou era realmente uma voz solitária entre os soldados que afirmavam ter presenciado o milagre. A verdade moral da ficção era inabalável.

Os soldados também encontravam os fantasmas dos mortos mais recentes, aqueles cujos corpos mutilados jaziam por todo o lado, reexpostos pelos bombardeamentos ou quando a chuva dissolvia as paredes das trincheiras nas quais tinham sido incorporados. Era inevitável que o

Espiritualismo florescesse ali, pois, como raciocinava um oficial de artilharia na *Occult Review* em 1918, «num mundo de Morte seria de esperar penetrar o véu quando ele está constantemente diante de nós!». A maioria dos soldados ouvira falar de Raymond. Best-seller em casa, era lido avidamente na frente e muitos pacotes de meias, compota e cigarros devem ter contido um exemplar, para grande consternação dos capelães ortodoxos.

No fim do primeiro ano, a Methuen & Co. já publicara seis edições, o dobro até 1919. Não era, porém, a única obra espiritualista a abordar as esperanças e medos do soldado de infantaria. *Letters from a Living Dead Man*, da médium Elsa Barker, publicado pela primeira vez em 1914, entrou em sucessivas edições e ainda estava impresso em 1932. Publicou também um volume de cartas de guerra em 1916, ano em que *The Men Who Died in Battle*, de J. P. Smyth, explorava o mesmo território espiritual de Raymond.

Nos anos 1918-19, o reverendo Frederick Bligh Bond, arquiteto eclesiástico, publicou várias comunicações espirituais (incluindo a visão de campos de papoilas de 1909), que tocaram profundamente uma nação que cambaleava sob o seu peso emocional. Quase como se o fogo tivesse querido apagar todo o rasto da Henry Duncan, um bombardeamento alemão em 1940 destruiu sessenta por cento dos registos militares comuns dos soldados da Primeira Guerra Mundial e danificou tão gravemente o restante que a maioria se tornou inutilizável nos dias de hoje.

É razoável supor que a guerra de Henry terminou em 1915, ano em que tantos homens do 4.º Batalhão (Cidade de Dundee) morreram que este foi fundido com o 5.º. A doença grassava entre soldados mal alimentados e constantemente expostos às intempéries. O romancista Eric Linklater — que, tal como Henry, mentiu sobre os seus dezasseis anos e meio para se alistar no 4/5.º *Black Watch* — recordava uma chuvada tão forte que marcharam de nádegas descobertas, usando os kilts como capas.

Nessas condições, as articulações de Henry incharam e doíam até que, após um período de combate intenso, desmaiou e caiu em coma. A última coisa de que se lembrava era da sensação de leveza e de ser erguido por mãos invisíveis. Recuperou a consciência cerca de uma semana depois, num hospital de campanha ao lado de um homem sem pernas, e um médico informou-o de que a febre reumática lhe danificara uma válvula do coração e que regressaria a Blighty. Se devido à febre ou às injeções de morfina

administradas generosamente, nas horas seguintes entrou e saiu do delírio, vendo com uma clareza maravilhosa o rosto redondo e sorridente de uma rapariga de cabelos escuros, cujos olhos castanho-escuros o tranquilizavam e o conduziam para mais perto de casa. Entretanto, em Dundee, o sonho mais recente da Nellie MacFarlane mostrava-lhe o soldado doente mas em segurança num hospital. Helen e Henry, almas gémeas eternas, tinham-se enfim encontrado.

Enviado para casa, Henry foi internado no Hospital Militar de Craigleith, em Edimburgo, e, após um período de convalescença, passou a poder viajar para Dundee aos fins de semana. Numa tarde chegou a casa da mãe e encontrou a mesa posta para o chá; disseram-lhe que a irmã Jean convidara uma amiga. Naturalmente, a Annie Duncan achou estranho nunca ter visto essa Nellie de quem a filha tanto gostava e aguardava com curiosidade o encontro. Mas não tanto como Henry, que percebeu imediatamente que seria a rapariga que lhe escrevera.

Diz-se que a Helen e o Henry se limitaram a olhar um para o outro quando foram apresentados, reconhecendo-se dos sonhos e ele intuindo de imediato que ela era uma médium natural. Não se sabe exatamente quando descobriu que ela também era mãe, exceto que a herança do filho de outro homem parece ter-lhe causado poucos escrúpulos; embora um cínico pudesse pensar que um homem na sua situação, debilitado pela doença e sem ofício, não se podia dar ao luxo de escolher.

A existência da pequena Isabella provavelmente explica por que razão Helen se mantivera escondida. Ao acompanhá-la a casa depois do chá, Henry perguntou-lhe por que nunca tinha ido lá antes, ao que ela respondeu que passara nove meses num sanatório com uma mancha no pulmão, acrescentando que ela e Jean já quase não se viam, sobretudo agora que o hospital estava cheio com a epidemia de gripe.

A filha deles, a Gena, deu mais importância a esta troca de palavras do que ela mereceria se fosse totalmente verdadeira (a epidemia de gripe só ocorreu em 1918). Não que isso seja importante, porém, comparado com o momento em que o Henry perguntou se ela sabia o que era uma clarividente, ao que ela perguntou, com genuína preocupação, se era isso que os médicos tinham dito que ele tinha. E com essa frase, sem querer, lançou a piada preferida da família durante anos.

Quando o Henry finalmente lhe pediu a mão em casamento, a resposta da Helen, segundo as convenções normais de namoro, foi mais estranha do

que engraçada. Em vez de um simples «sim», a Gena regista que ela disse: «Tenho a certeza de que já está combinado no céu que nós os dois estaremos sempre juntos.» Mas o Henry também acreditava nisso e o noivado ficou selado. Quando foi desmobilizado e tirou o kilt que vestira durante tanto tempo, a Helen descobriu que estava infestado nas pregas finas e queimou-o, encerrando simbolicamente também a guerra dele, por mais persistentes que os fantasmas se revelassem. A Helen mudou-se para Edimburgo, onde o Henry ainda recebia tratamento, e arranjou emprego numa padaria; o Henry, por seu lado, fazia o que podia, trabalhando como operário eventual aqui e ali.

Com dois soldados dos Royal Scots como testemunhas, casaram-se a 27 de maio de 1916 no Registo Civil da Bank Street (certificado sob autorização do xerife como casamento «irregular») e deixaram o alojamento temporário em Easter Road para um pequeno apartamento alugado em Forrest Road.

A vida conjugal inicial caracterizou-se por uma penúria monótona pontuada por tragédia. No primeiro inverno de casados, Helen contraiu pneumonia e esteve à beira da morte; o Henry segurou-lhe a mão à cabeceira até ela sair do coma. Sem o ordenado dela, tinham apenas a magra pensão militar do Henry e, assim que a Helen se pôs de pé, foram obrigados a regressar a Dundee, onde o esperava uma oferta de aprendizagem como marceneiro. Empreendedor mas debilitado, o Henry acabou por tentar montar um pequeno negócio numa lojazita com oficina nos fundos, mas o progresso foi lento devido a crises de doença e perturbação mental — herança das trincheiras — agravadas pela ansiedade do fracasso comercial, que pairava sobre ele como uma nuvem.

Acamado, devorava os livros que a Helen lhe trazia da biblioteca pública, quase todos dedicados à investigação psíquica e ao Espiritualismo, desde os sensacionalistas e sentimentais até aos sérios e eruditos. Nessa altura já havia também inúmeros livros baratos baseados no modelo de autoaperfeiçoamento doméstico, dos quais *How to Develop Mediumship*, de E. W. e M. H. Wallis, era bastante representativo.

Henry Duncan é recordado como um homem cheio de amor, amor que expressava à mulher de forma muito física apesar de tão frágil. Helen deu à luz oito filhos no total — acima da média escocesa, mas nada invulgar na sua classe —, dos quais apenas seis sobreviveram à infância. O desgaste no corpo dela foi enorme devido à sua própria saúde precária. A obesidade,

em parte causada por edemas, estava ligada a hipertensão; mais tarde sofreu de pleurite, problemas abdominais que exigiram cirurgia, uma doença renal crónica que provocava albuminúria — eliminação anormal de proteínas na urina — e, a partir do início dos anos 1940, diabetes. Pré-eclâmpsia causou convulsões durante o parto, danificando os membros das filhas Henrietta (Etta) e Gena; a Etta viveu pouco mais de um ano antes de sucumbir a pneumonia. Em janeiro de 1923, o nascimento de um rapaz de quase cinco quilos trouxe alegria especial; a Helen, então com vinte e cinco anos, chamou-lhe «o meu Henry», mas todos os outros o conheciam por Harry.

Logo se lhe juntou Peter, nascido prematuro e com apenas um quilo e meio, criado numa caixa de cartão e alimentado com um conta-gotas. A morte do último filho, Alex (de pneumonia que atribuíram a um baby-suit húmido), deixou os pais num estado de dor automática; foi a Nan, a primeira filha do casamento, quem tomou conta dos irmãos. A Nan era uma rapariga doente — tal como o pai, sofrera febre reumática que lhe danificara o coração —, mas assumia sempre a responsabilidade antes da irmã mais velha, a distante e desajeitada Isabella (ou Bella, como era conhecida).

Ao crescer, o ressentimento de Bella pelo segredo da identidade do verdadeiro pai agravou-se com a raiva por uma tragédia que lhe aconteceu enquanto Helen estava no hospital a dar à luz Lilian, quatro semanas após a morte da Etta. Bella fora passar uns dias com amigos que viviam numa caravana no campo e, deixada sem vigilância, foi atacada por um furão que lhe destruiu um olho e parte do nariz. Profundamente abalada por isso, a Helen era, contudo, severa com a Bella, tão avara de elogios para ela como para todos os seus «bairns», a quem incutia gratidão pelo pouco que tinham. O lema da família continuava a ser «Deus é bom para nós», refletindo a crença de que o cuidado divino os preservaria da fome.

Mas os tempos eram difíceis. O negócio de Henry fracassava devido a uma combinação de crédito demasiado generoso, clientes que não vinham buscar os móveis encomendados (que tinham de ser vendidos com prejuízo) e baixa produtividade geral por causa da doença. O Henry sofreu um esgotamento nervoso e, um dia, atingido por uma premonição, a Helen encontrou-o desmaiado sobre o banco de trabalho com um ataque cardíaco.

Grávida da Lilian, tentara apressar as encomendas enchendo estofos na oficina, com os bebés aos pés, mas com o Henry novamente internado a

falência tornou-se inevitável. A Helen arranhou trabalho nos campos de branqueamento, aceitou lavar e remendar roupa em casa, vendeu o recheio da loja para pagar aos credores e mudou a família para um apartamento mais pequeno. Num combate constante para manter corpo e alma juntos, Helen era a última a deitar-se e a primeira a levantar-se. Os campos de branqueamento eram um ambiente cruel onde suportava dores nas costas cada vez piores e os macacões congelavam-lhe colados ao corpo. O trabalho doméstico, ocupação que os recenseadores ignoravam, era quase tão exigente. Um dia, ao tirar roupa da caldeira, a Helen desmaiou e foi internada com paralisia renal. Quando o Henry recuperou algumas forças, conseguiu emprego como carteiro, mas, calcorreando ruas no inverno rigoroso, foi novamente vítima de febre reumática.

E assim se tornou o que em Dundee chamavam um «kettle-boiler» — um homem que ficava em casa enquanto a mulher trabalhava, embora parecesse que Henry estava muitas vezes doente demais até para ferver uma chaleira. Numa ocasião, já de pé mas desempregado, levou Harry a ouvir uma senhora impecável da classe média dar uma palestra edificante sobre como os desempregados podiam fazer sopa com a cabeça de um bacalhau. No fim, um homem gordo que presidia perguntou à assistência malvestida se havia perguntas. «Sim», gritou uma velha perto dos Duncan, «esqueça lá a cabeça, quem é que come o corpo?»

As coisas tornaram-se cada vez mais desesperadas e a família passou a subsistir de papas de aveia, caldo de legumes cozido com ossos, «stovies» (carne enlatada ou salsichas guisadas com batatas e cebolas) e o que chamavam «mealey pudding» — aveia, pedaços de toucinho e cebolas servidos com nabo ou couve-nabo.

As crianças, que disputavam as ervilhas do caldo, ficavam em casa aos sábados enquanto a roupa secava, para estarem prontas para a igreja e a escola dominical no dia seguinte. A maior parte das mulheres da zona de Helen criava famílias em vários graus de pobreza e desenvolveu estratégias robustas de cooperação e coletivismo para sobreviver às vicissitudes da sorte: tomavam conta dos filhos umas das outras, partilhavam roupa usada e doavam comida, sobretudo em batizados, casamentos e funerais, que de outro modo teriam sido impossíveis.

Chegavam mesmo a ajudar-se mutuamente no pagamento da renda. Após o ataque cardíaco de Henry, os Duncan mudaram-se e encontraram uma amiga na nova vizinha, a senhora MacLain, que trouxe flores e

começou a velar por eles. O Natal foi previsivelmente de escassez: Henry, ainda doente na cama, fez a Harry um moinho de vento com hélices de papel colorido, enquanto Helen desfazia a lã de um velho casaco para tricotar meias. A tia Mac, como a senhora MacLain passou a ser conhecida, encheu meias com bonecas de trapos e rebuçados (e um urso para Harry). Já sobrecarregados, na manhã de Natal Henry e Helen abriram uma caixinha dos MacLain e encontraram uma nota de dez xelins para comprarem algo para si próprios.

Nem todos eram assim tão bondosos. Mais tarde, Harry lembrava-se de que alguns vizinhos consideravam os Duncan «malucos», e não apenas pelas pretensões de Helen à segunda vista ou porque Henry, o kettle-boiler, passava os dias na cama a ler literatura paranormal. Poucos dos que a conheceram se lembravam da Helen como rata de biblioteca, embora gostasse que Henry lhe lesse em voz alta; os favoritos eram o pior poeta da Escócia, William McGonagall, e MecNib do *Edinburgh Evening News*; e à hora de dormir nunca faltavam resumos de relatos de fenómenos espirituais.

Por iniciativa de Henry, Helen já desenvolvia a sua mediunidade dando leituras clarividentes em casa e começou a sentir os mortos não chamados aproximarem-se dela. Uma noite os Duncan ouviram um «assobio estranho» como o de uma banshee. Helen tentou negar, dizendo que era um falcão; mas ambos sabiam a verdade. Às três da manhã Henry percebeu subitamente que o pai estava a morrer e saltou da cama; mas nessa mesma manhã, antes que pudesse chegar ao hospital em Leith, o espírito do Henry Duncan sénior materializou-se diante dos olhos de Helen, dizendo-lhe que já era tarde. A hora da morte foi confirmada pouco depois das três.

Essas experiências sobrenaturais partilhava-as ela com os vizinhos. Na primeira visita da tia Mac, Helen viu o espírito do filho dela, David, morto de difteria um ano antes; ele pediu à «mamã Duncan» que tranquilizasse a mãe quanto à filha que estava então doente. A tia Mac ficou radiante.

Pouca dúvida pode haver de que nessa fase Helen já era uma espécie de espiritista, embora, atendendo ao ícone em que se tornaria, tenha demorado inexplicavelmente muito tempo a abraçar o Espiritualismo enquanto tal. Foi o pai de Henry quem primeiro lhe apontou que a segunda vista das Terras Altas e o contacto com os mortos eram «a mesma coisa». E foi o suficiente. «Entrei num vislumbre da verdade», disse a Helen, «e a

partir desse dia deixei de ser cético em relação ao Espiritualismo.» Mas talvez o verdadeiro ponto de viragem tivesse sido o coma da pneumonia. Ao recuperar a consciência, descreveu a Henry uma visão com características dos estados hipnóticos das religiões nativas — cores, luzes, túneis, paisagens áridas.

Um homem de vestes brancas e fluidas levou-a pela mão através de um rio até um paraíso e ali a deixou sozinha. Uma luz intensa precedeu o som de uma voz que chamava o seu nome, altura em que lhe mostraram um livro onde o registo da sua vida até então fora apagado. O guia semelhante a Cristo reapareceu e levou-a de volta através da água e, embora relutasse em regressar ao mundo cinzento e sujo, recebeu instruções para servir os outros. Pouco antes do regresso de Helen, viu o caixão da sogra (com a data na tampa); nunca se tinham dado bem, talvez por causa do filho ilegítimo da Helen.

O Henry, normalmente pronto a ver significado espiritual no mais trivial dos acontecimentos, descartou a previsão como mero sonho. Mas na noite antes da Annie Mearns Duncan morrer — uma diabética pobre de cinquenta e poucos anos, exausta de uma vida de trabalho incessante e maternidade —, a Helen e a Henry foram acordadas por uma aparição da mãe dela a bater na janela do quarto, com as linhas das cicatrizes de esfregadora de arenques claramente visíveis na palma.

Estas histórias constituíram parte importante do património familiar e espiritista acerca da mudança de rumo na vida da Helen Duncan e ajudam a explicar por que razão a sua fé quase nunca vacilou até à hora da morte. Tomando o livro de Gena e outros fragmentos documentais como guia, o registo do Henry desses anos deve ter-se assemelhado aos relatos edificantes escritos pelos recém-iluminados em tempos mais piedosos: homens e mulheres que, em vez de anotarem as experiências tal como aconteceram, moldavam narrativas genéricas de conversão religiosa que não eram totalmente verdadeiras nem totalmente falsas, mas que eram, ainda assim, poderosas como ficções — verdades morais — afinadas no registo mais alto da paixão.

Deixando de lado os detalhes precisos, podemos ter a certeza de que a hora de Helen estava iminente e, para citar a guerra que acabaria por ser a sua ruína, de que este era o fim do princípio. E ela também o sabia. Estava convencida da realidade dos espíritos, descobrira a sua capacidade de comunicar com eles e agora ardia com a missão que Deus lhe confiara, um

fogo alimentado pelo desejo de deixar o passado para trás. Não tardaria muito até que começasse a trazer os mortos de volta em forma física, e o seu marido, maravilhado e atônito, registasse efeitos visíveis de uma radiância espetacular.

3

EFEITOS RADIANTES

«O ALBERT» E O ESPETÁCULO DAS SESSÕES

Imaginem a cena. É 1958, uma divisão escura numa casa em Edimburgo, e duas raparigas de seis e doze anos dançam e fazem travessuras com os amigos da escola, enquanto a lareira de carvão projeta sombras longas nas paredes. A mãe está no teatro e tinha-lhes feito prometer que nada disso aconteceria. De repente, abre-se uma portinhola de serviço e por ela surge um braço gordo e desencarnado envolto numa aura luminosa, com um dedo acusador apontado aos culpados.

A mais nova pega num atizador da lareira e tenta em vão atingi-lo; os outros correm para a cozinha e não encontram ninguém. O braço desaparece. Quando a mãe chega a casa, repreende imediatamente as filhas, pois no teatro o espírito da própria mãe a avisara da traquinice. Mas a mais velha, Sheila, já sabia que fora a avó a intervir por causa do relógio de pulso de ouro inconfundível, igual ao que herdara e que agora a mãe, Gena, usava. Se tivesse visto o verso do relógio espectral, decerto também lá estaria gravado: «Helen Duncan — Double Chance».

Em 1925, quando a carreira de Helen como médium ainda engatinhava, ela partilhara a visão espiritual de um ovo com duas gemas com um conhecido de Henry, um alfaiate de cavalheiro que iria à falência se não invertesse as finanças. Apostando tudo na profecia de Helen, colocou o que lhe restava num cavalo chamado Double Chance que corria o Grand National. Ganhou. O relógio foi a primeira, mas de modo algum a última, prenda de gratidão. Henry recebeu um impermeável «Swallow», o melhor da época.

Se Helen era movida pelo desejo de amar e velar pelos outros (mesmo depois da morte), o Henry era motivado mais por uma curiosidade intelectual abstrata e talvez pelo desejo de se libertar da armadilha da pobreza. Um relógio de ouro e um bom impermeável devem tê-lo feito pensar; talvez até se arrependesse de não ter apostado ele próprio no

Double Chance. Fosse qual fosse o estímulo, o objetivo era desenvolver ao máximo a mediunidade da mulher, e para isso devorou e digeriu tudo o que conseguiu encontrar impresso sobre o tema. Em 1917, por exemplo, pelo preço de um banho público quente (classe baixa), podia encomendar-se um panfleto intitulado *Psychic Science and Barbaric Legislation* do Dr. Ellis T. Powell, advogado que mais tarde (já depois de morto) se tornaria presidente de um grupo espiritista chamado Society of Communion. Como «publicação de propaganda» n.º 20, foi editado pela Spiritualists' National Union, a principal associação inglesa fundada em 1891, e aparecera originalmente como artigo na *Light*, o semanário espiritista mais antigo e órgão de outra entidade proeminente, a London Spiritualist Alliance.

A LSA fora fundada em 1884 pelo reverendo de Oxford William Stainton Moses, cuja carreira mediúnica começara ainda na escola ao tirar o primeiro lugar num trabalho escrito a dormir.

O Dr. Powell exprimia a preocupação tanto da SNU como da LSA: as leis sobre bruxaria e vadiagem tornavam ilegal o Espiritualismo e a investigação psíquica («a mais jovem das ciências») — «um relato chocante de tropeções ignorantes» por parte de pessoas que «não se reconciliariam com a investigação psíquica mesmo que fosse demonstravelmente inspirada e guiada por um arcanjo ou pela terceira Pessoa da Trindade». No fim, um aviso em nome da SNU pedia donativos para angariar 3000 libras e promover alterações legais no Parlamento — uma soma avultada. Mas, como em toda a publicidade do género, o tom era otimista; era um grito de guerra, não um lamento.

O Henry Duncan precisava de ser encorajado. Um dos 26 000 reumáticos desmobilizados da guerra, recebia apenas oito xelins por semana mais um pequeno suplemento por cada filho. À medida que o mundo do pós-guerra acumulava decepções — casas a menos para os heróis —, ele encontrava esperança no que lia e, embora houvesse pouco dinheiro para livros, panfletos como o de Powell e o breve estudo de J. Arthur Findlay sobre o John Sloan, um embalador de armazém de Glasgow que era médium, estavam ao seu alcance. Periódicos também.

Em 1926 saiu na Escócia a primeira edição de *The Medium*, miscelânea de seis pence com artigos curtos, reflexões e citações, cujo editor de Dundee escreveu um tributo aos anjos e um perfil de Swedenborg, admitindo o efeito narcótico das obras do grande homem. Havia conselhos sobre como lidar com invejas entre médiuns em desenvolvimento, censura

à BBC por transmitir «teologia limitada por credos numa era que já ultrapassou credos» e notícias de como mineiros desempregados nos campos de carvão do sul do País de Gales estavam a descobrir os seus «dotes psíquicos latentes». Essas publicações, a maior parte das quais durou apenas alguns números, uniam os círculos domésticos, as pequenas igrejas e as sociedades registadas numa cultura espiritista comum, estabelecendo a identidade de uma minoria desafiadora e alargando um mundo de conhecimento e oportunidade.

Ainda antes de deixarem Edimburgo, o Henry Duncan já se familiarizava com diferentes tipos de mediunidade. Uma noite, lendo na cama, descreveu a Helen como a alma se pode desprender do corpo vivo para viajar grandes distâncias. Quando ela olhou novamente para ele, o Henry estava muito quieto com o livro tapando-lhe o rosto e a pele fria ao toque. Em pânico, temendo outro ataque cardíaco, a Helen sacudiu-o e ia chamar o médico quando de repente ele recuperou o controlo, sentou-se e acalmou-a com a simples explicação: acabava de visitar a irmã Jean a sessenta e quatro milhas de distância, em Arbroath, facto que Jean mais tarde confirmou com agrado.

Entre a saída de Edimburgo e a fixação definitiva em Dundee, os Duncan viveram temporariamente em Arbroath e foi aí que deram os primeiros passos no desenvolvimento da mediunidade de Helen. Os espiritistas de hoje dir-vos-ão que todos temos poder psíquico, mas que, como qualquer ofício, precisa de ser cultivado com empenho sério e paciente num ambiente de amor e harmonia.

A Helen começou com experiências de psicometria — adivinhar informações a partir das vibrações inerentes a objetos inanimados —, primeiro bijutarias que Henry lhe comprava e cujo preço ela acertava; depois passou a objetos pessoais, geralmente anéis, relógios, alfinetes de peito, cigarreiras e canivetes. Descobriu que conseguia sentir o conteúdo de cartas seladas passando o envelope pela cabeça e ao longo da coluna. Aprendeu a ler as auras luminosas que rodeiam os corpos e compreendeu os cordões dourados que ligam as pessoas, indicando que eram parentes de sangue. Revelou verdadeiro potencial.

Encorajada pelo sucesso, Helen avançou para a etapa seguinte do seu aprendizado, enquanto Henry, de cachimbo na boca, discutia assuntos com o amigo Jim Murray — conversas que tendiam a excluir a Helen — e tomava notas para a posteridade. Mas Helen depressa percebeu que

precisava de mais orientação do que o próprio marido lhe podia dar. Diz-se que, durante uma discussão entre o Henry e o Jim, a Helen, aborrecida, caiu em transe — sensação que descrevia como subir pelo ar, não como desmaiar — e começou a falar com a voz grave de um «Dr. Williams», guia espiritual cujo nome se formou no fumo de uma vela apagada. Como em muitas experiências espiritistas, o diálogo que se seguiu misturou o profundo com o banal, o sublime com o ridículo.

O guia anunciou que trabalho importante a esperava, o que exigiria alterações no corpo da médium e, antes que a voz se esvaísse dos lábios de Helen, para mostrar que falava a sério, materializou um alfinete de gravata distintamente dobrado que pertencia o Jim Murray (e que este recentemente pisara no quarto). No entanto, era precisamente a trivialidade dessas coisas que dava ao Espiritualismo a sua afinidade com os sinais e presságios do milenarismo cristão, e de bolotas de experiência como estas cresceriam carvalhos de revelação. Em todo o caso, a Helen conquistara a atenção dos homens, que agora concordaram que estava na hora de começar um círculo doméstico.

A ideia de um círculo para o desenvolvimento da mediunidade vinha-se cristalizando na mente de Henry desde a morte do pai. Pai e filho tinham acordado um pacto de morte ao estilo medieval, ou seja, quem morresse primeiro tentaria contactar o outro, e na noite em que morreu, depois do uivo ominoso da banshee, Henry Júnior ouvira o característico duplo toque do pai à porta e decidira que aquele seria um bom meio de comunicação entre eles.

Tal como os metodistas conheciam a fundo as viagens apostólicas de John Wesley, e os mórmons a história de Joseph Smith a receber o evangelho perdido do anjo Néfi, Henry conhecia a história dos pancadas de Hydesville e a febre subsequente pelo virar de mesas. À semelhança das irmãs Fox, o círculo de Dundee — o Henry, a Helen, o Jim Murray e o irmão deste, Frank — deu um salto de fé e foi recompensado com pancadas na mesa, que interpretaram segundo um código da sua própria invenção.

Com o tempo, vários amigos juntaram-se ao círculo, entre eles a tia Mac, que descobrira os seus próprios poderes psíquicos depois da Helen lhe ter revelado a presença do filho morto. As sessões realizavam-se todas as quintas-feiras, interrompidas apenas pelos internamentos do Henry e pelos períodos em que os rins da Helen estavam maus e a tia Mac cuidava das crianças e a tratava, levando-lhe flores e tentando convencê-la a comer.

Essas crises domésticas lembravam a Helen e a Henry a fragilidade da sua existência e, tal como as mortes prematuras da Etta e do Alex, incentivavam-nos a procurar consolo e significado em Deus — e no espírito guia do Dr. Williams.

Na história do Espiritualismo os guias espirituais — ou «controles», como por vezes são conhecidos — ilustram a necessidade humana de liderar e ser liderado simultaneamente, pois atuam como servo e mestre ao mesmo tempo, ambiguidade que atraía os jovens ressentidos com os mais velhos e superiores, mas de quem dependiam e a quem tinham de obedecer.

Ao mesmo tempo que era obrigado a usar a caixa vocal de Helen para falar, o Dr. Williams tomara-a efetivamente como aluna e, talvez, como o incidente na portinhola de serviço sugere, como herdeira espiritual destinada a exercer autoridade na vida seguinte — sinal de grande honra para uma mulher ostracizada pela família e desvalorizada pela sociedade. Mesmo os médiuns prodigiosos, por mais rápido que fosse o seu desenvolvimento, normalmente só progrediam até certo ponto.

Os feitos da Helen, pelo contrário, pareciam não conhecer limites, confirmando na sua própria mente aquilo que a excursão moribunda ao plano espiritual lhe ensinara: que, tal como a Joana d’Arc recebera ordem dos santos a ordem de libertar Paris, ela era a escolhida. E tal como com Santa Joana, tratava-se de uma grandeza imposta a alguém de origem humilde, um verdadeiro propósito para uma mulher trabalhadora a quem de outro modo seria negado. Era poder.

Uma das habilidades mais antigas e mais úteis em que Helen mostrava aptidão era a cura, especificamente a tendência para absorver os sintomas de qualquer pessoa doente. Como repercussão de ter sido mordida pelo furão, Bella desenvolveu um inchaço no rosto do qual Helen, à semelhança das suas antepassadas do século XVI, sugou o veneno para o próprio corpo através da oração e do toque, formando um abscesso dentário que a obrigou a extrair um dente mais tarde nesse mesmo dia.

Mesmo que a essa altura a Helen já aceitasse a realidade do Espiritualismo, parece que ainda considerava os seus poderes como naturais e não sobrenaturais; era um canal para energias psíquicas, não a criada dos mortos. Aos poucos, porém, isso mudou à medida que os espíritos se impunham com mais força e, como se veio a verificar, de maneira mais ameaçadora. Uma noite o Henry levou a Helen a uma igreja espiritualista para assistir a uma demonstração de clarividência. Ali ela viu

algo que ninguém mais viu — um macaco desajeitado a balançar uma corda com laço por cima da cabeça do médium — e entrou em histeria. Mais tarde tentou avisar a mulher do médium, mas esta desvalorizou o perigo, até que, de facto, o marido foi internado num manicómio, aparentemente a sofrer de esquizofrenia paranoide. Alguém — ou algo — disse ele, tentava matá-lo. Helen visitou o homem, impôs-lhe as mãos na cabeça e rezou.

Pouco depois, a Helen começou a ter uma dor de cabeça ofuscante que, conjecturou o Henry, só podia dever-se a ela ter assumido um espírito maligno. Agarrou na Bíblia da família e tentou um exorcismo a partir do sítio onde ela se abriu, as Epístolas de Paulo aos Coríntios: «Portanto, visto que temos este ministério, segundo a misericórdia que nos foi concedida, não desfalecemos; antes, rejeitamos as coisas que, por vergonha, se ocultam, não andando com astúcia, nem adulterando a palavra de Deus; mas, pela manifestação da verdade, recomendando-nos à consciência de todos os homens diante de Deus.»

De imediato a temperatura da divisão desceu em flecha e uma pausa, grávida de maldade, foi quebrada por algo invisível que se apoderou de Helen, fazendo jorrar sangue do seu nariz. Como um exorcista católico dos tempos em que o demónio ainda grassava na terra, segurando a Bíblia, Henry conseguiu gaguejar as palavras «O Senhor é o meu pastor, nada me faltará» e continuou o salmo até a presença malévola sair com um estrondo. Mais tarde descobriram que o início do sangramento nasal de Helen coincidia com o momento em que o médium enlouquecido pelo espírito-macaco mergulhara misericordiosamente na morte no manicómio.

A ideia de que este trabalho não devia ser levado a cabo de ânimo leve ou com irreverência deve ter-lhes pesado na consciência à medida que os espíritos se aproximavam cada vez mais das suas íntimas reuniões de quinta-feira à noite. Até então tinham comunicado através de pancadas ou, no caso do Dr. Williams, voz direta.

Mas à medida que a atmosfera da sala de sessão se tornava mais carregada, as vibrações elevadas pela convicção e concentração do círculo mais intensas, mãos ténues e evanescentes começaram a aparecer na escuridão crepitante e, logo, uma ou outra cara irreconhecível. O amor era a ponte, segundo o Sir Oliver Lodge, e era essa a emoção que a Helen tentava projetar para o vazio, dissolvendo o seu eu essencial até para além das fronteiras do universo. Mas era também uma ponte que convidava

viajantes malévolos a regressar. Numa sessão o círculo reuniu-se como habitualmente, de mãos dadas à volta de uma pequena mesa, com uma lâmpada a óleo no centro, quando Helen sentiu algo agarrar-lhe a perna. A princípio pensou que fosse brincadeira, mas ao olhar para baixo viu uma mão que terminava no pulso. Quando os outros também olharam, ficaram petrificados não só pela mão, mas por uma cabeça cortada que ria para eles. Como uma criança ameaçada pela noite, a Helen fechou os olhos mas encontrou a cara de beijos babados ainda lá quando os abriu. O pior, porém, estava para vir, pois a Helen ia ser visitada pelo espírito-macaco.

A afirmação do Matthew Hopkins, o infame caçador de bruxas dos anos 1640, de ter sido perseguido por um urso sem cabeça era apenas um exemplo, indiscutivelmente escandaloso, de uma antiga crença de que os espíritos malignos assumiam formas de animais. Testemunhas em Salem, em 1692, descreveram ter visto o diabo como um macaco com cara de homem, ilustrando a maneira como os símios, pela sua proximidade física connosco, sugeriam poderosamente uma humanidade rebaixada ou corrompida — associação que ganhou contornos ainda mais monstruosos no século XIX como símbolo do anti-darwinismo.

Já nos anos 1590 a história em folheto do Dr. Fausto contava como um criado, nomeado pelo scholar epónimo como aprendiz de feitiçaria, conjurou um macaco maligno que devastou a casa. As origens culturais do macaco da Helen Duncan, porém, são mais provavelmente as manifestações mencionadas pelo Robert Kirk um século depois como parte da crença das Terras Altas escocesas. Se esta era uma tradição que ressurgia do passado nas sessões de Dundee, foi mal compreendida, pois os macacos do Kirk não eram criaturas símias mas doppelgängers — replicantes espirituais que imitavam a aparência e o comportamento das pessoas reais, muitas vezes no papel de anjos da guarda. E aqui a velha ideia foi talvez duplamente mal compreendida, pois o macaco de Helen não oferecia qualquer proteção.

O Henry registou que mais cedo nesse dia a Helen se queixara de se sentir tensa e, coisa invulgar, pusera a bebé Gena no berço lá em cima antes da sessão começar. Podia tê-la cancelado; mas Henry, sempre ansioso por descobrir mais, desvalorizou o pressentimento dela e, de qualquer modo, ela nunca gostava de desiludir os participantes. Uma hora antes do início, a Helen, arfando suavemente, deixou o seu corpo pesado cair numa cadeira para reunir energia psíquica. Quando os visitantes começaram a chegar,

ajudou o Henry a preparar a sala, depois todos se sentaram à mesa e deram as mãos como de costume. Como já acontecera antes, a sala ficou estranhamente fria e depois, numa cena que lembrava as perturbações na casa dos Mackie em 1697, os móveis e outros objetos começaram a mexer-se, alguns atirados pelo ar. A máquina de costura Singer voou, os livros de Henry foram catapultados da estante, uma cama levitou, as cortinas foram arrancadas e a grelha de ferro foi arrancada da lareira.

Quando o pó dos tijolos assentou, ficaram sentados à espera, ouvindo o som de uma criatura que os espreitava e que, na penumbra, parecia metade homem, metade animal — alguma espécie de macaco, que passou uma mão fria, pegajosa e peluda pelo pescoço deles. «Meu Deus! O que é aquilo na minha cabeça? Quem me está a tocar?» gritaram dois homens presentes, provavelmente o Jim e o Frank Murray e, se assim foi, foram as suas últimas palavras antes de fugirem. Depois de o macaco se ter retirado e de a luz a gás ter sido novamente acesa, Henry viu o rosto pálido da sua querida Nell, o cabelo preto-de-corvo baço do pó, o único brilho os olhos aterrorizados e uma risca vermelho-vivo de sangue entre o nariz e os lábios.

O Henry consolou-a brevemente, arrumou um pouco a sala e, com excitação febril, começou a escrever o relato no seu diário, interrogando os irmãos Murray assim que eles ousaram regressar. Quando um deles disse que achava que havia espíritos malignos à solta, um cachimbo de briar voou do suporte na prateleira da lareira e acertou-lhe na cana do nariz.

Os sentimentos da Helen eram contraditórios. Se antes se perguntara que bem viria daquele trabalho, agora via o diabo em ação, as suas sensibilidades presbiterianas ortodoxas revoltando-se contra a ideia de que tais manifestações fossem apenas as almas dos mortos em diferentes estados de distinção ou degradação moral — escatologia católica tradicional, noutras palavras. Ao mesmo tempo, outra parte dela continuava convencida de que as pessoas que tinham conhecido e amado podiam comunicar do outro lado — crença reforçada pelas mensagens do pai do Henry e do irmão afogado.

Mas para prosseguirem precisavam de proteção e orientação. O Henry fez uma pequena cruz de madeira montada num plinto e passou-lhe uma demão de tinta luminosa, e o círculo resolveu que diria sempre uma oração ou leria da Bíblia antes de cada sessão, e cantaria um hino, o que também ajudava a elevar as vibrações. Na primeira reunião após a manifestação do macaco rezaram o Pai-Nosso e cantaram o salmo vinte e três, depois do

qual o Dr. Williams ofereceu tranquilidade e aconselhou-os a fazer um gabinete — não uma tarefa que exigisse as habilidades de carpintaria de Henry como ele a princípio imaginou, apenas uma cortina suspensa num canto da sala para criar um espaço privado onde o médium pudesse reunir força psíquica.

Em vez de velas o Dr. Williams recomendou uma lâmpada que irradiasse uma luz vermelha ténue, suficiente para os participantes verem os fenómenos, mas não tão forte que prejudicasse um médium em transe. Henry deitou a mão a uma velha lâmpada de petróleo de ferroviário, que cheirava mal mas satisfez o Dr. Williams. Para poupar esforço desnecessário a Helen, um novo guia, «Matthew Douglas», cavalheiro falecido de Kirkcaldy, aconselhou o círculo a investir num trompete, uma espécie de megafone, geralmente um cone estreito de lata com marcas luminosas.

O deles, construído com duas secções telescópicas, flutuava pela sala trazendo mensagens, e foi tão bem sucedido que adquiriram um segundo. Depois do Matthew Douglas veio o espírito do «Donald», uma inteligência controladora que todos acharam insuportavelmente obscena, especialmente Henry, que se queixou de que o homem que falava através da mulher era demasiado dominante, a gota de água tendo sido o flirt com uma das convidadas da tia Mac. No fim o Dr. Williams chamou o Donald de volta (por mexer no remédio para os rins de Helen) e substituiu-o pelo homem que a serviria pelas três décadas seguintes, permanecendo ao lado dela na escuridão da qual — vale a pena mencionar — Helen tinha medo.

Tal como o Dr. Williams previra, em 1926 os Duncan mudaram-se os cerca de vinte e cinco quilómetros de volta para Dundee, mais perto da maioria dos companheiros de círculo. Henry encontrou uma casa geminada em Ferry Road, perto de onde os pais tinham vivido, e embora a renda de 12 xelins e 6 pence por semana fosse mais do que podiam pagar, o fornecimento de eletricidade e o espaço extra para a família em crescimento tornaram-na irresistível.

Com trabalho e amor as sessões recomeçaram. Henry construiu uma caixa de madeira com uma lâmpada e uma tampa de vidro vermelho deslizante por cima da qual se podia colocar um pano para atenuar ainda mais a luz, o efeito era lançar um brilho baço para cima em vez de para fora, permitindo aos participantes distinguir formas se se concentrassem. O novo controlo era «Albert Stewart» — um espírito de dignidade e bom

senso a anos-luz do vergonhoso Donald, e perfeitamente capaz tanto de dirigir os trabalhos como de proteger os interesses da mulher a quem tratava sempre por «Sra. Duncan». Como muitos dos jovens da juventude da Helen, o Albert era um emigrante escocês na Austrália que fora aprendiz de modelador mas se afogara em 1913 com trinta e três anos. Dado a comentários crípticos, muitas vezes vagamente tranquilizadores como «Se o vosso amor for tão grande como vós próprios então eu gostaria de o ter», a sua voz era um híbrido peculiar: não apenas escocesa com sotaque australiano, mas o que os participantes mais frequentemente descreviam como sotaque de Oxford ou, já nos anos 1930, sotaque da BBC — pronúncia que a maior parte dos britânicos associava a autoridade e sabedoria.

Para uma mulher de York era «o homem que falava mais bonito que jamais conheci». Mas o Albert não estabelecia sozinho o tom, pois a sua reserva patricia seria com o tempo temperada pelo encanto travesso de uma pequena escocesa — Peggy Hazeldine — a quem ele estava a formar para guia espiritual e a quem permitia substituí-lo sempre que era chamado para negócios urgentes no mundo dos espíritos. A mãe da Peggy, Lena, assistiu a uma sessão e ficou convencida.

A partir deste ponto do seu desenvolvimento havia realmente apenas um caminho que a Helen pudesse seguir. A essa altura a clarividência e a clariaudiência eram para ela uma segunda natureza, testemunhas relatavam poderes notáveis de levitação e aportação (transporte de pequenos objetos para dentro da sala de sessão), e dizia-se que as suas percepções psicométricas eram infalíveis.

Nos anos anteriores, como vimos, tinha havido manifestações visíveis ocasionais, mas estas tendiam a ser ou ténues, silenciosas e sem significado, ou vívidas, violentas e incontrolláveis. Agora, porém, o Albert estava pronto a emprestar a sua paciência e experiência para ajudar Helen a alcançar aquilo que o Dr. Williams prometera ser o seu destino: a perfeição de uma habilidade que eclipsaria tudo o que até então conseguira. E como uma bruxa dos tempos das fogueiras — talvez Elspeth McEwen — uma mulher de outro modo impotente a quem os outros atribuíam poderes especiais, ela erguer-se-ia para corresponder às expectativas; ou como São Paulo renunciaria às coisas ocultas e manifestaria a verdade.

Em suma, juntar-se-ia à orgulhosa tradição de uma raça rara: os médiuns de materialização capazes de chamar os mortos do vasto abismo e,

em radiância, exibi-los perante aqueles que os tinham amado em vida e agora choravam a sua ausência.

No final dos anos 1870 uma série de sessões financiadas por um espiritualista de Manchester chamado Charles Blackburn realizaram-se na sede da British National Association of Spiritualists em Bloomsbury, antecessora da London Spiritualist Alliance. Um dos primeiros médiuns contratados foi o William Eglinton que, em rapaz, troçara do círculo caseiro do pai, pregando um aviso na porta da sala de sessão que dizia: «Há lunáticos aqui encerrados; serão brevemente soltos.» Uma década mais tarde, este relato escrito por H. W. Seton-Karr, visitante de uma das sessões Blackburn, sugere até que ponto as suas opiniões tinham mudado:

«Estavam presentes cerca de sessenta pessoas e a grande sala estava iluminada por três ou quatro bicos de gás, fazendo uma luz brilhante. Uma pequena cortina estava suspensa numa vara no canto mais afastado da porta, e os pés do Sr. Eglinton eram visíveis por baixo da borda inferior enquanto ele se sentava atrás, respirando pesadamente em transe.»

O Seton-Karr, sentado a cerca de um metro da cortina, ficou espantado com uma sequência de formas espirituais que pareciam formar-se dentro do gabinete. Quando a última delas, um homem negro alto com vestes brancas, agitou um biombo de lareira substancial por cima da cabeça para mostrar a sua força, destruiu acidentalmente o gabinete, expondo o médium inconsciente. «Enquanto olhava, recordou Seton-Karr, a figura dissolveu-se numa nuvem branca que lentamente entrou no corpo do Sr. Eglinton», depois do qual ele recuperou a consciência e cambaleou ao levantar-se.

O Western Morning News noticiou em 1876 que, se Eglinton era um prestidigitador, era dos melhores que jamais vistos, e certamente melhor que Maskelyne e Cook que, apresentando-se como «ilusionistas e antiespiritualistas», enchiam duas vezes por dia o Egyptian Hall em Piccadilly e desafiavam qualquer médium a realizar um feito que eles não conseguissem reproduzir. A maneira como estas sessões públicas faziam ponte entre o devocional e o entretenimento é perfeitamente encapsulada por uma rotina de escapologia realizada em Boston por um Sr. Fay e recordada em 1911 por Sir Hiram Maxim, pioneiro da metralhadora moderna. Em noites sucessivas, espiritualistas que tomavam o número de Fay como a mais maravilhosa prova de poder espiritual temiam que ele explicasse o truque — como repetidamente prometera fazer — mas quando

finalmente o fez ficaram jubilosos. O segredo do velho profissional? Revelou que recorria aos «espíritos dos defuntos».

Outra das pontes do Espiritualismo estendia-se entre a Igreja de Inglaterra e as pessoas para quem esta estava a perder relevância. Formalmente, a Igreja tinha de adotar uma postura hostil, mas ao nível de base mostrava muito mais interesse pela maneira como as crenças espiritualistas reativavam e sustentavam a fé cristã. O Rev. Stainton Moses, tornando-se ele próprio médium, foi o epítome desta tendência. Para muitos o maior problema não era provar o Espiritualismo, mas distinguir a mediunidade genuína da fraude.

Thomas Colley, clérigo anglicano que serviu a Igreja durante mais de trinta anos (tornando-se arcediogo) e nunca escondeu as suas inclinações espiritualistas, acreditava apaixonadamente que um antigo pastor batista chamado Francis Ward Monck era um médium capaz de manifestar espíritos a partir de um vapor fibroso branco que jorrava do seu flanco como vapor de uma chaleira. Quando o Monck foi preso em 1876 ao abrigo da Lei da Vadiagem, Colley correu em sua defesa, apesar de terem sido descobertos «aparelhos de prestidigitação» no seu quarto. O Eglinton, pelo contrário, não passou no crivo do Colley que uma vez, na escuridão, se aproximou de uma das suas formas espirituais e cortou pano e pelos faciais, que depois se verificou corresponderem a musselina e uma barba postiça escondidas na mala de Eglinton.

Em alguns meios a água fria lançada pelos académicos sobre as alegações dos médiuns de materialização teve menos influência que o apoio académico que tais alegações receberam. «Um ser vivo, ou matéria viva, formada diante dos nossos olhos... é certamente o cúmulo das maravilhas!» declarou o Dr. Charles Richet, professor de Fisiologia na Faculdade de Medicina de Paris. «Contudo, é um facto!» Richet, que nas suas especulações citava Einstein sobre a possibilidade de energia mecânica ser projetada de modo semelhante à luz, convenceu-se da realidade da materialização em 1905 na casa de um general francês em Argel. Depois do filho do general Noël, Maurice, morrer ao serviço no Congo, a Sra. Noël descobrira que a noiva dele, Marthe Béraud, filha de um oficial, possuía dons mediúnicos notáveis.

Especificamente, era capaz de materializar espíritos, o mais famoso dos quais o seu guia «Bien Boa», um brâmane do século XVI de maneiras impecáveis. O professor Richet aplicou testes rigorosos na Villa Carmen

mas continuou certo quanto ao que viu (durante o qual Marthe estava sempre visível, sobretudo por causa do estatuto social dos participantes. Tirou fotografias notáveis. A alegação de um ex-criado de ter sido obrigado a fazer de Bien Boa, Richet atribuiu-a à mendacidade árabe, e mesmo os relatos da confissão de Marthe atribuiu-os ao sensacionalismo da imprensa e à reconhecida instabilidade mental dos médiuns.

As suas fotografias permitem-nos tirar as nossas próprias conclusões. A dura verdade é que é difícil ver Bien Boa como outra coisa que não um homem envolto num lençol usando um capacete prateado e uma barba farta colada na cara. Parece-se menos com um sábio indiano que com o Kaiser Guilherme II numa camisa de dormir branca rendada (traje ao qual, cumpre dizê-lo, o imperador alemão não era totalmente avesso).

Em 1923 Richet publicou um livro traduzido como Trinta Anos de Investigação Psíquica, que dedicou a Frederick Myers e ao recentemente falecido físico Sir William Crookes OM, descobridor do elemento tálio, inventor do radiómetro e pioneiro da iluminação elétrica. Crookes era também um investigador psíquico comprometido cujo espírito aberto levou a uma curiosa relação com uma atraente médium adolescente de Hackney chamada Florence Cook cujas materializações de forma completa estavam a causar sensação nos círculos espiritualistas.

O seu guia espiritual (e sócia), «Katie King», era igualmente objeto das atenções de Crookes e, embora ele se esforçasse por identificar diferenças entre as duas raparigas (só uma mordia as unhas, dizia), as fotografias levam a supor que eram a mesma pessoa. Deste facto Sir George Sitwell — que raramente correspondia ao nome nas sessões — estava bem certo quando em 1880 se levantou de um salto e agarrou «Katie», descobrindo que segurava a Florence cujas roupas jaziam numa pilha dentro do gabinete. É fácil deixar que estas travessuras ofusquem a estatura de homens como Richet e Crookes nas suas atividades académicas convencionais; os colegas de Crookes na Royal Society certamente o fizeram, embora em 1913 ainda o elegessem presidente, o mesmo ano em que Richet recebeu o prémio Nobel da medicina.

Podem identificar-se campos distintos de opinião, mas para compreender a vida da Helen Duncan, sobretudo a maneira como era vista pelos outros, é preciso também apreciar as nuances subtis que se formaram uma geração antes do seu nascimento. O Sidgwick era livre-pensador mas cauteloso, o Myers praticamente temerariamente crédulo. O Richet

acreditava implicitamente na materialização mas não que isso provasse a sobrevivência humana; e embora achasse alguns casos intrigantes (entre eles o de Raymond Lodge) preferia pensar que seres de inteligência superior eram a causa. Crookes, que tanto admirava Florence Cook, inicialmente lutou para aceitar o mais famoso médium físico da era vitoriana, Daniel Dunglas Home, mas apenas por causa das implicações revolucionárias que este tinha para a física newtoniana.

As origens de Home podem soar familiares. Nascido nas Terras Altas escocesas em 1833, era uma criança nervosa que herdara o dom da segunda vista e teve visões, uma delas predizendo com exatidão a morte da mãe. Levado para a América, em 1850 atraiu pancadas à casa da tia e esta, ciente dos acontecimentos de Hydesville NY, mandou fazer exorcismos, depois expulsou-o quando falharam.

Chegado a Inglaterra em 1855, Home rapidamente entrou na alta sociedade como médium de talento espantoso, tendo flutuado com graça para fora de uma janela em Ashley House na presença, entre outros, do Lord Adare e Lord Lindsay, e alimentando a imprensa com histórias ao longo dos anos 1860. Mais notoriamente, foi expulso de Roma por feitiçaria, acusação pela qual sofreram mais de um atentado contra a sua vida. Em 1871 os secretários da Royal Society, cuja fé em Newton permanecia inabalável, recusaram em nome de Crookes um convite para assistir a uma das suas sessões, mas houve muitas outras oportunidades e Crookes passou a considerar Home o médium mais notável do mundo.

Ele próprio um crítico implacável dos charlatões com lençóis, Home foi investigado muitas vezes mas nunca desmascarado apesar dos rumores, entre os quais que usava informações da polícia, transportava um macaco secreto e extraía poder magnético de gatos. Para alguns, porém, ver era deixar de acreditar.

Certa vez, quando a imperatriz Eugénia de França afirmou ter sido tocada pelo espírito de uma criança morta, um observador jurou ter visto Home estender o pé descalço. Famosamente, Robert Browning ficou tão enojado com a fraudulentice (e a parvoíce) de Home — uma grinalda de flores foi «levitada» até à cabeça do poeta — que escreveu a sua sátira virulenta «Sr. Sludge, the Medium» e com ela condenou o Espiritualismo tout court. A mulher, Elizabeth, pelo contrário, agarrou-se às suas esperanças queridas apesar de considerar as sessões de Home «disparates».

Aqui vai um sonho. Sir Oliver Lodge e Frederick Myers andam de pijama numa ilha deserta, Charles Richet ficou para trás a pescar comida. À noite sentam-se numa sala escura a ver luzes estranhas e mãos desencarnadas dançar no ar. Chegam Sidgwick e a mulher e, em vez do habitual ceticismo, ficam absolutamente convencidos da realidade dos fenómenos, que incluem um enorme melão flutuante. Só que isto não foi sonho: foi exatamente o que aconteceu em 1894 na Île Roubaud, a ilha privada do Richet na costa sul de França. O Lodge e o Myers usavam pijama por causa do calor, indignidade que suportaram para passar tempo com a médium Eusapia Palladino — mulher camponesa napolitana de meia-idade, rotunda e analfabeta.

No ano seguinte foi recebida na serena e frondosa casa do Myers em Cambridge onde, apesar de a levarem às compras e a deixarem ganhar no croqué, continuou infeliz com a comida, o tempo e as convenções sociais engomadas. A crueza despojada e desinibida pela qual as senhoras detestavam a Eusapia revelou-se magnética para os maridos; o Sidgwick chegou a fotografá-la com a sua toga académica.

Embora as suspeitas sobre ela se acumulassem a cada sessão que ali realizou, os fenómenos eram não obstante notáveis, o mais estranho sendo protuberâncias irregulares, algumas das quais se alongavam em braços supranumerários que saíam das costas. Lodge e Myers ficaram convencidos; os Sidgwick menos, agora. Quanto a Richet, achara os fenómenos dela «absurdos e insatisfatórios»... mas ainda assim insuficientes para gritar fraude.

Aqui temos a melhor ilustração da ironia de que o Espiritualismo dependia do materialismo para o seu antimaterialismo; ou, por outras palavras, a capacidade de perceber espíritos materializados dependia da sua natureza material e não espiritual. E isso levanta uma questão. Se, conforme o Richet acreditava, as materializações eram projeções mecânicas, o que era exatamente projetado?

A meia-resposta era «ectoplasma», matéria orgânica já conhecida dos biólogos celulares como complemento do endoplasma, mas apropriada para a linguagem e cultura do Espiritualismo e da investigação psíquica pelo Richet e os seus seguidores. Tal como o Monck com a sua descarga parecida a vapor, dizia-se que o William Eglinton vestia os espíritos que invocava com ectoplasma (noutros sítios «teleplasma», «psicoplasma» ou simplesmente «plasma»), nas palavras do seu biógrafo «uma substância de

aspeto branco sujo» que jorrava do seu corpo e pulsava no chão enquanto a forma de um espírito se coagulava e se erguia para imitar a vida.

Investigando a Marthe Béraud, Richet reparou como

Uma espécie de geleia líquida ou pastosa emerge da boca ou do peito da Marthe e organiza-se gradualmente, adquirindo a forma de um rosto ou de um membro. Em condições de visibilidade muito boas, vi esta pasta espalhar-se sobre os meus joelhos e tomar forma lentamente de modo a mostrar o rudimento do rádio, do cúbito ou do metacarpo cuja pressão crescente eu sentia no joelho.

As suas propriedades físicas eram as de gases, líquidos ou sólidos, conforme a inteligência espiritual a dirigisse; mas espiritualistas e cientistas nunca chegaram a acordo sobre o que era exatamente, ou do que não era composto. Sem dúvida havia nele algo seminal e ovárico. Por vezes aconselhavam-se os participantes a não cruzar as pernas para não impedir o fluxo impercetível de matéria reprodutiva que se juntava ao jorro emanado do corpo do médium, geralmente de algum orifício: boca, nariz, ouvido, umbigo ou genitais — ato que podia produzir no médium sinais de orgasmo ou de parto.

Alguns acreditavam que o ectoplasma recolhia pó e fibras da sala de sessão, quer por acidente quer para aumentar a sua substância. Mas o tipo e qualidade variavam conforme o médium. A visionária infantil maltratada, a Elizabeth Hope, mais conhecida na vida adulta como a «Madame d'Espérance», descrevia-o como «material nebuloso ligeiramente luminoso» que se tornava mais denso até ficar totalmente visível:

Por vezes é de cor branco-acinzentada, por vezes de uma brancura morta, por vezes ligeiramente luminoso, tornando-se mais à medida que parece condensar-se, até lançar uma fraca radiância sobre os objetos em redor. Ao toque parece primeiro de caráter leve e fofo, semelhante a algodão em rama bem cardado, mas rapidamente, mesmo sob os dedos, parece assumir o caráter de um tecido têxtil.

Médium mais notada pela beleza que pelos fenómenos, a Hope raramente produzia algo tão fino. E no mesmo ano em que Florence Cook foi desmascarada, alguém agarrou o seu guia espiritual «Yolande» para revelar a pobre Lizzie ali de pé, corada em roupa interior. As calcinhas vitorianas podiam ocultar vários metros de tecido diáfano bem apertado; mas havia sítios que permaneciam fechados à investigação mesmo em nome da ciência. Após 1900, porém, ao transferir os trabalhos do salão para

o laboratório, a etiqueta e o pudor comum podiam ser postos de lado e um olhar empírico mais frio lançado sobre as transmutações que ocorriam dentro e fora do corpo destas mulheres.

De facto, na investigação publicada da nova era são corpos de mulheres que vemos retratados. Em vez de adolescentes sensuais habilmente drapejadas, vemos mulheres em poses de abandono extático, retesadas, extasiadas, enquanto eflúvios ectoplásmicos serpenteiam debaixo das saias, imagens que falam menos de repressão sexual que de libertação, ou pelo menos de submissão enquanto investigadores masculinos disparavam os flashes na escuridão.

Para ser justo, nem todos os investigadores tomaram este caminho, mas uma obra de quem o fez tornou-se a bíblia da mediunidade física durante anos. O barão Albert von Schrenck-Notzing era psiquiatra bávaro cujos interesses, enraizados no sonambulismo e na hipnoterapia, o levaram a renunciar ao materialismo (embora não a abraçar o Espiritualismo), a abandonar a medicina (casou com dinheiro) e a dedicar todo o tempo à investigação psíquica. Uma das suas primeiras aventuras foi juntar-se aos homens de pijama na ilha do Richet para ver a Eusapia Palladino, depois do que a seguiu pela Europa.

Em 1909 a sua atenção voltou-se para uma médium parisiense chamada Eva Carrière, mulher de vinte e poucos anos que operava sob o mecenato de uma escultora chamada Juliette Bisson, tal como a Marthe Béraud fizera com a Madame Noël. Embora poucos soubessem na época, Eva Carrière era Marthe Béraud, que escapara à má publicidade em Argel e, sob pseudónimo, formara relação íntima com Bisson, que tirou muitas das fotografias para *Materialisationsphänomene* de Schrenck-Notzing, publicado em 1913.

Bisson era a Svengali de Eva, a sua influência (tal como a de Madame Noël) literalmente hipnótica, e Schrenck-Notzing ficou impressionado com a passividade da médium, a prova mais memorável da qual foram exames físicos per rectum et vaginam (para usar o termo discreto termo de Richet) para verificar materiais ocultos. Schrenck-Notzing viu Bisson sondar a vagina de Eva; ele próprio só consentiu tocar o corpo dela através do maillot. Tal como a Eusapia, Eva gemia, os músculos convulsionados por espasmos de clímax sexual ou obstétrico.

Uma famosa fotografia mostra um emaranhado de matéria semelhante a gaze pendurada dos seios nus de Eva, suposto ectoplasma com que

moldava rostos e partes do corpo visíveis; outra de 1913 mostra-a sem nada exceto uma expressão dorida enquanto manifesta um cavaleiro envolto cujo rosto achatado alguns acharam assemelhar-se notavelmente ao rei da Bulgária. Esta teoria reforçou-se depois de a máquina apanhar a cabeça dela num ângulo estranho que revelava o verso de um rosto bidimensional com a palavra «MIRO»: parte do cabeçalho do jornal *Le Miroir* de onde vários rostos foram recortados, incluindo os presidentes francês e americano — e o monarca búlgaro.

Como o raciocínio paranormalista tende a ser mais sofista que socrático, esta prova não demonstrou que Eva fosse fraude; implicou antes que alguns dos seus fenómenos não eram genuínos. Schrenck-Notzing especulou até que estas imagens eram «ideoplastas» — imagens nitidamente recordadas (hábito de mulheres histéricas, argumentava) projetadas externamente.

Mais plausível, ela regurgitava os adereços, sugeriram dois investigadores alemães de extrema sobriedade (um dos quais casou depois com Erich Ludendorff, o general de bigodes de morsa que ajudou Hitler a subir ao poder). O célebre escapologista Harry Houdini concordou, depois de observar pessoalmente como o aparecimento das imagens papiráceas de Eva era compatível com digestão parcial.

Que Eva por vezes sangrasse da boca reforçava a ideia. Tudo isto foi refutado pelo Richet: «Como podem massas de substância móvel, organizadas como mãos, rostos e desenhos, ser feitas a emergir do esófago ou do estômago? Nenhum fisiologista admitiria tal poder de contrair esses órgãos à vontade desta maneira.» Schrenck-Notzing tomou abordagem mais empírica administrando um emético depois de Eva ter sugado de volta o ectoplasma, e fazendo-a beber xarope de mirtilo antes das sessões. Nenhum resultado. E contudo a teoria da regurgitação perdurou e foi novamente levantada pela Society for Psychical Research de Londres quando Eva realizou lá uma série de sessões em 1920.

Nesse verão chegou uma carta ao editor da *Light* do Dr. William J. Crawford, professor de engenharia mecânica de trinta e nove anos no Belfast Municipal Technical Institute com quem correspondia durante a guerra. Convencido pela Eva Carrière, Crawford, homem arranjado, intenso, bigode encerado e óculos sem aro, ganhou a confiança de uma família operária de Belfast, os Goligher, que afirmavam ter desenvolvido poderes psíquicos no seu círculo caseiro, sobretudo a adolescente Kathleen.

Crawford passaria muitas horas numa salinha por cima de uma loja na Ormeau Road, luz a gás tremeluzindo debilmente atrás de um vidro vermelho, ouvindo pancadas espirituais e esforçando-se por ver os feitos de levitação. A teoria que desenvolveu era que varas ectoplásmicas — por ele chamadas «estruturas psíquicas» — alavancavam a mesa, processo que diminuía o peso corporal da médium até 50 libras. Fascinado pela Kathleen, Crawford estudou todos os aspetos da mediunidade dela até que a depressão pesou demasiado no seu coração e não pôde continuar. «Fui abatido mentalmente», confessou na carta. «Não é o trabalho psíquico. Gostei demais dele.» A carta era uma nota de suicídio e, pouco depois de escrita, tendo feito o que pôde pela paz com a família e o mundo, Crawford afogou-se.

Embora Crawford fosse discreto quanto à origem exata do ectoplasma, é claro que se supunha vir da vagina dela e era ora sólido como ferro, ora «tão macio como a carne do braço de um bebé». Numa experiência típica, registada por Crawford com precisão clínica, Kathleen usava cuecas, meias e sapatos limpos sobre os quais se aplicaram corantes para seguir o «plasma»:

Verificou-se que o azul de metileno fora puxado para baixo em direção ao fundo das cuecas, e também subira quase até à junção das pernas. No interior da parte de trás das cuecas o corante azul subira entre as pernas até à base da coluna, e também entre as nádegas e espalhara-se um pouco por baixo delas e pelo assento das cuecas.

Crawford era também fotógrafo ávido dos fenómenos, mas seguia os conselhos dos guias espirituais — ou «operadores» — sobre a melhor forma de proceder: «A principal dificuldade parecia ser evitar lesão na médium. Os operadores disseram ser necessário trabalhá-la gradualmente para suportar o choque do flash sobre o plasma; nem é de estranhar quando se considera que o plasma é parte do corpo dela exteriorizado no espaço.»

Uma seleção das suas fotografias foi usada para ilustrar os três livros dos seus achados (um publicado postumamente), corpo de investigação que Schrenck-Notzing agraciou com estrondoso endosso. Mas de certa forma são as que não foram impressas as mais reveladoras. Nos arquivos da Society for Psychical Research, na cave da biblioteca da Universidade de Cambridge, sobrevive um álbum roto onde uma delas — «3f» — mostra Kathleen Goligher numa cadeira de costas direitas vestindo blusa branca impecável, a saia de xadrez levantada acima dos joelhos para exhibir a parte

superior das meias e a carne nua. O que não vemos, mas Crawford viu, foi a maneira como ela estremecia e se contorcia a cada flash ofuscante de magnésio incendiado.

Na nota de suicídio Crawford escreveu: «Sou grato por dizer que o trabalho resistirá.» Mas o seu corpo mal fora retirado da água quando as dúvidas começaram. Na única ocasião em que Houdini encontrou Crawford num jantar e falaram três horas sobre os Goligher, achou-o louco, sobretudo ao ver o portfólio de fotografias, que descreveu com tato como «notáveis». Menos tato teve um obituário gélido nos Proceedings da SPR que deu voz a rumores de fraude. Em 1921 a SPR enviou o biógrafo de Sir William Crookes, Dr. E. E. Fournier d'Albe, a Belfast onde em vinte sessões com os Goligher não detetou nada paranormal (mas viu Kathleen levantar um banco com o pé), concluindo que a família era «um grupo alerta, incómodo e bem organizado de intérpretes».

Mas tudo isto só reforçou as convicções dos crentes, entre eles Ernest Oaten, presidente da Spiritualists' National Union sediada em Manchester, à qual estavam filiadas mais de 300 sociedades locais, o dobro do que antes da guerra. Em outubro de 1917, enquanto os Aliados se preparavam para avançar sobre Passchendaele, Oaten fora a uma sessão em Belfast e ficara impressionado com os fenómenos da Kathleen, incluindo um trompete flutuante preso a uma vara ectoplásmica e espíritos inteligentes que eram «esplendidamente cooperativos e corteses». Quando os achados de Fournier d'Albe foram publicados em 1922, porém, Kathleen Goligher retirou-se dos holofotes, alegando problemas nervosos, embora mais tarde entretivesse em privado o marido, próspero lojista seduzido pelo poder enigmático da mediunidade.

Foi em 1922 que Schrenck-Notzing alugou uma sala na cidade de guarnição de Braunau-am-Inn, ponto de passagem na fronteira germano-austriaca ainda não famosa por ser o local de nascimento do Adolf Hitler mas notável pela popularidade do Espiritualismo. Ali começou testes com um aprendiz de desanove anos, Willi Schneider, que, tendo ouvido falar de soldados a experimentarem, descobrira em si a personalidade em transe de uma adolescente amante do rei Ludwig da Baviera, e através dela produzia fenómenos telecinéticos e ectoplásmicos espantosos, muitas vezes ficando sexualmente excitado no processo, chegando a ejacular.

O irmão mais novo, Rudi, demonstrava habilidades semelhantes, ofegando como cão para manter o transe, mas por enquanto interessava-se

mais por carros e futebol. Procurando trabalho em Munique (tal como Hitler antes dele), Willi estava perto do laboratório de Schrenck-Notzing e realizava sessões regulares frequentadas por homens de ciência e letras, incluindo o romancista Thomas Mann que, totalmente convencido, se lembrou de como a natureza era «impura, obscena, maldosa, demoníaca».

Seis meses antes, os convidados tinham sido Harry Price e outro investigador inglês, Dr. Eric Dingwall — «Ding» para os amigos —, observador astuto mas volúvel que, apesar de críticas anteriores aos métodos do barão, agora estava impressionado, e embora a luz vermelha fosse fraca consideraram muitos dos fenómenos impossíveis de falsificar. De volta a Inglaterra, relatos impressos das suas experiências popularizaram os Schneider, embora Dingwall continuasse propenso à ambiguidade.

Através da rede e imprensa espiritualista, a figura que provavelmente causou maior impressão na Helen Duncan foi «Margery» — o nome de sessão de Mina Crandon, atraente mulher canadiana esposa do Dr. L.R.G. Crandon, cirurgião na escola médica de Harvard e descendente de um peregrino do Mayflower (dizia ele), cujo ardente interesse pela investigação psíquica fora aceso por uma palestra de Sir Oliver Lodge e alimentado pelo trabalho de Crawford sobre os Goligher.

Experiências bem-sucedidas de virar mesas foram seguidas pelo desenvolvimento da mediunidade de Margery para a qual o marido se tornou incansável empresário, mensagens descendo até ela por cortesia do irmão Walter, cuja morte precoce ela vivera como uma espécie de apoteose. Em 1924 os Crandon candidataram-se aos 5000 dólares que a revista *Scientific American* oferecia a quem produzisse uma «manifestação psíquica visível»; o comité de investigação incluía o William McDougall, professor de Psicologia em Harvard, e Harry Houdini, então no auge da fama.

O caso desencadeou debate acrimonioso que dividiu opiniões na SPR americana e em Harvard. Especialmente crítico foi o Houdini, cujo cáustico *A Magician Among the Spirits* foi publicado nesse ano. Margery teve os seus defensores. Não era camponesa como a Eusapia, nem mesmo «Eva C» (como a Eva Carrière agora se apresentava), e o seu estatuto social reforçava-lhe a credibilidade. Teve também sorte de o seu humor, beleza e encanto provocarem indignação cavalheiresca sempre que a acusavam, sobretudo no amigo do Houdini, Sir Arthur Conan Doyle que considerava

Margery «encantadora, culta e heroica», e sentiu tão fortemente as sugestões de fraude dos céticos de Harvard que se levantou na manhã de Natal de 1925 para escrever em sua defesa no Boston Herald, argumentando do seu modo quixotesco e de palhaço pomposo que «não há dia tão sagrado que não se possa usar para a luta pela verdade».

Tal como com «Eva C», o interesse pela mediunidade de Margery oscilava entre observação científica pública e voyeurismo sexual privado. Fotografias estereoscópicas Kodak tiradas em 1925 mostram-na em várias poses: numa senta-se em transe profundo, o robe aberto alto nas coxas, uma meia descida, ectoplasma de aparência orgânica sólida saindo-lhe da boca. Noutra está nua por baixo de um sobretudo, pernas abertas, um pano mal cobrindo a zona púbica e uma mão borrachuda parecida com um cacho de bananas demasiado maduras emergindo do umbigo.

Nesse ano «Ding» Dingwall, como oficial de investigação da SPR, finalmente acordou condições com o Dr. Crandon e partiu para Boston. Às 20h57 do dia 8 de janeiro ouviu um farfalhar quando a médium entrou em transe, seguido de roncões, após o que Walter convidou Dingwall a apalpar a substância pegajosa na coxa esquerda dela, «massa redonda com protuberâncias nodosas», que se mexia ao toque. McDougall, também presente, comparou-a a cordão placentário.

Uma hora depois Margery começou a tossir por irritação na garganta, que continuou até às 22h20 quando, como final, vomitou. Noutras ocasiões era arrastada para o transe contra a vontade por «incansável e alegre Walter» (palavras do Dr. Crandon), fazendo-a gemer de agonia ou êxtase. «Não ligueis, deixai-a gemer», instruiu Walter friamente. «Ela tem de sentar-se todas as noites. Não lhe pergunteis como se sente.»

Mas Dingwall perguntou e não teve muita paciência com o aforismo de Crandon: «Não foste tu que fizeste o universo; tens de o aceitar.» Na verdade, suspeitava que o ectoplasma flácido, os assobios, sinos e rosquinhas luminosas levitantes eram tudo «uma enorme mistificação colossal montada para desacreditar a investigação psíquica». Dingwall alegou que se usavam órgãos animais e reintroduziu a ideia da regurgitação, ao que Walter troçou dizendo que tal prática era comum do outro lado do Atlântico porque «os britânicos servem ectoplasma com o chá».

Ridicularizou também Dingwall pelos comentários sobre «a velhota Margery ali deitada como um belo cadáver com tecido pulmonar a sair-lhe

das orelhas». Um prestidigitador americano, Grant Code, foi ao ponto de sugerir que Crandon poderia ter alargado cirurgicamente a boca do útero da mulher, permitindo-lhe produzir pseudópodes fraudulentos do que memoravelmente, mas horivelmente, chamou o seu «armazém de armazenamento mais conveniente». Pelas críticas, Houdini, acabado de uma digressão anti-espiritualista, foi acusado de tentar incriminar Margery e, para completar, Walter fez piada sobre a calvície de Houdini. Mas apesar de tudo, a opinião profissional continuou ferozmente dividida.

A 6 de junho de 1928, tendo visto uma mão materializada que se dissolveu quando se preparava para a fotografar, o professor R. J. Tillyard FRS, o mais eminente entomologista australiano, escreveu a Sir Oliver Lodge a exprimir o que publicaria na Nature em agosto: «Na minha opinião, Margery é agora a melhor médium que jamais viveu. Teria certamente sido queimada como bruxa se tivesse vivido três séculos atrás.»

No fim, o seu destino foi mais moderno. Desolada e desesperada, como tantas estrelas em declínio e as irmãs Fox antes dela, afundou-se no alcoolismo e morreu em 1941 com cinquenta e três anos. Tal tragédia ninguém teria previsto no final dos anos 1920 quando cavalgava o topo da onda.

Quando os Crandon desembarcaram em Plymouth do SS Mauretania em dezembro de 1929, a imprensa britânica esperava no cais. Um repórter do Daily Sketch ficou agradavelmente surpreendido ao encontrar Mina Crandon «uma mulherzinha encantadora e vivaz que quase dançava pela sala, morena delicada e sorridente em veludo preto». Sob uma barragem de perguntas sobre os seus fenómenos, brincava com o colar, olhava o marido e com confiança infantil disse: «É ele que fala por nós os dois.»

Por sua vez o Dr. Crandon agradeceu que o verdadeiro fenómeno era a capacidade das empregadas da Cunard de não derramarem os cocktails durante a travessia tempestuosa. Margery foi sensação. Multidões acotovelavam-se para a ver, o capitão Clive Maskelyne ofereceu doar 1000 libras a um hospital se ela produzisse uma mensagem do avô a explicar os truques da família e o Dr. Bernard Hollander ridicularizou em público a mediunidade, perguntando porque não voltavam os fantasmas dos assassinados para acusar os culpados.

No hotel londrino dos Crandon o telefone não parou de tocar até às 2 da manhã do primeiro dia e a agenda encheu-se rapidamente à volta das sessões já marcadas com a SPR (em que «Walter» deixou impressões

digitais em cera dentária). Foi só com ligeiro exagero que o jornalista Hannen Swaffer, flamboyant inventor da coluna de mexericos e fervoroso espiritualista, opinou que metade dos londrinos assistiria a uma sessão de «Margery» se pudesse. De facto, parecia que os ingleses viciados em notícias, perante depressão económica e turbulência política, precisavam de uma Margery sua própria.

Tal como os espíritos à volta da mesa deles, a oportunidade batia à porta dos Duncan. O que a Helen não tinha nas qualificações sociais de Mina Crandon, compensava-o largamente na qualidade dos seus fenómenos. Entrava rapidamente em transe — possivelmente ajudada por um trago para acalmar os nervos e pela morfina do remédio para os rins — e, já no final dos anos 1920, dominara a produção de ectoplasma. A Gena Brealey retoma a história a partir do momento em que o Dr. Williams perguntou ao círculo, banhado numa luz rosada suave, se estavam prontos para presenciar este milagre doméstico:

Enquanto falava, pela abertura da cortina... saiu uma substância não diferente de um pano de queijo ou musselina fina. O material continuou a fluir até parecer aos participantes que havia pelo menos dez jardas numa pilha macia... Pela abertura das cortinas viam Helen sentada na cadeira de costas direitas, e o ectoplasma a correr-lhe do nariz e das orelhas... pelo peito do vestido abaixo até ao colo, depois ao chão e até ao centro da sala.

Uma grande tarefa os esperava. Todas as quintas-feiras, e por vezes duas vezes por semana, Helen trabalhou durante muitos meses para moldar o ectoplasma diáfano à volta de espíritos de outro modo invisíveis, fazendo com que as suas formas desajeitadas e oscilantes crescessem gradualmente em tamanho e definição, aperfeiçoando assim uma atuação que antes era apenas impressionante e agora se tornava absolutamente espantosa. Foram enviados convites a visitantes selecionados. Em várias ocasiões ao longo de 1928, o fotógrafo amador Harvey Metcalfe visitou o círculo e, convencido pelo que viu, combinou com o guia espiritual Albert tirar as primeiras fotografias conhecidas com flash dos espíritos materializados. Tal como Walter fizera, o Albert dava instruções e não permitia fotografias até a médium estar pronta. Das cerca de cinquenta placas de vidro tiradas por Metcalfe, sobrevive um punhado que mostra Helen sentada com firmeza, vestindo um vestido de velour e uma venda protetora nos olhos como a Kathleen Goligher fizera perante a câmara de Crawford. As mãos dela são seguras pelos participantes, os tornozelos atados com corda. De trás de um

suporte de plantas antigo emerge um bebê espiritual ligado às narinas de Helen por um cordão ectoplásmico. Noutro fotograma uma figura surge mais ao fundo por trás das cortinas do gabinete, uma rapariga de faces coradas à moda flapper (*estilo anos 20, de moça livre*) envolta em branco. Era esta, pois, a prova deles.

O interesse cresceu rapidamente em Dundee e fora dela. Em junho de 1929 Helen foi apresentada ao James Souter, homem local que visitou o círculo de espírito aberto e saiu no mesmo dia com a cabeça a nadar de imagens dos mortos e das implicações que traziam para a ciência, a religião e o sentido da existência. Assinante da *Light*, Souter enviou de imediato uma carta ao editor para anunciar a chegada de um novo prodígio na mediunidade: «As formas constroem-se com clareza e nitidez (chegaram a manifestar-se catorze numa única sessão); falam com clareza, dando os nomes e outros pormenores convincentes, respondem satisfatoriamente a todas as perguntas que lhes são feitas, manipulam objetos leves e pesados, [e] tocam instrumentos musicais.»

Naturalmente, a manifestação mais importante era Albert, que Souter considerou um escocês tipicamente astuto e sensato, com mais de metro e oitenta de altura e barba modesta. Temos uma ideia das suas feições classicamente idealizadas a partir de um busto intitulado *A Disciple*, do escultor de Aberdeen Frederick George, que o exibiu na Royal Scottish Academy e depois o doou ao Edinburgh Psychic College and Library. A Helen foi oferecida uma fotografia emoldurada da peça. Existem várias fotografias do próprio espírito: no seu melhor parece um cadáver revenant, curvado e envolto como um monumento funerário; no pior, um rolo de papel.

Nos anos 1930 os testemunhos tiveram a novidade da sua caixa vocal ectoplásmica, descrita de forma incompreensível por um deles como «uma espécie de vértebra com uma laringe no topo». Também Walter exteriorizara a caixa vocal para Margery, um carço orgânico ligado ao nariz dela e pousado no ombro como um animal de estimação sem vida mas familiar. Nessa altura também a Peggy beneficiava da aptidão de Helen e juntava-se ao Albert no centro do palco, partilhando as suas funções e parecendo muito mais ela própria do que quando Helen mal conseguia fazê-la parecer um pano de chão a dançar. Agora um participante pôde relatar ter visto «uma menina chamada Peggy que disse em dialeto escocês “Hoo air ye all” e cantou uma cantiguinha sobre a descoberta do

Mistério da Vida». Tão travessa e encantadora como sempre, baloiçava-se na cortina do gabinete até o Albert lhe mandar parar, respondendo: «Ora, eu sei que o meu peso não puxa a cortina abaixo.» Parecia-se com ninguém tanto mais ninguém como a Shirley Temple, a criança prodígio do cinema que em 1936 atingiu o auge aos oito anos; mas havia também muitos precedentes espiritualistas.

Em 1907 o John Lobb, editor do *Christian Age*, relatara o aparecimento de «*Mischief*» — «uma jovem de cor» — que era «viciada em partidas», muitas vezes dando um estímulo a quem queria esconder objetos precisamente quando eram precisos, e divertindo-se com a busca. Era a Peggy na íntegra. «*Mischief*» consentiu ser fotografada, resultado granuloso que o Lobb publicou: hoje só vemos um rosto sinistro de rapariga a rir, língua de fora de forma obscena.

As materializações espirituais, sob a direção de Albert e Peggy, foram presenciadas por um número crescente de homens cuja opinião pesava no mundo da mediunidade. J. B. McIndoe, sucessor de Oaten como presidente da *Spiritualists' National Union*, assistiu a uma sessão e ficou tão impressionado que convidou Helen a Glasgow para dar sessões lá. Montague Rust, médico de Newport em Fife e mais tarde testemunha no Old Bailey, tornou-se também nesse período um firme apoiante e apresentou Helen a Lena Hazeldine, mãe do espírito Peggy.

Diz-se que, para pôr fim a certa controvérsia curiosa sobre se Albert era realmente homem ou mulher, Rust foi convidado a fazer um exame sumário do qual se declarou satisfeito por confirmar que Albert era todo homem. A maior parte dos visitantes do círculo de Dundee, porém, via-se não como observadores de uma demonstração científica, mas como participantes em reencontros familiares emocionais. Possivelmente a primeira materialização completa para um participante foi o filho de uma mulher que morrera novo.

Enquanto ele cantava um hino e lhe atirava os braços ao pescoço, ela teve a certeza de que ele regressara, e antes de sair do número 59 de Ferry Road sussurrou a Helen: «Sou uma nova mulher. Agora tenho algo por que viver. Sei agora que o meu rapaz não está morto; vive. Como poderei algum dia agradecer-vos o que fizeram por mim esta noite?» Mas esta gratidão já era suficiente, pois, como Helen disse mais tarde, só uma mãe podia compreender o que significava sarar tal ferida.

Tais momentos, e seriam muitos, misturavam êxtase com melancolia, recordando a dor mais amarga no próprio ato da sua cura. Contudo, o contexto teatral derivava menos da tragédia que da farsa, do burlesco e do vaudeville. Apesar de toda a sua gravitas espiritual, o Albert não era senão um Mestre de Cerimónias, descrição que surge repetidamente nas fontes. E os filhos da Helen estavam encantados, não assustados.

Incapaz de conter a curiosidade, um dos rapazes Duncan agarrou uma vez um trompete voador, fazendo a mãe em transe soltar um gemido medonho; se não se arrependeu então, arrependeu-se quando lhe mostraram a queimadura na face esquerda dela. As sessões formais por si só dão imagem algo enviesada do que se passava na casa dos Duncan.

A Helen pendurou a fotografia do busto do Albert no quarto, como faria com um retrato de família, sugerindo relação íntima com o homem que os filhos adoravam como «tio Albert». De dia sentavam-se aos pés espectrais do Albert, como faziam perante um ilusionista de festas ou um espetáculo de Punch e Judy na praia, e ouviam os seus ditados e parábolas sábias. Uma das favoritas era a da traça que voa para a chama, da qual aprendiam a procurar apenas a luz verdadeira onde encontrariam o Salvador.

O Albert também os maravilhava com truques, numa ocasião segurando uma cadeira por cima da cabeça, proeza digna de «Tarzan dos Macacos» de quem os rapazes eram fanáticos. À noite rezavam-lhe como a um santo e agradeciam-lhe o cuidado espiritual. Particularmente afeiçoada a ele era a Gena, cuja vida se diz que ele salvou avisando os pais de que ela contraíra pneumonia no hospital enquanto lhe drenavam o edema linfático no braço, lesão resultante de Helen ter sofrido um ataque de eclâmpsia durante o parto. Com apenas quatro dias de vida, Gena assistiu à primeira sessão e aos três anos já era uma pequena psicometrista.

Em adulta lembrava-se da vez em que começara a «falar esquisito» quando o irmão do Henry, Robert, veio tomar chá. O tio Bob, que servira com os Royal Scots na Índia, abraçou-a dizendo que ela era tal e qual a mãe; aparentemente descrevera com exatidão um homem que ele conhecera e que fora morto num confronto com rebeldes, relato tanto mais notável por ter sido em híndi. As crianças Duncan aceitavam, pois, os fenómenos psíquicos como coisa natural, incluindo uma mesa controlada pelo irmão morto do Henry que, por meios obscuros, participava em jogos do esconde-esconde. Mas eram as sessões que mais adoravam. Pouco depois de se

mudarem para Ferry Road, Harry, então com quase cinco anos, teve o primeiro gostinho:

Nós, as crianças, estávamos a brincar no quintal das traseiras e a fazer muito barulho. Os meus pais realizavam a sessão semanal e fomos levados para dentro de casa e para a sala de sessão com ordem de nos sentarmos quietos e em silêncio. A sala estava às escuras mas iluminada debilmente por uma lâmpada Aladdin. Lembro-me de pessoas vestidas com «camisas de dormir» brancas cintilantes a saírem das cortinas esticadas num recesso da cama e a desaparecerem pelo chão.

Viciado no espetáculo e no mistério de tudo aquilo, Harry assistiria a muitas mais sessões nos anos seguintes, mas nunca encontrou exatamente as palavras para descrever como era o ectoplasma. «O mais próximo que consigo descrever», escreveu, «é compará-lo a neve soprada com sol brilhante a incidir sobre ela. Parecia cintilar com milhões de lantejoulas.»

Outros observadores, embora impressionados com o que viam, descreviam Helen em ação, com verrugas e tudo. Em março de 1930 um participante relatou como Helen sofrera um ataque de tosse, a cadeira a ranger horivelmente enquanto lutava para dar forma ao Albert. Ele voltou a queixar-se da luz mas, algo ambicioso, ofereceu-se para regressar como Adão — o marido da Eva. No fim, porém, só conseguiu levantar a aparentemente inconsciente a Sra. Duncan da cadeira («meu Deus, isto dá um trabalho danado», rouquejou) e depois pôr-se de pé em cima dela, encostando as costas ao Dr. Rust que aproveitou para apalpar o umbigo que ligava o Albert ao corpo da Helen — como musselina fina, disse. Mas nem tudo correu bem, como o relatório deixou claro: «A cortina foi então levantada e viu-se a senhora sentada no chão. O Albert disse então: “Graças a Deus que a amo — coitada.” A médium tinha uma tosse muito má, que o Albert explicou dever-se ao aperto do cordão. A médium tossiu novamente muito mal e parecia estar a vomitar.»

Se a maior parte da atuação derivava da Margery, o final era puro D. D. Home: Albert, sempre ansioso por oferecer prova, colocou o pé descalço nas mãos de uma participante, que ficou ou dececionada ou espantada por descobrir que parecia exatamente um pé humano com tornozelo fino. Antes do pano cair, o Albert mostrou a todos o seu cordão umbilical e, à pergunta de Henry se algum ectoplasma fora tirado dos participantes, respondeu: «Pego um pouco, porque vos amo a todos.» Doação que os participantes aceitaram deliciados, embora se imagine que o ambiente convivial azedou

ligeiramente quando as luzes da casa se acenderam e revelaram Helen sentada aturdida num canto, sangue e ranho a pingar-lhe do queixo.

Tal como a Mina Crandon, no final dos loucos anos vinte e início dos famintos anos trinta, a Helen Duncan percebeu que estava à beira de algo maior que o seu eu cinzento e quotidiano. A arte em que era exímia praticava-se por todo o lado: médiuns anunciavam-se em jornais e programas de teatro, chegavam mesmo a exhibir-se publicamente em Wembley. Atentos às possibilidades comerciais, os Duncan começaram a cobrar uma pequena entrada nas sessões e, pela primeira vez na vida de casados, sentiram o frio cortante da pobreza, doença e perda ser aquecido pelo brilho da fortuna.

Na primavera de 1930 a Helen foi a um fotógrafo em Dundee tirar o retrato: encara-nos de um passado sépia — simples, sem defesas em roupa modesta, mas com olhos de ébano inconfundivelmente decididos. Alguém, talvez o Henry, escreveu no verso desta cópia: a «Sra. Victoria Helen Duncan, 32 anos e meio», riscando depois a «Helen» como que indecisa sobre como desejava ser conhecida no futuro. A única coisa de que tinha a certeza, enquanto fechava a mala para Londres e punha a fotografia por cima da roupa, era que estava a subir e a sair. Os dias da sopa de cabeça de bacalhau tinham acabado.

PARTE II A HELEN VILIPENDIADA

4 ESCURIDÃO E LUZ INVESTIGAÇÃO E A BUSCA POR RESPEITABILIDADE

A reputação da Helen Duncan cresceu no início dos anos 1930 à medida que mais pessoas caíam sob o feitiço do Espiritualismo e procuravam o tipo de mediunidade em que ela era exímia. Ena Bugg, cuja vida seria mais tarde transformada por uma sessão com a Helen, era uma adolescente tímida de família operária em Gosport, Hampshire, quando em 1931 assistiu à sua primeira sessão de materialização com uma Sra. Baylis. Ficou arrebatada.

Vozes distantes fluíam por um trompete voador e rostos espirituais — adultos, crianças e bebés — enchiam o nada escuro da sala, espelhando as expressões alegres dos participantes. A experiência da Ena não era

especialmente invulgar. Muitas pessoas assistiam a pelo menos uma das inúmeras reuniões espiritualistas realizadas em igrejas, salões públicos, sedes de escuteiros, salas das traseiras, caves e sótãos, quer por profunda convicção, súbita conversão ou, na maior parte dos casos, mera curiosidade casual. Mais tarde podiam justificar «ir aos espíritos» como brincadeira, moda ou favor a um amigo; poucos iam sozinhos.

Mais a sério, uma vívida constelação de mortos — os mortos da guerra — continuava a assombrar corações e mentes, e tem-se notado que os tão citados versos da elegia «For the Fallen» de Lawrence Binyon — recordá-los ao pôr do sol e pela manhã — eram mais descrição que exortação. Escrevendo no Dia do Armistício de 1927, o Rev. Charles Drayton Thomas da Society of Communion incentivava os leitores a pensar para além da memória dos caídos e em direção às suas vidas após a morte. Era, pois, apropriado que o Mestre de Cerimónias espiritual da Sra. Baylis fosse «George», soldado das trincheiras, e o seu assistente, «Curly», rapaz morto num raid de Zeppelin.

Memória e desejo fundiam-se nas sessões, mesmo entre participantes que no fim não ficavam convencidos; o facto de tantos ficarem convencidos e se filiarem em igrejas espiritualistas só torna os acontecimentos mais intrigantes. A meio dos anos 1930 o número de igrejas filiadas na Spiritualists' National Union subira para mais de 500, às quais se deviam somar grupos independentes. O total na Grã-Bretanha pode ter ultrapassado as 2000, servindo até 250 000 membros. O principal meio de culto não era propriamente a sessão, mas o serviço religioso, onde um clarividente podia estar presente para dar mensagens, mas não antes de hinos, orações, leituras e coleta.

A principal diferença face às cerimónias ortodoxas era que a maior parte dos espiritualistas rejeitava a fé em Cristo como via para a salvação; o British Spiritualists' Propaganda Hymn Book dirige-se a Deus em muitos dos seus 171 hinos, mas nem uma única vez a Cristo. Os espiritualistas respeitavam Cristo, mas como médium superior — refletido em obras populares como *Psychic Life of Jesus* (1938) do Rev. G. Maurice Elliott — e viam a Bíblia como compêndio de fenómenos paranormais: transe, clarividência, clariaudiência, aportação, luzes, escrita espiritual, sonhos verídicos e materialização.

As mãos espirituais foram registradas primeiro em Daniel e Ezequiel; corria o rumor de que Jesus invocara o espírito de João Batista; e, mais famoso de tudo, havia a sessão de Saul com a Feiticeira de Endor.

Os clérigos ficavam horrorizados com tudo isto e com o que viam como regresso à superstição medieval. Saul fora condenado pela conjuração, diziam, o céu e a sobrevivência não eram a mesma coisa, e a demonstração nas sessões era a antítese da fé, heresia que afastava o homem de Deus e o devolvia aos artifícios humanos. Pior, os espíritos podiam ser enganos demoníacos enviados para fomentar o erro, eco da Reforma e argumento defendido com mais veemência pela Igreja Católica. Em 1917 o Santo Ofício proibiu os fiéis de assistir a sessões, mesmo como curiosos ou investigadores.

O padre e historiador Montague Summers, cujos livros eram muito lidos, fustigou o Espiritualismo em 1926 como revivalismo de bruxaria alimentado pelo luto de guerra, ilusão demoníaca «a mais imunda, a mais repugnante, a mais perigosa e a mais condenável». O anglicanismo era menos dogmático e, como já acontecera antes de 1914, não havia grande vergonha numa era secular que ministros explorassem experiências que sugeriam a verdade do cristianismo.

Mais acima na hierarquia anglicana, comissões de inquérito criadas em Inglaterra e na Escócia para investigar o Espiritualismo foram mais circunspectas que hostis nas conclusões: a nova fé podia preencher lacunas no conhecimento, diziam, podia fazer parte do desígnio de Deus. Além disso, muitos sentiam que o Espiritualismo tinha potencial para revitalizar a religião. Para mais, prometia estabilidade social e moral numa era de guerra, revolução e convulsão.

Uma das áreas de convulsão era a classe social. Os médiuns vitorianos tinham conseguido inverter o fluxo de deferência, interesse e obediência centrais nos códigos de sexo e posição social; mas numa era de emancipação e sufrágio, a tendência só podia aumentar. Os médiuns do entre-guerras eram novos modernos, símbolos de reorganização social, e embora muitas vezes tratados com altivez, eram não obstante procurados por buscadores burgueses com rendimentos disponíveis.

Nesse papel, viajando para onde fossem precisos, confirmavam a temida previsão do Duque de Wellington de que o caminho de ferro só serviria para fazer as classes trabalhadoras andar de um lado para o outro. Entre os médiuns de materialização, a Helen Duncan viajava melhor, ou

seja, os seus resultados eram impressionantes mesmo longe de casa. Como convidada do presidente da SNU J.B. McIndoe, deixou os participantes em Glasgow assombrados e seguiram-se sessões no Edinburgh Psychic College and Library. Investiu numa pequena pasta para o seu equipamento de sessão — vestido preto, cuecas e sapatos largos de tribunal — e começou a guardar um livro de autógrafos dos clientes, um dos quais escreveu:

«Com agradecidos agradecimentos à minha amiga a Sra. Duncan que me elevou e ensinou a guardar no mais fundo do coração o belo ideal.» Sob o patrocínio do Dr. Montague Rust, o passo seguinte era obter reconhecimento da SNU cujo diploma abriria as portas dos encontros espiritualistas em todo o país. Só assim ganharia plena credibilidade como médium — e decente meio de vida.

Por essa altura, F.W. Fitzsimons, investigador psíquico e autoridade em veneno de cobra, argumentava que as mulheres eram excelentes médiuns porque eram sensíveis e relativamente pouco perturbadas pela razão. Mas havia critérios diferenciadores. Se existia estereótipo da clarividente, era o de solteirona de meia-idade com óculos de aro redondo e leve permanente no cabelo. Não assim as materializadoras, que eram médiuns físicas em todos os sentidos da palavra.

«Vitalidade numa mulher», observou certa vez George Bernard Shaw, «é uma fúria cega de criação» e assim era com quem dava renascimento aos mortos, super-mães que, como disse um veterano frequentador de sessões, eram «sexualmente exuberantes», força vital elétrica a percorrer-lhes o corpo. As melhores, aconselhava Fitzsimons, eram mulheres de «natureza material grosseira», especialmente as do que chamava «temperamento linfático». Tudo isto definia a Helen Duncan, mãe obesa de seis filhos, na perfeição.

Até os seus mais dedicados admiradores raramente se davam ao trabalho de adoçar as palavras. Era descrita como grosseira, tosca, «peixeira», e, por um empresário que ela maravilhou no início dos anos 1930, assim: «Vestia um vestido castanho justo... mulher grande e desajeitada que se movia lentamente como se sofresse do coração ou de problema glandular e não pudesse apressar-se. Não tinha de modo algum uma personalidade magnética... antes repulsiva que despertava as faculdades críticas.»

Entre a altura em que chumbara no exame médico da fábrica de munições e o início dos anos 1930, o seu peso aumentara quase 14 Kg, chegando aos 110 com apenas 1,68 de altura. Quanto às outras medidas vitais, tinha 119 cm sob os braços, 135 à volta dos ombros, e o busto e ancas mediam respetivamente 145 e 137cm. Diz-se que o peso chegou aos 140 Kg, ou mesmo, segundo a família, 159Kg, e nas sessões o contraste Laurel-e-Hardy com o Albert de metro e oitenta convidava à piada dele sobre tamanho: «Eu tenho-a de uma maneira e a Sra. Duncan tem-na da outra.»

Numa sessão em Dundee, realizada para saber se o próprio filho dela sobreviveria a um ataque de sarampo, Helen levitou na poltrona e, embora não tenha propriamente saído pela janela como o D. D. Home (os espíritos conseguiram levantá-la trinta centímetros do chão), todos os presentes ficaram profundamente impressionados com esta proeza hercúlea de força, especialmente a própria Helen. Em casa, gostava da comida — papas de aveia, guisado, ovos, bacon e batatas fritas — e era frequente encontrá-la a cozer e a conservar na cozinha com um imenso avental de enrolar.

Quando os filhos a abraçavam tentavam juntar as mãos à volta do corpo dela; aninhados no colo a ouvir histórias ou a pasmar com truques, brincavam com a carne flácida dos braços. Uma vez clamaram por fazer uma viagem de avião entre Londres e a Escócia, mas Henry explicou com firmeza que com a mãe a bordo o fundo podia cairia do avião.

O peso da Helen agravava os seus vários males. Recuando da morte do bebé Alex, descobriu que estava novamente grávida, mas foi convencida pelos médicos a fazer um aborto e a ser esterilizada, operação que a deixou gravemente doente. E depois havia as disfunções pulmonares, renais, cardiovasculares, glandulares, urinárias e intestinais com que o seu corpo devastado tinha de lidar. Mesmo quando se conseguia mexer, as oscilações do açúcar no sangue tornavam os desmaios rotina e era de qualquer modo propensa a quedas.

Em Londres caiu pelas escadas abaixo, magoando o braço, e mais de uma vez apareceu com uma perna inchada a arrastar-se para o gabinete, uma pessoa de cada lado a esforçar-se por a sustentar. Viajar era, na melhor das hipóteses, desconfortável. Em viagens de meio dia mexia-se inquieta nos comboios e em sessões de duas horas o assento convencional era uma cadeira dura e direita — se os organizadores fossem sensatos, uma carver robusta ou uma smoker's bow (tipos de cachimbo). Antes, beneficiava de

ajuda para se vestir, especialmente para calçar os sapatos. Já instalada no gabinete, o peso pressionava-lhe a bexiga, músculos enfraquecidos pela tensão obstétrica. Invariavelmente, ia à casa de banho imediatamente antes e depois das sessões, mas mesmo assim por vezes era preciso o balde e a esfregona. O fluxo incessante de chá servido nessas ocasiões não ajudava.

Mas o amor e o trabalho, o trabalho e o amor, e a memória do homem semelhante a Cristo que vira quando estivera à beira da morte, tudo isso impelia a Helen para a frente. Para obter o diploma da SNU decidiu envolver-se com as instituições da ciência psíquica metropolitana; parecia-lhe o caminho mais rápido. De qualquer modo, talvez já tivesse ouvido dizer que um investigador do British College of Psychic Science andara a farejar as suas sessões na Escócia e a espalhar rumores de fraude.

Talvez fosse altura de mudar de ares. Em agosto de 1930, para antecipar sugestões de que o seu ectoplasma era matéria regurgitada, o Dr. Rust organizou que a Helen fosse radiografada no Dundee Royal Infirmary, onde o pessoal a conhecia como doente habitual, e assim obteve um relatório escrito que certificava que o esófago e o estômago dela eram normais. No outono Rust combinou com a London Spiritualist Alliance que os Duncan se mudassem para a capital para permitir que Helen realizasse uma série de sessões, algumas para investigação, outras para convidados pagantes. Em outubro a família embarcou num navio no porto de Leith e, à medida que a notícia da sua chegada iminente se espalhava, os respeitáveis homens e mulheres da investigação londrina recostaram-se e afiaram os sentidos e os lápis.

O álbum de fotografias dos Goligher do Dr. W. J. Crawford é apenas um dos muitos artefactos estranhos nos arquivos da Society for Psychical Research. Basta folhear a lista datilografada para frases como «gravações de bebé telepático», «a poltrona voadora» e «o mistério do caixão de Barbados» saltarem à vista. Mas, tal como num gabinete de curiosidades renascentista, por baixo do ecletismo e excentricidade das relíquias existe um propósito exploratório mais coerente: a necessidade de enfrentar questões não respondidas sobre o mundo natural, necessidade enraizada na angústia agnóstica e no élan intelectual do círculo dos Sidgwick em Cambridge.

Em 1890 a SPR perdera muitos espiritualistas mas ganhara noutros campos. Em Lord Rayleigh e J. J. Thomson gabava-se de dois futuros laureados com o Nobel e, em William Gladstone e A. J. Balfour (irmão da

Sra. Sidgwick), um ex-primeiro-ministro e um futuro. Gladstone, de facto, acreditava que a investigação dos comités da SPR sobre mesmerismo, casas assombradas e afins era «o trabalho mais importante que se faz no mundo». Por exemplo, um censo de alucinações realizado a partir de 17 000 respostas a um questionário revelou que um em cada dez entrevistados experienciara algo inexplicável.

A fraudulentice da Eusapia Palladino e da mística ocultista Helena Blavatsky marcou, porém, uma perda de paciência. Madame Blavatsky, que fundara a Sociedade Teosófica para desafiar o monopólio cristão da verdade espiritual, era filha de um oficial russo que, depois de uma infância de gula, birras e alucinações, nunca deixou de se deleitar em fantasias ardentes sobre sexo, sémen e o sobrenatural, que na sua sede em Adhyar, na Índia, alimentava com haxixe.

As suas sessões foram satirizadas no Punch como a antiga sabedoria dos Mahatmas manifestada em truques fraquinhos, que incluíam a extrusão de ectoplasma e chuveiros de rosas, tudo o que a governanta dela afirmou serem manobras fraudulentas. E assim foi para a digna Sra. Piper e a socialmente refinada ex-atriz Sra. Osborne Leonard que a SPR redirigiu as suas atenções. Entre 1894 e 1923 não publicaram qualquer trabalho importante sobre aparições.

Seria errado dizer que o interesse pelo Espiritualismo após a Primeira Guerra Mundial trouxe os fenómenos físicos de volta ao centro das preocupações da SPR, mas havia dinheiro para gastar com médiuns que se gabassem de grandes poderes, mesmo que agora viesse mais de donativos. Quando a Helen Duncan chegou a Londres, porém, a SPR já não era a única organização de investigação solvente e alguns membros — nomeadamente o voluntarioso Harry Price, que fundara o seu National Laboratory of Psychical Research (NLPR) em 1923 — tinham seguido o seu próprio caminho, gastando dinheiro como água. O Sir Oliver Lodge anotou com consternação um rumor que circulava no estrangeiro de que o establishment britânico da investigação psíquica sucumbira a «uma espécie de loucura». Se assim foi, era uma loucura que Helen e Henry Duncan estavam prontos a explorar.

As instalações da LSA ficavam no número 16 de Queensberry Place, bela casa citadina em South Kensington com quatro andares e cave. Se Helen teve ou não permissão para entrar pelo pórtico neoclássico, ou se a fizeram entrar pela porta dos fornecedores como a outros médiuns, não

ficou registado, embora seja provável que o Dr. Rust e a mulher conferissem respeitabilidade suficiente. Uma vez lá dentro, foram recebidos cordialmente pela secretária, Miss Mercy Phillimore, que lhes mostrou a sala de sessões com as suas portas duplas, a mais interior almofadada com baeta verde; num canto afastado estava o gabinete, cortina de pelúcia suspensa a cautelosa distância do teto, no centro do qual pendia um candelabro de madeira com quatro lâmpadas vermelhas.

Lá fora, a Helen talvez tenha reparado na casa de banho reservada às senhoras. A atenção foi-lhe chamada para as regras das sessões destinadas a proteger os médiuns: luzes, fumar, bater relógios, tocar manifestações e afins eram proibidos, e por uma questão de honra todos os procedimentos eram confidenciais.

Uma cópia deste código era colada dentro de um livro que todos os participantes tinham de assinar (senhoras à esquerda da página, cavalheiros à direita). Helen ficou satisfeita com tudo o que viu e ouviu naquele dia, e só se preocupou com vibrações malévolas que sentiu de um cavalheiro alto, elegantemente trajado, na casa dos quarenta e muitos anos, que por acaso subia as escadas à frente dela a caminho do apartamento do quarto andar que alugava à LSA como laboratório. Esse homem era Harry Price.

A primeira comunicação espiritual com que o Dr. Rust procurou estabelecer as credenciais psíquicas da sua protegida foi um ato de clarividência. No sábado, 25 de outubro, foi marcada uma reunião em Queensberry Place à qual ele levou um envelope selado com lacre etiquetado «The X Document, June 1910», explicando que era uma mensagem que lhe fora dada por um amigo falecido, William Martin, e só devia ser aberta após a sua morte.

O Rust entregou o envelope à Helen que o passou pela testa e pela coluna, olhando silenciosamente através dos participantes e para além deles. Numa atmosfera de reverência observaram enquanto o lápis dela pairava sobre uma página arrancada de um caderno de exercícios, antes de começar a escrever laboriosamente na sua melhor letra curvilínea. Quando terminou, o envelope foi aberto e as mensagens comparadas.

Mesmo permitindo certa previsibilidade de conteúdo — o Martin dissera que tentaria contactar o Dr. Rust após a morte — a Helen portou-se bastante bem, especialmente na forma invulgar como Rust foi tratado por «médico e amigo». Surpreende que não tenha acertado sequer no ano da morte — disse 1915, quando na verdade fora 1910, menos de um mês após

a nota de despedida ter sido feita —, mas a companhia ficou não obstante impressionada com esta entrada e fez ruídos encorajadores.

Na noite seguinte, pouco antes das seis, o presidente da LSA, Dr. Robert Fielding-Ould, deu as boas-vindas a Helen na espaçosa sala de sessões onde um punhado de participantes, que já tinham inspecionado o robe de cetim preto, as cuecas e as meias dela, estavam sentados pacientemente numa meia-lua virada para o gabinete do canto. Pronto junto ao gramofone, o Henry sorriu encorajadoramente enquanto a mulher avançava silenciosa e régia para as cortinas abertas, alheia aos olhares fixos e sussurros abafados. A médium foi ajudada a entrar num saco preto frouxamente atado ao pescoço, e fitas enroladas à volta do corpo e presas à cadeira.

O Dr. Fielding-Ould puxou os nós e selou-os com lacre. Como num submarino a preparar-se para mergulhar, a luz branca foi trocada por vermelha, criando uma luminescência rosada sinistra apenas suficiente para contar segundos num relógio e tomar notas. Às seis e cinco, atada como o Houdini, os olhos de Helen fecharam-se e a cortina foi corrida. Passados minutos, ouviu-se respiração pesada por cima das notas arranhadas e alegres da música, e o Henry pediu a todos que fizessem o menor barulho possível e não tocassem em nada. Esperaram e esperaram. Vinte minutos depois, a Miss Phillimore reparou num fio pálido que se arrastava do gabinete, ao que o Dr. Rust perguntou: «É o Albert? Pode mostrar-nos mais desse psicoplasma, Albert?»

Houve uma pausa de antecipação eletrizante. «Vou mostrar-vos um pouco, meu rapaz», veio a resposta sonora, seguida da visão de uma forma humana a expandir-se, animada pelas palavras encorajadoras de Rust. E ali estava o guia espiritual, ainda não bem na carne, que passou a convidar os participantes a provar a matéria do outro mundo que jorrava do corpo de Helen. Deslumbrante branco-fosfórico contra o negro vazio da sala, um rasto de ectoplasma suspenso frouxamente no ar formou gradualmente uma cruz tosca, que Fielding-Ould foi encorajado a apalpar, relatando que era macia como tecido merino fino.

O Albert pediu também a Fielding-Ould que cheirasse o ectoplasma e não fez esforço para esconder a irritação quando o presidente da LSA não sentiu nada por ser fumador. Outros que se aproximaram do gabinete relataram um odor acre de algo indefinível, que Miss Phillimore já notara

antes em sessões de materialização — como pano velho, sugeriu Henry —, mas o Albert protestou que era muito mais agradável que isso.

O resto da sessão estabeleceu um padrão que se repetiria muitas vezes nas semanas seguintes com apenas pequenas variações. Apareceu uma cara de criança, levando o Albert queixar-se debilmente: «Se ao menos conseguisse livrar-me da rapariga!» e foi seguida por várias outras formas a lutar por definição, incluindo uma figura «como um bebé pequeno em roupa comprida». Farfalhar e pancadas dentro do gabinete sugeriam que também a médium lutava até que, sem aviso e ainda em transe, saiu do saco e desabou numa cadeira do círculo.

Enquanto a ajudavam de volta ao gabinete como a uma criança sonâmbula, os participantes tiveram oportunidade de verificar preliminarmente que o saco estava intacto. Estava. Pouco depois Helen voltou a emergir do gabinete e colocou-se diretamente em frente da luz, três a quatro metros de matéria luminosa a jorrar-lhe da boca até ao chão, e depois desfilou para a esquerda e direita de modo majestoso, cuidando claramente de não pisar o ectoplasma apesar do seu aparente estado semi-consciente.

O dominante e espiritual Albert usou a subordinada e corporal Helen para pôr no lugar o homem que estava entre eles. Especulações sobre como conseguira escapar levaram Henry a propor «alongamento da médium» como causa, ao que o Albert respondeu irritado: «Disparate, seu parvo. És um perfeito idiota com as tuas teorias.» Henry, meigo como sempre na presença do controlo, tentou aliviar a atmosfera sugerindo que Albert por vezes era tão bom como o George Robey; mas isso só piorou as coisas, pois o Albert obrigou-o a explicar quem era o Robey — o comediante mais famoso da Grã-Bretanha — e depois ofendeu-se.

As mudanças características de humor e maneiras do Albert entre formalidade cortante, leveza burlesca, sarcasmo viperino e solenidade piedosa mantiveram-se até ao fim da sessão, altura em que chamou a atenção para a maneira como o ectoplasma, como um novelo de lã, era recolhido, dizendo: «Quero que vejam como entra direitinho pela boca abaixo.»

Incapaz de resistir a uma piada, brincalhona ou cáustica, agarrou no Dr. Rust quando este disse que aguardavam a próxima sessão com ansiedade. «Ó valha-me Deus! Isso é francês, com certeza!» exclamou o Albert com horror fingido, mas quando confirmado acrescentou apenas: «O

Senhor esteja convosco.» As luzes acenderam-se às 19h25. Helen, sacudindo a cabeça sonolenta, saiu da sala com menos cerimónia do que chegara e ao voltar encontrou os investigadores da LSA concentrados a reexaminar os selos imaculados. Acendeu um cigarro e observou-os.

Em raras ocasiões a Helen precisava de saís para sair do transe, mas na maior parte das vezes a desorientação ou catatonia aliviava assim que absorvia nicotina e água ou chá. Às vezes, ao readaptar-se ao mundo, fazia pronunciamentos crípticos inquietantes. «Eu conheço-vos», diziam-lhe estranhos, ou «Não vos conheço, mas sei quem sois.» Uma vez, afetando o ar de vidente das Terras Altas empoleirada num penhasco, revelou:

«Estive numa casa estranha, uma que nunca visitei antes. É uma casa com uma cama por fazer e debaixo do colchão há uns papéis.» Mas tal informalidade foi mantida ao mínimo nos auspiciosos arredores da LSA, pelo menos até ganhar balanço. O Albert foi mais rápido a afirmar-se, o que para Helen era bom pois a ousadia e intromissão dos anfitriões aumentaram dramaticamente após a primeira atuação. Na segunda sessão, a 30 de outubro, o Dr. Fielding-Ould examinou a boca, narinas, orelhas e cabelo de Helen, e uma vez começada a sessão houve protestos quanto às restrições: «Quem dera houvesse aqui alguém para tirar esta merda deste saco», resmungou o Albert enquanto laborava para desmontar atómicamente a médium suada e extrudi-la pela abertura de 27 polegadas.

Os esforços foram em vão e o saco teve de ser retirado, embora o ectoplasma tenha aparecido e sido moldado em mãos que agarraram os participantes antes de se dissolverem. Houve mais discussão com Henry, embora tenha terminado quando Helen começou a gorgolejar e engasgar-se, som medonho que o marido abafou com uma melodia alegre do gramofone.

As sessões continuaram todas as terças e sextas-feiras ao longo de novembro e dezembro. Houve mudanças e surpresas: um vestido de lã que custara 1 libra e 4 xelins foi trocado por um tamanho maior; introduziram um saco de rede arejada; e as dentaduras da médium foram delicadamente colocadas na mão de Miss Phillimore sem razão aparente. Tão desconcertante quanto isso, o Albert falou em dominar o cérebro da médium num minuto, no seguinte oferecia-se para tocar gaita-de-foles no casamento de Miss Phillimore.

Ouviram-se salpicos do gabinete, onde o chão por vezes se encontrava pegajoso. Contudo, ao longo de tudo, o ectoplasma fluiu, cintilante,

numinoso e matizado pastel, e as manifestações foram impressionantes, sobretudo a Peggy que atirou uma bola ao ar, cantou «Baa, baa, black sheep» e acenou «adeusinho». Os participantes tratavam os espíritos com respeito quase servil, mas seguiam o Albert no desprezo por Henry e pelas suas inofensivas intervenções. Uma vez o Albert ameaçou «torcer-lhe o pescoço do caraças» depois de ele propor tocar outro disco, e na sessão seguinte chamou-lhe «velho cabeçudo» e acusou-o de querer trazer a lua abaixo quando sugeriu ajustar a iluminação. A oferta faceta do Albert de fazer a médium ser controlada pregando-a dentro de um caixão foi educadamente recusada.

Registou-se perda de peso após as sessões, enquanto o pulso e a tensão arterial subiam, e análises à urina revelaram «quantidade espantosa de albumina». Do ponto de vista científico, dezembro trouxe outros dois desenvolvimentos chave: a obtenção de uma amostra de ectoplasma e a realização de registo fotográfico. No dia 5, Fielding-Ould levou uma bacia de água como o Albert instruíra e colocou-a dentro do gabinete. Nessa sessão os investigadores experimentavam novo tipo de iluminação quando uma persiana de vidro pintado escorregou acidentalmente e expôs Albert ao clarão total da luz branca.

Embora atrás da cortina e não diretamente exposto, a médium soltou um gemido medonho, quase como se tivesse sido baleada, e Albert descreveu o efeito nele como «um golpe horrível de atizador em brasa». Apesar do contratempo, um pedaço de ectoplasma chegou à bacia: outro fragmento maior encontrado na cadeira foi descrito como «duas polegadas quadradas e um pouco mais de um oitavo de polegada de espessura, matéria cremosa branca de aspeto coriáceo que flutua facilmente na água». Entretanto notou-se que o maxilar de Helen estava inflamado e um círculo de pele do tamanho de uma moeda de seis pence fora escoriado como que queimado.

O J. A. Stevenson, escultor, assistiu a duas sessões nas quais, sob supervisão de Albert, expôs dezassete placas fotográficas para uso em lanterna mágica. Todas mostravam as formas brancas opacas, embora as pregas finas e o brilho de cabrito não fossem bem reproduzidas. Após a segunda sessão, porém, Stevenson obteve recordação ainda melhor. Enquanto ele e outros conversavam com a Sra. Duncan à volta de uma chávena de chá, ela queixou-se de algo gelado por baixo do fato de sessão em que fora cosida. Empunhando tesoura, a Miss Phillimore abriu os

pontos e revelou uma tira de ectoplasma colada ao peito dela, que Fielding-Ould removeu com pinça, deixou cair num frasco de água destilada e depois dividiu em várias partes. Uma porção foi dada a um Sr. Montagu Scott de Hampshire e outra a Stevenson que fez diapositivo de lanterna a partir de esboço detalhado, registrando nas notas como «pedaço de substância semelhante a tecido — em partes aparentemente fibroso e noutras semelhante a nódulos gordurosos».

Quase desde o início, notas cétricas começaram a infiltrar-se nas observações. No início de novembro viu-se braço carnudo debaixo da forma espiritual de uma criança que baloiçava ao compasso da música. Mais tarde no mês a Helen deu um passo para o lado do gabinete, deixando lá um fantasma inanimado ligado ao rosto por um umbigo ectoplásmico que, ao virar-se para a luz, parecia atado num nó debaixo do nariz. Para Stevenson, uma manifestação parecia sólida com pernas cilíndricas como se embrulhadas em pano como uma múmia.

O baloiçar de outra forma criou efeito tão irreal que o Albert foi obrigado a explicar que a médium estava nervosa. Durante as sessões, alguns disseram que o ectoplasma parecia musselina; depois, que as amostras pareciam pano de chão. As queimaduras circulares que a Sra. Duncan ocasionalmente exibia, e que eram atribuídas à retração súbita do ectoplasma sempre que perturbado, pareciam aparecer apenas depois de ela fumar o cigarro pós-sessão.

No fim das sessões a LSA decidiu que pelo menos alguma fraude estava envolvida mas não conseguiu acordar quanta, sobretudo porque alguns membros tinham assistido a mais sessões que outros. Tudo isto, porém paradoxal, significou que a LSA sentiu que estava perante algo e quis que Helen regressasse a Londres no Ano Novo. Mas quando os Duncan chegaram a Dundee na semana antes do Natal, ela sentia-se profundamente infeliz com a LSA e estava aberta a novas ofertas. Até do mais cétrico investigador psíquico britânico, o Harry Price.

O Harry Price e a Helen Duncan tinham mais em comum do que jamais imaginaram, as vidas deles um emaranhado de fantasias e factos contraditórios, a ambição a dominá-los quanto mais os outros os levavam a sério. Cientista e showman, Barrett e Barnum em partes iguais, o Price era sobretudo caçador de fantasmas e jornalista, e usou bem a perícia em ambos os campos, enchendo colunas de jornais e popularizando o termo «poltergeist» em inglês. Era detestado tanto por espiritualistas como por

investigadores psíquicos, embora na maior parte do tempo só quisesse publicitar a verdade contornando as convenções polidas da SPR e da LSA. «Médiuns bons existem», dizia, «mas são tão poucos e raros que o investigador casual não os encontrará.» Os irmãos Schneider impressionaram-no em 1922 e um ano depois conheceu uma enfermeira discreta, a Dorothy Stella Cranshaw, que cultivou como médium física «Stella C» e com quem formou amizade que ela achou correto terminar quando casou em 1928. Bibliófilo obsessivo, Price passou o período entre as guerras a tentar impingir a sua enorme biblioteca a qualquer instituição que lha aceitasse.

A SPR guardou os livros algum tempo, foram transferidos para o NLPR, a LSA recusou-os (quatro vezes) e finalmente foram aceites pela Universidade de Londres, mas não antes, dizia-se, de ele os ter oferecido a Hitler. Hoje a coleção é inestimável e está impregnada de Price até nas placas heráldicas falsas e nas proveniências duvidosas. A sua imaculada primeira edição de *Discoverie of Witchcraft* (1584) de Reginald Scot era talvez mesmo o exemplar que Shakespeare usara para pesquisar Macbeth.

Price tinha olho infalível para oportunidades. O barão von Schrenck-Notzing morreu em fevereiro de 1929 e semanas depois Price já tinha contratado o Rudi Schneider para uma série de sessões de que saiu um best-seller no ano seguinte. Em outubro de 1930 Price reservou uma clarividente de origem irlandesa, a Eileen Garrett, que trouxera mensagens do capitão Walter Hinchcliffe pouco depois do avião dele desaparecer no Atlântico em 1928. Estas impressionaram menos pelo que a viúva aprendeu — «Diz-lhes que não há morte mas vida eterna» — que pelo pormenor técnico notável.

Dois anos depois Price convidou um jornalista a ouvir o espírito do tenente de aviação H. C. Irwin, piloto do dirigível R-101 que dois dias antes se despenhara, matando quarenta e oito passageiros e tripulantes, incluindo o secretário de Estado para a Aviação, Lord Thomson. Mais uma vez a análise foi altamente especializada e deixou estupefacto o major Oliver Villiers, oficial superior de informações no Ministério da Aviação que depois marcou sete sessões próprias. Procurando mais provas, Villiers assistiu também à sessão de materialização da Helen Duncan a 9 de dezembro, como revela o registo da LSA.

Price portara-se bem. Além da publicidade que atraiu através da revista do jornalista, vendeu a história ao *Morning Post* (em «exclusivo») e recebeu noventa guinéus pelos direitos americanos. Eufórico, sobretudo

porque membros da SPR desertavam para o seu National Laboratory, mudou-se para instalações mais espaçosas em Roland Gardens, a dez minutos a pé da LSA e investiu em novo equipamento. Só lhe faltava um médium seu. A Sra. Duncan cobijava-a, tendo ouvido falar dela pela primeira vez no anúncio de James Souter na Light. Durante a estadia dela em Londres, embora a LSA lhe tivesse recusado entrada nas sessões, Price conseguiu encontrar-se com os Duncan em privado e achou-os agradáveis e inteligentes.

No início de 1931 o escultor Stevenson deu-lhe não só as fotografias da sessão de Helen mas também a amostra de ectoplasma, transformada em lâminas de microscópio. Price cortejou Henry Duncan que lhe disse que tinham aceite a oferta da LSA, mas que talvez se pusessem à disposição dele no futuro. Entretanto as suspeitas de Price quanto ao ectoplasma foram confirmadas por análise química e microscópica. Na amostra de Eva C., Schrenck-Notzing encontrara «numerosos discos de pele; alguns corpos semelhantes a escarro; numerosos grânulos da membrana mucosa; numerosas partículas minúsculas de carne; vestígios de sulphozyansaurem potash».

A da Sra. Duncan era semelhante mas continha também clara de ovo coagulada. Por enquanto Price guardou isso para si, mas o conhecimento espalhava-se por outras vias. No mês seguinte o Sr. Montagu Scott contactou a LSA para dizer que a Charing Cross Medical School descobrira que a sua amostra era pouco mais que papel e pano colados com albumina.

Helen passou fevereiro de 1931 a recuperar forças após um ataque de bronquite e a reunir coragem para regressar a Londres. O Henry estava mais ansioso por voltar, encantado com a oferta de 9 libras por semana — três vezes o que uma família média vivia. Rendendo-se aos desejos dele, Helen colocou anúncio no Dundee Labour Exchange para uma criada que a acompanhasse num longo contrato e contratou uma jovem irresponsável chamada Mary McGinlay.

Na segunda semana de março a casa dos Duncan mudou-se para o número 8 de Beulah Crescent, Thornton Heath, Surrey, casa confortável arranjada pela LSA por renda anual de 85 libras. A 9 de março Helen e Henry assinaram contrato de seis meses com opção de renovação por mais um ano pelo London Psychical Laboratory, recém-formado ramo de investigação da LSA; a Helen assinou «Victoria Duncan», tropeçando nas primeiras letras como se nervosa ou pouco habituada a apresentar-se assim.

A excitação na comunidade de investigadores era intensa, não afetada pela análise do ectoplasma, cujos pormenores a LSA optou por não divulgar.

A tinta mal secara no contrato e já a SPR fazia avanços a Helen numa carta que ela, obediente, mostrou aos novos patrões; a secretária da LSA, a Miss Phillimore, por sua vez convidou um observador da SPR, garantindo acerca da Sra. Duncan: «Posso jurar pela honestidade dela como pela minha própria» — o que, atendendo ao que agora sabia sobre a composição do ectoplasma, não dizia grande coisa.

As sessões bisemanais recomeçaram a 13 de março, trazendo mais ectoplasma, primeiro do tamanho de uma cereja na língua de Helen, depois massas de tecido drapejado e uma figura suficientemente substancial para apertar mãos. Na terça-feira seguinte, numa sessão a que assistiram, entre outros, um clínico geral de Bournemouth, um oficial de estado-maior militar, um produtor teatral e um barão continental, a Peggy apareceu, cantou «Baa, baa, black sheep», manifestou preferência por água em vez de limonada (por causa do gás), depois passou a palavra à médium que roubou a cena escapando do fato de sessão e surgindo completamente nua exceto por um «véu de noiva» de ectoplasma.

A Dra. Margaret Vivian, a clínica geral, ficou profundamente impressionada, opinião que transmitiu ao amigo Maurice Barbanell e a outras figuras influentes da imprensa espiritualista. Foram adotados novos controlos — coser o fato de sessão com padrão secreto, fechar o fato com cadeado, encerrar as mãos da médium em manoplas de buckram e por aí fora —, mas ainda assim os fenómenos maravilhavam os convidados entre março e maio, cujos nomes hoje parecem páginas sociais da Tatler: Madame Destrees, Major e Sra. J. S. Swayne, Lady Harris e filha, Lady Culme Seymour, a Hon. Sra. Wild, Susan Condessa de Malmesbury, a Condessa Ahlefeldt Lauring, Sr. e Sra. Staveley Bulford, Major Stewart, a Condessa de Lavradio, Lady Doreen Knatchbull, Dr. E. S. Reid, a Hon. Sra. Cooper e Sra. Dickin OBE, para só citar alguns.

A 20 de março, numa sessão de investigação da LSA a que foi convidado o barão von Pohl, pediu-se a Albert que deixasse a sua marca num espelho de mão de ébano. Foram tiradas as impressões digitais de Helen e comparadas com fotografia ampliada do espelho por um ex-chefe de inspeção policial, mas sem resultado significativo.

A LSA não era a única fonte de rendimento dos Duncan. Henry continuava a receber a pensão do exército e nos dias livres Helen realizava

sessões em casa em Thornton Heath. Já podiam viver como família de classe média-baixa, comer bem, andar de táxi e ter criada. Mas inevitavelmente a jovem Mary McGinlay começara a reparar em coisas estranhas. A avó irlandesa de Mary (que por vezes mencionava à patroa) materializou-se numa sessão, embora o avô — que, sem a Helen saber, era escocês — parecesse ter adquirido o sotaque da mulher no mundo dos espíritos. Mais suspeitas despertou um bebé espiritual, supostamente um dos próprios filhos de Helen, que se parecia extraordinariamente com uma boneca que Mary por vezes ajudava as meninas Duncan a vestir.

A Mary interrogava-se porque eram as crianças empregadas para recortar rostos de revistas como a True Story Magazine e porque a mandavam comprar musselina fina com ordem de não contar a Henry. Luvas de borracha, de que não precisavam, encontrou-as num armário e de novo lhe mandaram não dizer nada; noutra ocasião viu Bella a enterrar um par no jardim. Numa gaveta descobriu também a estrela luminosa que uma meninazinha espiritual usava sempre que voltava para ver a mãe.

Noutras paragens, o trabalho de Helen era escrutinado ainda mais de perto. Na primavera de 1931 a LSA publicou dois relatórios genericamente favoráveis sobre os Duncan, concluindo que «forças físicas por alguma agência supranormal foram observadas». O peso das provas negativas, porém, era a essa altura esmagador. Uma tira de ectoplasma revelou ser gaze cirúrgica embebida em bálsamo do Canadá ou resina de pinheiro, e mais tarde no mês provou ser idêntica a um penso higiénico que a Sra. Duncan deixara no camarim.

O ectoplasma era «extrudido por movimentos óbvios dos músculos da boca e garganta». Na opinião de Harry Price, o único sítio onde uma médium não podia ser revistada sem anestesia era o estômago, e quando a LSA fez a Helen engolir um comprimido corante de azul de metileno não apareceu ectoplasma. O dilema era que o que era bom para a ciência não era bom para o negócio. As sessões para membros e convidados, pagando respetivamente 21 ou 25 xelins, ao longo de todo o contrato podiam valer até 500 libras, o dobro do que os Duncan recebiam no mesmo período. O negócio venceu.

Embora essas dúvidas não fossem partilhadas com os Duncan, estes pressentiam que nem tudo estava bem e, tal como os alerta e incómodos Goligher e os sensíveis e peculiares Crandon, «observavam os investigadores com olhos de super-investigadores», como Mercy

Phillimore recordou. Quando se descobriu que a costura-código do fato de sessão fora adulterada ninguém disse nada, mas o truque não se repetiu. Henry tentou reavivar o interesse da LSA com um perfil clarividente de Helen de um homem procurado por assassinio; mas mesmo que não tivesse sido tão fraco — o culpado, disse ela, era robusto, casado e usava botas — a reconciliação era esperança vã. Só o ganho comercial, e talvez o receio do ridículo público, impediram o Comité Executivo do London Psychical Laboratory de rasgar o contrato.

Entretanto, de antenas eriçadas, Harry Price escreveu a Miss Phillimore a pedir emprestada a Sra. Duncan, sabendo que lhe seria negado e, sem esperar resposta — aliás, no mesmo dia —, ofereceu a Henry 100 libras de adiantamento, 10 libras por sessão semanal e mais 100 no fim. A oferta revelou-se irresistível.

Após reunião em que os Duncan experimentaram o ambiente do laboratório de Price no 13d de Roland Gardens (que acharam acolhedor), Price enviou convites para a primeira sessão secreta, na qual, como um empresário vitoriano, anunciou o seu monstro como «a médium de materialização mais brilhante jamais vista neste país». A colega de Price, Mollie Goldney, então a formar-se no elegante Queen Charlotte's Midwifery Hospital, ficaria encarregada do exame físico, evocando os tempos em que parteiras conduziam júris de matronas para despir bruxas suspeitas à procura da marca do diabo.

A sala de sessões, que almas cruéis comparavam a um pavilhão de caça decorado com troféus de médiuns desmascarados, Price preferia considerar «nada mais nada menos que a biblioteca de um cavalheiro, mobilada com conforto e atmosfera caseira». Outros diziam que parecia um teatro de operações cruzado com câmara de tortura, embora essa descrição assentasse melhor na oficina contígua com as prateleiras de ferramentas, campânulas de vidro, microscópios e câmaras de caixa em tripés altos. Decerto o retrato de Houdini na prateleira da lareira era aviso aos impostores.

Chegando à primeira sessão às 19h30 de segunda-feira, 4 de maio, Helen parecia nervosa ao ser apresentada aos participantes, entre os quais o professor McDougall de Harvard que examinara Margery. Depois de revistada e ajudada a vestir o fato, a atuação começou — o programa habitual com o Albert como anfitrião, a médium a ressonar e o ectoplasma a formar primeiro um véu, depois um avental, com odor curioso a mofo

misturado com látex. Mais quatro sessões decorreram ao longo de outras tantas semanas, em duas das quais se examinou o reto e a vagina, sem nada de anormal. A suspeita estava noutro lado. Um pedaço de ectoplasma caiu, deixando um alfinete de dama preso na cortina do gabinete. Outro alfinete era visível numa das fotografias com flash de Price, tal como um rosto recortado de revista e uma mão pendente que parecia muito uma luva presa a um pedaço de musselina. «Devo dizer que fiquei profundamente impressionado», declarou Price. «Impressionado com a descarada ousadia que levou os Duncan a vir ao meu laboratório... Impressionado com a espantosa credulidade dos espiritualistas que conviveram com os Duncan durante seis meses seguidos.»

No dia seguinte à primeira sessão, 5 de maio, Helen voltou à LSA e perturbou-se ao ver na primeira fila Mollie Goldney outra vez, convidada como observadora da SPR.

A sessão começou. Estava também presente o Dr. Nandor Fodor, advogado húngaro tornado jornalista na equipa de Lord Rothermere, cuja surpresa por ser atingido por algo como um toco foi ofuscada pelo Albert lhe entregar cerimoniosamente os sapatos da médium. Mas o clímax dramático deu-se quando o rasto de ectoplasma se prendeu ou, mais provavelmente, foi pisado pela Sr.^a Goldney e teve de ser arrancado à força.

A Helen começou a gritar, efeito sempre arrepiante na escuridão silenciosa. Depois, Mollie correu para o gabinete e, embora aliviada por encontrar a Sra. Duncan totalmente vestida, alarmou-se com o sangue no rosto dela e limpou-o com um lenço. Entretanto a história da escapada nua de Helen do saco da LSA corraera mundo. Nessa mesma noite foi tema de debate na Cambridge University Union Society, com um orador a parodiar Wordsworth para descrever como a Sra. Duncan surgira:

Não em total esquecimento, Nem em absoluta nudez, Mas arrastando nuvens de teleplasma...

*A moção em debate — «Esta Câmara não tem fé na Magia Negra do Espiritualismo e das Ciências Ocultas» — foi aprovada, mas por apenas oito votos de diferença (26 contra 18).

A glória e o sonho desvaneciam-se, e Helen passou a noite a vomitar — reação que, notou a criada Mary, se tornara regular. No dia seguinte o Henry telefonou a Harry Price a contar-lhe de duas pequenas queimaduras perto do umbigo dela e de uma carta que ela escrevera para o médico-legista caso se suicidasse. Alguns dias depois Price encontrou os Duncan e

conseguiu acalmar Helen, embora nessa noite em Queensberry Place, segundo revelou Albert, ela estivesse «toda a tremer». Na segunda sessão do NLPR, a 14 de maio, Price e um médico de Harley Street, William Brown, examinaram as queimaduras lívidas e descamadas e, por precaução contra choque do flash da câmara de Price, Mollie Goldney forneceu uma das suas meias de seda preta para venda.

A atuação foi decepcionante. O Albert retirou-se cedo, a Peggy não se deixou atrair do paraíso com chocolates, e Helen despachou-se para o chá com bolachas, fumando desalmadamente. Nas duas semanas seguintes queixou-se de medo do palco, bronquite e problemas de dinheiro, tendo pelo menos uma vez telefonado ao Price, que lhe enviou um cheque de 5 libras. Este, porém, estava decidido a prosseguir e, após gravar a voz do Albert, preparava-se para usar raios X — pelo menos para detetar um alfinete.

A afirmação de que ela se oferecera voluntária para isso e para lavagem ao estômago parece improvável, dado o estado ansioso dela. Gena, com cinco anos, reparou no sofrimento da mãe e um dia ouviu-a dizer que um homem chamado Harry Price havia de ser a sua morte.

Na quarta sessão do National Laboratory of Psychical Research, a 28 de maio, David Fraser-Harris, professor jubilado canadiano de fisiologia, não se impressionou com as «vagas trivialidades» que o Albert debitava no seu sotaque afetado, nem com a óbvia musselina pendente das narinas da médium. Ao primeiro flash da câmara o Albert anunciou que algo não estava bem e as cortinas abriram-se revelando o nariz de Helen a escorrer sangue, amostra do qual o Dr. Brown colheu com o lenço.

Perante o caos, Price teve de agir depressa para obter a radiografia. Com simpatia teatral, levou o seu prémio cambaleante até ao sofá onde ela se sentou a transpirar, relutante em deitar-se como ele sugeria, chegando a recusar uma chávena de chá. O professor Fraser-Harris descreveu o que se seguiu: «Várias vezes tentou levantar-se e sair da sala, o que não era fácil pois o volumoso aparelho de raios X bloqueava a saída. A agitação aumentava a cada pedido para se deitar para a radiografia, até que por fim se pôs de pé de um salto, deu uma violenta bofetada na cara do marido e fugiu da sala.»

Em estado de grande agitação disse que precisava da casa de banho, mas ao ser seguida mudou de ideias e simplesmente se deixou cair no hall de entrada como criança amuada. Enquanto iam buscar um copo de água,

levantou-se de novo, abriu a porta da rua e atirou-se escada abaixo. Segundo Price, que estava a bater a meia-noite. Lá fora, Helen desmaiou e agarrou-se às grades como uma sufragista, gritando histericamente e rasgando o fato de sessão. Henry, o primeiro a chegar, tentou em vão acalmá-la.

Chegou um polícia e ficou desconcertado ao ver vários homens de smoking em volta de uma mulher de cento e sete quilos vestida apenas com combinações de cetim preto a uivar no passeio, mas depois de ela parar de praguejar contra todos, Price conseguiu despachá-lo. Voltou-se então para os Duncan, suspeitando que algo fora passado a Henry — suspeita reforçada pela súbita insistência da médium em ser radiografada afinal.

Quando o Price pediu para revistar Henry este recusou, alegando que estava com roupa interior suja; insinuou também que trazia pensos higiénicos, mas, como a Mollie Goldney fez notar, a mulher não estava menstruada. À luz fria do dia o professor Fraser-Harris chegou a três conclusões firmes: a voz do Albert era a da médium «alterada por longa prática para ficar irreconhecível»; algum material estava escondido no corpo dela, daí a relutância em ser radiografada; e o sangue servia para os influenciar, mas podia ser o resultado natural de enfiar material pelo nariz acima.

Contrariamente ao que por vezes se diz, os Duncan voltaram ao NLPR, apesar do crescente medo de Helen da Mollie Goldney a quem acusou de a ter incriminado plantando um alfinete de dama descoberto na prega do fato de sessão. O medo era agravado pela doença: no NLPR queixou-se de um braço muito inchado por abcesso; na SPR apareceu de tipoia — agora com suspeita de braço partido. Talvez por isso os fenómenos fossem fracos, embora uma mulher que afirmava ter visto Madame Blavatsky nos traços transfigurados da médium tenha salvo o dia. O Albert não negou a presença da grande teosofista.

Na sessão seguinte Henry foi ao cinema, como combinado, dando tempo suficiente para que dois médicos que Price recrutara secretamente num hospital de Londres (disse ele que era o St Thomas's) explorassem a fundo o continente escuro do corpo da Sra. Duncan: «Trouxeram um saco de instrumentos, tiraram os casacos e puseram mãos à obra a sério. Mas não encontraram nada. Todos os orifícios e recantos onde coubesse instrumento ou mão foram minuciosamente revistados; mas em cada novo sítio deram com nada.» «Tudo isto soa terrível», comentou Price, «mas é a

investigação psíquica moderna: técnica que nos é imposta pelos truques espantosos dos médiuns». Os médicos notaram que ela não estava nas melhores condições: os tímpanos tinham perfurações antigas (provavelmente das fábricas) e havia sinais de otite média com secreção purulenta.

Embora os médicos fossem quase de certeza homens, para atenuar a má impressão do episódio, em novembro desse ano Price informou o presidente da SNU, J. B. McIndoe, que tinham sido mulheres.

As conchas nasais estavam também infetadas e a deitar pus. O útero foi descrito como «pequeno e antevertido, o colo «pequeno e cicatrizado» e o reto estava vazio «exceto por fezes moles». Fora combinado tirar amostra de ectoplasma e, para garantir, Price dera a cada participante uma tesoura cirúrgica que cintilava na penumbra. Mas o Albert mostrou-se tímido e lento. «A impotência de propósito frustrado parecia abater-se como incubo sobre aquele espírito gentil», ironizou Price, «pois embora não exatamente inarticulado, proferiu apenas platitudes vagas e sem informação.»

Helen produziu apenas alguns centímetros de ectoplasma; mas no segundo em que o Albert autorizou, um dos médicos saltou. Helen gritou, atirou a cabeça para trás e o ectoplasma rompeu-se como panqueca viscosa; o resto — que se revelou um tubo de papel achatado dobrado em ziguezague — ela engoliu. Quando saiu do transe os olhos reviraram e os braços sacudiram-se, até que os médicos lhe falaram alto e o pânico cedeu a torpor. Descobriu-se que o sangue espalhado pela cara vinha de um pequeno furo no septo nasal e notou-se que o abscesso no braço supurava. «Estou num estado horrível», gemeu ela.

Price concluiu que a Sra. Duncan produzia matéria artificial «por regurgitação, ou peristaltismo esofágico invertido, com ajuda do diafragma e músculos da parede abdominal anterior». Tinha a análise química; estava pronto. A quinta-feira, 11 de junho, procurando explicação para as parecenças entre o ectoplasma da mulher e musselina de queijo, o Conselho do NLPR interrogou Henry, apontando para o tecido ampliado nas fotografias e especulando sobre luvas cirúrgicas insufladas. Henry foi filosófico.

Citando os famosos exemplos da Margery, Eva C. e Rudi Schneider, reafirmou a crença de que as produções da mulher eram supranormais, mas admitiu que às vezes suspeitava que ela escondesse coisas, ainda que inconscientemente. «Já a levei à casa de banho e a obriguei a tirar toda a

roupa», disse, «e em duas ocasiões fiz-lhe exame vaginal.» Também mandara a Mary McGinlay revistar-lhe a roupa antes das sessões. Espantosamente, saiu da reunião com outra sessão marcada para 2 de julho. No dia seguinte, após sessão desastrosa em Queensberry Place — tentou fazer passar a língua de fora por ectoplasma —, Henry encontrou o Comité da LSA e declarou que as materializações da mulher resultavam de regurgitação. Embora o contrato fosse dado por findo, as sessões pagas continuaram e a LSA continuou a distribuir folhetos anunciando os «Experimentos em Fenómenos Físicos da Sra. Duncan».

A Helen não estava em condições de realizar qualquer tipo de sessão. Caiu em desespero violento ao saber do que acontecera, além do braço septicémia que a obrigou a internamento no St Thomas's, onde drenaram o abscesso e a mantiveram em observação. Mas enquanto o corpo sarava, a mente apodrecia e, num impulso imprudente, engoliu meio frasco de Eusol, solução antisséptica de cal clorada e ácido bórico, acabando por ter o estômago lavado, afinal. O médico, que julgou tratar-se de «performance histórica» em vez de tentativa real de suicídio, recomendou encarecidamente que abandonasse imediatamente as sessões.

A LSA, que já aguardava o fim, foi informada por carta do Henry a 15 de junho, na qual dizia que Helen tentara duas vezes o suicídio. O Dr. Fielding-Ould reconheceu no internamento oportunidade para analisar a urina por um patologista químico, mas nada de anormal se encontrou. Entanto, fingindo preocupação, organizou delegação da LSA para visitar Helen a convalescer na cama, gesto que ela agradeceu gritando obscenidades até eles saírem.

A 19 de junho, já convalescente, encontrou-se com a Miss Phillimore em Queensberry Place para assinar acordo pelo qual a LSA se obrigava a pagar-lhe as 7 libras, 1 xelins e 6 pence que lhe eram devidas (após dedução de renda, taxas e imposto) e, desde que partissem dentro de uma semana, pagaria as 40 libras do regresso da família e mobília à Escócia. Entanto, para comparar com o ectoplasma da Sra. Duncan, Price tirava fotos da secretária Ethel posando com musselina de Woolworths, uma das quais a mostra com os 6 pés por 30 polegadas de pano todo escondido na boca.

Tão absorto estava que só por acaso soube na segunda-feira que Helen e Henry iam para casa sem lhe dar a sessão de 2 de julho. Nessa noite, a Mollie Goldney localizou os Duncan numa sessão em Eaton Terrace, SW1,

onde Henry explicou que partiam porque Helen precisava de férias. A Sr.^a Goldney levou-o de volta a Roland Gardens onde Price tentou novo acordo, oferecendo 100 libras para filmar Helen a regurgitar pano. Tão desesperado estava Henry por sair de Londres que foi forçado a recusar, mas antes Price mostrou-lhe os dois conjuntos de fotos: Helen em ação e as encenadas com a Ethel. Talvez indique o estado ansioso e confuso de Henry o facto de ter precisado que Price lhe apontasse que Ethel era metade do tamanho de Helen para distinguir as fotografias.

A 23 de junho a família Duncan embarcou no vapor noturno e respirou o ar fresco não só do mar, mas da liberdade face ao nojo e descontentamento das sociedades londrinas de investigação. No dia seguinte a pequena Gena enjoou com o balanço do barco, mas sobretudo de excitação, constituição agravada pela visão do pai eufórico pai a devorar um lauto pequeno-almoço de arenques defumados ao avistar a Leith ao longe. Sobre o chá matinal e o cigarro, também Helen contemplava com alguma satisfação a viagem de regresso e o que haviam conseguido nos últimos meses.

Afinal, não fora falhanço total: tinham sido pagos. Incluindo despesas, os Duncan haviam custado às sociedades londrinas mais de 500 libras em poucos meses — o suficiente para comprar uma casa geminada nos subúrbios dos condados residenciais. Helen deixou para trás papel mata-borrão meio digerido e algumas das suas fotografias, incluindo o retrato que levava no outono anterior e no verso escrevera «Devolver à Sra. Duncan, Ferry Road, Dundee» antes de o emprestar a Price. Mas o Price nunca lho devolveu e até o usou sem permissão como frontispício do seu livro seguinte.

Despachados os Duncan, Price preparava-se para esmagar a LSA — «os tipos lá de baixo», como lhes chamava em Queensberry Place — vingança por todas as críticas e desfeitas. No início de julho de 1931 terminou rascunho de *The Duncan Mediumship: a Study in Regurgitation*, mas por conselho jurídico cortou partes e mudou o título para *Regurgitation and the Duncan Mediumship*. Sem tempo para publicar antes do relatório da própria LSA, deu entrevista ao repórter do *Morning Post* que cobrira a história do R-101 e emprestou-lhe cópia adiantada. Em nenhum momento mencionou a LSA, mas insinuações sobre conhecida sociedade espiritualista bastaram. A 14 de julho a notícia rebentou com manchete: «ESPIRITUALISTAS ENGANADOS. TELEPLASMAS DE PANO DE

QUEIJO. «MÉDIUM» DESMASCARADA. NOTÁVEL FACULDADE DE REGURGITAR, regalando os leitores com histórias de ectoplasma de polpa de madeira e declarando o episódio «uma das fraudes mais inteligentes da história do Espiritualismo».

A história apareceu também no Liverpool Post e no domingo no Manchester Empire News. Três dias antes da publicação da Light, a LSA foi assim humilhada — «a cuspir sangue», segundo Mollie Goldney. De Queensberry Place partiu rajada furiosa de cartas para Roland Gardens, com o Dr. Fielding-Ould a recusar acreditar que Price não escrevera pessoalmente o artigo.

O relatório «adverso» publicado na Light a 17 de julho de 1931 afirmava que «em quase todos os pontos as conclusões são decepcionantes para quem se interessa por investigação psíquica». Todas as dúvidas reprimidas vieram agora à tona. A Mollie Goldney leu-o indecentemente às pressas e escreveu imediatamente à colega da SPR Eve Brackenbury: «Demoraram muito tempo a chegar aqui!!» Para o Comité Executivo da SPR o mais espantoso de todo o caso era a forma como a LSA mudara de ideias sobre a credibilidade da Sra. Duncan. A LSA, por sua vez, concluiu que a culpa era do Henry: exercia influência maligna, diziam; falou-se no «encanto do ouro». Durante o verão os Duncan apresentaram a sua versão a Ernest Oaten, editor da Two Worlds, que escreveu editorial que deu origem a aceso debate entre ele e o Dr. Fielding-Ould sobre a relevância da análise junguiana para o caso Duncan.

As reações ao livro de Price foram mistas. A SPR criticou que o conteúdo de investigação psíquica era nulo, com o conde Berovsky-Petrovo-Slovovo a duvidar que a regurgitação tivesse sido provada. Price defendeu o trabalho como contributo para a ciência médica; mas para ele o lucro e a publicidade eram primordiais, e nesse sentido o livro tinha capa mole (custava só 5 xelins), mas muitas fotografias, incluindo conjunto de estereogramas — pares de imagens idênticas para os quais se aconselhava comprar visor 3D americano barato.

Embora Regurgitation and the Duncan Mediumship tenha sido posto à venda nos EUA e apesar da opinião de McDougall de que a Sra. Duncan era fraude, a SPR americana estava ainda mais dividida que a inglesa e recusou publicar os achados de Price alegando que «os factos principais estão em disputa». Em Itália, o editor da Luce e Ombra foi mordaz, notando que o ectoplasma parecia sempre pano! Os espiritualistas ficaram

ainda mais indignados. O J. Arthur Findlay, vice-presidente da SPR de Glasgow, enviou testemunhos a Price que este devolveu com resposta cortante: «Quando estas pessoas produzirem provas tão boas da anormalidade dos alegados fenómenos da Sra. Duncan como as que nós produzimos do lado fraudulento da mediunidade dela, escutá-las-ei. Não vi nem ouvi um pinga de prova real que me convença de que a Sra. Duncan tenha qualquer poder psíquico.»

Entretanto, Helen retomara as sessões na Escócia. A SNU de Glasgow procedia com grande cautela, garantiu J.B. McIndoe a Price, mas até então não detetara som, cheiro ou visão de regurgitação; de resto, os médicos que a radiografaram em Dundee riram-se da ideia. Ernest Oaten negou que o que Price vira e o que outros vissem fosse a mesma coisa, ao que Price, cada vez mais exasperado, respondeu: «Se sentisse, cheirasse e fotografasse a coisa como eu fiz, não teria a menor dúvida de que era musselina engolida e regurgitada: apostava a vida nisso.»

Mas perdia tempo, pois a Helen estava mais alta que nunca na estimacão dos apoiantes. O Montague Rust continuava a delirar com os fenómenos. Numa sessão, disse, o gabinete abriu-se revelando «a Sra. D. de pé, um pé na cadeira, e massas de material branco a jorrar do nariz, boca, orelhas, seios e da zona da vagina». Em novembro de 1931 contou a Mollie Goldney que sempre souberam que Londres seria fiasco e que os cétricos de lá nunca conseguiriam bons resultados de «criatura humana tão sensível». Sarcasticamente, referiu-se a todos os milagres dela como regurgitações:

Na verdade, regurgitou o meu cunhado Charles Ross, o meu motorista Andrew Barclay e o meu cão Hector. Tivemos longas conversas com eles nas suas vozes características e memórias variadas, com Hector absolutamente real em todos os gestos e a correr pelo chão como em vida. Formas saíram e sentaram-se no colo de participantes, falaram, comeram maçãs e beberam água, e outras ainda que me tiraram as botas à força, as calçaram e andaram com elas.

O Dr. Rust vira também Helen desmaterializar-se, levitar, sugar de volta um espírito num segundo e produzir torrão de ectoplasma do tamanho de bola de futebol que caiu no chão com estrondo.

Com tanto apoio, os Duncan ripostaram a artigo no Empire News com manchete «HISTERIA DE MÉDIUM ESPERTA» e fotografia retocada da médium com nó de ectoplasma a tapar-lhe parte da cara. Dias depois o

editor telefonou a Price sobre carta recebida de advogados afirmando que a cliente «nunca foi fotografada na posição indicada e tem a certeza de que a foto é na verdade de pessoa que conhece como Ethel, dactilógrafa do Sr. Harry Price». Para culminar, perito certificou que a imagem era falsa. «Os Duncan vão de tolice em tolice», queixou-se Price a Oaten. «Que fazer com gente assim?»

Mas a SNU mostrou o que pensava deles concedendo o precioso diploma, permitindo a Helen agradecer à LSA que «definitivamente me pôs no mapa como médium». O trabalho afluía. Price percebeu que o relatório funcionara como anúncio, pois, como recordou, «os espiritualistas de ambos os lados do Tweed começaram a atropelar-se para obter sessões com ela».

Em dezembro aceitou convite da Dra. Margaret Vivian para a igreja espiritualista de Bournemouth onde os participantes se deliciaram com pepino aportado, cheiro realisticamente podre do ectoplasma e dores de cabeça e exaustão que sofreram ao serem sugados os sucos criativos dos corpos. O pastor residente, Rev. Frank Blake, declarou Helen «a médium mais valiosa para fenómenos físicos nas Ilhas Britânicas».

Nesse mesmo mês correspondente da Two Worlds descreveu como Albert pedira aos participantes que considerassem a interpretação de Harry Price e sugerira que, se verdadeira, a Sra. Duncan teria então poderes de engolir de crocodilo. Fora do transe, Helen comportava-se nas sessões com ar de inocência ofendida, elevada pelo inebriante martírio em que no futuro seria içada.

Os Duncan mudaram-se de novo para Edimburgo onde primeiro só encontraram apartamento de um quarto, o Henry e a Helen a dormir num recesso da cozinha, mas depressa trocaram por casa de três quartos com casa de banho. Contudo, exceto Bella, de dezasseis anos (e a criada Mary McGinlay), a família raramente estava em casa. Para poder viajar, a Helen mandou os filhos para lar municipal a quarenta milhas em Kelso onde, traumatizada pelo regime, Gena se mijava com frequência e rezava fervorosamente a Deus e ao Albert, sobretudo pela irmã doente Nan.

Mas a Helen ensinara-lhes os princípios da Paternidade de Deus e Irmandade do Homem, e eles compreendiam que ela tinha de espalhar a mensagem mais longe. Na primavera de 1932 o presidente da Southend Society of Spiritualists despira a veste mortal só para ressurgir numa casa em Leigh-on-Sea graças a Helen, que nessa ocasião ainda encontrou tempo

para reunir homem com avó cantora, manifestar mulher a pedir elogios pelo vestido ectoplásmico e para a Peggy desenhar beijinhos com bloco e lápis. Depois disto os Duncan estavam em Londres, onde o Will Goldston, fundador do Magicians' Club e autor de quarenta livros de prestidigitação, assistiu a sessão em que Helen comeu dose dupla de café e bolos antes de materializar oito espíritos. Na Páscoa estavam em Bristol (Gena lembra-se de trazerem ovos de chocolate no regresso) e depois voltaram a Londres.

A convite do jornalista espiritualista Maurice Barbanell, Goldston assistiu a outra sessão onde tentou em vão incapacitar a Sra. Duncan com corda de faixa e algemas, e escreveu o relato para o recém-fundado *Psychic News* de Barbanell. Tal como dissera de Rudi Schneider em 1929, Goldston jurou ter visto coisas que nenhum truque conseguiria. Também impressionava quando as coisas corriam mal. Após sessão em que mulher gritou, Helen disse sentir como se lhe tivessem batido na cabeça, reação física aparentemente corroborada pelo fiozinho de sangue que lhe escorria do nariz enquanto falava.

Apesar da adulação, Helen nunca mais seria deixada em paz pelos inimigos. Um dia, no início de 1932, homem, provavelmente jornalista, abordou a Bella e a Mary na rua e por 10 libras — provavelmente o que a criada ganhava num mês — ouviu que guardavam máscaras e boneco na casa de banho. Em casa as raparigas confessaram, levando Henry a comentar que o preço de Judas subira, e aumentando a desconfiança de Gena para com Mary que pouco depois foi despedida e voltou para Dundee.

A convicção da Helen de que Harry Price estava por trás do incidente pode conter verdade. Em fevereiro de 1932 Price recebeu carta de Mary McGinlay que lera artigo dele no jornal e pensou que gostaria de ouvir as histórias dela sobre «a Grande Médium de Materialização [sic], Sra. Duncan». Alegava ter ficado doente de excesso de trabalho. Pressentindo a ansiedade dele em conhecê-la, a Mary pediu-lhe cheque para comprar roupa e bilhete de comboio, e na manhã de 15 apanhou comboio em Dundee que dez horas e meia depois chegou a Euston. Dali, foi levada de táxi para o Harrington Hall Hotel em South Kensington onde finalmente se sentiu alguém.

No dia seguinte descreveu ao Conselho do NLPR o que vira e ouvira: as luvas de borracha, a boneca, a estrela luminosa, os vômitos e, claro, o ectoplasma: «A Sra. Duncan mandava-me lavar comprimento disto de

musselina. A musselina cheirava a podre. Fazia-me lembrar cheiro a urina... por vezes estava um pouco manchada como se já tivesse sido lavada. Outras vezes dava-ma logo depois de usar e então estava muito manchada e viscosa.» Não só as rasgões nas fotografias de Price eram os mesmos que lembrava na musselina da Sra. Duncan, mas mandavam-na separar claras de ovos que a patroa dizia serem tratamento para o abcesso.

Antes de cada sessão, disse a Mary, a Sra. Duncan comia qualquer coisa — normalmente bolachas e chá — tomava banho e desaparecia cinco minutos na casa das ferramentas. Porquê, não sabia. Havia mais. Na noite de 28 de maio de 1931, após histerias em Roland Gardens, os Duncan chegaram a casa e discutiram até Henry sair porta fora e mandarem Mary atrás dele. Ele disse-lhe que o jogo acabara e deu-lhe o pano que lhe passara na rua.

A declaração dela foi incorporada sob forma de declaração juramentada, lida perante comissário de juramentos, publicada pelo NLPR como suplemento do relatório e chegou ao Daily Mail, que cobrira a história em outubro anterior. Dois dias depois de Mary sair de Londres Price recusou pedido dela de dinheiro para casar, desfeita que J. B. McIndoe julgou explicar porque, quando a entrevistou, ela disse não ter motivo para achar a Sra. Duncan fraudulenta. Enviou carta ao Daily Mail a anunciar a reviravolta da criada turbulenta, mas recusaram publicá-la.

Em dezembro de 1932, como gato e rato, Harry Price viajou para Edimburgo, Helen para Londres. Numa sociedade espiritualista em Wigmore Street os participantes apalparam as mãos de Helen, depois as de Albert — as primeiras calejadas, as segundas macias — e convidaram velho a comparar gengivas da mãe materializada com dentes da médium — embora presumivelmente não muito de perto porque, como a Miss Phillimore poderia testemunhar, não eram os dela.

Na visita a Auld Reekie, Price comprou bilhete no Theatre Royal, onde o cartaz incluía Marie Lauton e harpa; as Harum-Scarum girls e os seus «Merry Madcaps»; e Michel & Nan: o Xilofonista Dançante e a Irmã que Dança. Price, porém, só se interessava por um número, Kanichka o Avestruz Humano, a quem contacto feminina em Edimburgo, identificada apenas como «E. M.», o alertara. Na opinião dela a habilidade de Kanichka como regurgitador indicava que Helen não era nada disso. Verdade, vomitava pedaços de papel — explicando porque muitas materializações eram velhinhas a tossir —, mas os rolos de musselina vistos por Price

tinham de vir de outro sítio. Após ver Kanichka pessoalmente, Price aceitou o argumento e talvez até reconsidere a negação pública que Helen fizera tantas vezes: «Não engoli a musselina, dão-me crédito por muito mais do que consigo.»

O certo é que se interessou vivamente pela alusão de E.M. a vindoura «Investigação Governamental» sobre mediunidade fraudulenta, pois agora compreendia que os impostores não podiam ser vencidos só por retórica ou experiências. Só a lei tinha dentes e no futuro seria aí que Price procuraria oportunidades, assumindo que a lei não viesse ter com ele primeiro. Embora Helen tivesse sido posta nos holofotes, parecia que dias escuros a esperavam.

5

FORTUNAS ALTERADAS UM CHOQUE COM A LEI E A CHEGADA DA GUERRA

Durante digressão de palestras nos Estados Unidos em 1922, Sir Arthur Conan Doyle assistiu a sessão de materialização do Sr. e Sra. «Tomson» em Nova Iorque. Enquanto os espíritos desfilavam, Conan Doyle — sempre mais Watson que Holmes — foi-se tornando suspeito, sobretudo quando apareceu a própria mãe. Num dos seus thrillers, Holmes aconselha Watson, enlutado pela morte da mulher, que o trabalho é o melhor antídoto para a dor; mas não era opinião partilhada inteiramente pelo autor que passou a última década de vida a pregar os confortos da comunicação espiritual.

Mesmo apaixonado nas crenças, o Conan Doyle aceitava que a fraude era abundante. E os Tomsons tinham má reputação: Houdini e Sir Oliver Lodge tinham correspondido sobre eles; e agora o Departamento de Polícia de Nova Iorque interessava-se. Três noites depois os Tomsons manifestaram «tia Emma» para uma Sra. Martin, após o que ela e o «marido» — ambos polícias à paisana — se levantaram, sopraram apito e esquadra da NYPD irrompeu. Willie e Eva Tomson foram multados em 100 dólares pela Lei de Adivinhação, legislação baseada na britânica.

«Todos queremos saber o que acontece aos entes queridos após a morte», observou Harry Price, recontando anos depois a história num jornal. «Tão enraizados e sagrados são esses anseios de comunicar com os

que partiram que é difícil conceber algo mais cruel e desumano que enganar nesse domínio.»

No julgamento dos Tomsons, testemunha das fraudes expressou cautela partilhada por número crescente de crentes: «Se espírito se dissolve quando o agarramos, é mesmo espírito. Mas se grita e rola pelo chão — é só mais uma fraude.» Se ao menos fosse assim tão simples. A verdade era que mesmo casos de impostura manifesta podiam ser encobertos por médium atordoada e emocional, cambaleando para um e outro lado, criando cortina de fumo de caos e protestando ignorância ou responsabilidade diminuída. Fantasmas costurados de lençóis podiam desaparecer quase tão depressa como os verdadeiros. A maior parte da mediunidade fraudulenta, além disso, era mental e portanto quase impossível de provar — a menos, claro, que se presumisse que o ato de mediunidade, independentemente de intenção, estilo, circunstância ou resultado, era de facto ilegal.

Este problema era antigo. Na Inglaterra do século XVIII a propriedade era divinizada e enganar os crédulos tornou-se área em que o Estado procurava restringir o indivíduo. Em 1800 as autoridades estavam decididas a reprimir ciganos. A Lei da Bruxaria de 1735, que permitia processar adivinhos, raramente era usada porque exigia julgamento por júri; mais frequentemente os infratores eram julgados como vadios, sumariamente por magistrados — política reforçada pela nova Lei da Vadiagem de 1824, cujo artigo 4 proibia especificamente a adivinhação e quiromancia como atos de engano.

As detenções sob a Lei de 1824 aumentaram nos anos 1850 quando se criaram forças policiais regionais, com agentes à paisana a usar moedas marcadas para provar troca de dinheiro. E nessa altura, porque os adivinhos podiam ser processados não só pelo que eram (nómadas) mas apenas pelo que faziam, significava que a Lei se aplicava mais geralmente a médiuns espiritualistas sentados nos seus salões.

O primeiro julgamento mediático foi o do D. D. Home. Fora incluído no testamento de viúva rica mas iludida que o adotara aos trinta e poucos anos, mas num momento de lucidez, provocado pela decepção de que o «rapaz de cabelo dourado» recusava sexo com ela, viu através das comunicações do marido e da promessa do Home de que a mão artificial dela ganharia vida. Em 1868 o grande médium flutuante foi obrigado por

juiz a devolver a escritura de doação, que condenou como «disparate pernicioso».

Em 1876 Henry Slade, médium americano cuja especialidade era escrita automática em lousas seladas, foi desmascarado pelo zoólogo eminente Edwin Ray Lankester e pelo Dr. Horatio Donkin, colega dele numa cruzada de quarenta anos contra médiuns fraudulentos. Apesar de endosso sonante para o Slade por ninguém menos que o Alfred Russel Wallace, naturalista cujo trabalho sobre seleção natural nos anos 1850 antecipara e acelerara o de Darwin, o magistrado no Tribunal de Bow Street baseou-se em «inferências a tirar do curso conhecido da natureza» e Slade foi condenado a três meses de trabalhos forçados sob a Lei da Vadiagem, embora a sentença tenha sido depois anulada. Este caso, e o de Francis Monck, médium físico que cumpriu pena, chamaram atenção pública não só para possibilidade de fraude mas para formas de a perpetrar com truques mecânicos: máscaras, véus, luvas, fios e lousas duplas astuciosamente articuladas para ocultar mensagem pré-preparada até momento culminante.

Estes casos, e outros que se seguiram, também geraram debate sobre o processo legal contra espiritualistas, com defensores a lamentar regresso à superstição medieval, opositores a loucura da caça às bruxas. A ação policial continuou pelo século XX, embora numa era em que classe ainda era sinónimo de autoridade, a distinção social de muitos médiuns — e clientes abastados — funcionasse como travão. Perguntas foram feitas no Parlamento, a que sucessivos ministros do Interior — em 1911, Winston Churchill — responderam definindo a Lei de 1824 e reafirmando que onde quer que a profecia levasse a imposição, aí a lei interviria.

Em 1912 aumento da adivinhação no West End londrino provocou operação da Polícia Metropolitana: avisos, proibição de anúncios e ira de figuras como Madame Nita da Edgware Road que citou as perguntas parlamentares em defesa. Outros foram processados. Egípcio que previu tragédia no mar a agente à paisana — no ano em que quase 1500 vidas se perderam no Titanic — alegou em Bow Street que só dizia coisas para fazer as pessoas felizes.

O impulso que a guerra deu aos serviços ocultos, tanto em Bond Street como no passeio marítimo da Margate, provocou resposta proporcional da polícia e, por sua vez, protestos de quem procurava proteger médiuns de legislação obsoleta e agentes provocadores. Em 1915 o Home Office abriu

processo (depois fechado até 2024) que contém carta de Sir Oliver Lodge exprimindo receio de que «exista Liga Anti-Ocultista em ação, ansiosa por aplicar lei antiga contra necromancia de todo o tipo». Lodge tentara envolver A. J. Balfour, Primeiro Lorde do Almirantado e ex-presidente da SPR, mas só recebeu uma dissertação prolixa legal lacónica e comentário passageiro sobre impostores que «comerciam cruelmente com sentimentos de familiares enlutados». Mas as regras eram pouco claras. Nova purga metropolitana em 1917 levou o Justice of the Peace a observar que embora o mal social precisasse ser contido, «a lei relativa a pretensos tratos com o sobrenatural caiu em tal confusão que o público, mesmo o culto, tem ideia muito confusa do que realmente é».*

Criou-se cultura de perseguição em torno do Espiritualismo, refletida em petição ao Rei em 1921 — mantida secreta oitenta anos — pedindo proteção legal para médiuns e assinada pelos suspeitos do costume, Lodge, Barrett, *et al.* A pena indignada de Sir Arthur Conan Doyle, outro signatário, esteve quase sempre em movimento nos anos 1920, enfrentando autoridades com retórica justiceira muito imitada na imprensa espiritualista. Em outubro de 1925 a Madame Estelle, clarividente da sociedade, foi condenada num tribunal cheio de apoiantes e ganhou assim simpatia do editor do Morning Post e do Daily Express, que publicou reação contundente de Conan Doyle condenando operações de infiltração como «alheias ao espírito da lei britânica». Juntando recortes, Conan Doyle escreveu ao ministro do Interior censurando polícia por incitar ofensa que a lei condenava.

• *Em 1920 a fundação do British College of Psychic Science foi inspirada nas acusações em tempo de guerra, sobretudo a prisão preventiva (em Holloway) e julgamento sob a Lei da Vadiagem de 1824 da médium americana Almira Brockway. Foi deportada como estrangeira indesejável.*

Nos anos 1930, julgamentos deste tipo eram comuns e nunca deixavam de atrair atenção da imprensa. Em 1932 a Sra. Louise Meurig Morris, médium de transe, processou o Daily Mail por difamação e recebeu elogios, entre outros, do Sir Oliver Lodge que testemunhou ter ouvido falar de médiuns fraudulentos, mas ainda não encontrara nenhum. Harry Price suportou os onze dias do julgamento (que chegou à Câmara dos Lordes) e ficou previsivelmente espantado com a ousadia da médium e a credulidade das testemunhas. A justiça não era deixada inteiramente aos tribunais. Em

1936 o Sunday Times fez exposição dos fotografos psíquicos irmãos Falconer de Holland Park, depois de fabricarem «extra espiritual» a partir de pintura francesa vista em jornal Espiritualista.

A polícia frustrou as suspeitas que circulavam antes de 1914 de que havia uma lei para os ricos e outra para os pobres, procurando proteger não tanto o médium de classe média como o cliente pobre. Em meados dos anos 1930 a política confidencial da Polícia Metropolitana era explícita: «não proceder exceto (a) quando as atividades do adivinho sejam de natureza a tornar-se escândalo público — e (b) quando a clientela seja de meios modestos — distinta dos “ricos ociosos”». O fator decisivo era o dinheiro; e até os espiritualistas tinham pouca paciência para vigaristas ou para médiuns genuínos que abusassem dos dons por ganância.

No verão de 1932 o Harry Price informou a Dr.^a Gerda Walther em Munique, membro correspondente do Conselho Internacional de Investigação do NLPR, que a que ele via como perniciosa aliança judaica entre o Maurice Barbanell e o prestidigitador Will Goldston estava a vacilar. Não só um prestidigitador rival pusera em causa a genuinidade de Helen Duncan, como o próprio Barbanell a advertira no Psychic News dos perigos de dar sessões todas as noites por cinco libras. «Um dia destes», previu Price, «alguém tomará medidas e ela ver-se-á alvo de processo.»

A Miss Esson Maule era uma quarentona robusta, varonil, sem rodeios, que usava cabelo curto e se vestia imponentemente de blazer e gravata. Espiritualista com «e» minúsculo pelo menos, convidava médiuns para sessões na sua sombria casa vitoriana ao número 24 de Stafford Street, a curta distância do centro de Edimburgo. Naturalmente interessou-se pela Helen Duncan, já então celebridade no circuito das materializações, e, após assistir a sessão no Edinburgh Psychic College and Library em Heriot Row, obteve fotografias tiradas por fotógrafo de imprensa de Dundee, W. M. Scott. A mais famosa mostrava a médium em casa, em transe e com venda, com boneco de cabide e musselina ao lado, supostamente espírito materializado. Intrigada, Miss Maule mostrou-as a J. B. McIndoe que pediu os negativos emprestados a Scott e depois os perdeu. Reapareceram pouco depois de Scott ameaçar processar.

Entretanto a Helen trabalhava mais perto de casa desde que tirara as crianças do internato devido à saúde de Nan. Com o diploma conquistado, garantira lugar semanal no Edinburgh Psychic College, mas as relações

com a SNU azedaram quando participante disse que ela valia mais que os 10 xelins do bilhete e Helen percebeu que o colégio recebia até 20 libras por sessão, pagando-lhe apenas duas guinéus. De qualquer modo ressentia a falta de liberdade e decidiu trabalhar por conta própria, desprotegida mas livre; e assim, para consternação de Maurice Barbanell, começou a dar sessões por algumas libras cada.

Também Gena se preocupava que a mãe parecesse sempre tão cansada, mas Henry disse-lhe para não se preocupar tanto. Na verdade, a carga de trabalho de Helen diminuíra. A perda de rendimento e a doença de Nan valeram-lhes casa municipal num bairro novo mas pobre em Craigmillar onde, segundo Gena, Helen se tornou filantropa, pagando contas médicas de vizinhos doentes. Ela própria sofreu novos problemas ginecológicos e precisou de histerectomia — operação que sobreviveu, dizia-se, graças aos conselhos de Albert na sala de operações.

Meses antes a Light noticiara como a vida da médium do R-101, a Eileen Garrett, fora salva pelo guia espiritual «Abduhl Latif», que em parses e híndi do século XII indicara aos cirurgiões como estancar hemorragia numa amigdalectomia.

Helen dependia das sessões de Glasgow até o trabalho privado em Edimburgo aumentar. Já em março de 1932 Miss Maule marcara sessões com Henry, mas não ficara satisfeita e, após conselho de contacto em Londres, decidiu no fim do ano armar cilada. A 5 de janeiro de 1933, vestindo o seu vestido castanho justo favorito, a Helen atuava na igreja espiritualista de Holland Street em Glasgow onde, entre outras coisas, encheu a sala com perfume de rosas e materializou a mulher de homem que devolveu a rosa vermelha que colocara no caixão dela. Depois a organizadora, a Sra. Drysdale, informou Helen que, enquanto em transe, o Albert a avisara para ter cuidado nessa noite. Soprando fumo, a Helen prometeu que teria, mas não pensou mais no assunto ao guardar scones e compota caseiros na mala de sessão e vestir o grande casaco de couro. Embora cansada, tinha de correr para Edimburgo para sessão das oito marcada na véspera pela secretária de Miss Maule, Hilda Sowden. Antes de sair de Glasgow telefonou a avisar que se atrasava. Chegando a Waverley Station pouco depois das nove, apressou taxista para Stafford Street onde foi recebida pela Sr.^a Sowden de jersey vermelho.

Ao entrar no corredor abafado e mal iluminado, uma das primeiras coisas que viu foi sabre de parede que facilmente se imaginava a Miss Maule usar em emergências. Foi conduzida escada acima sem palavra até ao atulhado morning room que a Miss Maule gostava de chamar «toca». Após cumprimentar punhado de participantes, sentou-se junto a secretária, acendeu cigarro e recebeu 4 libras em notas de dez xelins.

Deixando o dinheiro na mesa, apagou a beata e foi levada ao último andar para a sala de sessões onde outros participantes (alguns atraídos por anúncio em jornal local) estavam sentados em semicírculo virado para gabinete de cortinas de chintz num canto. A única luz era lâmpada vermelha de 40 watts coberta com saco de algodão vermelho-turco e vela solitária na lareira; a temperatura caía, o aquecedor elétrico fundira minutos antes.

Ainda ofegante das duas rampas de escada, Helen arrastou-se para o gabinete, fecharam-se as cortinas e, descalçando-se silenciosamente, começou a respirar muito fundo enquanto os participantes cantavam para elevar vibrações.

Apareceu coisa esbranquiçada longa que se apresentou como o Albert mas retirou-se quando Miss Maule pediu melhor visão. Nesse instante, porém, surgiu outra figura que o Albert disse ser cavalheiro para a senhora de jersey vermelho. A Sr.^a Sowden reconheceu-a de imediato: era a Sra. Duncan com pano pendurado da cabeça; mas conseguiu suspender a descrença tempo suficiente para exprimir espanto por o cavalheiro espiritual, cuja forma sólida apalpou, ser dono de grandes seios femininos. Enquanto isso a Miss Maule meteu a mão no gabinete e sentiu a cadeira vazia.

Durante hora sucessão de espíritos (todos com cheiro a tabaco velho) passou para cumprimentar até o Albert interromper para dizer quanto achava horrível o canto de Miss Maule, antes de passar a palavra à estrela. Peggy surgiu atrás de jarra no aparador ao lado do gabinete e depois desceu para dançar. Miss Maule desejou feliz Ano Novo a Peggy, depois, aborrecida com a tagarelice, aproximou-se da pequena travessa que todos viam ser a Sra. Duncan de joelhos a manipular algo branco e a falar como criança. Então aconteceu o impensável. Miss a Maule agarrou Peggy e descobriu que era feita de material macio e elástico pelo qual o dedo rasgou enquanto o desafio virava guerra de puxões — ganha pela defesa. Como combinado, participante, advogada Elizabeth MacKay, acendeu potente

lanterna de mão revelando a Sra. Duncan sentada no gabinete, tentando desesperadamente enfiar a inanimada Peggy por baixo da roupa. «A Sra. Duncan, está a receber dinheiro por produzir materializações fraudulentas que alega serem amigos falecidos dos participantes», anunciou Miss Maule. «É vergonhoso e recuso-me a continuar a assistir a isto.»

Exposta ao clarão da lanterna, a mulher que ensinara aos filhos que zangar-se era perder discussão sentiu subir a velha raiva cega e começou a gritar e praguejar contra Miss Maule. Calada momentaneamente pelos participantes que viaavam para ver o material branco visível por baixo do vestido, gritou que não mostraria as cuecas a homens, mas a Miss Maule, endurecendo a voz, insistiu que se despisse.

A Helen perdeu a cabeça. Ergueu cadeira pesada de madeira e brandiu-a contra a Miss Maule, a berrar: «Arrebento-te os miolos, sua cabra maldita!» mas falhou, graças à intervenção de participante masculino que levou com sapato no pulso. Com o que participante descreveu como «um prolongado grito selvagem», a Helen atirou o braço como lançador de críquete e atirou o outro sapato a Miss Maule que se baixou. Acalmando ligeiramente, a Helen aceitou despir-se se os homens saíssem, o que fizeram — e, deixando a porta entreaberta, espreitaram do patamar. Sob projetor da Miss MacKay, agachou-se e puxou vestido e combinação por cima da cabeça num só movimento, mas não conseguiu que a «Peggy» fosse com eles. O colete branco de malha ficou curto e as examinadoras limitaram-se a olhar. Para distrair, a Helen tirou as cuecas — que eram ceroulas azuis-vivo com elástico no joelho — e mostrou o interior para provar que não havia nada. Num breve interlúdio pacífico deu-se este diálogo:

Miss MAULE (apontando o colete): Isso é a Peggy.

Sra. DUNCAN: Não digo que não seja.

Miss MAULE: Não pode negar que é a Peggy. Olhe, ali está o rasgão.

Sra. DUNCAN: Pode ter sido... sua porca nojenta.

Seguiu-se nova altercação violenta, com a Miss Maule a insistir que ficasse com o colete, a Helen primeiro a recusar, depois oferecendo toda a roupa e propondo ir para casa nua. No fim atirou o colete a Miss Maule e atacou-a novamente com cadeira, que desta vez a Miss Maule aparou. Acalmou quando os homens voltaram, mas enquanto a Miss Maule

explicava o sucedido, sem querer mostrou as grandes ceroulas azuis para ilustrar. Por fim, cansada das «atitudes ameaçadoras e táticas de arruaceiro, pragas e insultos» de Helen, Miss Maule disse que chamaria a polícia e deixou a convidada a gritar «A Polícia!» enquanto a Miss MacKay e Sr.^a Sowden tentavam parecer indiferentes. Quando os agentes chegaram, a Helen desmaiou um pouco e pediu copo atrás de copo de água, e ao ser acusada de fraude respondeu educadamente: «Se Deus estivesse entre nós agora, eu nada saberia disto.» Embora um dos homens sangrasse da cabeça onde cadeira voadora o acertara, ninguém — nem Helen nem os participantes — quis apresentar queixa e os agentes foram-se embora.

Esta tragi-comédia terminou no corredor enquanto aguardavam o táxi da Sra. Duncan. Primeiro repararam que ela de alguma forma recuperara o colete disputado (que devolveu após discussão); depois negou qualquer acordo de pagamento mas, incapaz de suportar ver as notas de dez xelins devolvidas, arrancou-as das mãos da Miss Maule.

De mão trémula, a Miss Maule escreveu recibo a lápis no verso de envelope, que a médium assinou com traço confiante. As últimas palavras antes de os abençoar com a sua ausência foram dignas de celebridade moderna. Fixando-os com intensidade negra do olhar — a Miss Maule em particular —, a Helen disse: «Não sei até onde isto de hoje vai chegar, mas não quero nada nos jornais, ouviram?» E, com o motor do táxi a trabalhar lá fora, desapareceu na noite de inverno.

A história chegou aos jornais, mas por via indireta. Onze dias após o incidente Miss Maule e cinco outros participantes compareceram perante magistrado para testemunhar que a Helen Duncan fora por eles apanhada em fraude criminal. Em apoio da acusação apresentaram a prova: o colete sujo, rasgado e cheio de buraquinhos de alfinete, ao qual agora estavam presos franjas de etiquetas de bagagem assinadas e datadas pelos testemunhos e seladas com lacre.

Compilou-se resumo de factos e pouco depois formulou-se acusação de que Miss Maule recebeu cópia. Nos dias seguintes, com precisão clínica, Miss Maule contratou fotógrafo para registar toda a mise-en-scène das várias divisões, até pilha de notas de dez xelins recolocada na secretária para mostrar como tudo ficara antes da sessão e, ao lado do dinheiro, presumivelmente por puro sarcasmo, a cópia da acusação. Dois meses depois foi chamada ao gabinete do Procurador Fiscal, James Adair, para discutir o processo cuja data em maio já fora marcada. Entretanto,

intimação para responder por fraude foi enviada para casa dos Duncan em Craigmillar onde, ao recebê-la, tudo era desespero e confusão. Advogado explicou a situação a Helen e ela esperou.

Os procedimentos começaram na manhã de quarta-feira, 3 de maio, no Sheriff Summary Court das Lothians e Peebles, George IV Bridge, Edimburgo e, pela primeira vez, a Helen Duncan, a tremer no seu melhor fato de domingo, contemplou a maquinaria física da lei, ao mesmo tempo banal e maligna, previsível e caprichosa. O tribunal estava cheio de repórteres, caçadores de emoções e apoiantes, estes na maioria mulheres espiritualistas. Pouco antes das 11h o juiz, Sheriff Macdonald KC, chamou a ordem e leu-se a acusação. Alegava-se que a Helen Duncan fingira perante os queixosos ser:

médium através da qual espíritos de pessoas falecidas eram abertamente e regularmente materializados de modo a tornarem-se visíveis e a falar e conversar com os presentes numa sala consigo... e tendo cada um pago dez xelins, fingiu realizar sessão ali e materializar espíritos de certas pessoas falecidas incluindo o de criança falecida chamada Peggy.

Quase inaudível, a Helen declarou-se não culpada. De acordo com a lei escocesa, os advogados — o Sr. Adair como acusação, o Sr. Ian Dickson como defesa — não fizeram discursos, e sucessão de testemunhas disse o seu depoimento e foi contra-interrogada. O taxista que a apanhara na estação envolveu-se em discussão sobre se a Sra. Duncan fora informada de que a sessão seria em casa de Miss Maule ou no «Centro de Investigação Psíquica» ao lado. A Defesa chamou também médica, Marguerite Linck-Hutchinson, que assistira a sessões de J. B. McIndoe em Glasgow após o tio — o produtor teatral presente na LSA em março de 1931 — sugerir que achasse a Sra. Duncan interessante.

Disse ser impossível esconder pano e rejeitou a teoria da regurgitação, sobretudo porque vira a médium devorar prato de presunto com ovos antes da sessão. No segundo dia, com ainda mais público, o próprio McIndoe foi chamado e retratou-se da opinião inicial sobre Stafford Street, pois a causa era agora mais importante que o caso. Também Ernest Oaten fez o que pôde, embora não conseguisse ser tão extravagante como Montague Rust que entreteve o tribunal com histórias da Sra. Duncan a desmaterializar-se da roupa e a expelir serpente gigante de ectoplasma que o levantara do chão. O perito Harry Price mal queria acreditar no que ouvia, mas pelo menos ficou impressionado com a paixão das testemunhas de defesa

enquanto a Acusação parecia pouco convicta. O Sheriff Macdonald decidiu reservar julgamento por uma semana — semana de ansiedade e miséria para os Duncan.

A 11 de maio os apoiantes que aguardavam à chuva mais de hora, dentro do tribunal baixaram a cabeça em oração silenciosa. Ian Dickson, para quem este era o primeiro caso, pediu clemência por vários motivos: ela tinha trinta e quatro anos (na verdade faria trinta e seis em novembro); tinha de sustentar família de oito (contando com ela e Henry) sem rendimento de marido; e, lembrando o «Sr. Sludge» de Browning, disse que só desta vez «se rebaixara a manipulação». Até então a Helen só falara para declarar-se inocente e dizer que não se lembrava da sessão por estar em transe.

Ao ouvir esta calúnia, porém, bradou «Mas nunca fiz tal coisa!» e o tribunal arquejou em unísono. O Dickson, já cansado da primeira cliente, terminou exprimindo debilmente esperança de que o Sheriff levasse em conta a grande fé que muitas pessoas tinham na Sra. Helen Duncan. Esperança vã, destruída pelo julgamento sucinto do Macdonald: «Quaisquer que sejam os poderes psíquicos da acusada, concluo que a acusação contra ela foi provada.» A Helen foi multada em 10 libras a pagar num mês, ou um mês de prisão, que recebeu estoicamente até ao momento antes de sair da sala quando gritou: «Deus vos perdoe!»

Como era de esperar, os jornais locais deliciaram-se. A excitação no Dundee Daily Record and Mail mede-se pelos temas habituais, dos quais as notícias em volta do julgamento são representativas: cantores das Terras Altas de Dundee, testamento contestado, cuco perdido e auditoria anual do Comité de Poupança Local de Glasgow. ORAÇÕES NO TRIBUNAL POR MÉDIUM CONDENADA POR FRAUDE foi, pois, lufada de ar fresco. Harry Price regressou a Londres vingado mas ainda tendo de enfrentar críticos. Na Two Worlds, Oaten pintou-o como presença sinistra no tribunal, passando bilhetes silenciosos ao juiz, descrição que levou o Price novamente a pegar em caneta e papel.

Não só os espiritualistas deviam agradecer ao National Laboratory por expurgar fraudes do movimento, protestou, como só enviara dois bilhetes; e de resto o veredicto era razoável: «Acho a Sra. Duncan muito afortunada por se safar com 10 libras e suponho que os pobres tolos crédulos que a apoiam arranjarão o dinheiro. Quanto às testemunhas de defesa, nunca ouvi

tal exibição de credulidade absoluta — ou pura mentira — como ouvi na semana passada no tribunal.»

Mais difícil de negar era a sugestão, vinda de vários quadrantes e sobretudo dos Duncan, de que Price orquestrara tudo. A maquinaria da armadilha — anúncio para atrair participantes que fossem testemunhas credíveis, garantir que a Sra. Duncan aceitava o dinheiro (e deixava recibo), assegurar prova assinada do colete, registo fotográfico — tinha a sua marca. E a revelação chave era que a «E. M.» que alertara Price para Kanichka o Avestruz Humano não era outra senão a Miss Esson Maule; e o contacto em Londres de quem ela pedira conselho não era outro senão Harry Price. Há muitas pistas que os ligam.

Entre comparecer perante o magistrado e encontrar-se com o Procurator Fiscal, a Miss Maule visitou o NLPR em Roland Gardens onde, em desacato ao tribunal, deu palestra noturna com lanterna mágica, «As Minhas Experiências com a Sra. Duncan». A citação policial para depor está arquivada entre os papéis de Price, embora a estranha ausência de correspondência torne impossível estabelecer até onde ele esteve implicado nos eventos de 5 de janeiro. Pouca dúvida, porém, de que seguiu a investigação de perto e provavelmente sugeriu que Miss Maule tirasse as fotografias, conjunto das quais recebeu, juntamente com cópia do espírito «Sr. Punch». No verso, Miss Maule escreveu «Esta fotografia é para si» e, ignorando agora os direitos de autorais do Sr. Scott, deu a Price permissão para a reproduzir.

Os Duncan estavam deprimidos. Continuava hábito de Gena refugiar-se numa bolha espiritual de onde saía sempre renovada. Após noite difícil fora recompensada com visão confortadora de forma feminina luminosa e de manhã cantou. «Cala-te», disse Lilian, ao que a irmã mística respondeu: «Eu sei uma coisa que tu não sabes» e correu a contar à mãe. Mas parecia que a crueza do julgamento imunizara até Helen contra o otimismo contagioso de Gena: «Ela [Helen] preparava o pequeno-almoço, com ar tão cansado, os olhos habitualmente cheios de vida e alegria agora tão baços e parecia absolutamente apática. Aproximando-me e pondo a mão na dela, disse: “Por favor não te preocupes, vai correr tudo bem, eles prometeram.” Apertando-me a mão, acenou e mandou-me sentar para comer as papas.»

Havia, porém, motivos para alegria. Price tinha razão: 10 libras não era muito para quem tinha o potencial de ganho dela, e é provável que tenha recebido isso e mais de fontes privadas ou da SNU que voltara a

acolhê-la. O Maurice Barbanell achou que a exibição de testemunhos espantosos fizera bem ao Espiritualismo: agora as pessoas escutavam enquanto até há pouco «não haveria mais seriedade num julgamento destes que num julgamento de bruxaria». Para a SNU, além disso, fraude martirizada era primeiro mártir e só depois fraude. Qualquer dano que a condenação causasse reforçava o legado de vitimização dela. Aquele colete tornou-se a coroa de espinhos, e Gena não seria a última a traçar paralelos entre a introspeção de Cristo no Getsémani e Helen a deambular chorosa pela cozinha com cigarro numa mão e panela na outra.

Como Deus no Calvário, ruminava Gena com papas entaladas na garganta, o Albert abandonara a mãe. Os clientes, porém, não. O livro de Harry Price, *Leaves from a Psychist's Casebook*, publicado em outubro, continha capítulo a maravilhar-se com os «adoradores de musselina», mania que lançara o «voo meteórico da Sra. Duncan pelo firmamento» — embora à segunda reflexão retirasse a imagem da Helen no ar. Mas a grande impostora era resistente a insultos e, resolvendo no futuro ter sempre testemunhas independentes a revistar-lhe a roupa (e nunca mais usar roupa interior branca), voltou ao trabalho.

Muitos compromissos notáveis foram registados para 1933. Helen foi aplaudida em reuniões públicas, incluindo uma em que estabeleceu clarivamente que homem na plateia trouxera as cinzas da mulher numa lata de chá. Frank Smith relatou regresso da tia Lizzie e do sobrinho morto na guerra; a Sra. Smith alegrou-se ao ver a irmã Maggie porque, embora esta ainda estivesse viva, tinha uma irmã morta, Nellie, e achou que era perto o suficiente. Smith contou onze manifestações, todas reconhecidas exceto alma perdida que, desconhecida e desamada, se afundou tristemente no chão.

Em julho sessão ao crepúsculo foi realizada no jardim de casa antiga em Liverpool onde, apesar das interrupções de mota e comboio rápido, formas espirituais foram vistas entre ramos de rododendro e chama como bico de gás antigo foi vista a tremeluzir no decote da médium. Helen estava em grande forma, como bem podia, pois três semanas antes na Assembleia Geral Anual da SNU em Doncaster voto de confiança na mediunidade dela fora aprovado por cinquenta e sete votos contra dois e o diploma renovado. Daí em diante a qualidade percebida das sessões garantia que lhe pediriam em quantidade. Nesse verão, para cumprir todos os compromissos distantes, Helen organizou quem tomasse conta das crianças, despachando

Gena de férias com amiga da família, Jean Beatson, que vivia numa grande casa de campo em Fife. Um dia Gena assustou-se com fada vestida de verde que lhe tirou o chapéu e desapareceu. Usando palavras que poderiam sair diretamente de *The Secret Commonwealth* de Kirk ou do Ramo Dourado de Frazer, Jean explicou que as fadas eram jardineiros de Deus que também ajudavam pessoas clarividentes abençoadas com «o dom da visão».

Nestes anos de depressão, a imprensa popular prosperou com o vício de um público alfabetizado por três coisas: para a prosperidade, anúncios de emprego; para entretenimento, futebol (que crescera como desporto de massas); e, ligando prosperidade e entretenimento, o horóscopo. Além disso, como Houdini e Harry Price descobriram, os novos jornais tabloides com formato reduzido, fotografias abundantes e estilo acessível estavam famintos por histórias de mistério e magia e, ao contrário, forneciam veículo para autopromoção.

Assim, em setembro de 1933, os Duncan tiveram coluna de página inteira no semanário escocês *People's Journal*. «Os Segredos da Minha Segunda Visão por Madame Victoria Duncan», que durou quinze semanas, foi quase de certeza escrita por ghost-writer a partir dos rabiscos de Henry e atingiu tom árido algures entre moralização, sentimentalismo e titilação. «O meu papel é o de conselheira e amiga», explicava ela a 23 de setembro. «Se puder deixar entrar um raio de sol onde tudo é tristeza e desolação, que feliz fico por guiar o feixe iluminador.»

Esse artigo em particular, em que Helen usava clarividência para reunir marido e mulher, mostrava-a a segurando carta e apontando para cliente imaginário. As fotografias encomendadas mostram-na em várias poses: olhando fixamente para bola de cristal, acariciando o queixo sobre livro aberto; sentada à secretária, chupando lápis; a fazer leitura psicométrica; e sorrindo cativantemente com novo penteado. Outra semana, outro problema resolvido, quase sempre sobre relações, dinheiro e emigração para a Austrália, com títulos como **CONSERTANDO CORAÇÕES PARTIDOS, NÓS DE AMOR QUE DESFAÇO** e **RAPARIGA QUE QUERIA MARIDO RICO**.

O último artigo foi tingido de ironia. Tendo ganho a gratidão da polícia por ajudar a apanhar ladrão, realizou sessão numa esquadra, materializando o filho de agente e dois soldados que falaram ao tio sobre

visitar as campas em França. «Juro que vos ter dado todos os factos», disse noutro artigo, «e que não vos contei senão a verdade.»

A reabilitação de Helen permitiu-lhe regressar ao Edinburgh Psychic College and Library, onde em novembro de 1934 uma tal Sra. Wright de St Albans viu a irmã falecida incarnada numa onda espumosa que jorrava do corpo da médium. Marcações locais eram bem-vindas, pois a doença limitava viagens e muitas vezes impedia trabalho. Vizinha, sabendo-a de cama, levou garrafa de whisky com que ela bebeu até entrar em coma. Gena contou como o espírito médico Dr. Johansen a mandou à cozinha preparar lanche revigorante de tomate em torrada, com o Albert a aportar cuidadosamente o ingrediente principal e assim salvando a vida de Helen por um triz.

O Albert estava muitas vezes por perto para as crianças Duncan enquanto a mãe estava fora. Para demonstrar presença, uma vez, quando o filho mais novo Peter teve dor de ouvidos e chorou enquanto Nan o aninhava na cama, o Albert terá levitado cinzeiro cheio da mesa de cabeceira, pousando-o no chão sem derramar. A dor passou e o menino adormeceu. Tarefas domésticas couberam a nova governanta, Sadie O'Hara, que no julgamento da Helen dissera ter rasgado o colete de malha ao passá-lo a ferro. Depois de ela se ir embora, a desafeiçoada e desfigurada Bella cuidou dos meio-irmãos até casar (e, após a guerra, fugir para a Austrália), após o que contrataram nova criada que semanas depois se foi embora levando a roupa da casa como souvenir. Criada terá deitado arsénico na sopa de alho-francês e batata, hospitalizando o Peter, pelo que naturalmente teve de ir embora. Tudo isso deixou a doente Nan responsável até a Sadie regressar — o marido morrera de alcoolismo — para criar as crianças restantes até à idade adulta.

Henry também precisava de cuidados. Durante dez meses pleurisia confinou-o ao apartamento para onde a família se mudara mudado, depois do que febre reumática e problema cardíaco o impediram de usar escadas. Helen, para quem escadas eram desafio mesmo nos melhores dias, foi também acometida de pleurisia, tendo o Albert interrompido sessão em Glasgow quando os efeitos debilitantes se manifestaram. A solução para a mobilidade reduzida foi comprar cottage agradável em Kirkhill Drive, que a Helen batizou «Albertine» em honra dos guias Albert Stewart e Peggy Hazeldine, que afinal ajudaram a pagar. Em ambiente mais salubre, Helen recuperou o suficiente para trabalhar mais longe e passou muito tempo em

estâncias costeiras populares entre idosos — Bournemouth, por exemplo, onde em fevereiro de 1936 o Albert permitiu que fotógrafo a registasse em transe, rosto envolto em gaze ectoplásmica. A fama espalhou-se pela imprensa espiritualista. No início de 1937 — ano em que o arcebispo da Cantuária, Cosmo Lang, admitiu que a população britânica era em grande parte não cristã — o *Psychic News* publicou artigo do Rev. E.B. Fry que assistira a sessão da Sra. Duncan numa casa em Monmouthshire e ficara particularmente impressionado com manifestação de «anjo»:

Surgiu no canto forma de mulher jovem, como se a trinta centímetros do chão. Mandaram-nos deixar a luz da lua incidir nela tirando o estore por momento. O efeito foi radiante até que, num instante, a forma desapareceu da nossa vista física. A voz ressonante do Albert falou então de bebé que vivera apenas momentos. Ordenou à médium que se levantasse e trouxesse o bebé do gabinete. Viu-se então, à luz vermelha, a alta figura da Sra. Duncan, de preto, e nos braços trouxa branca como neve com o bebé.

Em fevereiro de 1937 Helen visitou Treherbert, comunidade mineira galesa no Rhondda Valley onde o vigário, Rev. C.G.R. Lewis, se preocupava com os pobres a pouparem 3 pence por semana num clube para a verem novamente quando voltasse em abril. Após ler *Leaves from a Psychist's Casebook* de Price, falou com o amigo bispo de Monmouth que se interessava por Espiritualismo e o encorajou a escrever a Price. Lewis fê-lo, dizendo que se ela fosse a fraude que Price descrevia, «não haverá modo de impedir que roube a essas pessoas dinheiro que não podem gastar?» Price enviou cópia do relatório do NLPR e até se ofereceu para dar palestra em Treherbert, mas sentiu a magnitude do obstáculo quando Lewis confessou que continuava meio convencido pelo médico que vira o pai e pelo subgerente de mina beijado pela irmã, testemunhas que descreveu como «dois homens bastante terra-a-terra que não se deixariam enganar facilmente».

No inverno de 1937-38 Richard Howe, jovem soldado aquartelado com os Black Watch em Perth, perto do local de nascimento de Helen, conseguiu bilhete para sessão de materialização através da presidente da igreja espiritualista local, Sra. Macbeth. Embora lhe custasse 10 xelins (terço do ordenado semanal), encontrar os mortos e cantar «*Sweet Mystery of Life*» com a Peggy foi, disse, «investimento em experiência». Antes vira a Helen fazer clarividência num grande salão público cheio e ficara cativado pelos olhos dela, «profundos, místicos, insondáveis». O

prestidigitador Will Goldston perguntara uma vez ao Albert se consentiria que a Sra. Duncan atuasse em teatros e ouvira: «Não posso impedi-la mas ficará sozinha.» Mas quando ela sucumbiu ao rugido da maquilhagem e começou a atuar nesses palcos, pareceu que ele ficou ao lado dela. As atuações granjearam aplausos e atraíram maiores audiências que as palestras de desmascaramento de Price, mesmo as ilustradas com diapositivos e gravações da Sra. Duncan a fazer vozes engraçadas.

Price acreditava que explicações para noventa e nove por cento dos fenómenos paranormais se encontravam na natureza humana. Então o que o mantinha em movimento? Críticos dizem fome insaciável de publicidade: o relato de meninazinha, «Rosalie», a materializar-se numa casa no sul de Londres em 1937 e, mais famoso, a assombração de Borley Rectory, foram atribuídos a invenção. Outros atribuem o empenho a fé sincera no restante um por cento de fenómenos. As duas visões podem conciliar-se.

O que mais importava, e que Price compreendia melhor que ninguém, era que a população pluralista, individualista e consumista tinha profundo interesse nesse um por cento e que era interesse explorável indefinidamente. Afinal, era o que as igrejas ortodoxas faziam há séculos. Em 1936 o jovem filósofo de Oxford A.J. Ayer publicou *Language, Truth and Logic*, que avançava o «positivismo lógico» — ideia de que todas as perguntas significativas têm resposta — e assim ridicularizava toda forma de sobrenatural. Por mais popular que o livro fosse, o mercado seria sempre mais forte para obras que sugerissem o contrário.

Enquanto Ayer cristalizava ideias em Viena em 1932, o Harry Price investigava caso de mangusto falante na Ilha de Man que, alegadamente, cantava hinos em seis línguas, sabia um pouco de árabe, russo e galês e manifestava antipatia pelo Price como «o homem que põe o kybosh nos espíritos». Nesse mesmo ano Price levou o amigo filósofo Professor C.E.M. Joad, outro jornalista afiado detestado pelos colegas puristas, a expedição aos montes Harz na Alemanha para experimentar feitiço antigo que transformasse cabra num belo jovem. Histórias estranhas como estas ofendiam os espiritualistas, alienavam os investigadores psíquicos, mas vendiam jornais e livros às carradas.

Significativamente, a experiência da cabra foi feita a convite do Comité do Centenário de Goethe, que esperava que bruxaria fizesse pela indústria turística local algo do que os poetas românticos fizeram pelos Trossachs.

Segundo Price, a meio dos anos 1930 bruxaria era praticada em Londres «com liberdade inimaginável na Idade Média» e, por mais sensacional que soasse, pela lei tinha razão. Mergulhando nos arquivos da SPR, não faltam médiuns que se submeteram a experiências e ficaram famosos por infames — como entrada de Helen Duncan na *Encyclopaedia of Psychic Science* de Nandor Fodor de 1934 demonstra. Nesse ano Fodor, o húngaro a quem o Albert dera os sapatos da Sra. Duncan, foi nomeado editor-adjunto da *Light* e Oficial de Investigação do recém-criado *International Institute for Psychical Research*, que adotava postura latitudinarista na investigação de todos os fenómenos, incluindo ectoplasma e materialização. «Por fazer a centésima parte do que homens de ciência fazem todos os dias», sugeria artigo promocional, «os nossos antepassados teriam sido queimados vivos.»

O Fodor viu coisas bizarras. Houve o Sr. Woodward que se preparava bebendo muito e ao tentar levitar jarra só conseguiu cair em cima dela, tendo sido mandado parar e adormecendo imediatamente a ressonar. Houve a Sra. Hammerton, mulher atarracada de Chiswick que dava avisos de investimentos na voz grave do controlo masculino, aportava bijuteria sem valor coberta de pó de limpeza e cheirava a mofo no gabinete. Outras mulheres semicerravam os olhos para alegar que se transfiguravam em chineses, fotografias da Sra. Everett e «Woo Fang» sendo as mais divertidas; outras faziam cara feroz e fingiam ser zulus — no caso da Sra. Bullock de Manchester, com ferida de bala na cabeça. A médium de transfiguração de Brighton Annie Scoggins fazia escultor chamado Chow, antigo persa chamado Hassef, mas o melhor, e mais revelador, era tornar-se a própria irmã que morrera criança.

Homens também reclamavam tais poderes, embora mediunidade masculina fosse associada a falta de virilidade ou efeminidade. O Galês Jack Webber era ex-mineiro que literalmente vira a luz ao perder-se no subsolo, mas não se tornara espiritualista antes de casar com uma. Homem simples que preferia revistas infantis a livros, aceitou os guias «Paddy» e «Reuben» que, sem gabinete, lhe permitiam levitar e produzir ectoplasma em mais de 200 sessões por ano, algumas relatadas favoravelmente pela imprensa e BBC. A companhia Decca chegou a gravar Reuben a cantar hinos. Reverenciado pelos seguidores, o Webber foi também extensamente fotografado, mostrando-o a tirar o casaco por meios paranormais enquanto atado à cadeira, alegadamente duplicando a própria cabeça e estendendo

tentáculo ectoplásmico da boca com garra — uma vez usada para brincar com brinquedos pendurados numa árvore de Natal. À semelhança de Albert e de Cristo, morreu subitamente aos trinta e três anos. Em 1936 o Dr. Fodor ofereceu a outro mineiro galês, Trefor Davies de Merthyr Tydfil, 5 libras por sessão no IIPR e mais 20 (mais cinquenta por cento dos direitos) se o filmasse a produzir ectoplasma com câmara de infravermelhos. Se Fodor usou infravermelhos em Davies não está registado, mas usou em Charles Stewart, maquinista de Dundee, «homem franzino, nervoso, aparentemente com complexo de inferioridade».

Intenso tímido, deixava a conversa à mulher — «mulher muito grande» — que geria o lado comercial. No início dos anos 1930 os Stewart conheceram a Helen Duncan que partilhou sabedoria, mostrou o interior do gabinete e os encorajou a formar círculo, o que fizeram no pequeno apartamento em Rose Bank Street. «Fraudes descaradas», concluiu o Fodor cujas fotografias hoje mostram homem magro a exhibir-se embrulhado num lençol, musselina esticada na cara.

Entretanto, Harry Price investigava Kuda Bux, indiano que andava sobre fogo e tinha olhos de raio X, que chegara a Londres na primavera de 1935 e nos três anos seguintes foi sensação de imprensa. A ajudar Price estava Mollie Goldney, então também ativa no IIPR onde participou no desmascaramento de médium da LSA, Agnes Abbott. Quebrando etiqueta de sessão, a Mollie tirou fotografia ilícita de infravermelhos na escuridão, que mostrou trompete «flutuante» luminoso preso no polegar da Sra. Abbott, e noutra ocasião viu «ectoplasma» a espreitar do vestido dela.

A Sra. Abbott, cujo controlo pseudo-irlandês «Pat» dava palmadinhas nos participantes, foi induzida a assinar confissão, mas logo gritou que as fotografias eram falsificadas; o marido, bêbado valentão, declarou: «Deus é testemunha, sou honesto como o dia.» Mollie Goldney também liderou grupo de membros da SPR que se autodenominavam «The Probe» e se propunham desmascarar fraudes após Hylda Lewis, médium que aportava flores, chegar à atenção pública.

Em abril de 1935 Harry Price enviou a Mollie postal com papoila vermelha desenhada e rotulada «Apport!», acrescentando: «Claro que já ouviste falar da Médium das Flores. Ó céus, ó céus!» Miss Lewis recebeu a imprensa (exceto Price, claro) e consentiu em exame de vários dias na Universidade de Oxford onde o Wykeham Professor de Lógica e futuro presidente da SPR H.H. Price (sem relação) e colegas concluíram que era

caso mental frágil, volátil, autoiludida que escondia rosas sem espinhos no e dentro do corpo, queimava-se em zonas menos sensíveis com ferro elétrico e comprava animais de brinquedo na Woolworths para fazer passar por aportes; ovelha de chumbo foi encontrada à espreita na mala, aguardando momento de glória psíquica. Curiosamente, as sessões dela pareciam trazer alívio quase narcótico da ansiedade reprimida.

Os investigadores do Probe fizeram o possível com ela, mas tiveram maior sucesso em 1936 com a Dorothy Henderson cujo ectoplasma de musselina foi agarrado e fotografado. De pulso acelerado, prometeu emendar-se, enquanto a filha histérica se distanciava moral e fisicamente da mãe. Nada meros estraga-prazeres, membros do Probe protestavam que atividades da Hylde Lewis e outras levavam a «centenas de libras tiradas dos bolsos de público crédulo ou enlutado».

Em fevereiro de 1939 a condessa Nora Wydenbruck e amiga médica assistiram a sessão em West Kensington — «exibição impertinente e ridícula de fraude» — onde a médium cobrava 10 xelins e 6 pence a cada participante, como fazia nos outros dois círculos semanais, que duravam há década. Assumindo média de doze participantes e ritmo constante, teria ganho quase 10 000 libras nesse tempo — talvez meio milhão de libras hoje. Não era novidade. Em 1920 o *World's Pictorial News* expusera médium que enganava clientes em 1000 libras por ano.

Contudo, alguns argumentavam que era apenas capitalismo e que o que valia para mediunidade valia para todo o trabalho. «Decerto é melhor médium curar corações partidos e evitar suicídios, como muitas vezes fazem», raciocinava espiritualista, «do que esfregar chão, lavar roupa, vender fósforos ou até jogar na bolsa.»

A década que começara com o colapso da bolsa de Nova Iorque terminou com guerra europeia que a maior parte dos espíritos dissera que nunca aconteceria. A meio dos anos 1930 o romancista Somerset Maugham visitara adivinha na Riviera antes de partir para Paris e ficara a saber que escaparia por pouco à morte, seria seguido por dois amigos carregando cadáver e que Hitler morreria ou cairia nesse ano.

Bateu com o carro numa árvore, os amigos recolheram homem doente (que morreu) e colunista de mexericos noticiou que «o Sr. Maugham e amigos aguardam ansiosamente notícias graves de Berlim». As notícias nunca chegaram e prognósticos espirituais sobre ameaça à paz abundavam à medida que o expansionismo dos ditadores se tornava mais ousado.

Durante a guerra de Mussolini na Abissínia em 1935, Gena Duncan, de nove anos, foi ao cinema ver filme de Tarzan e chocou-se ao ver o Papa a abençoar canhões italianos num cinejornal Pathe. Pouco depois o Albert omnisciente disse-lhe numa sessão que era muito pequena para carregar os problemas do mundo — isso era trabalho da mãe. Mas o Albert foi dos poucos espíritos a admitir que grande guerra era inevitável e dizia-se que previra vinda de grande líder britânico, falhanço da invasão alemã, aliança russa e sobrevivência do Império — embora memórias desta última profecia viessem a esmorecer.

Enquanto via o noivo Ronald partir para o mar, Ena Bugg, a tímida rapariga de Gosport, meditava em mensagens ominosas de alta ordem espiritual, a Irmandade Branca, recebidas no círculo de cigana chamada Sra. MacHattie. Assim, em agosto de 1939, quando o guia «Chiefy» previu tragédia terrível para ela, adivinhou o que seria, apesar da manchete de capa da *Two Worlds* nesse mês que dizia «Sem Guerra» — consenso espiritualista após a Crise de Munique no outono anterior. Também pairava negrume sobre os Duncan. A Nan, agora casada, desafiara médicos ficando grávida e dera à luz menino, Thomas, primeiro neto da Helen e orgulho dela. Mas em 1938, aos dezoito meses, Thomas contraiu meningite e morreu, após o que Gena foi assombrada pela voz desencarnada da criança.

Nesses tempos, a Gena era frequentemente encontrada em «devham» (palavra dialetal para «transe») e irmãos achavam-na «não muito certa da cabeça». Em 1939, quando a irmã Lilian casou com Angus Douglas, funcionário da ICI, a Gena levou estalo de orelha da ainda enlutada Nan por dizer que o casamento não duraria muito; nem foi bem recebida a premonição da morte do pai. Mas o seu negro pressentimento provar-se-ia justificado e era partilhado pela mãe. Nesse verão toda a família Duncan foi de férias à costa, mas enquanto Helen sentada na praia — o sítio favorito no mundo — sentia a brisa do mar levar teias de aranha da sala de sessões, pressentiu que era a última vez que estariam todos juntos.

Uma vez iniciadas as hostilidades, médiuns espalhavam confiança na vitória mas, como na Primeira Guerra, o papel mais importante foi de conselheiros privados. A escala de mortes era menor que antes, mas a ansiedade, se tanto, maior, sobretudo devido aos bombardeamentos. A Grã-Bretanha de 1939 era também muito mais obcecada por segurança e inteligência que em 1914 e privava o povo de informação. Procuravam-se fontes alternativas. A Mass-Observation, estudando hábitos e opiniões

sociais, revelou que quarto da população era presa de crenças paranormais, refletidas em mania de horóscopos e encorajadas por incerteza e sensibilidade aumentada pelo blackout. Previsão de raids aéreos era serviço popular oferecido por alguns médiuns e igrejas espiritualistas viram pessoas de todas as crenças e classes começar a assistir a cultos, embora não fosse raro católicos interrompê-los gritando «espíritos!» e insultos da rua. Em 1944 dizia-se que o Espiritualismo tinha milhão de crentes a rezar em mil igrejas, outros tantos médiuns filiados e mais de 50 000 círculos domésticos. Estas crenças não se confinavam ao frente interno.

A Lady Rhondda, visitando campo militar para programa BBC Brains Trust, achou soldados inocentemente abertos ao paranormal. Em 1942, quando exército estava no auge com 3 milhões de homens, embora só 521 soldados registados como espiritualistas (e livres para culto), muitos mais dessa persuasão declararam denominações convencionais ao alistar-se e número ainda maior era curioso sem devoção profunda. Em 1941 a Marinha Real finalmente reconheceu o Espiritualismo como religião e marinheiros podiam realizar cultos no mar, havendo espaço.

O interesse estendia-se às patentes. Nada menos de 504 dos 521 espiritualistas registados no exército eram oficiais. O círculo doméstico de Charles Glover Botham, médium atarracado de meia-idade que mostrara promessa em criança, incluía alegadamente certos generais do estado-maior do War Office e durante três anos foi visitado regularmente pelo Air Chief Marshal Sir Trafford Leigh-Mallory que conversava com o irmão perdido no Everest em 1924; após 1939 visitava ocasionalmente até 1944 quando também ele morreu em acidente.

A guerra mudou a vida em Kirkhill Drive, sobretudo com requisição de «Albertine» como alojamento para oficiais do exército, intelligentsia polaca e afins. O rendimento extra ajudou a Helen a alimentar a família, embora andasse sempre curta de cigarros decentes e ficasse deliciada quando participante agradecida lhe deu lata cheia que o marido trazia da marinha. Acabada a guerra de faz de conta em 1940, as exigências da batalha começaram a cobrar tributo.

O marido da Bella foi dado como desaparecido em Dunquerque, mas apareceu em Folkestone num barco de pesca; o marido da Nan, da Scots Guards, sofreu o pior do Blitz em Londres. O marido de Lilian, Angus, alistou-se na RAF e partiu em serviço ativo como operador de rádio e artilheiro, deixando-a com a filha Dawn em Aberdeen. Também o Harry

Duncan se alistou na RAF na primavera de 1941, pouco depois de assistir a sessão em Kirkcaldy onde recordava Albert prever que a guerra duraria metade mais que a anterior e terminaria com dois grandes estrondos. Nessa altura a família estava de luto. Em fevereiro a Lilian, grávida da última licença dele, soube que Angus fora morto sobre a Noruega e sepultado no mesmo cemitério de marinheiros britânicos afogados em Jutland em 1916.

A Helen fez o que pôde, oferecendo conforto espiritual e absorvendo as náuseas matinais, mas Lilian passava os dias em névoa indo de cinema em cinema com a filha, filmes passando por ela como ondas. Quando o bebé nasceu pouco se interessou e foi internada dez meses em sanatório com tuberculose. A mãe, apesar do início da diabetes, manteve compromissos sul da fronteira enquanto Henry e as filhas cuidavam de Dawn e do novo bebé que chamaram Joan.

Devido a mulheres traumatizadas como Lilian, os médiuns físicos estavam mais procurados do que nunca. Nenhum viajou tanto, nem foi mais falado, do que Helen Duncan. Logo no início da guerra, Jean Baker recorda-se de ela ter ido tomar chá a sua casa em Gloucester, depois de ter realizado uma sessão espiritualista na igreja local onde o bebé da tia se materializara até ao pequeno casaco com as fitas nos punhos. Lá para os lados de Somerset, uma viúva reuniu-se com o marido, um piloto da RAF recentemente morto em combate.

As histórias são inúmeras. Em 1942, Arthur Oram deixara a RAF para aceitar um emprego no Ministério da Produção de Aeronaves quando, estando com os pais em Wiltshire, a família assistiu a uma das sessões de Helen Duncan. Com o que Oram considerou ser um sotaque ridiculamente afectado, o Albert troçou da assistência chamando-lhe «um grupo bastante desesperado», mas, ainda assim, introduziu uma procissão de espíritos que deslizavam pela sala, parando diante de cada participante e acabando por se afundarem no chão, tal como tantas vezes fora descrito.

Noutra parte, um casal de Suffolk ficou espantado com as formas espirituais produzidas pela Helen, incluindo a de um coelho de estimação que regressou à sua dona em lágrimas, a qual o saudou com as palavras: «Pensar que te ferva numa panela!» Uma amiga alemã da filha deles conversou com a mãe autenticamente perfumada na sua língua materna. Tais histórias circulavam amplamente, e não apenas de boca em boca. Em Outubro de 1942, a SPR recebeu uma carta de um investigador psíquico de Liverpool afirmando que os fenómenos da Helen Duncan eram «pelo

menos tão notáveis como aqueles que Sir William Crookes terá testemunhado na pessoa de Katie King», ao que a SPR respondeu que as provas registadas na LSA continuavam a ser consideradas «desfavoráveis à genuinidade da mediunidade». Refutando essas provas, no mesmo ano B. Abdy Collins, membro do Conselho tanto da SPR como do International Institute of Psychical Investigation, publicou uma avaliação elogiosa dos poderes da Sra. Duncan na *Psychic Science*, revista da qual era editor, e alguns meses depois J. B. McIndoe fez o mesmo.

A Helen passava a maior parte do tempo em locais onde a necessidade dos seus serviços era maior. Portsmouth era um porto naval secreto e vedado, um lugar onde quase todas as famílias tinham um marido ou filho num navio e ao qual a Luftwaffe visitava com frequência. O Ernest Homer, originário de Staffordshire, e a Elizabeth, a galesa baixa e faladora, ex-artista de variedades que se apresentava como sua mulher, geriam uma farmácia no número 301 da Copnor Road, acima da qual mantinham uma sala onde se realizavam sessões espiritualistas. Grandiosamente conhecido como «Master Temple Psychic Centre», era um espaço de tamanho razoável mas sombrio e parcamente mobilado.

Na extremidade oposta pendia da chaminé uma reprodução barata da Última Ceia de Leonardo e, sobre um estrado elevado, erguia-se um altar com um crucifixo de madeira. No canto oposto, junto à grande janela saliente com vista para a estrada, pendiam cortinas castanho-chocolate de um varão suportado pela sanca, atrás das quais se encontrava uma sólida cadeira jacobina com assento e braços de couro.

Muitos dos médiuns eram tão sórdidos quanto as instalações, homens como Llewellyn Rosser e Reginald Scott-Horscroft, ambos conhecidos como delinquentes sexuais. Em Novembro de 1943, Dorothy Evans foi informada pelo Rosser que o marido, morto no HMS *Illustrious* em 1941, estava na verdade ainda vivo e regressaria em breve a casa — notícia que chegou aos filhos, que ficaram irreprimivelmente entusiasmados.

Helen visitava Portsmouth desde o início da guerra, se não mesmo antes, mas no final de 1943 tornara-se presença assídua no Master Temple, hospedando-se dias a fio em casa da Sra. Bettison, na Milton Road. A sua reputação precedia-a e crescia entre a população local, mistura de verdade e mito ubíqua em tempo de guerra e característica da tradição espiritualista. A Sra. Homer, sempre a angariar clientela, gostava de recontar a história em que, encerrada num abrigo antiaéreo, Helen curara o bebé de um

soldado afetado por uma doença nas pernas, impondo-lhe as mãos e rezando com grande concentração. Em breve, muitas pessoas em Portsmouth ansiavam por entrar na escuridão e presenciar os milagres de Helen, e cada despedida enternecida da cidade apenas aguçava o desejo do seu regresso. No final de 1943, Helen reservou quinze dias em Janeiro no Master Temple, pelos quais lhe prometeram a soma de 8 libras por sessão (dezasseis vezes a pensão semanal de velhice da época) e, com essa reserva garantida, partiu para passar o Natal com a família em Edimburgo.

A filha Gena, de dezassete anos, pressentiu de forma especial que aquele feriado era a calmaria antes da tempestade e, no Dia de Ano Novo, sonhou que dois homens perseguiram a mãe até um rio onde ela se debatia na água lamacenta. Na noite anterior à partida da Helen para Portsmouth, Gena permaneceu acordada a refletir sobre esse sonho — e a imaginar as últimas horas de Cristo no Getsémani — e, na manhã seguinte, com as malas já à porta, suplicou em vão à mãe que não fosse. Da janela, Gena chorou amargamente enquanto o táxi desaparecia ao fundo da rua, rumo à estação, fatalmente.

6 UMA ESPÉCIE DE CONJURAÇÃO Julgamento e negação no Old Bailey, 1944

Na tarde de terça-feira, 25 de Novembro de 1941, enquanto Helen celebrava o seu quadragésimo quarto aniversário, a várias centenas de milhas dali, no Mediterrâneo oriental, o HMS Barham, couraçado veterano da Primeira Guerra Mundial, navegava com o HMS Queen Elizabeth e o HMS Valiant, protegidos por contratorpedeiros de ambos os lados. Às 16h26, um submarino alemão quase à superfície, o U-331, comandado pelo Kapitänleutnant Hans-Diedrich von Tiesenhausen, atravessou o ecrã pelo lado de bombordo e disparou quatro torpedos, cuja força empurrou o casco para cima e fez emergir a torre de comando.

Poucos a bordo do Barham terão deixado de ouvir o primeiro impacto, seguido de mais dois, após os quais o navio começou a adernar enquanto a bateria de bombordo se inundava. Os engenheiros de von Tiesenhausen mergulharam o U-331 a cerca de cem jardas da frota, escapando por pouco ao Valiant que seguia diretamente na sua direção, disparando as peças. À medida que o ângulo de inclinação do Barham aumentava, os marinheiros começavam a saltar do convés superior quando uma explosão colossal na santabárbara de 15 polegadas lançou ao mar a maioria dos que ainda permaneciam a bordo. Homens sugados para o fundo quando o navio se

afundou foram projetados à superfície através do óleo e dos destroços por uma enorme bolha de ar. Entre eles, o aspirante A. E. H. Sladen agarrou-se a uma jangada até ser recolhido pelo HMS Hotspur, onde encontrou outros 300 sobreviventes, em estado de choque mais profundo do que imaginavam, rindo e cantando enquanto tomavam chá com rum. Foram afortunados: no total, 868 dos seus camaradas tinham sido incinerados, despedaçados ou arrastados para o fundo do mar.

A catástrofe apenas se somou ao que Churchill chamou de «escurecimento súbito da paisagem» após a queda da Grécia e o raid aéreo de 10 de Maio, que destruiu a Câmara dos Comuns e matou 1500 londrinos. A 24 de Maio, o HMS Hood fora afundado e, a 12 de Novembro, menos de quinze dias antes do Barham, o porta-aviões HMS Ark Royal perdera-se ao largo de Gibraltar. Apenas dois couraçados britânicos permaneciam no teatro de operações e, até ao fim do ano, até esses seriam danificados.

Von Tiesenhausen nem sequer sabia o que fizera, supondo apenas que afundara um cruzador. Também a sua tripulação não pensou mais no assunto enquanto permaneciam a uma profundidade perigosa à espera que o perigo passasse, alheia às 31 000 toneladas do Barham que caíam silenciosamente ao seu lado. O U-331 foi caçado até às 7h, altura em que von Tiesenhausen enviou o seu relatório e foi chamado a Berlim para fazer uma emissão de propaganda. Os serviços de inteligência britânicos, que ouviram essa emissão a 16 de Dezembro, já sabiam, graças a mensagens Enigma decifradas, que os alemães não sabiam que tinham afundado o Barham, facto confirmado pela ignorância italiana a esse respeito.

O precioso tempo que isso proporcionou para reorganizar a frota de batalha do Mediterrâneo tornou impossível anunciar o afundamento na Grã-Bretanha; nem sequer foi mencionado nos relatórios semanais secretos de inteligência. Os familiares dos falecidos só foram informados no final de Janeiro de 1942, altura em que von Tiesenhausen e a sua tripulação foram condecorados. O filme arrepiante da morte do Barham, filmado a partir do Valiant, tornou-se um cinejornal visto por pessoas em toda a Grã-Bretanha que, três meses após o acontecimento, refletiram sombriamente sobre a perda.

Nos círculos espiritualistas, contudo, a notícia já circulava há muito mais tempo. O HMS Barham era um navio de Portsmouth e era quase inevitável que, mais cedo ou mais tarde, um familiar ou amigo de um

tripulante assistisse a uma sessão de Helen Duncan. A história tem várias versões, mas todas partilham os mesmos traços essenciais. Numa sessão logo após o afundamento, o espírito de um marinheiro morto materializou-se para a mãe, tendo na fita do boné o nome HMS Barham. No dia seguinte, a mulher telefonou para o Almirantado a pedir confirmação e foi visitada por dois oficiais da marinha que exigiram saber a origem da notícia. Ela contou-lhes. Entretanto, a informação chegou ao editor do *Psychic News*, Maurice Barbanell, que telefonou ao amigo Percy Wilson, funcionário público no Ministério dos Transportes, para ver se ele sabia de algo.

O Wilson, espiritualista no círculo doméstico de Charles Glover Botham e futuro presidente da SNU, primeiro não obteve resposta, depois soube confidencialmente que o Barham se perdera mas que um anúncio não era de interesse público. Entre os espiritualistas, este episódio explicou durante muitos anos por que razão a Helen Duncan foi perseguida pelas autoridades; chegou mesmo a sugerir-se que temiam que ela revelasse o segredo de que a Grã-Bretanha decifrara o código Enigma. Pode supor-se com segurança que uma história que coloca a humilde Nell Duncan no centro da intriga de guerra não será totalmente verdadeira; mas também não é totalmente falsa.

Documentos recentemente desclassificados levantaram o véu sobre os procedimentos de inteligência em tempo de guerra. Os dois investigadores do Almirantado eram provavelmente oficiais do MI5 da Divisão ‘D’, que tratava da segurança naval. E não era a primeira vez que o nome da Helen Duncan aparecia nos ficheiros do MI5. Em Maio de 1941, Roy Firebrace, brigadeiro de artilharia real e chefe da Inteligência Militar na Escócia, assistira a uma sessão de Helen em Edimburgo, possivelmente no círculo doméstico da Sra. Waymark, onde o Albert anunciou que um grande couraçado britânico acabara de ser afundado.

Firebrace, espiritualista que vira Helen actuar na LSA em 1931 — era o oficial registado a 17 de Março — era membro regular do círculo da Sra. Waymark e tinha vários comunicadores espirituais, incluindo Sir Arthur Conan Doyle, Lawrence da Arábia e um soldado chamado Mick que conhecera em Vimy Ridge em 1917. Mais tarde na guerra, além de servir como adido militar em Riga e Moscovo, fez parte do Conselho Executivo do International Institute of Psychical Investigation, dividindo sempre o seu tempo entre estes dois lados da sua vida. De qualquer modo, ao regressar

ao escritório, Firebrace telefonou para o Almirantado, que disse nada saber, mas recebeu uma chamada mais tarde nessa noite a informá-lo que o cruzador de batalha insígnia HMS Hood fora partido em dois pelo poderoso Bismarck, matando todos menos três dos seus 1418 tripulantes nas águas geladas ao largo da Gronelândia.

Como frequentador de sessões, Firebrace admirava a Sra. Duncan, mas como oficial de inteligência temia-a. Um ano antes, o *Daily Sketch* alegara sensacionalisticamente que agentes alemães frequentavam sessões espiritualistas britânicas para obter segredos dos mortos e parece que algo do rumor colou. Por mais fantástico que pareça que os médiuns pudessem ser levados a sério dessa forma, é importante lembrar que em tempo de guerra o secretismo era mundane e habitual.

O problema de segurança era enorme, especialmente a «fuga» de informações nos portos, a par de uma paranoia que ia além do medo de espões até à crença de que existia uma Quinta Coluna no coração da nação. Churchill, que gostava de deitar pessoalmente o olho aos ficheiros relevantes, fez com que o *Daily Mirror* fosse investigado por criticar a condução da guerra pelo Governo, levantaram-se suspeitas de que os pulôveres amarelos fossem um distintivo de subversão e, antes do Dia D, um autor de palavras cruzadas do *Daily Telegraph* foi preso depois de praias com nomes-código aparecerem como respostas.

A partir de 1940, a segurança foi reforçada através de vários comités, nomeadamente o Home Defence Executive, que coordenava os esforços do Ministério do Interior, MI5, MI6, polícia, Almirantado e outros departamentos militares, e trocava informações entre o MI5 e o Special Branch da Polícia Metropolitana. Correspondência, telefones e emissões de rádio irlandesas eram monitorizados, e conversas imprudentes de qualquer pessoa — desde Testemunhas de Jeová a oficiais finlandeses em navios americanos, até membros do Governo de Churchill — eram investigadas e arquivadas.

Na verdade, o vício do secretismo — o que Richard Crossman chamou «a doença britânica» — remontava a mais de uma década, quando a agitação operária e o medo do socialismo cristalizaram uma relação entre o Ministério do Interior, o sistema judicial e a polícia que, na prática, funcionava para suspender liberdades civis sempre que a segurança nacional fosse considerada em risco. Mesmo antes da Primeira Guerra Mundial, Churchill, como ministro do Interior, dera ao Serviço Secreto

poderes de detenção sem incomodar o Parlamento para pedir a sua opinião, e em 1931 o MI5 já infiltrara o Special Branch para explorar a sua especialidade e usá-lo como cobertura. Em 1940, o Ministério do Interior instruiu todos os chefes de polícia a reportar notícias de segurança, por mais banais que fossem, duas vezes por mês ao seu oficial regional de ligação de segurança do MI5 e quaisquer «assuntos de especial interesse para a segurança» de imediato.

Em breve, isso tornou-se administração rotineira, tal como as comunicações entre a polícia, o Director of Public Prosecutions e uma secção jurídica do MI5 conhecida como SLB, que silenciava indiscrições nos tribunais. Em 1943, a SLB dividiu-se em duas partes, uma concentrada em processos judiciais, a outra na fuga de informações; a SLB2 teve origem na B19, formada em 1940 para investigar rumores, especialmente sobre movimentos de navios. Quando a Helen Duncan apareceu no horizonte, os chefes de polícia já estavam habituados a encaminhar mesmo infrações triviais aos regulamentos de defesa para o DPP, que depois lia com a SLB2.

Não obstante a segurança, os médiuns continuavam a ser uma questão de fraude pública e os tribunais continuavam a processá-los sempre que recebiam queixas. A Dorothy Evans, cujos filhos foram informados de que o pai morto regressava do mar, denunciou Llewellyn Rosser e tornou-se assim uma das primeiras pessoas a alertar a Polícia da Cidade de Portsmouth (lema: «A Luz do Céu é o Nosso Guia») para as atividades nefastas do Master Temple.

Enquanto tudo isto se passava, Helen deixava clientes insatisfeitos noutras cidades costeiras. Após uma sessão em Torquay, em Março de 1940, um grupo de amigos concluiu que fora vítima de uma farsa e uma delas, a Sra. Martin, escreveu à SPR pedindo que tomassem medidas, mas ficou desapontada com a resposta. A SPR, informaram-na, existia não para identificar fraudes mas para investigar fenómenos genuínos e, em todo o caso, «deve recordar-se que a exposição pública de qualquer médium, por mais conclusiva que seja para pessoas sensatas e imparciais, geralmente provoca uma vigorosa defesa por parte dos apoiantes menos críticos do médium».

No Verão seguinte, a Helen tomava sol a curta distância dali, em Paignton, Devon. A Sra. Marion Gray pagou 15 xelins para ver «o espetáculo» (5 xelins a mais do que em Torquay), mas antes de começar foi

convidada a ajudar a examinar a médium que aguardava num quarto. A Sra. Duncan foi uma desagradável surpresa: «Uma mulher grosseira e imensamente gorda, seminua, sentada numa cadeira a fumar o resto de um cigarro. A mera visão dela revoltou-me e receio que ela tenha notado a minha expressão. Seja como for, fixou-me com um olhar insistente, murmurando o tempo todo: ‘Oh, o que farei se o Albert não vier esta noite?’» O Albert veio, mas não era o radiante embaixador do além que a Sra. Gray esperava; na verdade, todos os espíritos pareciam a médium, a sessão foi aborrecida e ela quis chamar a polícia.

Em vez disso, o filho Peter, médico em Gosport, encaminhou-a para um marinho que conhecia chamado Jones, que enviou a Harry Price a carta dela, pedindo aconselhamento sobre bibliografia e perguntando: «Não acha que se deveria fazer algo para impedir estas harpias de se alimentarem da miséria e da angústia dos outros?» Price achou e, concordando com Jones que a Sra. Duncan era «uma mulher repulsiva e extremamente desagradável, além de fraudulenta», enviou imediatamente para Paignton uma cópia do relatório do NLPR.

Gradualmente, algo foi feito. Em Maio de 1942, uma médium chamada Stella Hughes, mulher de um vereador de Hampstead, foi multada em 10 libras mais custas ao abrigo da Vagrancy Act, processo que o investigador psíquico B. Abdy Collins condenou «enquanto os jornais diários podem destacar previsões astrológicas e os adivinhos anunciam abertamente o seu ofício nas ruas de Londres». Um ano depois, as duas agentes da polícia que prenderam Hughes apanharam outra médium, Gladys Spearman, mas elas próprias foram presas por roubo antes do julgamento dela.

A indignação agravou-se no mesmo mês quando os magistrados de Brighton multaram um ex-soldado, Benjamin Misell, que fizera psicometria para outro par de polícias à paisana. Mal passara uma semana, em Junho de 1943, o pedido de perdão de Stella Hughes foi rejeitado pelo Ministério do Interior, intransigência que estimulou J. B. McIndoe a criar um Freedom Fund para que advogados de defesa competentes (e compreensivos) fossem nomeados em todos os casos, independentemente do mérito. Tal como sentira no julgamento de Edimburgo em 1933, a causa era mais importante do que o caso. Os casos continuavam a surgir. Uma razão pela qual os horóscopos dos jornais eram tolerados e os médiuns não era a percepção no Ministério da Informação de que a astrologia ajudava a

manter o moral elevado, como fizera durante a depressão, mas os médiuns, fornecendo informações falsas, tinham o efeito oposto. Maurice Barbanell foi advertido disso por agentes à paisana da Scotland Yard logo em 1940. Em 1943, a situação atingira o limite. Em Agosto, uma mulher em Birkenhead foi julgada por dizer à mãe de um prisioneiro de guerra que ele regressaria em breve e a outra cliente que o marido desaparecido ainda estava vivo.

A acusação foi de fraude; mas neste e pelo menos noutros três processos de 1943 — em Cardiff, Birmingham e Yarmouth — à expressão «fingindo ou professando dizer a boaventura» da Secção 4 da Vagrancy Act de 1824 foi acrescentada uma fórmula mais próxima da Witchcraft Act de 1735: «fingindo comunicar com os espíritos de pessoas falecidas».

Nos meses seguintes, casos semelhantes foram julgados em tribunais de primeira instância por todo o país, com multas até 20 libras. Este aumento do número de processos pode atribuir-se em parte a pequenos grupos de cidadãos privados — agindo no espírito do The Probe — que se recusavam a continuar a tolerar médiuns falsos, especialmente pela forma como exploravam um público enlutado, baixando o moral essencial ao esforço de guerra.

O mais destacado era o exclusivo clube de ilusionistas Magic Circle, que mantinha um Occult Committee desde o início dos anos 1920. Em finais de 1943, o comité (presidido por «Ding» Dingwall, que vira tanto Rudi Schneider como a Helen Duncan em ação) era em grande parte redundante e foi contornado pelo secretário honorário, Douglas Craggs, e outros mágicos que organizavam membros em todo o país em pequenas equipas para investigar médiuns com o conhecimento da polícia. Craggs mantinha ligação com a Scotland Yard, correspondia-se com Harry Price e foi responsável pelos processos em Cardiff. Entretanto, a segurança foi intensificada ainda mais na preparação da invasão da Europa, e com maior zelo e urgência do que nunca.

O interesse oficial por Helen Duncan pertence a ambas as campanhas: extirpar a fraude e reforçar a segurança. Em Dezembro de 1943, ela estava a ser investigada pelo inspector-detetive Frederick Ford da polícia de Portsmouth, um detetive de rosto corado e terra-a-terra com dezasseis anos de serviço, que recebera várias queixas sobre ela e aceitou de bom grado a ajuda do Magic Circle. Apesar de um aviso de um certo Charles Burrell, trabalhador dos estaleiros e médium que ameaçara denunciá-los se não

parassem com o seu «esquema de dinheiro», o Sr. e a Sra. Homer continuavam a agir descaradamente, chegando a anunciar no Portsmouth Evening News — publicidade que muito facilitou as operações de vigilância da polícia. Um relatório de uma sessão no Master Temple descrevia a aparição de «uma figura envolta em branco que supostamente trazia mensagens do mundo dos espíritos com as vozes de pessoas mortas. Algumas das coisas reveladas são chocantes.» Um homem que achou essas coisas chocantes foi Stanley Worth, tenente da RNVR de vinte e oito anos, de óculos, destacado num estabelecimento costeiro de Portsmouth.

De licença em casa, em Ashford, Middlesex, ficara intrigado com as experiências da mãe num grupo espiritualista local onde guias espirituais falavam através de trompetes, tocavam piano e realizavam curas através de médiuns. Na licença seguinte, porém, preocupou-se com o quanto ela se envolvera e, de volta a Portsmouth, ao ouvir que as pessoas iam aos «fantasmas» acima da farmácia na Copnor Road, decidiu investigar por conta própria.

No Inverno de 1943, o tenente Worth assistiu a vários serviços no Master Temple onde um grupo composto maioritariamente por mulheres de meia-idade cantava hinos, acompanhadas por um pequeno órgão, e se realizava clarividência. Worth talvez tivesse deixado de lá ir se a Sra. Homer não lhe dissesse que no Ano Novo viria uma incrível médium de materialização chamada Sra. Duncan, mas que os bilhetes seriam escassos. De volta ao refeitório dos oficiais, quando Worth contou aos colegas, o comandante ficou preocupado que ele ficasse viciado e falou com o oficial médico e com o amigo de Worth, o cirurgião-tenente Elijah Fowler, que perguntou a Worth se podia acompanhá-lo na próxima sessão.

O Worth consultou a Sra. Homer, explicando que Fowler não era crente. «Traga-o para ver Helen Duncan», disse ela. «Dou-lhe lugar na primeira fila e meto-lhe um medo de morte.» Às três menos um quarto da tarde de 14 de Janeiro de 1944, os dois oficiais chegaram ao número 301 da Copnor Road e foram conduzidos através da loja, passando pelos anúncios de Vaseline e Virol, por um médium do norte, Taylor Ineson, até à sala das traseiras onde outros aguardavam. Por fim, com Worth à frente, os cerca de vinte participantes, incluindo um soldado e um wing commander da RAF, foram encaminhados para as escadas onde a Sra. Homer os riscava da lista.

Ao entrar na sala de sessões, a primeira coisa que Worth viu foi o fraco brilho de três lâmpadas — vermelha, verde e branca —, toda a luz da

rua bloqueada por cortinas de blackout. Cada cadeira tinha um papel com o nome, arranjo que a Sra. Homer policiava ansiosamente, tal como a proibição de lanternas de blackout que tinham de ser entregues à Sra. Homer como pistolas deixadas à porta de um saloon no Oeste. Após os habituais preliminares de revistar o gabinete, examinar a roupa da sessão e vestir a médium, a Sra. Duncan entrou e tomou o seu lugar. De olhos fechados, deixou-se cair para trás — braços pendentes, cabeça caída — e começou a emitir gemidos enquanto as cortinas eram corridas.

A Sra. Homer liderou todos na oração do Pai Nosso, depois pediu a «todos os amigos que dessem o seu amor e simpatia à Sra. Duncan e ao seu guia» antes de iniciar uma interpretação do favorito de Albert, «South of the Border», que se esvaiu como um hino num casamento. As lâmpadas branca e verde foram desparafusadas, ficando apenas a vermelha, situada atrás dos participantes, tornando difícil ver seja o que for com clareza mesmo depois de os olhos se habituarem à penumbra. Foram saudados por uma voz, aparentemente de homem mas com tom mais agudo, que exprimiu prazer por ver tantas caras conhecidas, após o que Albert apareceu, parecendo um pedaço de pano com um buraco recortado onde deveria estar o rosto.

O tenente Worth encontrou a forma física substancial da sua «tia» (morta de problemas intestinais) apesar de todas as suas tias ainda estarem vivas, e um espírito igualmente volumoso apareceu para Taylor Ineson, afirmando ser o irmão dele, que lhe apertou a mão e, com o sotaque yorkshirense de Ineson, confidenciou que não achava grande coisa da médium: demasiado gorda. Os mortos regressavam da guerra: uma mulher cujo filho estava desaparecido em combate recebeu um soldado; o fantasma de um homem morto numa explosão em Singapura estendeu um coto.

Num tom mais leve, Peggy cantou um refrão de «Loch Lomond» antes de se desfazer com as palavras «I'm gaun doon noo»; e depois veio Bronco, o papagaio, que disse «Pretty Polly», seguido de um gato e de um coelho, ambos oblongos brancos indeterminados — o primeiro miando, o segundo realisticamente silencioso. O espetáculo terminou com a médium a cambalear para fora do gabinete, agitando os braços e desabando ao lado da Sra. Homer, com níveis de nicotina perigosamente baixos. A pedido do Sr. Homer, Worth deu-lhe um cigarro e as luzes acenderam-se.

Na manhã seguinte, Worth visitou a esquadra de polícia de Portsmouth, onde foi entrevistado pelo inspetor-detetive Ford, que lhe

perguntou se estaria disposto a comparecer numa sessão na tarde do dia seguinte; Worth já tinha bilhete. Tratava-se de um serviço ordinary, à luz do dia, em que se cantou um hino, se rezaram orações e Helen Duncan, vestida de branco e de olhos fechados, proferiu um sermão com a voz de Albert, exortando a congregação a aspirar a coisas mais espirituais. De repente, para manter o interesse, Helen anunciou que o espírito de uma menininha chamada Audrey lhe tomara a mão e apontara para o capitão Barnes, oficial reformado do Exército da Índia, sabido por ter perdido uma filha — uma filha chamada Shirley. «Desculpem, enganei-me», admitiu após correção.

«Deveria ter dito Shirley; troquei o nome.» A estrela principal sentou-se, revirando os olhos, e deixou a sua nova companheira de viagem, Frances Brown, mulher de mineiro de Sunderland, fazer o seu número; também ela via espíritos invisíveis e agitava os braços. Na segunda-feira, deram a Worth uma lanterna e um apito de polícia e, nessa mesma noite, regressou a Copnor Road, onde reservou dois lugares para a sessão seguinte, na quarta-feira, dia 19. O seu parceiro seria o bom amigo Rupert Cross, livreiro e agente reservista de guerra.

Chegaram pouco antes das sete e entregaram ao Sr. Homer 25 xelins na cozinha antes de subirem e ocuparem os lugares na segunda fila, atrás das cadeiras reservadas para os Homer. Concluídos os preliminares, um dos trinta participantes, o marinheiro capaz Peter Pickett, de Kent, que perdera a mãe ainda bebé, recebeu uma mulher corpulenta envolta em branco, de braços estendidos. Outra forma espiritual tomou o seu lugar, depois outra, e foi desta terceira manifestação que Cross tomou o sinal, enquanto Worth procurava no bolso a lanterna proibida ao mesmo tempo que o companheiro se erguia do assento.

O que aconteceu exatamente a seguir é objeto de disputa, mas foi qualquer coisa assim. Abrindo caminho à força pela primeira fila, Cross escancarou as cortinas do gabinete e revelou a Sra. Duncan a afastar vários metros de pano, que ele agarrou. O Sr. Homer deu então um pontapé em Cross, alguém derrubou a lanterna de Worth e o pano foi arrancado.

«Foi para o meio do público», disse Cross agitado, ao que uma surpreendentemente composta Sra. Duncan respondeu: «Claro que foi; tinha de ir para algum lado.» Apontando a lanterna, Worth viu-a, ainda com o vestido de cetim preto da sessão, curvada a calçar os sapatos com toda a determinação. Tarefa concluída, gritou que estava doente — aliás, que

estava a morrer — e precisava de um médico. Worth apitou, sinalizando a entrada de Ford e de outros três detectives, que tinham sido introduzidos na loja por outro agente que assistia a uma reunião separada por instruções de Ford. Frances Brown instou o Sr. Homer a garantir que a filha Christine, enfermeira geriátrica, mantivesse a boca fechada.

O Ford acendeu a luz e, enquanto se fazia uma busca sumária, perguntou se alguém tinha o pano, mas ignorou os pedidos de Christine Homer e de outros para serem revistados; também não interpelou uma mulher que trazia o braço ao peito numa tipoia grande.

Em vez disso, munido de um mandado de magistrado, ordenou à médium abatida que se vestisse (sob supervisão da agente feminina), recolheu a roupa da sessão como prova e prendeu-a sob suspeita de violar a Vagrancy Act por «fingir manter comunicação com os espíritos de pessoas falecidas». Depois de ela ser levada, Ford ouviu a Sra. Homer lembrar a todos que Jesus sofrera assim e fez uma nota mental para acrescentar blasfêmia à fraude.

Acompanhada por uma enfermeira, Jane Rust, testemunha de defesa que impressionaria Mollie Goldney, Helen foi levada de carro para a esquadra de Kingston Cross, onde lhe leram os direitos. «O que hei-de eu dizer?», respondeu debilmente, mas lembrou-se de avisar que era diabética e tinha problemas coronários, pelo que chamaram um médico da polícia que certificou que sofria de «palpitações devidas a um coração gordo», mas que estava em condições de ser colocada na cela.

Na manhã seguinte, foi fotografada e dactiloscópada, serviram-lhe o pequeno-almoço, chá e um cigarro, depois arrastaram-na sem advogado perante os magistrados que, a pedido do chefe de polícia Arthur West, a mantiveram em prisão preventiva até 25 de Janeiro. Assim que Ford recolheu o kit de insulina na Milton Road, a prisioneira chorosa foi levada de carro para a prisão de Holloway, no norte de Londres, onde definiu numa cela, alheia à intensidade da atividade noutras partes.

Além da polícia de Portsmouth, que logo pôs colegas de Edimburgo a trabalhar, os jornais, tanto nacionais como provinciais, agarraram a história — **POLÍCIA AGARRA «ESPÍRITO» EM SESSÃO NA CIDADE: COISAS CHOCANTES REVELADAS**, berrou o Portsmouth Evening News — e até a BBC anunciou a detenção. A imprensa espiritualista foi naturalmente rápida a subir ao seu palanque, com um título tipicamente hiperbólico da Two Worlds: **LIBERDADE CONTRA A MÃO MORTA**

DO MINISTÉRIO DO INTERIOR O GOVERNO AINDA TEM MEDO DE FANTASMAS! Percy Wilson, do Ministério dos Transportes, então presidente do Conselho Distrital de Londres da SNU, já sabia do infortúnio de Helen e preparava-se para usar o Freedom Fund para nomear um advogado de peso para a próxima audiência, embora a representação por solicitador fosse o normal nesta fase preliminar.

Um homem parecia ideal para o cargo: C. E. Loseby, advogado espiritualista que já defendera médiuns no passado e que, seis meses antes, fora o principal porta-voz de uma delegação da SNU ao Ministério do Interior. Assim que aceitou o caso, foi ele que o solicitador da SNU, Godfrey Elkin, informou.

Charles Loseby foi muito criticado pelos espiritualistas, não por falta de empenho ou esforço, mas por ser jovem e inexperiente. Na verdade, não era nem uma coisa nem outra e fora escolhido precisamente porque o advogado de defesa de 1933 fora algo inexperiente e não espiritualista. Loseby tinha sessenta e dois anos. Admitido na Ordem em 1913, no ano seguinte mexera os cordelinhos para obter uma comissão e, durante trinta meses de serviço em França, fora gaseado (o que lhe deu à voz um tom rouco) e gravemente baleado no braço, lesões que o fizeram duvidar se voltaria a exercer.

Dizer que o trauma mental foi pior tornou-se um cliché da guerra moderna, mas nem por isso era menos verdade no caso do capitão Loseby. Quando, mais tarde, se sentou para escrever memórias daqueles dias, pensou nos seus homens da classe operária, «como ovelhas para o matadouro», nas suas expressões indescritíveis; pensou nos dois centímetros quadrados que um atirador furtivo precisava para arrancar uma cabeça, nos cadáveres incrustados de lama nas paredes da trincheira e no zumbido dos ventiladores rotativos enquanto os sapadores alemães escavavam por baixo deles.

A guerra tornou-se parte dele, como se tornou parte da cultura e da crença inglesas, e era mais natural do que hoje parece que a primeira parte da lua-de-mel em 1921 fosse passada numa visita aos campos de batalha de Flandres.

Orgulhoso do seu serviço, especialmente da Cruz Militar e do comando do 1.º Lancashire Fusiliers, só abandonou a comissão em 1920, altura em que já era deputado conservador. Fez campanha por várias causas sociais, incluindo a emancipação feminina, a criação de um Ministério da

Saúde e, com mais energia, pensões para ex-combatentes inválidos e «abalados nos nervos», conseguindo para eles mais 20 milhões de libras. Em 1921 juntou-se a Lloyd George para combater o socialismo ateu, mas voltou a atravessar a Câmara em 1929 e foi reeleito deputado conservador por West Nottingham; entre uma e outra coisa, exerceu como advogado no circuito das Midlands e, em 1922, enviou um operário para a forca por ter assassinado a namorada.

Emocionalmente reservado, era apaixonado pelas crenças que a guerra lhe inspirara, gostava de fazer o advogado do diabo, acreditava poder detetar impostores e deliciava-se com desafios — no campo de golfe, na tribuna ou em tribunal. Como para tantos outros, o seu Espiritualismo (não partilhado pela família) foi produto do agnosticismo, do empirismo e de uma fome de verdade metafísica capaz de dar sentido ao passado e oferecer esperança. Assim, quando Ernest Oaten o encaminhou para «as conclusões irresistíveis que se tiram da observação exata dos fenómenos», a sua conversão já estava praticamente consumada.

No Ministério do Interior, onde foi aberto o primeiro processo sobre Helen Duncan, os funcionários exprimiram em privado surpresa por Loseby e a SNU defenderem «uma charlatã tão patente... uma fraude descarada e nem particularmente hábil». Mas mesmo que Loseby soubesse dos seus sentimentos, mal se importaria. Na verdade, aceitara o desafio de defender a Sra. Duncan com entusiasmo.

Totalmente indiferente aos que não aceitavam o que ele considerava verdades incontroversas, tirou do pó o seu exemplar gasto do panfleto de Ellis Powell *Psychic Science and Barbaric Legislation* (1917) e, junto a um trecho sobre médiuns dotados à mercê de polícias ignorantes e magistrados preconceituosos, escreveu de seu punho: «Verdade um quarto de século depois. Não descansarei até pôr fim a isto.» Adotara-o como cruzada e sabia que o processo Duncan poderia ser a sua hora mais brilhante. Pois naquela dona de casa proletária via o epítome da minoria perseguida descrita por Powell e, por essa razão, Loseby, paragonal patrício da classe dos oficiais, humildemente se subordinava a ela.

Provavelmente esquecera-se de ter actuado numa produção cômica intitulada *An Eastern Episode on the Western Front*, onde fizera de Segundo Escravo ao lado do Plumi Jham do capitão North — uma feiticeira egípcia. Mas havia nisso uma ironia real, pois a farsa estava prestes a repetir-se como tragédia e Loseby representaria o papel a sério.

No Tribunal de Primeira Instância de Portsmouth, a 25 de Janeiro, a polícia ficou surpreendida por ver um advogado, mais ainda pelos seus argumentos. Helen Duncan era uma médium distinta cuja vida fora posta em perigo, disse Loseby ao tribunal, e ao prendê-la, datiloscopiá-la e negar-lhe a liberdade provisória, a polícia transformara-a numa «criminosa furtiva e perigosa», contra a vontade do ministro do Interior de que se suspendesse o mecanismo pré-julgamento da Vagrancy Act de 1824.

Isto provocou gritos de «muito bem», rapidamente silenciados pelos magistrados. Após cinco dias em Holloway — onde alegou que uma guarda prisional lhe atirara um balde de água fria por se queixar que o banho estava demasiado quente —, a cabeça de Helen andava à roda e sentia que falavam de outra pessoa. A primeira coisa que dissera ao ser presa fora «Não tenho nada com que me preocupar»; mas agora preocupava-se.

O inspetor-detetive Ford transmitiu o pedido do chefe West por mais duas semanas enquanto o Director of Public Prosecutions analisava o caso, mas acrescentou que a polícia já não se opunha à liberdade provisória. Além disso, a polícia de Portsmouth queria igualmente representação por advogado se era esse o caminho que a SNU pretendia seguir. Helen foi libertada sob caução de 100 libras (postas por J. B. McIndoe) e marcada nova audiência para 8 de Fevereiro. Pode assumir-se com segurança que, como chefe de polícia, West consultara o seu oficial do MI5 acerca das declarações sobre o HMS Barham, se não agora, então catorze meses antes.

De um pequeno escritório poeirento chamado Divisão ‘C’ (Assuntos Criminais) no Ministério do Interior, o subsecretário-adjunto Francis Graham-Harrison foi encarregado de manter contacto com o inspetor-detetive Ford e com o Director of Public Prosecutions, que aceitara representar a polícia de Portsmouth em tribunal.

A 2 de Fevereiro, Ford submeteu ao DPP, Sir Edward Tindal Atkinson, um relatório resumindo os acontecimentos em torno de Helen Duncan até então, acrescentando: «Isto pode ou não ser verdade, mas tenho motivos para crer que ela é uma pessoa dada à bebida.» Todo o tipo possível de informação pessoal foi recolhida em apoio do caso e, nisso, a polícia de Edimburgo colaborou de bom grado. Os registos mostravam que o Henry Duncan era proprietário da casa em Kirkhill Drive, mas não pagava imposto sobre o rendimento — o que não era surpreendente, dado que a profissão da mulher era ilegal. A polícia visitou-o também e soube

que era ele quem pagava todas as contas e que Helen não tinha conta bancária própria. O Departamento de Investigação Criminal de Edimburgo disse que a Sra. Duncan, bem conhecida como médium na cidade, fora multada por fraude em 1933 e forneceu pormenores numa cópia da sentença — pela qual cobraram aos colegas de Portsmouth uma taxa de 2 xelins.

Depois de ler o relatório, o subdirector do DPP, Arthur Sefton-Cohen, reuniu-se com Ford e concluiu que, dada a prova limitada, uma acusação de conspiração para defraudar seria preferível à de vadiagem. Assim, teria de haver julgamento por júri e, em caso de condenação, pena de prisão. Sefton-Cohen nomeou um representante, J. E. Robey, instruindo-o a requerer intimações contra os Homer e Frances Brown e a contestar a alegação de que a Helen Duncan «era capaz de manter comunicação com pessoas falecidas e fazer com que os espíritos delas se materializassem».

O Ministério do Interior foi informado da estratégia modificada. Às 10h50 da manhã seguinte, 8 de Fevereiro, a Helen foi formalmente acusada na presença do seu solicitador, o Sr. Elkin, que lhe aconselhou a não responder, e levada para o tribunal de primeira instância. Uma longa fila subia os degraus até à porta principal, pessoas de chapéu e casaco posando para os fotógrafos, todos com sorrisos e sinais de V da vitória. O processo foi rápido.

Quando a Helen ouviu novamente a acusação, desmaiou e teve de ser amparada pelos polícias ao seu lado. Foram emitidas novas intimações, as dos Homer entregues nessa mesma tarde no Master Temple, a de Sr.^a Brown enviada para a sua casa em Houghton-le-Spring, County Durham, para onde fugira. O tribunal foi adiado, à espera das prisões, e marcada nova data para 29 de Fevereiro. Também a Sra. Homer se pusera recentemente a salvo, embora W. A. E. Jones, do Daily Herald, a localizasse no seu quarto alugado em South Norwood, onde descreveu a Helen como «uma relativa estranha», mas médium natural a quem pagara 8 libras por sessão, totalizando 112 libras em seis dias — o equivalente a três meses de salário de um camionista. Ford, entretanto, relatou ao Ministério do Interior, entrevistou a viúva da marinha Dorothy Evans e pressionou Edimburgo por mais pormenores do julgamento de 1933.

Durante Fevereiro choveram protestos. A deputada de Manchester Eleanor Rathbone recebeu uma carta de um eleitor, acompanhada da primeira página do Psychic News, queixando-se de que a prisão da Sra.

Duncan ia contra a luta pela liberdade na Europa. A busca de informação de Rathbone terminou no subsecretário parlamentar do Ministério do Interior, Sir Osbert Peake, que, tendo recebido a delegação da SNU de 1943, estava em boa posição para informá-la de que a polícia não usava a lei como instrumento de opressão, «mas para proteger o público contra aqueles que comerciam com a ignorância e a credulidade, especialmente aqueles que em tempo de guerra exploram a ansiedade das pessoas quanto ao destino de familiares e amigos que servem nas Forças Armadas».

O próprio Ministério do Interior foi assediado. Herbert Morrison recebeu uma petição de Morecambe, Lancashire, assinada, entre outros, por vários soldados e um polícia de Glasgow, mas usou o último relatório de Ford para manter a posição: a polícia agira legalmente e a Helen Duncan não. Na noite de segunda-feira, 28 de Fevereiro, J. E. Robey reuniu-se com o chefe West no Queen's Hotel em Southsea para dar o toque final à acusação e, como o pai comediante antes de um grande espectáculo, dormiu bem.

Na audiência da manhã seguinte, houve ruídos distrativos ao fundo. Algures, alguém martelava músicas de dança num piano, sobreposto ao zumbido surdo dos bombardeiros da RAF, cujos raids sobre a Alemanha se intensificavam à medida que o Dia D se aproximava. Hoje, porém, Charles Loseby travava a sua própria guerra de libertação e enfrentou o jovem Robey, que transbordava de expressões teatrais depreciativas. Após os quatro acusados se declararem não culpados, Robey deu o polegar abaixo ao «espectáculo» da Sra. Duncan, julgando-o inferior aos grandes espectáculos de ilusionismo vitorianos; mas o seu verdadeiro ponto, e que a Acusação sublinharia ao longo do julgamento, era que não estava em causa a verdade do Espiritualismo, mas se os arguidos tinham conspirado para cometer fraude. Rupert Cross negou que a Sra. Duncan parecesse azul ou em sofrimento, nem que tivesse caído. Ford admitiu que talvez parecesse azul, mas, olhando-a no banco dos réus, acrescentou: «Não mais azul do que está hoje no tribunal.»

A presença de advogados numa fase preliminar, a acusação de conspiração e o apoio do DPP tornavam quase inevitável a transferência do julgamento para o Old Bailey — o Tribunal Criminal Central de Londres —, por mais fantástico que parecesse que uma médium fraudulenta fosse tratada de forma tão aparatosa. O gabinete do DPP no Bailey pôs mãos à obra e o escrivão do tribunal começou a elaborar uma acusação que

nenhum advogado esperto pudesse desmontar. As descobertas do escrivão foram significativas. O Sr. Homer não podia ser acusado como farmacêutico, porque ao abrigo da Pharmacy and Poisons Act de 1933 não o era; era apenas proprietário de uma drogaria. Também a Sra. Homer não podia ser acusada com esse nome porque já era Elizabeth Jones, revelação que resolveu um problema para a Acusação: marido e mulher não podiam legalmente conspirar um com o outro.

Na primeira semana de Março foi nomeado o advogado de acusação. Normalmente, o Central Criminal Bar Mess, um quadro permanente afecto ao tribunal, tratava os casos por sistema de rodízio, deixando apenas os julgamentos mais graves para os Treasury Counsel e os Law Officers of the Crown. Contudo, Sir Edward Tindal Atkinson considerou tratar-se de «um caso de alguma dificuldade» e, por conselho do Attorney-General, nomeou John Maude, que achava «capaz de lidar com este caso algo invulgar com habilidade».

Maude, filha de um actor conhecido, formado em Eton, Christ Church e Middle Temple, fora Treasury Counsel em 1942 e tornara-se King's Counsel em 1943; se os fundos o permitissem, a SNU teria feito bem em contratar um Treasury Counsel contra um KC. Agora as probabilidades estavam contra eles. O júnior de Maude seria o desajeitado, inexperiente mas capaz Henry Elam, para quem o caso era apenas mais um processo até perceber todas as suas implicações.

A 15 de Março realizou-se uma reunião privada entre Maude, Elam e o DPP que seria um ponto de viragem na história do Espiritualismo — embora os seus pormenores, enterrados em arquivos secretos durante mais de meio século, tenham permanecido desconhecidos até agora. Para o DPP e para o chefe West, mesmo uma acusação de conspiração para defraudar parecia frágil porque teriam de provar sem margem para dúvida que dinheiro fora pago para ver espíritos materializados, ao passo que os organizadores de sessões costumavam ter cuidado em não prometer nada.

Claramente, era preciso qualquer coisa mais para cravar o caso. Ao fim de hora e meia de reunião, encontrou-se a solução numa única cláusula de uma lei em grande parte obsoleta: a Secção 4 da Witchcraft Act de 1735. Quando a legislação de Jaime I de 1604 foi expurgada dos livros de leis, os seus termos foram importados para um ato de revogação para tornar explícita a sua anulação, e interpolou-se uma nova secção para «prevenir e punir mais eficazmente quaisquer pretensões a tais artes ou poderes...

pelos quais pessoas ignorantes são frequentemente iludidas e defraudadas». Assim, a percepção de Helen Duncan de que estava a ser julgada como bruxa estava prestes a tornar-se muito mais vívida, e a profecia da mãe de que seria queimada na fogueira como tal realizar-se-ia em grau muito maior do que alguma vez poderia ter previsto enquanto criança clarividente em Callander.

Tal como Mollie Goldney, Harry Price recusou participar como perito testemunha — estava doente com angina —, embora tenha estado presente no Old Bailey pelo menos num dos dias. Contribuiu, porém, indirectamente. Como era de prever, enviou ao chefe West uma cópia de *Regurgitation and the Duncan Mediumship*, que este, por sua vez, encaminhou para o DPP com comentários sobre a criada, Mary McGinlay.

A Maude achou que ela devia estar presente para poder ser «chamada em refutação» caso a Defesa tentasse demonstrar o bom carácter da Helen Duncan e, especialmente, se a Helen subisse ao banco das testemunhas. Os estereogramas do livro de Price seriam também munição inestimável para o contra-interrogatório e corroborariam a afirmação de Cross de que o ectoplasma era na verdade musselina velha.

A acusação de 1933 também foi mantida em reserva, assim como a descoberta de que Frances Brown cumprira duas penas de prisão em 1929 por furto de mercadorias, lista das quais foi datilografada em dez folhas de foolscap. A meio de Março, o DPP pediu mais fotografias a Price, que arranjou para que o bibliotecário da Universidade de Londres — onde os seus livros estavam depositados desde 1938 — as entregasse à polícia.

A 22 de Março, o dossier da Acusação estava completo, prevendo que a estratégia proposta por Loseby de chamar até cinquenta testemunhas não teria êxito porque todas descreveriam acontecimentos anteriores a Janeiro de 1944, irrelevantes para o caso. De qualquer modo, tanto quanto Maude e Elam concernia,

Pareceria que a Acusação deveria conseguir estabelecer que Duncan não atuava como médium genuína em Portsmouth pelo efeito cumulativo das testemunhas da Acusação que diriam o que viram e ouviram, algo que qualquer pessoa com uma onça de bom senso compararia a um espetáculo de Punch e Judy, cujo clímax foi a apreensão da médium e o desaparecimento do pano branco.

A prova da Acusação não era grande coisa: mas Maude percebeu de imediato, e Elam veio a perceber, que a Witchcraft Act tornava isso

irrelevante. O que precisavam de estabelecer não era tanto que a Helen Duncan era uma impostora, mas que fingira — alegara falsamente — conjurar os espíritos dos mortos; e a Defesa, no seu esforço para demonstrar que os mortos podiam ser trazidos de volta à vida, faria isso por eles. A única esperança de Loseby era, primeiro, concentrar-se no facto de a Acusação não ter produzido a musselina sob a qual a Sra. Duncan se disfarçara de fantasma e, segundo, apresentar uma testemunha capaz de minar a credibilidade de Worth. Mas mesmo que isso tivesse importado tanto, Loseby, o cruzado justiceiro, era demasiado teimoso para ouvir conselhos.

O julgamento começou na manhã de quinta-feira, 23 de Março de 1944, na Sala n.º 4 do Old Bailey danificado pelos bombardeamentos. A galeria pública permaneceu interdita, e os espectadores ansiosos espremiavam-se nos átrios e corredores, na esperança de um lugar lá em baixo ou pelo menos junto à porta. É possível recriar a experiência do tribunal de forma quase demasiado autêntica, transmitindo o langor e o aborrecimento sentidos por todos exceto alguns enquanto a vigésima quinta, trigésima quinta e, por fim, quadragésima quinta testemunha de defesa de Loseby prestava juramento. Mais reveladoras são as emoções daquela estranha semana de Março, sobretudo as do quixotesco e infeliz Charles Loseby, a figura trágica destinada a não fazer justiça a ninguém.

Muito antes de ser perturbado por bocejos abafados e obstrução judicial, Loseby já estava inquieto. Após o pequeno-almoço na sua casa em Kensington, andara de um lado para o outro no corredor, de maneira que sugeriu à mulher e à filha que um grande peso lhe oprimia os ombros. Em tribunal, notou mais uma vez o impressionante efeito da boa aparência e estatura de John Maude, a sua voz forte contrastando com o seu próprio falar mais suave e arrastado.

Loseby era apoiado pelo Sr. Simpson Pedler, colega da Gray's Inn com duas décadas de experiência na Ordem; mas nem mesmo como júnior olhava para Loseby com a admiração que Elam dedicava a Maude, figura cuja autoconfiança nenhuma quantidade de estudo, zelo ou sofística casuística conseguia abalar. «Falava», admitiu Loseby, «com tal destreza, habilidade e economia de palavras que qualquer pessoa mal informada poderia muito bem imaginar que não havia resposta eficaz ao caso tal como ele o apresentava.» O juiz, Recorder de Londres Sir Gerald Dodson, cristão praticante, distribuía o seu desprezo de forma imparcial, dispensando

irritabilidade profissional a todos sem violar o costume do Old Bailey de tratamento humano dos réus no banco. No final, porém, nem Dodson conseguia ocultar o desejo de estar noutro lugar, talvez de regresso à estreia de *The Rebel Maid*, o musical humorístico que co-redigira, o que talvez lhe tenha provocado algum sorriso irónico quando soube da criada rebelde dos Duncan, Mary McGinlay.

As testemunhas estavam nervosas, com a exceção de Stanley Worth, cujo depoimento se tornara a vanguarda da Acusação à medida que a acusação evoluía de vadiagem para conspiração e bruxaria. Na audiência de Portsmouth, além disso, Cross parecera desconfortável, ao passo que Worth, elegante no uniforme de tenente, Loseby notou, «prestou o seu depoimento com habilidade e bom olho para o efeito, sendo ajudado neste último por um sorriso intermitente que parecia estar sob controlo». E conseguia fazer todas as vozes, incluindo a do Albert.

Mais preocupante era o dilema de Loseby, comum a todos os advogados de defesa: se devia ou não deixar os clientes depor e arriscar que se incriminassem no contra-interrogatório; ou negar-lhes esse privilégio e fazer parecer que tinham algo a esconder. Intimidados como estavam, no caso de todos excepto o Sr. Homer, Loseby escolheu o segundo caminho, o que, recordou Elam, ficou muito mal. Quanto aos demais presentes, o público espectador estava estrábico e tagarela, os investigadores psíquicos sérios e estudiosos, as mulheres espiritualistas piedosas e lacrimosas.

O W. A. E. Jones, do *Daily Herald*, que assistiu aos sete dias, não se deixou cativar por Helen a mártir e pelos seus discípulos, muitos dos quais tinham vindo de Portsmouth. «Enquanto ela se bamboleava a caminho do juiz e do júri, mulheres atiravam-se ao pescoço dela, beijavam-na, choravam sobre ela e benziam-na em vozes sussurrantes.»

O primeiro dia, eletrizante, foi ocupado pelo discurso de abertura da Acusação e pelo relato de Worth sobre as sessões de 14, 17 e 19 de Janeiro. A troça suave mas cruel de Maude, as ironias habilmente equilibradas, as perspectivas eruditas e os apelos calmos ao bom senso fizeram a Defesa descer para um poço de paredes escorregadias do qual dificilmente sairia. Enquanto Loseby contra-interrogava Worth, os protocolos formais da troca — pedidos de desculpa e indulgências requeridas — deram lugar a vozes alteradas, com o Recorder a interromper dizendo que o tribunal os ouvia perfeitamente bem. Discutiram se Worth se considerava um espião e, na verdade, quem usara primeiro a palavra, com Worth a protestar que Loseby

lha pusera na boca e por isso a usara. À paródia sarcástica de Loseby sobre a Sra. Duncan «a fazer buu com um lençol na cabeça», nada precisou acrescentar, aceitando sem esforço essa interpretação. Worth manteve-se inabalável e Loseby sabia-o. Mais do que isso, era absolutamente persuasivo, qualidade sedutora que alisava as inconsistências tão ardentemente desprezadas pelos investigadores psíquicos.

O Recorder encerrou os trabalhos do dia pedindo um esboço da sala de sessões e libertando a Sra. Duncan e os co-réus sob caução. Lá fora, Frances Brown não estava com a habitual loquacidade e protegeu o rosto das câmaras.

O segundo dia começou com Worth, interrogado por Elam, a defender a sua visão — tinha um olho preguiçoso — até o Recorder o cortar antes que começasse com a opinião do oculista. Seguiu-se Elijah Fowler, com a sua voz escocesa hesitante, a confirmar o relato de Worth sobre a primeira sessão; um fotógrafo da polícia divertiu o júri com imitações de fotografias de espíritos apreendidas a Frances Brown; o Sr. e a Sra. William Lock disseram o que tinham a dizer, incluindo a história do regresso de Pinky, piloto da RAF baleado na cabeça; e o Sr. Burrell comparou Peggy a uma fada numa pantomima de Natal.

Kitty Jennings, supervisora de Defesa Antiaérea, relatou como numa sessão da tarde de 19 de Janeiro «esta desgraçada criança escocesa» (palavras de Maude), saltitando para cima e para baixo, confessara usar o perfume e o baton de Christine Homer. Quando hesitou antes de descrever Peggy, Maude arrancou uma gargalhada perguntando se parecia mais com Helena de Tróia ou com uma fronha de almofada.

Atriz experiente antes da guerra, a Sra. Jennings concordou com Loseby que os sotaques regionais seriam difíceis de imitar — a menos, claro, que se estivesse habituado a fazê-lo. Finalmente, após Rupert Cross corroborar a segunda parte do depoimento de Worth, o inspetor-detetive Ford foi acochado por Loseby por não ter revistado os participantes, e a sua defesa de que seria inútil sem a presença de um médico foi recebida com ceticismo.

Uma e outra vez, Loseby perguntou qual a importância disso até o Recorder o parar, tanto por aborrecimento como por desejo de poupar os rubores de Ford, momento em que Maude interveio: «É óbvio que há certos sítios onde as coisas podem ser escondidas?» «Sim, senhor», respondeu Ford vivamente. E com isso, Maude encerrou o caso da Coroa.

Nessa noite, Loseby andou novamente de um lado para o outro enquanto ensaiava o discurso de abertura da Defesa. Na manhã seguinte, encheu-se de coragem e, perante outro tribunal lotado, fez o possível por desacreditar as testemunhas da Acusação, ao mesmo tempo que orientava o discurso para a afirmação de que Helen Duncan era uma médium de materialização genuína. O Recorder, por enquanto, guardou para si os seus sentimentos, que se assemelhavam aos expressos pelo Lord Chief Justice em meados dos anos 1930, ou seja, que a validade do Espiritualismo como religião era um tema «melhor discutido no ar revigorante de uma conferência em Blackpool».

Loseby continuou alheio, cavando o seu buraco cada vez mais fundo, tornando as paredes cada vez mais escorregadias. A sua tentativa de chamar os réus fora de ordem foi bloqueada, tal como a proposta de apresentar a Sra. Duncan para uma sessão de teste mais tarde. Falou de como a Sra. Duncan «caíra como um coelho alvejado» quando Worth apontara a lanterna e referiu-se à queimadura na face onde o ectoplasma reentrara no corpo; todos os olhares se voltaram para o banco dos réus, mas nenhuma marca era visível.

O Sr. Homer, de rosto pálido e discreto, que se seguiu, pouco fez para se incriminar — descrevendo uma materialização da avó da Sra. Homer que se lhe juntara para cantar um hino galês —, mas também nada disse que exonerasse a Sra. Duncan, muito menos que corroborasse a tese de Loseby de que os corpos de médiuns dotados eram portais através dos quais os espíritos dos mortos revisitavam a terra. O pathos virou-se em banho quando, mais uma vez, Loseby pediu autorização para a Sra. Duncan realizar uma sessão privada para o júri e, desta vez, o Recorder explicou a recusa.

Como uma ordália medieval, argumentou, tal demonstração «poderia operar de forma injusta contra esta mulher porque, supondo que o espírito, se tal coisa existir, não estivesse disposto a vir em seu auxílio nesta ocasião, então o veredicto teria de ser contra ela». Se Loseby estremeceu por dentro, fez o possível por não o mostrar ao chamar a primeira das suas testemunhas.

O brilho nos olhos de George Mackie, wing commander da RAF presente a 19 de Janeiro, não alterou a impressão do tribunal de que, tal como os outros «investigadores qualificados» de Loseby, se levava demasiado a sério. Do facto de se ter reunido com a mãe morta na Austrália

em 1927 tinha a certeza absoluta. «Um homem conhece a mãe», observou. «Tenho também a vantagem de conhecer o meu pai», ao que o Recorder, erguendo as sobrancelhas, respondeu educadamente: «Bem, isso já é alguma coisa», fazendo alguns espectadores esfregar os rostos sorridentes. Seguiu-se Harold Gill, de Southsea; Maude guiou-o pela recordação do ectoplasma balançando um pedaço de musselina amanteigada, para grande consternação dos espiritualistas.

A Sra. Gill sabia da crença de que o ectoplasma podia regressar bruscamente ao corpo da médium por uma palestra com lanterna mágica dada em Novembro de 1943 pelo Sr. Lilley, da secção de impressões digitais da Polícia da Cidade de Portsmouth — pormenor curioso que nunca mais foi mencionado.

O quarto dia do julgamento, terça-feira, 28 de Março, marcou um ponto de viragem; a repetitividade das histórias, por mais maravilhosas e comoventes que fossem, corroía as raízes da tolerância do Recorder. Os trabalhos recomeçaram com alguma distração leve sob a forma de prova documental: recibos e cartas de agradecimento por lucros de sessões doados ao Wireless for the Blind Fund, à Two Worlds Publishing Company e ao Freedom Fund da SNU.

Os Homer afirmavam que todo o «dinheiro excedente» ia para caridade, recibos de 450 libras dos quais a polícia conseguira rastrear, embora menos de 30 libras viessem das sessões de Duncan. A primeira testemunha foi uma Sra. Cole que, ao falar da manifestação da sua amiga, se queixou de que algumas pessoas presentes no tribunal riam enquanto ela tentava lembrar-se do comprimento da barba de Albert e, a partir daí, para o Recorder tudo foi tristeza tingida de desespero e raiva, um humor que escurecia e que Loseby pelo menos fingiu não notar.

Perto do fim da tarde, após ouvir um Royal Marine falar com ternura do regresso dos avós e incapaz de suportar mais um segundo, Dodson interrompeu Elam, que contra-interrogava uma testemunha sobre o tipo de luz de fada que vira na mão da Sra. Duncan:

O RECORDER: Trataremos disso amanhã. Sr. Loseby, pode dar-nos alguma ajuda quanto às testemunhas?

SR. LOSEBY: Meu Senhor, não chamarei mais testemunhas de Portsmouth.

O RECORDER: Algum outro tipo de testemunhas?

SR. LOSEBY: Sim, meu Senhor!

O RECORDER: Quantas mais? Quero saber, aproximadamente.

SR. LOSEBY: É difícil para mim estimar. Tinha em mente quarenta a cinquenta.

Como resposta, e ansiando pelo seu chá, o Recorder nada disse, limitou-se a arrastar a cadeira para trás e escapou pela porta atrás do banco.

O quinto dia não trouxe alívio a Sir Gerald Dodson. Para cúmulo do seu mal-estar, sentiu-se enjoado quando Loseby, encorajado pela presença de Harry Price, se alongou demais na aparência da musselina regurgitada. Basil Kirkby, empresário reformado, disse ter passado vinte anos a investigar «a substância conhecida por ectoplasma», por trás da qual estava um poder quase tão espantoso como o rádio o fora para Marie Curie, e que observara ao lado de Sir Oliver Lodge e Sir Arthur Conan Doyle.

A menção a um periquito espiritual que, segundo Kirkby, dizia «Pretty boy, pretty boy» (palavras que um periquito seu conhecido usava) levou o Recorder a tomar as rédeas do interrogatório, descobrindo que toda a gente tem um guia espiritual. «Temos?», perguntou Dodson incrédulo. «Sim, cada um de nós», respondeu Kirkby, que tinha Chang, um chinês com bigode de dezoito polegadas e trança oscilante.

«Bem, parece que eu não tenho nenhum no que toca a esta prova», disse o Recorder. Seguiram-se um oficial da RAF que vira a Sra. Duncan no Edinburgh Psychic College and Library em 1937 e novamente, desde o início da guerra, em Preston; Lilian Bailey, médium empregada pelo IIPR; e Hannen Swaffer, o jornalista que anunciara a visita britânica da médium americana «Margery» em 1929, e a primeira testemunha de defesa a dar trabalho a Elam.

Após a mulher de um mestre de forja de Glasgow contar o encontro com o pai morto em 1931 — completo, se é que essa é a palavra, com o olho que faltava —, foi a vez de B. Abdy Collins, que conquistou o respeito do Recorder por ter sido magistrado e juiz de sessões na Índia. As manifestações da Sra. Duncan irradiavam uma fosforescência sobrenatural, disse, fornecendo provas de sobrevivência quase tão convincentes como as do ex-mineiro Jack Webber e completamente diferentes de uma fraude que ele próprio expusera em Reading.

O depoimento deste quinto dia terminou com uma médium de Battersea a descrever o espírito do marido Alf e um homem convencido pelo sotaque de Suffolk da avó enrugada. O Recorder cortou dez minutos de intervalo e o tribunal suspendeu a sessão. Na manhã seguinte, o ânimo

do Recorder melhorou ligeiramente com o anúncio de Loseby de que seria o último dia em que chamaria testemunhas. O primeiro foi Alfred Dodd, o amador de Shakespeare (acreditava que Bacon escrevera os sonetos) que vira a sua primeira namorada Helen. Tendo a paciência do Recorder renovada, Dodd teve licença para falar longamente, afirmando, por exemplo, que Maria, Rainha dos Escoceses, favorita das sessões, tentara em vão materializar-se numa sessão em 1940, mas conseguira transmitir a mensagem de que era uma senhora vestida com «um vestido antigo» que falava escocês com sotaque francês e perdera a cabeça no cadafalso — o tipo de esboço histórico que se pode imaginar o Sr. Cumming ter feito um dia na escola paroquial de Callander.

Até então, a condenação de Helen em 1933 fora mantida em segredo, pois, nos termos da lei da prova, não era indício de culpa, e, se não fosse a estratégia de Loseby, nem sequer teria sido mencionada. Agora, a alusão de Dodd a 1933 levou Elam a pedir que o facto fosse revelado para refutar a alegação contínua da Defesa de que Helen Duncan era uma médium genuína.

O júri retirou-se, a história foi revelada através do contra-interrogatório de Dodd e discutiu-se se a prova seria agora admissível. Elam hesitou e pediu que trouxessem Maude de volta (lembre-se que ele defendia simultaneamente um acusado de homicídio na Sala n.º 1), após o que o Recorder decidiu que Loseby escolhera basear-se em acontecimentos anteriores a Janeiro de 1944 e agora a Acusação devia ter o mesmo direito.

As esperanças de Loseby esvaíam-se e o fracasso do seu caso estava gravado nos rostos dos jurados recém-regressados, que permaneceram impassíveis mesmo quando Dodd, recontando a história do julgamento de Edimburgo, reduziu uma murmurante Sra. Duncan às lágrimas com a sua afirmação das qualidades dela. «Ela é uma médium de materialização genuína», declarou Dodd com firmeza, «e tudo o que eu puder fazer para ajudar essa senhora na sua aflição, aqui venho fazê-lo, porque lhe devo uma dívida.»

Ao longo do julgamento, Helen estava rodeada de pessoas que se sentiam igualmente obrigadas, nem que não fosse sempre pelo que ela lhes fizera pessoalmente, mas pelo menos pelo que simbolizava para o movimento espiritualista. Libertada sob caução, ficou em casa do responsável da SNU Percy Wilson, em Wimbledon, onde realizou seis sessões de teste, tendo outras já sido feitas antes do início do julgamento,

tanto lá como na Marylebone Spiritualist Association. Pelo menos uma destas sessões foi assistida por Charles Loseby. Como Percy Wilson recordou nos anos 1950:

Após um dia de audiência, levámo-la directamente para Wimbledon, demos-lhe chá com boa compota vermelha — estávamos, claro, a pensar na sugestão de regurgitação — e depois subimos para a sala de sessões... Nunca vi tanta massa de ectoplasma. Amontoava-se no peito dela, caía no chão e depois saltava para a mão. Foi em resultado desta experiência que oferecemos ao tribunal uma sessão.

O filho de Wilson, Laurence, quase foi derrubado por um tubo de ectoplasma gomoso no qual o travesso Albert o convidara a pisar. Outro filho, Geoffrey, estudante universitário em férias (mais tarde oficial científico do Almirantado), foi nomeado mensageiro da Defesa e esteve presente durante todo o julgamento, que o aborreceu tanto como a qualquer outra pessoa.

As sessões em casa dele, porém, eram algo completamente diferente, com fitas de ectoplasma cinzento serpenteante e abundância de flores aportadas, ao estilo de Hylda Lewis. Também Loseby ficou convencido e, assim que aceitou sugerir uma sessão de teste ao juiz e ao júri, Wilson e a mulher construíram apressadamente um gabinete portátil com tubos de gás de cobre, pano preto, argolas de cortina e um candeeiro de pé adaptado com reostato.

Loseby aproveitou ao máximo o seu último dia chamando mais catorze testemunhas. O Dr. John Winning, médico-adjunto de Glasgow e investigador psíquico dedicado, afirmou ter visto mais de 400 manifestações da Sra. Duncan, falando não só com diferentes sotaques, mas em gaélico, alemão e hebraico. Os familiares que encontrara em espírito eram completamente diferentes da médium: a mãe era magra, o irmão rápido nos movimentos, a avó com oitenta e quatro anos.

Na verdade, ao longo de quarenta sessões, Winning assistira ao reencontro familiar, se não do inferno, então de algum lugar mais leve e luminoso. A tia Elaine apareceu, tal como vários tios, incluindo um cujas feições eram totalmente diferentes das da Sra. Duncan, sobretudo a barba e o bigode. Winning foi seguido por uma curandeira psíquica de Baker Street, veterana chorosa de 150 sessões Duncan, que vira uma criança com braços mirrados; uma francesa cuja filha de uma perna só cantara *Au clair de la lune* e exibira habilidades de dança que a vida lhe negara; e um

inspetor sanitário reformado de Kendal, ligeiramente surdo, que recebera uma mensagem da filha afogada em código Morse. Vincent Woodcock, desenhador eléctrico de Blackpool, identificou primeiro a mulher pelo coração palpitante do espírito, depois a madrastra por uma ferida fatal sofrida durante o Blitz de Manchester.

A única testemunha que trouxe algo de novo foi Sir James Herries, jornalista e magistrado de Edimburgo, cuja classe e credibilidade eram inestimáveis para Loseby. O seu amigo Sir Arthur Conan Doyle regressara numa sessão Duncan, ainda que apenas para responder «sim» a uma pergunta antes de desvanecer, a lendária resistência para compromissos públicos agora tristemente diminuída.

Herries discordara do veredicto de 1933 e, instigado por Loseby, declarou a teoria da musselina de Price «perfeitamente absurda». Para o pobre Sir Gerald Dodson, a tarde terminou num borrão de provas — mais cães e aves luminosos, outro parente de uma perna só, fanfarronices sobre cura espiritual, um médico a falar com a mãe (em sueco), o regresso de um jovem francês morto na Linha Maginot em 1940 e um sul-africano chamado Gilbert que perecera num acidente de avião.

Por fim, Loseby disse que chamara testemunhas suficientes e o Recorder, em total acordo, pediu que o caso fosse concluído no dia seguinte. «Gostaria de retribuir a paciência que o júri demonstrou», comentou com um sorriso económico, «não infligindo mais do que o estritamente necessário.»

Nessa noite, realizou-se um jantar em honra de Helen no Bonnington Hotel, em Southampton Row. Depois de comerem, Loseby sugeriu que ela tentasse obter uma mensagem espiritual num bloco que colocou debaixo da toalha e que ela segurou enquanto continuava a conversar e a fumar. Passado um bocado, foram recompensados, mas com palavras garatujadas que fizeram o jantar parecer ainda mais uma última ceia de despedida: «Dois serão condenados e dois ficarão livres.» Na manhã seguinte, o dia do juízo encontrou o tribunal exausto, os réus mais alerta, temendo o pior.

Para simplificar, todas as acusações foram abandonadas — incluindo «provocar um malefício público» ao explorar os enlutados da guerra — exceto a de conspiração para violar a Witchcraft Act. No discurso de encerramento de Loseby, as duas horas e 11 000 palavras das quais convenceram o Recorder de que o seu otimismo fora prematuro, perguntou-se ao júri se achavam que a Acusação provara sem margem para dúvida

que Helen Duncan exercera ou fingira exercer uma espécie de conjuração e se a Lei de 1735 era um estatuto apropriado para julgar ela e os co-réus. Talvez tenha sido nesse momento que alguém passou a Henry Elam um bilhete que dizia: «O único espírito maligno agora chama-se Hooch; em 1735 todos os espíritos eram malignos.»

Se foi, Loseby estava demasiado ocupado com a sua própria troça para notar o sorriso de Elam, tão absorto estava em acumular desprezo sobre o tribunal que condenara Helen em 1933 e, de facto, sobre toda a Escócia, país que, disse ele, se opusera à introdução da batata como acto de impiedade.

A resposta serena de John Maude foi tudo o que Loseby temera, um golpe de misericórdia retórico. O mundo para lá do véu, apresentou-o ao júri, era um mundo monótono e ridículo, não impressionante, apenas horrível:

Permitam-me que vos peça para imaginar uma tarde no Outro Mundo. Estão sentados à volta de Maria, Rainha dos Escoceses. A cabeça dela está no lugar. São Sebastião, o santo almofada de alfinetes, está lá, perfeitamente normal. Há várias pessoas que foram mutiladas, parecendo perfeitamente bem. Nenhum braço ou perna cortado, nenhum olho arrancado. De repente, alguém diz algo triste. Lá vai a cabeça da Rainha — debaixo do braço, suponho —, São Sebastião começa a sangrar, e as pessoas não mutiladas tornam-se mutiladas.

Todo o cenário era fantástico demais. «Se é este o tipo de coisa a que chegámos», aconselhou Maude, «está na hora de nos recompormos e exercer um pouco de bom senso.» E porque regressavam tão raramente pessoas famosas? Nunca viam Napoleão, Sócrates, Shakespeare, Keats ou Shelley, este último citado por Maude para se dirigir ao papagaio Bronco: «Salve-te, espírito alegre! Pássaro nunca foste», acrescentando: «Pois não era um pássaro, mas uma fraude.» Tal como o advogado de defesa em 1933, referiu também «Sr. Sludge, the Medium» de Browning, apontando que lidar com o oculto atraía charlatães durante séculos.

Após o almoço, o Recorder proferiu o seu resumo, em duas horas e um quarto uma obra-prima de concisão, envergonhando Loseby cujo caso, sugeriu com imparcialidade, muito provavelmente se derrotara a si próprio «por ser tão prolixo e multiplicado». Às 16h32, o júri — a variante de guerra composta por seis homens e uma mulher, todos do subúrbio de Barnes — retirou-se, regressando vinte e quatro minutos depois com quatro

veredictos de culpado. O chefe de polícia West foi então convidado a dar conta dos antecedentes criminais deles, demolindo calmamente as ruínas do crédito da Sra. Brown e da Sra. Duncan, referindo que a primeira se servira em Selfridges (o que a fez gritar em negação) e acrescentando a seguinte censura à segunda, que já murmurava os seus próprios protestos. Sem lhe prestar grande atenção, West continuou:

Este é um caso em que ela não só tentou e conseguiu iludir crentes convictos no Espiritualismo, mas também enganou, defraudou e explorou as mentes de uma certa secção crédula do público que recorria a estas reuniões em busca de consolo para a sua dor e luto, muitos dos quais saíram com a firme convicção de que a memória dos mortos fora profanada. Achou por bem vir para Portsmouth, o primeiro porto naval do mundo, onde encontraria muitas famílias enlutadas, e aí praticou a sua vigarice.

Interrompido pelo Recorder, West exprimiu o desejo de terminar o que tinha a dizer, o que lhe foi concedido. E depois veio o ponto crucial. West fez uma referência fugaz e inexplicada ao perigo mais sombrio que a Helen Duncan representara para o público e para a nação em 1941, quando fora arquivado um relatório sobre ela «ter transgredido as leis de segurança, novamente numa ligação naval, ao prever a perda de um navio de Sua Majestade muito antes de o facto ter sido tornado público».

O Recorder adiou a sentença para as 10h30 de segunda-feira, 3 de Abril, tendo Loseby pedido uma pena não privativa de liberdade atendendo à fraca saúde de Helen; não estava otimista, mas pelo menos assim ganhava tempo para preparar o recurso. Enquanto ele andava de um lado para o outro e rabiscava, Helen e o seu bando desgrenhado passaram o fim-de-semana nas celas, com o Albert a desertar finalmente dela. Quando o Recorder a condenou a nove meses de prisão, ela gritou de volta: «Eu não fiz nada!»

W. A. E. Jones descreveu como «ela soluçava. Gemeu. Lamentou-se. E depois desabou no chão, o chapéu fora da cabeça, o casaco de peles a bater à volta dela enquanto as guardas prisionais e os outros três réus a ajudavam a pôr-se de pé.» Outro repórter fingiu surpresa com o seu grito lamurioso perguntando se havia um Deus: «Para alguém que professamente estava em contacto com o mundo para lá deste, era uma estranha pergunta.» Frances Brown recebeu quatro meses por agravar o delito de Helen, ao passo que os Homer foram salvos pela sua candura, registo limpo

e recibos de caridade, e ficaram apenas vinculados. Com o resto das suas forças, Loseby arranhou para que fosse dado aviso de recurso em nome dos quatro réus e tentou em vão que o caso fosse declarado sub judice, novamente para conter a imprensa que mordida o freio para descer Ludgate Hill até Fleet Street e bater as suas histórias de julgamento de bruxas.

Mas o Recorder não estava com disposição para condescender com Loseby e terminou o julgamento com uma observação sardónica indicando que achava um tanto rico que ele agora resistisse à imprensa quando, na semana anterior, lhe apresentara «uma tentação bastante grande». «Meu Senhor, concordo respeitosamente», disse Loseby com uma vénia modesta.

Mais tarde nesse mesmo dia, Victoria Helen Duncan, com quarenta e seis anos, a sofrer de angina, começou a cumprir a pena na prisão de Holloway. Desactivada, desactivada, jazia inerte e inactiva como uma bomba desarmada e sem sequer ter tido oportunidade de falar ou demonstrar os seus dons. Ressentia Loseby por não ter conseguido vender ao tribunal a sessão de teste; mesmo quando o Recorder deixou o júri decidir se a queria ou não, recusaram.

Agora, as suas esperanças estavam depositadas no recurso; os seus medos eram pela família. Também eles estavam doentes de preocupação, certos, agora, de que ela morreria como mártir; Albert temia que ela não durasse muito neste mundo. Numa noite sombria após a detenção, Henry sentara-se a especular com Gena e Lilian sobre o que poderia acontecer, quando Gena ouviu um ruído súbito como uma persiana libertada a enrolar-se no cilindro, seguido de uma voz que veio do nada dizendo «nove meses». «Não, não, não!», gritou Henry quando Gena lho contou, com lágrimas a rolar-lhe pelas faces.

A Lilian, agora inválida, mandou Gena calar-se; mas Henry repreendeu-a, supondo que a filha mais nova, tão parecida com a mãe, se provaria correta. Na última semana de Março, Nan, mais pálida e frágil do que nunca, acompanhou Henry a Londres para o julgamento e desmoronou quando o veredicto foi anunciado, certa das consequências de uma pena de prisão. Fora do tribunal, disse a um repórter do News of the World — que a descreveu como «uma rapariga esguia de olhos azuis» — que os Duncan eram gente comum da classe trabalhadora, acrescentando: «Se a Mãe fosse uma fraude como médium, perdeu o seu tempo no Espiritualismo. Poderia ter feito fortuna no palco.»

Durante o fim-de-semana de 1-2 de Abril, o estado de Nan deteriorou-se tanto que Henry teve de levá-la de volta a Edimburgo, deixando Helen na cela à espera do destino, o que motivou a observação mordaz de um apoiante espiritualista de que só os ratos abandonam o navio que se afunda.

Reunido com as outras filhas (os espíritos já tinham dito a Gena o estado de Nan; Lilian mandara-a calar), Henry levou Nan para a cama e chamou o médico, que diagnosticou icterícia e febre reumática. Gena, que tivera de ficar para cuidar de Lilian e dos filhos, provavelmente levou o julgamento mais a peito, tendo confiado em Deus e em Albert.

Fugindo por um par de horas, foi ao teatro, mas até lá um comediante fez uma piada sobre «a bruxa» e ela saiu furiosa. Os jornais também eram difíceis de engolir, com a maioria dos diários populares a espremer o tipo de sensacionalismo normalmente só obtido com assassínios: o Daily Express publicou uma caricatura de dois vigias ARP a avistar uma bruxa a voar numa vassoura e, para o Daily Worker, era simplesmente o «julgamento de bruxaria», independentemente de semântica jurídica. Outros títulos diziam:

FANTASMA CONVIDADO A DEPOR e ESPÍRITO CHAMADO PEGGY GOSTAVA DE BATON.

O London Evening News e o Daily Mail optaram ambos pelo que Fleet Street agora chamava «o ângulo feminino», comentando todos os pormenores do que Helen trazia vestido, embora discordassem se estava bem vestida ou não.

Os repórteres importunavam constantemente os Duncan e Henry, pressionado pela irmã afastada de Helen, Florence, aceitou uma entrevista com um tabloide de domingo para esclarecer as coisas. O exclusivo resultante tinha o título:

SÉTIMA FILHA DE SÉTIMA FILHA ACUSADA DE BRUXARIA, o que teria sido insatisfatório para a família mesmo que Helen não fosse a quarta filha de uma filha única.* Desolada por a verdade não ter triunfado, Gena lembrou-se do que a mãe lhe ensinara — pode amarrar-se as mãos a um ladrão mas não a língua a um mentiroso — e, desiludida, jurou nunca se desenvolver como médium.

Quando a notícia chegou aos filhos de Helen — Harry na RAF no Egipto e Peter, que servia como sinalizador no HMS Formidable —, ambos enviaram cartas ansiosas ao pai pedindo que se fizesse algo. Peter, crendo que a mãe estava acabada e não se esperava que sobrevivesse, obteve

licença compassiva. Despedaçado, Henry recebeu uma carta da Polícia da Cidade de Edimburgo pedindo que recolhesse uma encomenda enviada de Londres com a roupa da mulher — presumivelmente o traje de sessão apreendido como prova.

E assim este episódio triste e estranho aproximava-se do fim. Todos os registos foram corrigidos: ficheiros antigos fechados e arquivados, novos abertos com uma carta aqui, um recorte ali, e as acusações, depoimentos e provas entregues ao Registrar do Criminal Appeal Office. O recibo das coisas de Helen, assinado por Henry, foi reenviado para Londres; as impressões digitais dela foram enviadas para o ramo competente da Divisão ‘C’ (Crime) na Scotland Yard; e o inspetor-detetive Ford compilou um relatório final, do qual cópias foram enviadas ao DPP e aos chefes de polícia de Sheffield, Sunderland e Edimburgo, todos os quais tinham ajudado na investigação de Portsmouth. Os oficiais da Scotland Yard, que também receberam uma cópia, foram especialmente agradecidos pelo conselho e apoio prestado.

• *Na sua coluna de jornal, Helen (ou Henry) alegara falsamente que a mãe era a sétima filha da sétima filha de uma sétima filha: People’s Journal (9 de Setembro de 1933).*

Por fim, Ford enviou uma nota a Harry Price juntando a correspondência que Price lhe emprestara, mais a confirmação de que as fotografias estavam de volta em segurança na Biblioteca da Universidade de Londres. Mas não foi tudo. Ao chegar a casa em Pulborough, West Sussex, para o fim-de-semana de 8-9 de Abril, Price encontrou uma encomenda com o exemplar emprestado de *Regurgitation and the Duncan Mediumship*, mais três fotografias suas da médium condenada em plena atuação e uma carta pessoal do chefe de polícia de Portsmouth, Arthur West, exprimindo os seus «mais sinceros agradecimentos e calorosa apreciação por toda a amável ajuda e assistência que tão prontamente me prestou em relação a esta apresentação».

E com ela West ofereceu um pedido de desculpas: «O livro passou por muitas mãos e lamento constatar que as capas estão um tanto sujas, mas tendo em conta todo o bem que fez, talvez me perdoe por isso.» Embora por meios indiretos, Price sentiu que tivera o seu dia no tribunal como perito testemunha e agora, finalmente, podia dormir o sono dos justos. A prática que outrora apelidara de «culto à musselina», uma década depois a

lei formalizara com sucesso como «uma espécie de conjuração» e, em consequência, a vilificação da infernal Nell Duncan estava completa.

PARTE III A HELEN VINGADA

7 QUADRAR O CÍRCULO FENÓMENOS E FRAUDE NAS SESSÕES

Em Novembro de 1925, Harry Houdini comprou um exemplar da *Atlantic Monthly* e, caneta de tinta permanente na mão, virou para a página 666 para detalhes da mais recente investigação de Harvard à mediunidade de Mina Crandon, alias «Margery». Um ano antes, sentado no comité da *Scientific American* com o Professor William McDougall e outros, fora completamente céptico quanto a ela, sublinhando agora as referências, tal como um trecho-chave sobre os donuts luminosos levitantes (na verdade anéis de cartão). «O que vi a segurar o donut», escreveu o Dr. Hudson Hoagland, «parecia ser um pé humano direito, os dedos agarrados à periferia do disco, vincando-o de forma verificada ao examinar o donut após a sessão.» «Aha!», anotou Houdini, saboreando a exposição. Isto era mais do que um interesse casual.

Houdini travava uma guerra obsessiva contra o Espiritualismo, demonstrando a teatros esgotados na Broadway como falsificar todo o tipo de fenómeno — uma inversão irónica para um entertainer cuja carreira começara em museus de dez cêntimos a realizar proezas de escapismo copiadas de espetáculos de palco espiritualistas — até usava um gabinete. A paixão pelo desmascaramento era alimentada pela incapacidade de contactar a amada mãe, desilusão que culminou em Atlantic City em Junho de 1922 quando a esposa em transe do seu amigo Sir Arthur Conan Doyle atuou como amanuense de uma carta de um espírito que usava o idioma correto mas a língua errada: inglês em vez de uma mistura inimitável de húngaro, alemão e iídiche.

Quatro anos depois, os espíritos avisariam Conan Doyle: «Houdini está condenado, condenado, condenado!» e, efetivamente, no Halloween desse ano morreu após um estudante lhe romper o apêndice com um soco de teste muscular. Por mais que Helen Duncan temesse e detestasse o seu nêmesis Harry Price, deveria ter-lhe agradecido esta intervenção antes de

subir à ribalta. Pois Houdini evitava o respeito gentil de Conan Doyle pela sensibilidade dos médiuns que, na sua opinião, apenas os mantinha na maldade; em comparação, até Price era inibido no trato com as pessoas a quem o grande mágico chamava «abutres humanos».

Pode parecer perverso começar a vindicação de Helen Duncan com uma discussão sobre fraude; mas tanto quanto engano e falsidade, este capítulo trata de percepção e verdade — um tipo de verdade que vê o fenomenal no mundano e inspira significado e propósito no observador. Em 1944, as testemunhas da acusação podem muito bem ter demonstrado que Helen era culpada de fraude; mas isso não invalida os depoimentos da defesa que descrevem vividamente um envolvimento íntimo com os espíritos de familiares e amigos.

A intenção é conjurar uma realidade alternativa — uma realidade dificilmente menos substancial do que o conhecimento do mundo tangível em que confiam as mentes seculares. Um problema semelhante subjaz à escrita histórica: como ter a certeza de algo quando tudo o que temos são dados defeituosos, sentidos falíveis e um desejo secreto ou subconsciente de que as coisas sejam de uma maneira e não de outra. Esta tendência para fazer a «verdade» à imagem desse desejo aplica-se igualmente à narrativa e à nossa compreensão científica do universo e do nosso lugar nele como seres humanos.

O exemplo de Houdini ilustra divisões desfocadas na opinião. As suas atitudes, superficialmente as de um grande cético, eram na verdade as de um agnóstico esperançoso zangado por a sua busca por espíritos reais ser frustrada por impostores. E havia muitos como ele, crentes em termos gerais mas céticos em termos específicos. O Dr. «Ding» Dingwall era um homem que vacilava quanto à mediunidade de Margery, mas não hesitava em condenar Houdini como prestidigitador hostil à ciência, e disse-o a Schrenck-Notzing quando Houdini duvidou da mediunidade da Eva Carrière.

Na verdade, tal como o seu colega da SPR e do Magic Circle Harry Price, Dingwall exprimia profundo ceticismo quanto à mediunidade física, mas mesmo aqui o consenso era elusivo. Por mais extraordinário que pareça, Price era demasiado crédulo para Ding e, por isso, inadequado para investigar com a SPR onde, de qualquer modo, a Sra. Sidgwick se recusava a tê-lo no Conselho porque «não era um cavalheiro». Uma coisa em que Price, Dingwall e Houdini concordavam era que os ilusionistas estavam

melhor colocados para detetar fraude devido à sua perícia no que Price chamava «a arte da mistificação» — ou, como Houdini dizia, «É preciso um vigarista para apanhar um vigarista.» As sátiras de Charles Dickens contra médiuns — por exemplo, *Worse Witches than Macbeth's* — tinham raízes no desprezo que ele, como ilusionista amador consumado, sentia por gente como D. D. Home. Além disso, outro ilusionista vitoriano, J. N. Maskelyne, que não ficara convencido pelas sessões de Cambridge da Eusapia Palladino (mas acreditava em aparições e virar de mesas), sustentava que os cientistas eram os mais fáceis de enganar porque eram demasiado rarefeitos nos pensamentos, demasiado idealistas, para detetar simples prestidigitação.

Havia muitos livros sobre os métodos fraudulentos da sala de sessões, e um dos primeiros, *Modern Spiritualism*, foi escrito pelo próprio Maskelyne em 1876. Nem todos eram de mágicos — *Confessions of a Medium* (1882) fala por si — e obras anónimas semelhantes vieram dos EUA. Graças à publicidade gerada por espiritualistas que tentaram comprar toda a tiragem, *Revelations of a Spirit Medium* (1891) teve um impacto enorme, não menos no adolescente Erich Weiss que lutava para escapar do Wisconsin e tornar-se Harry Houdini.

Ao mesmo tempo uma acusação ao Espiritualismo e um verdadeiro manual de truques de sessão, afirmava que «Nenhum indivíduo pode tornar-se médium espiritual e conservar todas as suas qualidades morais», insinuando que mesmo o artigo genuíno explorava os outros. No ano seguinte, *Mediums Unmasked*, de Julia E. Garrett, publicado em Los Angeles, contava a história de um médium cujo pé, envolto num lenço, foi beijado por um participante que disse cheirar ao cadáver de um parente falecido. De Londres, em 1902, veio *A Séance with the Lights Up* de Philip Astor (autor de *Conjuring at Home* no ano seguinte) e uma obra clássica do pilar da SPR Frank Podmore que emprestou o título de Maskelyne, *Modern Spiritualism*.

A procura por tais livros, que se espalhou pela França e Alemanha, foi impulsionada pela Primeira Guerra Mundial. Em 1916, *Behind the Scenes with the Mediums* de David Phelps Abbott (Chicago, 1907) já ia na quinta edição e vários novos livros apareciam todos os anos. Nos anos 1920, os descendentes de Maskelyne mantiveram não só a sua magia mas o seu anti-Espiritualismo com exposições como *Spiritualism Exploited*, *Bogus Séance Secrets Exposed*, *Rogues of the Seance Room* e *Exposing Ghost Frauds* —

a sua inventividade para títulos parecia inesgotável. Periódicos traziam artigos e serializações, que espalhavam a consciência por área ainda mais vasta do público. Em 1921, a popular revista John Bull, que tanto fizera para demonizar os alemães durante a guerra, virou-se contra os médiuns num artigo intitulado: «Fantasma de borracha: reis e palhaços à discrição para os crédulos». Um ano depois, Price e Dingwall publicaram uma edição fac-símile de *Revelations of a Spirit Medium*, cujo original vitoriano se tornara entretanto a bíblia do impostor.

A maioria dos médiuns fraudulentos limitava-se à clarividência, psicometria e assim por diante, onde o único risco era estar errado e as desculpas eram inúmeras: interferência espiritual, incapacidade de elevar as vibrações, fraqueza do espírito comunicante ou sentimentos céticos do participante. Bons resultados, pelo contrário, eram produzidos por «pony books»: ficheiros de cartões com os dados pessoais de espiritualistas locais que podiam ser emprestados a médiuns visitantes.

Companheiros de viagem e agentes de reservas também podiam fazer perguntas discretas. Harry Price aconselhava a não revelar nada quando se visitava um médium, a ponto de não falar e tirar os anéis vários dias antes de uma sessão para que as marcas desaparecessem. Mas uma vez a informação ventilada, uma boa memória podia produzir leituras impressionantes. Em 1938, Mollie Goldney revisitou uma médium que mencionou «Bessie e Alec White», nomes que Mollie inventara numa sessão com ela dois anos antes; no intervalo, 30 000 nomes podem ter passado pelos lábios da médium, mas estes ela conseguira recordar.

Segundo o investigador psíquico Arthur Wilkinson, esquecer «quando as coisas ficavam apertadas» também era importante, tal como um rosto inocente e uma resposta rápida. O melhor trunfo do médium, porém, eram as elevadas expectativas dos clientes, ainda mais aumentadas por honorários altos. Os clarividentes geralmente tinham as suas insinuações vagas confirmadas porque a maioria dos participantes queria ajudá-los a fazer contacto, não testá-los. De qualquer modo, as sessões tendiam a ser eventos sociais onde a cortesia e a cavalaria provavelmente impediriam desafios abertos à genuinidade do médium, mesmo que o ceticismo fosse consensual entre os participantes.

As fraudes eram assim encorajadas. «Se tiver jeito para números e algum showmanship», aconselhava Wilkinson, «bem, o campo está aberto.» Os médiuns de materialização, acrescentava, requerem apenas

«musselina, máscaras, trompetes e uma colossal lata». Novamente, especialmente em sessões privadas, expectativa e etiqueta permitiam que médiuns físicos se safassem com as manipulações mais grosseiras. «Com o artista pago, atira-se sobre ele e expõe-no no minuto em que se vê através do truque», raciocinava o Conan Doyle. «Mas o que fazer com o amigo da mulher do anfitrião?» A escuridão também ajudava: a luz fraca necessária para proteger o ectoplasma é exatamente a condição que a maioria dos ilusionistas escolheria para um bom espetáculo. Até a luz vermelha era frequentemente diminuída à medida que a sessão progredia. Acessórios eram pintados com tinta luminosa — dos donuts de Margery aos ubíquos trompetes e crucifixos — para que pudessem ser vistos. E o que ajudava a percepção também ajudava o engano.

Um cartão-de-visita luminoso permitia a um médium ler no escuro, e placas luminosas de cada lado do rosto emolduravam muitas máscaras fantasmagóricas. Harry Price viu uma vez um médium usar um frasco de óleo fosforizado para projetar uma luz espectral pálida, e prata de ferro-cério — pedras de isqueiro — tinha as suas utilidades. Livros sobre magia química existiam há anos: os tentadores *Explosive Spiders and How to Make Them* e *Firework Pie for a Picnic* de John Scoffern datavam dos anos 1880.

Espectáculos de luz, de palestras com lanterna mágica ao cinema, inspiravam fraudes ambiciosas, ponto ilustrado, tangencialmente, pela acusação alemã em 1930 de que os Anjos de Mons tinham sido filmes projetados em nuvens a partir de aviões para sugerir que Deus favorecia os britânicos. No geral, restrições arbitrárias impostas pelos médiuns diziam mais sobre eles do que sobre os espíritos que pretendiam invocar: como observou um cético, o movimento remoto de objetos pela extensão de varas ectoplásmicas nunca excedia realmente os poderes musculares do médium.

Contra isto, por vezes argumentava-se que os espíritos rejeitavam demonstrações extravagantes por serem de mau gosto vulgar — uma sensibilidade que explicaria porque nenhum médium jamais deu motivo para rever as leis da física.

A maioria das condições aqui descritas já será familiar das sessões da Helen Duncan. «Há aqui uma senhora ao meu lado que entrou recentemente no mundo espiritual», confidenciou o Albert. «No plano terreno sofreu de uma doença grave e dolorosa situada na parte inferior do abdómen; eventualmente o coração foi afetado e ela passou para o outro

lado.» Descrição feita centenas de vezes, é banal, mas a citação vem de um participante que identificou o espírito como a sua mulher em Blackpool em 1942. Talvez o temor e a alegria ajudassem a atenuar a maneira como, como clarividente, Helen por vezes intimidava os participantes a aceitar as suas mensagens, ficando vermelha na cara quando não o faziam. Uma apreciação do que podia ser conseguido com palpites educados e informação habilmente solicitada rebaixa estes milagres — e ajuda a explicar as previsões sobre navios de guerra afundados.

Havia muitas histórias sobre como a notícia do HMS Barham entrou em circulação: veio de sobreviventes enviados para casa de Alexandria; uma emissão de propaganda alemã fora captada; a Sra. Duncan era uma espiã inimiga. A estas especulações pode acrescentar-se uma solução mais simples: que a previsão nunca foi feita — ou, pelo menos, não da forma descrita na versão canónica. O mesmo se aplica ao HMS Hood.

Os médiuns estavam cheios de esperança mas também de presságios e, em 1941, quem quisesse fazer pronunciamentos carregados de fatalidade não faria pior do que focar-se em couraçados, dos quais havia apenas um punhado e todos em perigo. A entrada da Itália na guerra em Junho de 1940 deixara a Marinha Real isolada no Mediterrâneo, e era do conhecimento geral que o Barham já fora torpedeado ao largo da Escócia em Dezembro de 1939 e bombardeado durante a retirada de Creta em Maio de 1941.

O Hood, afundado no mesmo mês, era famoso como o maior navio de guerra do mundo em 1939 e seria uma escolha óbvia se alguém aspirasse a prever a maior catástrofe naval. Na sessão assistida pelo brigadeiro Firebrace, a previsão referia-se apenas a um «grande couraçado britânico» e foi feita durante a prolongada Batalha do Atlântico, custosa desde o início da guerra quando o HMS Courageous e o couraçado Royal Oak foram afundados.

Com o Barham, a perda do Ark Royal no Mediterrâneo dias antes concentrou as mentes e, em Portsmouth, o porto onde viviam as famílias de muitos dos 1200 marinheiros do Barham, era tanto um alvo para um médium como para um U-boot. Saber que um participante tinha ligações teria selado o assunto. Percy Wilson considerava a materialização do marinheiro «prova bastante direta da sobrevivência do rapaz que voltou para falar com a mãe»; mas também se pode ver como uma forma genérica de musselina poderia ter sido reclamada e embelezada num rapaz com

«HMS Barham» no boné, quer por falha de percepção, quer, mais provavelmente, pela recontagem enterneçada da história.

Na verdade, a história clássica estava errada: não só a mulher ansiosa era a esposa do marinheiro e não a mãe, mas ele era um suboficial e, como tal, usaria não um boné redondo mas um barrete anónimo. Mesmo que tivesse sido recentemente promovido e ainda estivesse «de rigor quadrado», em tempo de guerra todas as fitas dos bonés diziam apenas «HMS» por razões de segurança. Finalmente, testemunhas relataram mais tarde que, embora o Barham tivesse sido mencionado, o nome fora extraído do participante pela Sra. Duncan falando como o «Albert».

Os depoimentos da defesa no Old Bailey sugerem que teria sido realmente possível à viúva reconhecer o marido. Claro que também é preciso lembrar que as condições das sessões no Master Temple eram ótimas para criar ilusão. Nunca era possível habituar completamente os olhos à escuridão, como testemunhou Stanley Worth, e a lâmpada vermelha de quarenta watts que o Sr. e a Sra. Homer descreveram à polícia revelou-se mais próxima dos cinco watts.

O gabinete escondia tudo, a música abafava tudo, e os comentários da Sra. Brown e da Sra. Homer ajudavam a manter o ritmo, identificando formas e convidando os participantes a reclamarem os espíritos anunciados por Albert. Os Homer eram ainda mais ajudados pelo plano de lugares que, ostensivamente, permitia instalar rapidamente os visitantes na sala sem confusão, mas na verdade estendia um certo controlo quando eram admitidos estranhos pagantes. E os bons médiuns sabiam sempre quem estava sentado onde.

«Aqui está outro caso», concluiu o Professor McDougall após visitar o NLPR em 1931, que justifica o princípio geral de que, quando o procedimento geral e as circunstâncias exigidas pelo médium são tais que sugerem fraude e favorecem a fraude, o observador está justificado em considerar os fenómenos fraudulentos, mesmo que não seja capaz de sugerir qualquer explicação plausível dos fenómenos; e, muito menos, demonstrar a veracidade de qualquer hipótese que possa ter quanto ao modo dessa produção fraudulenta.

Esta posição rigorosa tem muito a recomendá-la; mas lança um véu sobre os fenómenos que, afinal, não precisavam de ser manifestações ectoplásmicas genuínas para serem fenomenais. Continuam fenomenais enquanto não puderem ser completamente explicados. E, em todo o caso,

seria um investigador bem pouco curioso aquele que, depois de descartar o ectoplasma como musselina, malha, papel, polpa de madeira, clara de ovo e assim por diante, não tivesse interesse em saber como tais artigos domésticos eram habilmente dispostos para criar a ilusão dos mortos que regressam.

Tradicionalmente, os médiuns de materialização dependiam de adereços. Nos anos 1870, Madame Blavatsky foi obrigada a deixar o Cairo depois de um braço fantasmagórico se revelar uma luva longa recheada de algodão em rama e suspensa por fios, e Maskelyne detetou as mãos falsas da Eusapia em Cambridge em 1895. Mas os adereços eram difíceis de usar sempre que se faziam buscas ao gabinete antes da sessão — os Homer chegaram a atender um homem que pediu que rasgassem o estofamento da cadeira do gabinete — e, em 1930, médiuns fraudulentos em digressão só podiam usar com segurança o que conseguiam esconder no próprio corpo.

Normalmente, isso significava pano branco, mas também apareciam balões discretamente insuflados e luvas de borracha. Como vimos antes, os Crandon eram mais inventivos: a matéria nodosa e pegajosa que Dingwall sentiu na coxa de Margery pode ter sido um pulmão de animal recém-abatido, insuflado de entre as pernas dela. Manter a simplicidade tornou-se essencial. O Dr. W. J. Crawford dissera de Kathleen Goligher: «Os resultados experimentais são tão impossíveis por fraude... que seria completamente desnecessário tomar quaisquer medidas para impedir a fraude.»

No entanto, quando ela saiu da reforma em 1936, uma câmara cuidadosamente posicionada revelou um fio a descer por uma perna ligado a ectoplasma que rastejava pelo chão. O oficial de investigação da SPR, o aristocrático C. V. C. Herbert, experimentou arrastando um lenço preso a um fio de algodão, enrolando-o lentamente para si próprio à volta do toco de um lápis. Em luz fraca, os observadores acharam o truque quase impossível de detetar.

Mas como se conseguiam materializações de figura completa? Iluminação a partir de baixo de um pedaço de seda tratado com fósforo, azeite e água de alúmen produz um belo vapor luminoso e pode ter sido um método usado por David Devant, associado dos Maskelyne, que uma vez fez um «fantasma de gaze de seda» deslizar por um salão e evaporar-se diante de vinte pessoas perplexas. Para Helen Duncan, a explicação convencional é que fez o que Charles Loseby sugeriu sarcasticamente:

jogou ao faz-de-conta com um lençol na cabeça. Mas ainda assim a pergunta era feita repetidamente: como podia a bamboleante Helen de um metro e sessenta e oito transformar-se em jovens esguios, meninas pequenas e especialmente no Albert de um metro e oitenta? Facilmente, é a resposta.

Um fantasma falso pode ganhar até quarenta e cinco centímetros drapejando um braço estendido verticalmente e não era raro formas espirituais altas terem uso de apenas um braço. A prova mais importante aqui é fornecida por um conjunto de fotografias em que a caçadora de fantasmas de Edimburgo, Miss Esson Maule, posou, recriando os truques de Helen, tanto mais notável quanto os seus corpos porcinos e rostos bovinos as tornavam bastante semelhantes.

Uma mostra-a com um lenço sobre o rosto e uma camisola interior na cabeça, o rosto a espreitar pelo decote do braço; noutra, puxa as cortinas do gabinete à sua volta para determinar quanto do seu corpo envolto em branco era visível. Acrescente-se a isso meias pretas grossas, silenciosas em soalhos de madeira e invisíveis na penumbra, e o efeito era o de uma figura esguia flutuante. Um ruído estranho ouvido antes da chegada de Peggy foi rastreado até uma tábua do chão que rangia: Helen baixara-se de joelhos para manipular a camisola.

Desaparecer pelo chão, afinal, era um truque antigo: trabalhando para baixo, basta recolher o material branco atrás de algo escuro; também se pode falsificar a reabsorção de ectoplasma por estes meios. Nas sessões da LSA em 1931, Eve Brackenbury chegara a conclusões semelhantes, sugerindo que o rosto de Helen podia ser reduzido de tamanho usando um contorno escuro e que «a aparência de encurtamento poderia facilmente ser produzida se a extremidade inferior fosse gradualmente coberta pelas luvas de oleado preto».

Uma década depois, as coisas eram iguais. Elijah Fowler contou como espíritos gordos apareciam quando as cortinas estavam abertas, mais magros quando estavam corridas. Stanley Worth lembrava-se de fortes batidas quando o espírito recuava para o gabinete e também ouviu o farfalhar do pano — algo que a Sra. Homer atribuía a «ventos psíquicos».

Após a guerra, Donald West foi nomeado oficial de investigação da SPR e, através de Mollie Goldney, obteve a fotografia de Harry Price do boneco de Punch e Judy — aquele a que Price chamou «a velha poção de bruxa». West achou que seria uma excelente ilustração para o artigo que

preparava porque, ao contrário dos estereogramas de Price, a gárgula de papel machê enrugada persuadiria até um agnóstico de que o que fora registado não era o amanhecer de uma nova era científica, mas uma palhaçada tola no quarto dos fundos de uma casa geminada em Dundee. Como West e outros observaram, até o prego que prendia a pessoa de trapos angular à porta era — e é — claramente visível.

A fotografia e a investigação rigorosa também impuseram limites a outros médiuns. Fru Lara Agustsdottir era a Helen Duncan da Islândia. Bem constituída, cabelo escuro ondulado, obstinada, nervosa e propensa a histeria, era atormentada por má saúde e hemorróidas sangrantes, mas produzia materializações notáveis, como uma rapariga, «Minerva», e uma espanhola que falava a língua como nativa. Chegando à Inglaterra no Verão de 1937, recebeu atenção da imprensa nacional, mas os relatórios das sessões foram demolidoras.

Uma fotografia antiga mostra claramente uma rapariga jovem vestida de freira ligada à médium comatosa por um umbigo de pano. Além disso, nos arquivos do International Institute for Psychical Research há envelopes com flocos de tinta rosa encontrados no gabinete e que se pensava provirem de uma máscara de papel machê. Pano, também, era misteriosamente produzido e manipulado entre áreas de maior e menor iluminação antes de o puxar para debaixo da saia.

Ironicamente, a Dr.^a Margaret Vivian, a médica de Bournemouth impressionada com as sessões de Helen na LSA, acreditava que Agustsdottir era genuína porque «ninguém poderia falsificar aquele cheiro horrível que se me colou até ao dia seguinte... Costumávamos sentir o mesmo cheiro com a Sra. Duncan quando os resultados eram genuínos.» A fedentina era tão fétida que ela brincava que os outros hóspedes do hotel pensariam que era uma ladrão de cadáveres.

No Old Bailey, Rose Cole descreveu o odor que emanava da forma materializada da sua amiga Sra. Allen: «Era exatamente como morte e fez-me sentir terrível. Tive de me afastar porque não aguentava o cheiro. Disseram-me que era cheiro de ectoplasma.» Seguiu-se no banco das testemunhas Bertha Alabaster que, perguntada se o ectoplasma cheirava a vômito, concordou com a Sra. Cole que era mais como morte. As percepções variavam. Em 1931, Harry Price descrevera o odor como «reminiscente de um pouco de gorgonzola maduro»; entretanto, na LSA, o perfume que Henry Duncan comparava a pano velho — e Albert dizia ser mais

agradável — pelo menos um participante chamou de «forte e desagradável». Alguns diziam que o ectoplasma de Helen tinha cheiro a terra, outros que cheirava a urina e um, mais corajoso, que cheirava a sémen. Para aqueles que contestavam que o ectoplasma fosse o que os espiritualistas diziam, havia apenas uma explicação: pano leve, bem apertado, era escondido no corpo; e assim, em 1944, a controvérsia da regurgitação foi reavivada.

O amigo e colega de Price, C. E. M. Joad, causou indignação ao sugerir no Sunday Dispatch que os médiuns físicos poderiam ter segundos estômagos como as vacas. O Maurice Barbanell retaliou, lembrando Joad: «Ainda não descobrimos tudo sobre a natureza», enquanto outros se referiam às radiografias tiradas em 1930 e ao relatório que certificava que o estômago e o esôfago da Helen eram normais. Hannen Swaffer tinha cópias de ambos no julgamento, mas não lhe foi permitido apresentá-los e teve de desabafar num verso que passou a Barbanell com os seus cumprimentos:

Eu engoliria até ficar bêbado, Mas não a treta da Helen Duncan. (Se estivesse a engolir, cada vez mais, Coisas espirituosas ou cervejeiras, Engoliria qualquer coisa antes Da teoria da regurgitação de Price.)

Dizia-se que os médicos em Dundee se riram da ideia de que a Sra. Duncan fosse regurgitadora, especialmente porque numa ocasião lhes levou meia hora a introduzir o tubo de uma bomba no estômago dela, embora não revelassem que veneno ela ingerira. Helen também estava farta de as pessoas perguntarem se era regurgitadora — literalmente numa ocasião em Belfast, quando enfiou os dedos pela garganta a pedido de um participante cético e vomitou espetacularmente no chão.

Price já ouvira tudo isso antes e durante anos interessara-se por engolimento de palco, tal como por todo o tipo de truques e prestidigitação. O núcleo da sua biblioteca era o exemplar de infância de *Modern Magic* de Angelo Lewis, do qual se formara para volumes tão desejáveis como o seu exemplar de *Discoverie of Witchcraft* de Scot, prezado não só pelas ligações shakespearianas mas por ser o primeiro livro inglês a conter um capítulo ilustrado sobre ilusionismo.

Outra obra inglesa antiga sua era *The Fallacie of the Great Water-Drinker Discovered* (1650) de Peedle e Cozbie, que contava a história de um francês trazido para Inglaterra para testes (pagos por subscrição privada) para determinar como regurgitava água de duas cores diferentes. Por toda a Europa moderna, artistas de rua comiam e vomitavam pedras;

um que montou um espetáculo secundário no Strand em 1788 cobrava 2 xelins e 6 pence por pessoa e convidava o público a trazer as suas próprias pedras. Outros engoliam rãs vivas, cobras, vidro e pregos; em Praga, o próprio Price testemunhou o engolimento de um relógio (que se ouvia a tiquetaquear); e Houdini viu o brilho de uma luz elétrica através do peito de um homem.

A maioria dos artistas modernos, porém, era incapaz de regurgitar, afirmação de Price provada em Maio de 1944 por Arthur Haylock, um engolidor que chegou às manchetes depois de uma multidão bloquear o trânsito de Londres para o ver comer lâminas de barbear. A SPR achou importante documentar tais actos, nas palavras da Mollie Goldney, «para ocasiões do tipo Duncan» e contratou Haylock, observando-o banquetear-se com uma lâmpada, um disco de gramofone e um ramo de flores, tudo o que reteve.

Mas havia um exemplo melhor. Em 1935, o Professor Fraser-Harris, o fisiologista canadiano que relatara sobre a Helen Duncan no NLPR, realizou uma experiência em que Victor Dane regurgitou dois metros e dez de musselina amanteigada que saiu «muito molhada, grossa e como corda». Noutra parte, Fraser-Harris argumentava que a existência de um divertículo esofágico — um segundo estômago ou bolsa — poderia permitir a separação, por exemplo, de pano e comida, e seria difícil de detetar com raios-X. Não que isso fosse necessário para regurgitação se, como Dane, se fosse bem praticado, paciente e capaz de controlar o reflexo de vômito.

Outros paralelos apresentam-se. Um observador da SPR americana comparou o ectoplasma de Margery a «renda feita de cordão branco pesado», fresco, pegajoso e malcheiroso. Numa ocasião, também se ouvia Margery a esforçar-se por engolir esta matéria vil, fazendo o seu cruel guia espiritual «Walter» brincar: «Ponha-lhe sal, desce melhor.»

A comparação entre a Helen Duncan e a Margery oferece outra explicação para como conseguiam produzir ectoplasma: ambas tinham frequentemente hemorragias nasais durante as sessões, sugerindo outro esconderijo — conclusão de William Brown, o médico de Harley Street que atribuiu os fenómenos no NLPR a «prestidigitação hábil». Após as suas sessões, William McDougall disse a Harry Price: «Na primeira ocasião, suspeitei de um divertículo esofágico, na segunda as observações do Dr. William Brown levaram-me a supor que o material poderia ter sido guardado nas narinas e cavidades nasais.» Isto era possível. Em 1895,

Freud permitiu que Wilhelm Fliess (proponente da bissexualidade universal) realizasse cirurgia nasal numa paciente, Emma Eckstein, depois de a cocaína não conseguir acalmar a neurose que Freud atribuía à masturbação. O caso é interessante não só porque uma grande extensão de gaze foi acidentalmente deixada no nariz dela, mas porque Freud explicou a hemorragia subsequente como busca histérica de atenção, traço que comparou às bruxas diabolicamente inspiradas de tempos anteriores e que lhe granjeou simpatia pela «terapia dura» dos juízes caçadores de bruxas.

O Dr. Crandon nunca consentiu num exame do trato digestivo da mulher sob o argumento de que «seria um incómodo doloroso para a médium»; mas como os investigadores de Harvard tinham revistado tão minuciosamente o exterior do corpo de Margery, concluíram que as travessuras ectoplásmicas dela, nas palavras de Hudson Hoagland, «deviam ter sido guardadas internamente». Houdini sublinhou isto cinco vezes na *Atlantic Monthly*, acrescentando: «Sim senhor, H.» Mas, claro, as palavras de Hoagland eram discretamente ambíguas porque, como Houdini bem sabia, engolir não era o único meio de ocultação corporal (ele escondera ferramentas no corpo nu para escapar de dezenas de celas de prisão).

As suspeitas do Dr. Dingwall foram confirmadas pela eminente ginecologista Dr.^a Florence Willey, mulher do fundador da SPR Sir William Barrett, que lhe informou em Maio de 1925 que «claro que seria perfeitamente possível embalar uma quantidade considerável dessa substância na vagina... Por contração muscular (que, no entanto, eu acharia óbvia) a substância poderia ser total ou parcialmente expelida.»

O que era exatamente essa substância é outra questão: foi mencionada a possibilidade de ser um pulmão, mas outras extrusões ectoplásmicas de Margery foram comparadas a fígado cru frio, metade de um cérebro humano e o dorso de um tatu. Numa sessão de teste em Londres em 1929, a Dr.^a Willey achou a vagina e o cérvix anormalmente moles para uma mulher que não acabara de dar à luz; também estava a sangrar. Mais tarde, Margery explicou que começara a menstruar, mas a Dr.^a Willey tinha dúvidas devido à mancha de sangue em forma de losango na roupa interior da médium que, para ela, sugeria «algo a distender lateralmente a vagina».

Quando o inspetor-detetive Ford insinuou que o lençol desaparecido de Helen Duncan poderia ter sido escondido assim, estava a usar informação já recebida pela polícia de Portsmouth. No início de Março de 1944, o chefe de polícia Arthur West recebeu uma carta de Varina Taylor,

de Southport, uma estância costeira em Lancashire. Ela ajudara Helen Duncan a despir-se antes de uma sessão no Verão de 1943 e achava que «sob as tremendas pregas de carne, ou na vagina, a Sra. Duncan poderia facilmente esconder a quantidade de tecido diáfano usado para os seus vários visitantes fantasmagóricos». E tal como o cheiro do ectoplasma mantinha a distância todos exceto os emocionalmente automatizados, também Helen tinha imunidade à detecção nesta fase. «A maioria das mulheres convidadas a testemunhar o despir até à pele», explicou a Sra. Taylor, «por decência não olha, toca ou examina demasiado de perto; mas se uma médica examinasse essas partes (baixo ventre) tenho a certeza de que encontrariam espaço para ocultações desta natureza.»

Esson Maule já sabia disso em 1932. Após um espetáculo de Kanichka, o Avestruz Humano (que a convenceu de que a Helen Duncan não era uma verdadeira regurgitadora), saíra para cear com um grupo de médicas, uma das quais contara como tratara Helen por cistite crónica e notara que «a uretra estava tão distendida com a introdução de corpos estranhos anormais e não naturais que perdera a elasticidade natural, causando micção frequente, o que a idade dela não justifica».

Contrariamente ao que alguns diziam, Helen comia muitas vezes uma refeição farta antes de uma sessão, o que pressionava a bexiga, causando incontinência — daí os salpicos por vezes ouvidos. Isto também provava que ela e o Albert eram a mesma pessoa. Uma poça descoberta onde ele estivera durante uma sessão poderia ter sido atribuída ao próprio guia espiritual, apanhado desprevenido na sua longa excursão astral, não fosse o sangue uterino misturado com a urina, identificado como «descarga catamenial no seu grau primário».

Delicadamente, a Miss Maule informou Price de que a Helen possuía «enorme profundidade pélvica», acrescentando que «a ocultação pélvica de objetos é um dos atos mais comuns em mulheres insanas, especialmente se houver qualquer traço de imoralidade nelas. Uma, duas e três toalhas de banho grandes, escondidas na pélvis, é ocorrência comum em qualquer Asilo Feminino de Alienados.» A mente vagueia para os objetos aportados da mediunidade moderna: o pepino de Helen; as rosas sem espinhos de Hylde Lewis; o rato morto da Eusapia; a planta de borracha de Elizabeth Hope; o flamingo de latão de Jack Webber...

Não surpreendentemente, o ectoplasma de Helen Duncan não existe nas mesmas quantidades que, digamos, os livros, cartas e papéis que

constituem a maior parte das fontes históricas aqui usadas. Há uma pequena quantidade, emoldurada por Harry Price, pendurada na parede da Biblioteca da Universidade de Londres; e um quadrado de gaze num envelope rotulado «Ectoplasma» foi guardado na antiga LSA (hoje o College of Psychic Studies) até ser roubado em 1999. As lâminas feitas pelo Sr. Montagu Scott em 1931 ainda lá estão algures num armário atafalhado de caixas de cadernos, retratos de luminares e trompetes luminosos há muito silenciosos.

Mas e um pedaço maior, um pedaço tão grande que pudesse ser enrolado no corpo e agitado no ar para recapturar o que esse truque poderia ter significado há meio século? A ausência de tal lençol, claro, foi um ponto de discórdia no Old Bailey em 1944. O argumento era este: se todos os participantes no Master Temple tivessem sido revistados e o pano ainda assim não fosse encontrado, teria sido embaraçoso para a polícia e, no fim, a Witchcraft Act garantiu que tal prova era supérflua de qualquer modo; para o que importa, Ford, Worth e Cross suspeitavam da mulher com a tipoia.

Após a guerra, porém, um rumor da época do julgamento desenvolveu-se numa história intrigante. Em 1946, Denys Parsons (expulso do Old Bailey por ceder o lugar a Mollie Goldney) foi posto em contacto com James Robinson, instrutor naval em Portsmouth em 1944. Dois dos seus colegas instrutores, que partilhavam interesse pelo paranormal, sentaram-se lado a lado na fatídica sessão de 19 de Janeiro: um chamava-se Jacobs, o outro era Peter Pickett, o marinheiro espiritualista de Kent cuja mãe corpulenta supostamente se manifestara para ele. Isto foi o que Robinson ouviu:

Jacobs e o amigo estavam sentados na primeira fila da assistência e ficavam cada vez mais convencidos de que o espetáculo era uma grande treta, quando, de repente, houve uma perturbação e Jacobs agarrou o «fantasma», apanhando um punhado de musselina que enfiou imediatamente no sobretudo... Saíram os dois a correr depois disto e regressaram aos quartéis.

Dizia-se que o pedaço de musselina, de dois metros e quarenta de lado, fora requisitado como rede! Parsons passou a história a Donald West, que localizou Jacobs através de Henry Elam, que obtivera o endereço dele da polícia. Numa entrevista em Março de 1948, Jacobs riu-se do relato de Robinson e sugeriu que Pickett poderia tê-lo inventado porque «estava

sempre a ser gozado com o seu interesse por fantasmas». E onde estava Peter Pickett? «Desmobilizado morto» em 1945 e sepultado no Cemitério de Guerra de Nápoles. A SPR fechou o caso.

Antes da guerra, porém, um lençol fora arrancado com sucesso e levado. A 2 de Abril de 1939 realizou-se uma sessão de Helen Duncan em Cefn Coed, nos arredores de Merthyr Tydfil, nos vales galeses, onde ela foi despida e revistada previamente, mas sem exame interno. Vários participantes notaram que a médium estava fora da cadeira quando se supunha estar em transe e um Sr. A. J. Miles não se convenceu com uma manifestação do irmão, que carecia de uma deformidade identificadora.

Decidindo que chegava, Miles e outro participante lutaram com a corpulenta Helen que deu um soco no olho a Miles para reter a posse do pano, mas em vão. Cinco participantes assinaram uma declaração sobre o que acontecera. Poucos dias depois, Harry Price recebeu uma carta de Miles e, em Maio, tanto o pano como a declaração estavam na sua posse. Price começou imediatamente a investigação e pressionou Miles por mais pormenores, especialmente sobre as manchas de sangue desbotadas, que esperava analisar. Três dias após o início da guerra, Miles forneceu um relato completo:

«O material estava drapejado sobre ela. Foi por isso que lho puxei. Conseguia ver claramente que era pano quando examinava a suposta forma espiritual...»

o pano estava húmido mas não tenho a certeza se as manchas eram recentes. Não o examinei devido ao terrível odor que dele emanava e o cheiro sugeriu rapidamente onde fora escondido. Sugiro que estava oculto na parte inferior do corpo dela. Embora pareça incrível, o facto é que é possível e o odor diz que é definitivamente assim.

Miles esperava que isto ajudasse Price nas suas investigações e confiava que a sua carta ao John Bull não as interferisse. Price ficou certamente satisfeito com a descoberta, tal como a polícia de Portsmouth em 1944, pois foi a correspondência de Miles que Price emprestou ao inspetor-detetive Ford, devolvida com agradecimentos no final do julgamento.

Se houve alguma conversa sobre usar o pano como prova de apoio não está registado. Uma pista sobre o que lhe aconteceu a seguir vem de uma fotografia do início dos anos 1950 que mostra Donald West junto ao gabinete de curiosidades da SPR, examinando uma enorme ampliação

fotográfica de uma impressão digital espiritual de Margery.* Entre outros objectos estranhos, incluindo moldes de gesso falsos de supostas mãos espirituais, está um pedaço de pano descrito como «um pedaço de tecido branco, suposto ectoplasma, capturado a uma médium de materialização fraudulenta».

A antiga lista manuscrita do arquivo confirma a proveniência como «Duncan Sra. Helen Pano (suposto Ectoplasma)». Hoje, os funcionários da Sala de Manuscritos da Biblioteca da Universidade de Cambridge mostram-se curiosamente relutantes em trazer a caixa de cartão com tampa articulada que contém um envelope castanho gordo endereçado a Mollie Goldney na SPR.

Dentro está um grande pedaço de cetim branco, ou talvez algodão-seda, com oitenta por cem centímetros, ligeiramente manchado a intervalos regulares. «Estas marcas», sugere uma nota datilografada da Sra. Goldney, «foram causadas pelo pano estar dobrado e escondido na vagina onde o sangue se infiltrou.» Um único ponto de cordel fino pode ser visto a cerca de um quarto do caminho a partir de cada lado, sugerindo um meio pelo qual o pano poderia ser retirado de forma invisível e, talvez, que era suspenso para criar um efeito de fantasma. Libertado deste ponto à altura da cabeça, prende o ar, inchando ao flutuar até ao chão com um brilho tentador.

• *Em 1932 foi desmascarada depois de se descobrir que uma impressão digital deixada num pedaço de cera dentária após uma sessão não pertencia ao seu guia espiritual «Walter», mas ao seu dentista — quem mais?*

Truques têm o poder de maravilhar porque existe uma relação entre o ilusionista e o espectador da qual apenas o ilusionista tem plena consciência. Uma suspensão voluntária da incredulidade permite ao público de um mágico fingir que assiste a milagres (tal como os espectadores de teatro se comovem com o drama) e o feitiço só se quebra se o truque for explicado — razão pela qual o Magic Circle é tão secreto.

A magia não reside no palco, mas no espaço entre o executante e o percipiente. Contudo, se isso fosse o fim do quadrar o círculo, poderíamos voltar já para Helen a olhar o teto da sua cela. Mas a mediunidade é diferente da magia porque, por mais semelhantes que pareçam a incredulidade suspensa e a crença real, o factor emocional que molda a interpretação e a motivação está ausente na primeira e é essencial na

segunda. O Espiritualismo é religião e a magia é recreação, caso contrário nada faz sentido: o agnosticismo determinado do investigador psíquico; a recusa do espiritualista em aceitar como fraudulento até médiuns desmascarados; as testemunhas de defesa no Old Bailey — um solicitador, um médico, um empresário, um oficial da força aérea, uma parteira, um jornalista, um par do reino.

Contra tais crentes, os desmascaradores estavam condenados, pois os espiritualistas tinham pouco a temer da desmistificação. Harry Price ficou estupefacto quando a Sra. Duncan recebeu o diploma da SNU após a condenação de Edimburgo, sentimentos partilhados por Houdini quando, como parte da sua guerra contra a mediunidade, demonstrou como falsificar moldes de mãos espirituais, apenas para uma mulher na plateia reconhecer o dedo de uma rapariga que se perdera no Titanic.

Famosamente, o grande e franco Sir Arthur Conan Doyle manteve-se inabalável na convicção de que o Houdini era guiado por forças espirituais que lhe permitiam transformar os ossos em ectoplasma e, numa perfeita ilustração de quão finamente equilibradas podiam ser tais crenças, conseguiu declarar com confiança que o seu pequeno e flexível amigo não era apenas o maior caçador de médiuns de sempre, mas também o maior médium físico.

Hoje, muitos dos participantes das sessões da Helen Duncan reconhecem que por vezes se recorreu à fraude, mas insistem que não foi isso que vivenciaram: só poderia ter sido genuíno. A sua posição é reforçada por certos paranormalistas que, sem esconderem o desprezo por proletários emotivos a agitar chávenas na escuridão, sentem, contudo, que exposições bem documentadas como as de Esson Maule, A. J. Miles e Stanley Worth não condenam necessariamente todas as ocorrências fenomenais; juízos tão abrangentes trairiam o espírito orientador da SPR, nomeadamente o ditame de Joseph Glanvill de que os fenómenos não devem ser descartados só porque não podem ser explicados. Quer se subscreva ou não esta prescrição, o facto é que é difícil explicar completamente os depoimentos registados a favor de Helen e porque o que parecem ter sido truques de ilusionismo óbvios continuaram tão convincentes para tantos durante tanto tempo.

Comecemos pela hipótese de que algumas materializações eram reais. Quem se sinta imune a este reino da hiper-realidade pode facilmente encontrar espiritualistas, incluindo alguns que assistiram às sessões de

Helen Duncan. Nos anos 1950, talvez 20 000 pessoas a tivessem visto atuar, muitas das quais ainda vivem e são invariavelmente amigáveis. Mais ainda, parecem sãs e descontraídas ao descrever o Espiritualismo como um mundo de realidade sustentado por demonstração e não por fé. Pois também eles são materialistas, tal como os nossos antepassados das pinturas rupestres: não é preciso compreender a gravidade para experimentar a sua certeza de nos manter presos à terra, nem apreciar a orquestração dos planetas para esperar acordar com o sol. O empirista do Iluminismo David Hume separou a razão da ideologia que sustentava a ascendência de Deus.

Quando um homem te diz que viu um cadáver voltar à vida, argumentava Hume, deve tratar-se tanto o facto como a sua crença como fenómenos e depois decidir qual é mais provável ser verdadeiro. Como guia, Hume aconselhava que «nenhum testemunho é suficiente para estabelecer um milagre a menos que o testemunho seja de tal natureza que a sua falsidade seria mais milagrosa do que o facto que tenta estabelecer». As leis da natureza, aplicadas com repetição monótona na vida quotidiana, eram demasiado preciosas para suspender só porque um truque era levado a sério por um simples mortal.

Certamente, porém, a onnipresença da ciência mecanicista e da racionalidade na sociedade ocidental apenas torna a posição dos espiritualistas mais compreensível. A diferença entre o crente e o não crente — tal como entre deístas e ateus — não é de natureza inata mas de escolha inconsciente: uma escolha de realidades concorrentes. Confrontados com as histórias dos espiritualistas, até um secularista empedernido poderia suspeitar que permitir que o nosso amor pela tecnologia descarte sentimentos metafísicos como neuroses é abdicar da responsabilidade de explicar as nuances humanas que nos tornam quem somos.

Quando o último puzzle fisiológico, químico e genético do corpo for resolvido, as emoções continuarão a intrigar; e por causa disso grande parte da população mundial continuará a procurar refúgio na religião e escolherá o mistério em vez do pragmatismo — o que Hume chamou «a propensão habitual da humanidade para o maravilhoso». Afinal, mistérios e maravilhas oferecem pelo menos orientação em regiões sombrias da consciência onde os empiristas apenas encolhem os ombros.

O nosso gosto pelo maravilhoso pode ser produto das emoções, mas só pode ser satisfeito porque os nossos sentidos distorcem as coisas. Que o mesmo evento pudesse parecer diferente entre observadores fora notado em relação à materialização uma década antes de Helen Duncan nascer. Para o seu artigo sobre a mediunidade Duncan, o mentor de Donald West, Mollie Goldney, dirigiu-o para uma declaração feita em 1887 pelo Professor Horace Furness, que fora obrigado a gastar 60 000 dólares legados à Universidade da Pensilvânia para permitir que uma comissão investigasse o Espiritualismo e provasse a sua verdade inelutável. Arriscando a ira do além-túmulo, Furness não conseguiu corresponder:

Uma mulher, visitante, trouxe do Gabinete até mim um Espírito Materializado, que me apresentou como «a filha dela, a sua querida filhinha», enquanto nada me poderia ser mais claro do que os traços da médium em cada linha e contorno. Uma e outra vez, homens levaram à volta do círculo os Espíritos Materializados das suas esposas e apresentaram-nas a cada visitante por sua vez; pais levaram as filhas e eu vi viúvas soluçar nos braços dos maridos mortos. Testemunho deste tipo deixa-me atordado.

E, como vimos, isto era mais do que apenas um confronto entre os homens da razão e os restantes. Enfeitiçado pelo espírito «Katie King», o pobre Sir William Crookes queixava-se de «um antagonismo na minha mente entre a razão, que pronuncia ser cientificamente impossível, e a consciência de que os meus sentidos não são testemunhas mentirosas quando testemunham contra as minhas preconcepções». O colega vencedor do Nobel Charles Richet foi cáustico: «Como podia eu supor que o sábio que descobrira o tálio e o radiómetro, e antecipara os raios Roentgen, se comprometeria a ser enganado durante anos por truques que uma criança poderia desmascarar?» Mas, claro, o próprio Richet acabou enganado.

Experiências demonstraram que o testemunho era um composto de visão, ambiente, predisposição e memória; com desconcertante impotência, testemunhas viam coisas que nunca aconteceram e falhavam coisas que aconteceram. E no escuro, quão maior o erro. Na época das sessões de Helen em 1931, na SPR, Theodore Besterman, inspirado por testes dos anos 1880, simulava sessões com luz vermelha nas quais os participantes viam objetos estacionários mover-se, julgavam mal o tempo e falhavam em descrever corretamente uma cena exposta por flash. Comentando um rascunho do artigo de Donald West em 1946, o psicólogo de Cambridge

Robert Thouless explicou como as pessoas se adaptam de forma diferente à semi-escuridão e, em relação à materialização, «a relativa insensibilidade da fóvea na semi-escuridão torna o testemunho quanto ao reconhecimento peculiarmente incerto» (West apropriou-se da observação quase literalmente).

O cansaço também desempenhava um papel. O Professor Joad contou de sessões onde o mesmo disco era tocado repetidamente — «o gosto dos espíritos é deplorável» — e pintou um quadro semelhante ao de um investigador em 1941 que disse: «No fim de uma longa sessão em semi-escuridão, quando se está cansado, se algo aparece de repente, nada é mais difícil do que dizer exatamente o que aconteceu.» Donald West também recebeu conselho de Denys Parsons que, em Junho de 1944, publicara na revista de artes *Horizon* um artigo intitulado «Testemunho e verdade» no qual não duvidava que ver fosse crer, apenas que crença era diferente de prova. C. E. Bechhofer Roberts, advogado e editor da série *Old Bailey Trial Series* (que incluía um volume sobre o caso Duncan), também ofereceu conselho ao jovem investigador. Ele próprio autor de uma obra cética sobre o Espiritualismo em 1932, Bechhofer Roberts partilhou com West a opinião de que as testemunhas de defesa «tentavam dizer a verdade mas eram incapazes de o fazer».

Numa crítica no *Sunday Times* ao volume editado por Bechhofer Roberts da transcrição do julgamento, Desmond MacCarthy recordou uma sessão onde um espírito «era tão obviamente falso que fiquei espantado por os outros presentes não o terem notado, mas, pelo contrário, declararam depois que a sessão fora excepcionalmente impressionante». Para ele, isto sugeria que as esperanças e tristezas dessas pessoas as tornavam fisicamente incapazes de detetar fraude.

Besterman não hesitara em usar a palavra «alucinação», mas o seu trabalho antecedia a compreensão de como isto podia ser causado simplesmente pelo luto. Hoje, manifestações de um parceiro falecido estão bem documentadas. Em 1998, uma amostra de viúvas e viúvos suecos e japoneses revelou que alucinações eram experimentadas por oitenta e dois por cento e noventa por cento respetivamente, embora a experiência tenda a ser sub-relatada em culturas onde os percipientes temem estigmatização; entre os índios Hopi é uma parte normal da morte. O luto é um motor de desejos que, explicou Joad, «nos torna extremamente recetivos a suposta evidência que, se a nossa atitude fosse puramente imparcial, não

consideraríamos nem por um momento». Muitos preferiam pelo menos suspender o juízo após uma sessão de materialização a ir para casa desapontados.

Tudo dependia da expectativa de que a médium fosse genuína e de que os mortos se comportassem como em vida. Os humanos estavam assim bem posicionados para impersonar espíritos, os sinais de carne e osso confirmando mais do que confundindo. Quando o guia espiritual Bien Boa tornou turva a solução de óxido de bário de Richet (porque exalava dióxido de carbono), todos aplaudiram este sinal vital. A Sra. Hannah Ross, médium de Boston dos anos 1880, só precisava pintar um rosto num dos seios e pô-lo de fora do gabinete para mãos enlutadas se extasiarem com a pele quente e macia dos seus bebés materializados.

A Sra. Ross escapou por pouco de ser linchada quando um jornal a expôs, mas a história do Espiritualismo sugere que, mais frequentemente, a experiência internalizada de reunião espiritual era suficientemente intensa para que nem desmascaramentos vigorosos nem explicações psicológicas tivessem grande impacto. A história é antiga e está documentada num pequeno volume encadernado em pele de bezerro na Biblioteca da Universidade de Cambridge que contém o *Essay Towards a Theory of Apparitions* do Dr. John Ferriar.

Publicado em 1813, é uma curta dissertação que critica o conhecido *Treatise of Spirits, Apparitions, Witchcrafts and Other Magical Practices* de John Beaumont de 1705, obra que seguia a velha tradição conservadora de Joseph Glanvill, sempre temeroso de que o fim dos fantasmas e bruxas significasse o fim do reino dos céus. Mas Beaumont era mais vacilante do que Ferriar dava a entender, como indicado pelo seu comentário: «Se me perguntarem se penso que estas Aparições são Espíritos, ou apenas um efeito de Melancolia, só posso dizer o que São Paulo disse da Natureza do seu Arrebatamento: Deus sabe, eu não sei, mas apareceram-me Reais.» E Ferriar, o médico moderno que descreveu os julgamentos de Salem como «um memorável ataque de loucura nacional», teve cuidado em preservar a doutrina da providência divina, até a ideia de que fantasmas poderiam ser enviados ao seu serviço.

Mas Ferriar entrou no século XIX com as suas ideias sobre os efeitos da irritação cerebral, delirium e alucinação, sintomas dos quais podiam ser vistos no tipo de temperamentos românticos «que predispõem os homens a cultivar as espécies mais elevadas e graves de poesia» e na tradição das

Terras Altas escocesas da segunda visão pela qual aparições avisavam de mortes. Mas é uma anotação a lápis no fim deste exemplar particular do Essay de Ferriar que é mais reveladora sobre o pensamento popular que liga eras contrastantes nos últimos quatrocentos anos. Aqui um leitor irritado, provavelmente no período entre guerras, levou o debate de volta a Glanvill: «Tudo isto é muito bonito, mas quando se viu e conversou com um espírito não satisfaz exactamente que tenha sido tudo treta! Tudo o que aqui se prova é que se podem ver ilusões espectrais, o que nunca foi posto em dúvida.»

O anotador tinha uma história, talvez sobre Helen Duncan. Mas histórias podem acumular-se indefinidamente e ainda assim a questão de genuíno versus fraude ficaria por resolver. A vigarice é parte do problema da cren

ça, não a sua solução. A prova das maroscas de Helen era clara, mas a crença perdurava. Nem todos os espiritualistas a consideravam honesta e a maioria dos que o faziam sabia que ela enganava ocasionalmente, permitindo a Laurence Wilson, filho de Percy, dizer que ela era uma das apenas duas médiuns de materialização genuínas que vira e mesmo ela usava fraude. Muitos espiritualistas esperavam genuinidade, por isso viam provas fracas como uma aberração e avançavam a ideia de «fenómenos mistos».

Um espiritualista que viu a Sra. Duncan em Londres em 1942 escreveu ao DPP, dizendo: «Na minha opinião, os traços de todos os “espíritos” que apareceram eram exactamente os mesmos, ou seja, os lábios grossos e traços algo grosseiros da Sra. Duncan envoltos num véu de musselina», concluindo: «Não sustento que a Sra. Duncan não tenha o poder que professa possuir, mas digo que ocasionalmente parece perder esse poder (possivelmente por excesso de trabalho) e então desce à fraude em vez de devolver o dinheiro da entrada que cobrou.»

Outra peça de vigarice fazia os espíritos fornecerem provas falsas. A testemunha do julgamento Dr. Winning não se perturbava com a ideia de que se usavam adereços, acreditando que «os controlos poderiam ser obrigados a usar materiais “terrenos”»; e Abdy Collins perguntava-se «se Albert não aporta luvas de borracha, musselina e máscaras em algumas ocasiões como uma partida à assistência». Finalmente, como argumentava Margaret Vivian, «se os participantes estão fortemente persuadidos a favor da teoria da fraude, obterão manifestações que têm todas as aparências de

truques.» Montague Rust concordava e explicava assim o fiasco da LSA: «Um único participante com mente crítica hostil é suficiente para estragar tudo, e este é o elemento que os londrinos esquecem.»

Mesmo que a mediunidade esteja, em última análise, no olho da mente do observador, poderíamos também considerar a mente da médium. Embora muitos historiadores considerem este território fora de limites, é impossível não perguntar o que se passava na cabeça de Helen Duncan. Era uma impostora fria e calculista? Ou isso apenas explica o problema? A sua constituição psicológica era, de facto, incompatível com tal engano? Em 1938, o Dr. Nandor Fodor, despedido do IIPR pelas suas teorias de vanguarda, travava uma guerra em duas frentes: contra os espiritualistas pelo seu tráfico de milagres e contra os investigadores psíquicos pela sua estreiteza de espírito.

No Outono desse ano, porém, enquanto as esperanças de paz na Europa se esvaíam, o combalido Fodor foi reconfortado por ninguém menos que Sigmund Freud, membro correspondente da SPR que, tendo lido o manuscrito do seu livro, o tranquilizou: «O seu afastamento do interesse em saber se os fenómenos observados eram genuínos ou fraudulentos, o seu virar-se para o estudo psicológico da médium e o desvendar da sua história anterior, parecem ser os passos importantes que levarão ao esclarecimento dos fenómenos em investigação.»

Talvez haja mais em Helen Duncan do que o olho histórico percebe. Tendo explicado tudo em 1931, Harry Price ainda estava perplexo pelo facto de ela ter vindo a Londres cometer uma fraude tão descarada e perguntava: «Porque ousou a médium piruetar entre nós, com luz forte, com uma cauda teleplásmica a arrastar-se pelos nossos pés?» Quem diabo pensavam os Duncan que eram?

O papel de Henry Duncan é ainda outra área cinzenta. Muitos médiuns eram suspeitos de usar cúmplices, por vezes em esquemas elaborados: em 1930, Lady Terrington descobriu uma alçapão e luzes e sinos operados remotamente em instalações abandonadas pelo British College of Psychic Science. Mas para uma médium itinerante como Helen, um companheiro era o trunfo principal e, pelo menos nos anos 1930, esse era Henry, descrito variadamente como agente de reservas, protetor, gerente de negócios — até cafetão.

Quase certamente pressionava a mulher a atuar e, quando as coisas ficavam difíceis, desmaterializava-se mais rápido do que Albert numa

rusga policial. Aqui precisamos voltar às confissões de Henry de 1931. Segundo um entendido, a aceitação por Henry da teoria da regurgitação era uma forma de admitir que o jogo acabara sem se incriminar; mas, como julgamento secular sobre pessoas que habitavam um mundo muito pouco secular, isto não pode ficar sozinho como explicação.

Dez anos de experiência tinham ensinado a Henry que os médiuns tendiam a ter disposições infantis, simples e tímidas, mas obstinadamente obcecados em corresponder às expectativas dos outros. Nesse sentido, protestou jesuiticamente ao Conselho do NLPR, a fraude poderia ser motivada subconscientemente: acreditava que Helen era genuína, mas também acreditava num «automatismo da vontade» que lhe permitia engolir musselina.

A teoria era mais do que o NLPR conseguia engolir, mas pode ainda ter contido alguma verdade. No dia seguinte, Henry informou a LSA que «a Sra. Duncan tinha o hábito de perder a vontade (entrar num estado alterado de consciência) durante cerca de três horas antes da sessão e disse acreditar que, num estado de inconsciência semelhante à hipnose, a Sra. Duncan escondia coisas em ou sobre o seu corpo e que podia reter essas coisas no estômago e comer e digerir comida».

Nisto, Henry pode ter tido uma mão, pois era perito em hipnotismo — habilidade que mais tarde usou para aliviar as dores de parto da filha Gena. O pioneiro da SPR Frederick Myers fora um dos primeiros a notar como o hipnotismo podia efetuar automatismo em sujeitos sugestionáveis (hoje visto em muitos teatros à beira-mar ou bailes universitários) e a ideia foi popularizada pelo romance *Trilby* (1894) de George du Maurier, onde a rapariga epónima é manipulada pelo hipnotizador Svengali para cantar, a ponto de, sugeriu o autor, ela não estar apenas a dormir mas ter efetivamente deixado de existir. Pode ser mera coincidência que a história tenha sido lançada como filme vencedor de Óscar em 1931 e «Svengali» tenha entrado na língua inglesa.

Quem tenha presenciado hipnose de palco não duvidará de que o efeito poderia ser interpretado como controlo espiritual. Lendo sobre Margery na *Atlantic Monthly* em 1925, Houdini interessou-se pelas opiniões do Dr. Hoagland sobre mediunidade e transe hipnótico: «Um estreitamento da consciência é obtido pela escuridão ou concentrando-se num estímulo sensorial simples... o sujeito é instado a tornar a mente passiva. É então adormecido pelo operador... com a sugestão final de fazer

o que lhe mandam. Em transe, o sujeito parece despojado de vontade própria.»

Actuando como guia, o cúmplice — Dr. Crandon, digamos, ou Henry Duncan — podia não só manipular a médium, mas convocar os participantes a concentrarem as suas energias e atenções em ajudar a produzir provas das verdades que, afinal, tinham pago para ver. E aqui está o golpe de mestre: era possível que até ele, como protagonista, estivesse subsumido na realidade alternativa do seu próprio drama.

O psicólogo teórico Nicholas Humphrey, que não dá crédito a nenhuma forma de sobrenatural, sugeriu que Jesus pode ter sido um ilusionista que sinceramente passou a acreditar nos seus próprios poderes devido à forma como os outros reagiam aos seus truques — o que Humphrey chama um «círculo virtuoso» pelo qual fé e ação se tornavam auto-confirmatórios e até a dúvida inicial poderia provocar um desejo de inspirar maravilha nos outros sem pretensão.

Hoje, psicanalistas reconhecem comportamentos semelhantes em muitas relações, descrevendo «fantasias congruentes» e «fantasias complementares» onde uma ou mais pessoas cooperam para representar os seus desejos mais íntimos. Que a LSA fosse recetiva a esta possibilidade em 1931 é sugerido por uma carta da secretária, Mercy Phillimore, ao oficial de investigação da SPR, que se referia a «prova para nós de que engano consciente fora praticado pelos Duncan». Relendo o que datilografara antes de enviar, a Sr.^a Phillimore decidiu ser mais circunspecta, inserindo à tinta «ou subconsciente».

A mediunidade podia tecer um feitiço de fascínio entre marido e mulher que, de outro modo, tinham pouco em comum. Alguns médiuns não podiam mais renunciar ao seu dom (ou confessar serem fraudes) do que admitir que os seus casamentos eram farsas. A esposa em transe de W. B. Yeats rabiscava mensagens automáticas para distrair o marido espiritualista das suas musas poéticas sobre a revolucionária Maud Gonne e assim tornou-se, nas palavras dele, «uma esposa perfeita, bondosa, sábia e altruísta»; as suas revelações ajudaram a inspirar *A Vision*, publicado em 1925.

De forma mais intimamente sexual, a mediunidade formava um laço de interesse entre Kathleen Goligher e o marido nos anos 1930. Em 1938, a exposição de Agnes Abbott por Mollie Goldney no IIPR também revelou algumas verdades domésticas: ela dizia enganar porque o marido bêbado e

desempregado a obrigava a atuar como médium — embora outrora tivesse sido uma médium verdadeira, papel em que ele genuinamente acreditava e admirava. Como poderia desapontá-lo? O que tinha Mina Stinson, uma divorciada pobre de Toronto, para oferecer ao robusto médico de Harvard Dr. Crandon a não ser a sua encarnação como a mundialmente famosa médium «Margery»? Na opinião de William McDougall, nada, e assim que ele pareceu cansar-se dela, ela inventou a mediunidade «na esperança de recuperar a sua confiança e afeto». Em privado, o Dr. Hoagland exprimiu a opinião de que:

O Dr. Crandon é um homem que nunca aprendeu a brincar. Ele leva tudo muito a sério. O Dr. Crandon adotou o Espiritualismo como um passatempo violento e Sr.^a. Crandon explorou-o até ao limite. Penso que poderá ter havido elementos de histeria que a levaram a acreditar nos seus próprios fenómenos nas fases iniciais, mas isso é relativamente pouco importante. De qualquer modo, tudo era uma grande diversão para ela e descobriu que o marido estava completamente fascinado. Ambos se viram no centro das atenções.

Colegas de Harvard concordavam que o Dr. Crandon podia ser simultaneamente cúmplice na fraude e embaixador sincero da mediunidade dela, e que os fenómenos eram «o produto de um autonomismo construído por sugestão direta e autossugestão de uma forma de que o Dr. e Sr.^a. Crandon eram inconscientes». Pelo menos esta explicação incriminava a mediunidade ao mesmo tempo que limitava a ignomínia lançada sobre os estimáveis socialites de Boston.

Para uma médium como a Helen Duncan, os melhores elogios eram sempre ambíguos. Para os seus apoiantes mais cultos em 1944, ela era «uma mulher simples, dotada de forma pitoresca, mas honesta e iletrada»; «não é uma mulher de grandes conquistas intelectuais, mas é uma médium». Charles Loseby recordava-a como «uma mulher humilde e ignorante com certos atributos físicos a respeito dos quais ela própria não sugeria qualquer virtude especial».

A sua infância pode conter a chave do seu carácter, pelo menos na medida em que se assemelhava àquilo que Frank Podmore designou por «uma criança de maior crescimento», exibindo as mesmas tendências dissociativas e regressivas que ele tinha notado nas médiuns vitorianas em transe. Ela era Madame Victoria Duncan, a histérica agressiva, praguejando e blasfemando, brandindo cadeiras e punhos contra quem a desafiava; e

depois era Nellie MacFarlane, a criança passiva cuja total complacência durante um exame íntimo deixou espantados os médicos contratados por Harry Price em Junho de 1931. Na altura, os médicos notaram também um devaneio infantil e uma tendência para resvalar facilmente para transe dos quais a despertavam falando alto e diretamente para o seu rosto.

Muitos médiuns de voz direta recebiam supostamente mensagens de crianças ou eram controlados por elas. O controlo juvenil de Sr.^a. Osborne Leonard, «Feda», foi descrito como um clássico carácter complementar junguiano, uma projeção dramática do eu subconsciente da médium em transe.

Os arquétipos parentais de Freud e os conflitos sexuais da infância são motores plausíveis da mediunidade de transe: dentro da SPR, a austera Eleanor Sidgwick, com o seu gosto pela matemática pura e pela cor cinzenta, era sempre bem-vinda pelas personalidades secundárias infantis das médiuns que nela viam uma mãe severa que podia ser gentil e bondosa, apesar de nunca ter tido filhos. Nicholas Humphrey oferece uma proposição ainda mais tentadora: as crianças pequenas assistem diariamente à forma milagrosa como as suas necessidades são satisfeitas e têm de deixar de pensar que são mágicas; mesmo os adolescentes amuados são propensos à fantasia de que são especialmente dotados e incompreendidos pelo mundo.

Estas fixações, simultaneamente introvertidas e extrovertidas, egoístas e magnânimas, não descrevem apenas Helen Duncan: aproximam-se de a definir na medida em que uma pessoa pode ser definida pela psicologia. Quando já tinha idade para realizar magia verdadeira — as suas pequenas profecias e triunfos escolares —, a sua autoconsciência foi moldada pelas reações dos pares e, mesmo quando essas reações eram adversas, o sentimento de ser especial permanecia o mesmo, um efeito visível na sua filha mística Gena sempre que Lilian lhe mandava calar a boca. Inspirar temor ou medo (talvez ambos) é agitar as emoções dos outros e pode tornar-se viciante.

Com medo de espaços escuros e fechados, Helen tornava-se histérica se a cortina do gabinete fosse corrida antes de estar pronta; saía sempre de uma sala se estivesse presente alguém de quem não gostasse; no camarim antes de uma sessão murmurava os seus receios de que Albert a desapontasse, depois que os rostos dos assistentes traíam suspeita e desilusão quando ela lhes tinha dado tudo o que podia; as suas

demonstrações histriónicas no Old Bailey convenceram um repórter do News of the World de que «ela está desequilibrada e parece estar sempre sob a compulsão de reações extremas». Por vezes, Helen — a jovem inocente expulsa de casa com o filho ainda por nascer — assumia a personalidade de uma órfã perdida, o refrão meloso e sentimental «Não sei onde está a minha mamã» revelando as causas mais sombrias, profundas e tristes da sua mediunidade.

As atitudes em relação às mulheres também são relevantes. Por mais que o velho mundo tivesse sido abalado pela Grande Guerra, a Grã-Bretanha do período entre guerras continuava a ser uma sociedade altamente estratificada onde a alternativa mais progressista à indiferença dos proprietários de terras era o condescendente *noblesse oblige* dos elitistas liberais. Mas pelo menos a maioria dos homens, por mais pobres que fossem, chegava a ser rei no seu próprio lar, apoiado pela lei. As mulheres podiam votar, fumar e mostrar os joelhos em público, mas não se tinham livrado da trela: esta apenas fora alargada.

A maior parte das mulheres não era como as sufragistas cujos fantasmas assombravam as celas de Holloway; aceitavam as pequenas desigualdades e indignidades porque não conheciam outra forma. No entanto, continuavam a sofrer, a sua frustração interiorizada e por vezes exteriorizada em doença mental, fanatismo religioso ou outras excentricidades. A etiqueta legal de «bruxa» colada a Helen Duncan parece superficial como paralelo entre os séculos XVII e XX quando comparada com a forma como tanto a bruxaria como a mediunidade eram sustentadas por fantasias institucionalizadas de poder feminino num mundo de homens.

No salão da médium, os homens pagavam às mulheres para ouvir o que elas — ou os espíritos — tinham a dizer. Mulheres em transe praguejavam obscenamente em companhia educada e eram felicitadas por isso: o controlo principal da recatada Sr.^a Piper era um médico francês de linguagem ordinária. Profanação, blasfémia, exibicionismo — rebeliões simbólicas contra todas as formas de restrição social — tinham sido outrora características da possessão diabólica de adolescentes do sexo feminino, desde as poses pornográficas das freiras ursulinas de Loudun na França absolutista até aos ataques chorosos de atirar Bíblias das raparigas na América colonial.

Em Inglaterra, mesmo casos menores de possessão faziam médicos e clérigos de Oxford e Londres acorrer ao local, por vezes «emprestando» as

jovens aflitas para estudo especial. Longe de casa, eram frequentemente desmascaradas como fraudes, mas não antes de o círculo virtuoso de fingimento, espanto, expectativa, fenómeno e da sua própria crença sincera nos seus poderes se ter fechado.

«Raramente se tratava de tentativas conscientes de chamar a atenção e o respeito; eram antes sintomas de episódios psicológicos complexos que, nos casos extremos, se manifestavam não apenas verbal ou gestualmente, mas fisicamente.» Quando uma criança cresceu e se tornou mulher, sugeriu Freud, «pode descobrir que todos os pedidos que fazia na infância são agora contrariados devido ao casamento com um marido inconsiderado». A doença, real ou imaginada, permitia-lhe retirar a obediência e fazer exigências próprias. E muitas médiuns eram doentias. Os frequentes cortes, feridas e queimaduras da Helen Duncan (quase invariavelmente causados por cigarros) podem ter sido produto de baixa autoestima, até de ódio por si próprio, tal como a sua aparente propensão para engolir lixo: palitos de fósforo, beatas de cigarro e tachas de alcatifa foram encontrados dentro dela durante uma operação abdominal, tornando menos salubre o «efeito aspirador» de que Sr.^a Homer se gabara a Stanley Worth. Mas esses efeitos suscitavam respostas de simpatia. Do mesmo modo, o facto de ela ser realmente uma mulher doente dava aos seus apoiantes algo com que magnificar a escala do seu sacrifício.

O parto também era tratado como uma forma de doença e oferecia um palco à histerica feminina rebelde, na medida em que era uma coisa vital que as mulheres podiam fazer e os homens não. Por mais traumático que fosse nas melhores circunstâncias, existem provas de uma espécie de maternidade grotesca, uma ondulação enviada por uma mulher subordinada através da superfície calma da natureza. Na Alemanha do século XVI, os médicos focaram-se numa jovem de Esslingen cujo ventre inchava monstruosamente — até ser desmascarada e executada; mero ridículo aguardava Mary Toft de Godalming que, na década de 1720, simulou o parto de uma ninhada de coelhos guardando-os no útero, mas não antes de homens da medicina terem dado crédito ao fenómeno. Dito isto, depois de 1600, os médicos na Alemanha e em Inglaterra começaram a associar os sintomas de possessão a perturbações ginecológicas, daí o termo «histeria» (útero errante) e aqui os paralelos com a mediunidade física três séculos mais tarde não precisam de ser forçados. Basta recordar Montague Rust a ver ectoplasma a jorrar de todos os orifícios de Helen Duncan, um

acontecimento relatado por J.B. McIndoe a Harry Price em 1931. Em 1942, McIndoe já fizera sua história, embelezando-a num *tableau vivant* (*pose imóvel*) de fecundidade luxuriante:

Ela ali estava, em transe, um material branco de algum tipo aparentemente a jorrar dos seus olhos, das suas orelhas, do nariz e da boca. Parecia uma substância gelatinosa branca até aos orifícios de onde parecia estar a fluir. Mas ainda mais estranho e fascinante era o espetáculo de um líquido a esguichar dos mamilos dos seus seios, aparentemente transparente ao sair, tornando-se depois branco ao cair, condensando-se em fios que de alguma forma pareciam fundir-se num tipo de tecido que drapejava a parte inferior do seu corpo e pendia como um kilt até aos joelhos.

Não se contentando com ser uma mãe natural prolífica, dentro do corpo de Helen crescia a matéria da vida pela qual os mortos renasceriam e muitas pessoas, descobriu ela, agradeciam-lho.

Quando o ectoplasma tomava forma de entes queridos falecidos, surgiu a possibilidade de a «perturbação de personalidade múltipla» desempenhar um papel. Na psiquiatria moderna, a existência desta condição é controversa e, quando aceite, é mais provável que seja designada «perturbação dissociativa de identidade»; mas após a Primeira Guerra Mundial tornou-se popular como forma de caracterizar várias formas de comportamento anormal, desde a consciência suspensa dos soldados traumatizados até fobias e obsessões disfuncionais, passando pelas volúveis *personae dramatis* (*personagens da peça*) da sala de sessões.

O caminho fora aberto por um estudo de uma estudante americana que, tímida e submissa em si mesma, sob hipnose se tornava alguém muito mais demonstrativa e rancorosa. Em Julho de 1931, o presidente do Comité do Laboratório Psíquico de Londres, Dr. Fielding-Ould, concluiu que este tipo de explicação era a única forma de absolver Sr.^a Duncan, afirmando que «a sua personalidade total estava habituada a desintegrar-se sob a influência hipnótica do marido e as práticas fraudulentas que foram testemunhadas devem-se em certa medida à sua personalidade secundária e menos responsável».

No seu discurso presidencial à SPR em 1939, o Professor H. H. Price comentou a ampla aceitação da ideia e a forma como ela «lançara grande luz sobre alguns dos fenómenos mais obscuros da mente humana». Em 1944, era já um conceito utilizado até por jornais de grande circulação para

explicar a mediunidade de Helen Duncan, embora na sua análise do caso Donald West fosse mais incisivo: «Uma explicação mais provável parece ser que a sua personalidade está sujeita a algum grau de dissociação em todos os momentos, mas que nas suas sessões é tão extrema que todo o seu carácter pode mudar de uma mulher comum, aborrecida, algo desajeitada, para uma impostora muito hábil e engenhosa.»

Albert, o cavalheiro culto mas irascível com o sotaque universalmente descrito como «Oxford» — a voz de autoridade da BBC —, constituía um alter ego perfeitamente compreensível, especialmente quando comparado com um Henry manipulador e dominador. Os assistentes de Helen Duncan eram troçados e imitados pelo Albert e, em 1931, ele nunca perdia uma oportunidade de ridicularizar e repreender Henry, dirigindo-se-lhe severamente como «Duncan», olhando-o nos olhos como igual em debate e, por vezes, resvalando para o vernáculo quando lhe dizia para ir perder-se.

Mas, tal como o «Walter», o Albert também podia ser severo com a própria médium, fazendo-lhe ocasionalmente apartes na escuridão, embora ela devesse estar em transe. Uma coisa que ele não suportava (para além de Henry) era tossir, dela ou de qualquer outra pessoa. Numa sessão em Glasgow na década de 1940, ao ouvir uma tosse vinda de dentro do gabinete, Albert disse alto e secamente: «Pára com isso!» e, momentos depois, tão baixo que quase ninguém ouviu, sussurrou: «Pára de fumar.»

* * *

Em meados da década de 1980, Manfred Cassirer, membro do Conselho da SPR com interesse especial na mediunidade de Helen Duncan, concluiu que o equilíbrio entre fraude e genuinidade era «um problema de tal complexidade que até agora nem sequer se pode imaginar uma solução conclusiva». Talvez esse desfecho nunca se torne disponível. A busca por soluções conclusivas e círculos quadrados pressupõe uma definição de realidade consensual, o que é totalmente inadequado aos mundos da fantasia, da crença e da comunicação espiritual.

É possível elevarmo-nos acima do debate, tal como fez o psicólogo Carl Jung, cujo interesse no nascimento virginal de Cristo nada tinha a ver com a veracidade ou falsidade do famoso milagre, apenas com o facto de tal ideia existir. As ficções podem ser tão reveladoras como histórias mais verificavelmente verdadeiras. Assim, quando em 1946 Donald West

declarou que «a verdade é que Sr.^a Duncan é um enigma por resolver», escolheu não considerar que alargar o seu conceito quotidiano de verdade para abarcar interpretações alternativas do universo simplesmente deixaria de haver enigma para resolver. E os homens e mulheres cujas vidas abrangiam essas interpretações alternativas — aqueles que, pelo menos em certa medida, conseguiam aceitar a Helen Duncan pelo valor nominal — não eram apenas tolos simplórios, casos freudianos incuráveis ou cientistas excêntricos e aristocratas diletantes, mas algumas das pessoas mais influentes publicamente e politicamente poderosas das Ilhas Britânicas.

8

MUITAS MORADAS VIDA PÚBLICA E HOMENS PROEMINENTES

Através de livros como *Red Cloud Fala* de Estelle Roberts, Ena Bugg convertera o seu amigo Bob Brake ao Espiritualismo, de modo que, quando ele foi destacado para uma estação de radar da RAF em Preston, Lancashire, foi natural que se juntasse à igreja local da SNU. Uma noite de 1941 foi convidado para casa do presidente, onde conheceu uma mulher grosseira e corpulenta, apresentada como Sr.^a Duncan. «Os convidados conversavam junto à lareira quando Helen, até então sorvendo alegremente chá e fumando, desabou de repente e começou a falar como ‘Albert’.

Apagaram a luz e, com as chamas tremeluzentes a iluminar os rostos, o grupo inclinou-se para a frente para ouvir a primeira mensagem, que foi para Bob, de um cavaleiro que tinha passado deste mundo com problemas renais. Quando a luz foi novamente acesa, a Helen pensou que tinha estado a dormir.» Bob voltaria a encontrar a Helen, desta vez numa sessão de trombeta, à qual ela assistiu como simples participante e recebeu portanto mensagens.

O guia, «Joe», um soldado rude e expeditivo das trincheiras, colocou-a em contacto com o pai da Estelle Roberts, que cantou uma ária de Faust de Gounod, seguido de um operador de rádio que transmitiu uma mensagem em código Morse, que ele descodificou como um pedido de socorro. Não era um pedido de socorro qualquer: pertencia ao paquete Titanic em dificuldades, a bordo do qual o comunicador operático — o veterano jornalista W. T. Stead — tinha perecido com outros 1489 na noite de 14-15 de Abril de 1912.

Com a sua barba desgrenhada e fatos cor de mostarda, em vida Stead fora uma figura inconfundível em Fleet Street onde, como editor do Pall Mall Gazette, aperfeiçoara a mistura de piedade e pruridão característica da imprensa tabloide moderna. Mas na década de 1890 a sua cruzada contra o vício foi ultrapassada pela paixão pelo Espiritualismo. Embora céptico quanto à materialização — chegara a enviar Estelle a várias lojas de tecidos para tentar encontrar um pedaço de «ectoplasma» —, abominava a SPR e acreditava na autenticidade da fotografia espiritualista.

Não ficou calado por muito tempo após a morte. Sr.^a Etta Wriedt, uma médium que ele tinha combinado encontrar em Nova Iorque em 1912, foi instada a ir para Inglaterra, onde realizou centenas de sessões que encorajaram Estelle Stead a desenvolver os seus próprios poderes. Outras médiuns trouxeram mensagens de Stead. Uma que começava «Sou um dos passageiros do paquete Titanic. Não se pode conceber desastre mais terrível do que o naufrágio» deu início a uma disputa sobre o testamento de Stead — um de vários casos semelhantes.

O poeta Yeats foi contactado pelo sobrinho de um amigo, Sir Hugh Lane, que se afogara quando o Lusitania foi afundado em 1915. O Lane espiritual, contudo, estava menos preocupado com o codicilo do seu testamento do que com rumores de que se tinha suicidado. Yeats tendia a aceitar tais comunicações como reais e, tal como Oscar Wilde e George Bernard Shaw, foi influenciado pela teosofia. Numa missão a Paris, Yeats viu algo como «um fragmento da Via Láctea» no colo de Eva Carrière e, em 1917, assistiu a uma sessão com Sir William Barrett, da qual concluiu que Lane e outros espíritos eram entidades angustiadas que «deviam ser tratadas como um médico trataria um doente nervoso». Isso, argumentava ele, seria apropriado mesmo que se revelassem não mais do que personalidades secundárias das médiuns.

O Espiritualismo fizera parte da vida profissional na Grã-Bretanha desde a década de 1870, quando a sua fundadora, Kate Fox, casou com o bem relacionado advogado londrino H.D. Jencken (dizia-se que a mesa do banquete de casamento se erguera sobre duas pernas). As preocupações e crenças da classe média eram satisfeitas de diferentes formas, mas em 1914 o interesse académico pela materialização tinha diminuído, com a atenção dos Sidgwick agora concentrada nas «correspondências cruzadas» — mensagens perfeitamente encaixadas recebidas por pessoas como Margaret Verrall (professora de clássicas em Cambridge), Leonora Piper em Boston

e a irmã de Rudyard Kipling, Alice Fleming, na Índia. Crucialmente, esta investigação era alimentada não só pelo anseio religioso, mas pelo desejo de conhecimento que de outra forma seria inatingível na Terra.

Tradicionalmente, este fora um motivo clássico associado a tornar-se bruxo, de que Fausto era o exemplo literário mais conhecido. Em busca de inteligência superior, príncipes renascentistas empregavam magos e astrólogos (famosamente o Dr. Dee de Isabel I) e, inversamente, procuravam proteger-se da feitiçaria usada pelos inimigos: em 1607, a Lei da Bruxaria de Jaime I foi alterada para a tornar arma mais eficaz contra traição.

Era talvez inevitável, portanto, que da próxima vez que os espíritos fossem levados a sério na sociedade britânica, homens proeminentes na vida pública demonstrassem interesse na iluminação que deles poderia advir. Quando não o faziam, podia contar-se com a contagiosidade e a criatividade intencional do saber espiritualista para compensar a diferença. A história que emerge vai além da busca pela verdade religiosa e científica sobre a vida após a morte descrita nos capítulos anteriores e centra-se no poder e naqueles que o exerciam no governo, na política e na esfera pública.

Uma figura proeminente é Abraham Lincoln que, em 1831, dizem, visitou uma anciã negra em Nova Orleães que lhe informou que ele se tornaria Presidente e aboliria a escravidão. Durante a Guerra Civil, quando o Espiritualismo floresceu na América, Lincoln ficou devastado pela morte do filho e recebeu uma médium, Nettie Colburn, na Casa Branca. Em 1891 ela escreveu um livro que perguntava Was Abraham Lincoln a Spiritualist? à qual a resposta é: não, mas durante algum tempo pelo menos levou a mediunidade a sério. (Para um herói americano que era espiritualista, não procure mais do que o pistoleiro Wild Bill Hickok.)

Do outro lado do Atlântico, os monarcas coroados da Europa protegiam médiuns. D. D. Home frequentou cortes até São Petersburgo e em Inglaterra o lendário luto da Rainha Vitória pelo Príncipe Albert era tal que, mesmo que nunca tivesse flirtado com o Espiritualismo, os rumores teriam sido inevitáveis. Um relógio supostamente oferecido à médium «Georgiana Eagle» pela Rainha e mais tarde dado a Etta Wriedt por W. T. Stead era falso (havia um erro ortográfico na gravação), mas é mais plausível que as conversas com o criado real escocês John Brown tivessem conteúdo espiritualista, dado o seu primitivismo das Terras Altas. Rumores

de que ele atuava como médium dela, cujos registos alegadamente foram queimados, não têm fundamento. As provas do envolvimento de William Gladstone, o primeiro-ministro que mais tempo serviu Vitória, são mais convincentes. Para além da sua conhecida aprovação pelo trabalho da SPR, em 1877 disse a um jornal que não conhecia nenhuma regra que proibisse os cristãos de explorar o Espiritualismo, acrescentando no ano seguinte:

«Não partilho nem aprovo a atitude de simples desprezo com que tantos encaram os fenómenos.» Só o trabalho o impediu de se envolver mais, mas parece que visitou pelo menos uma médium, o materializador e editor de Fleet Street William Eglinton que, tal como Home, viajou muito e foi recebido na Rússia pelo Tsar.

Nem todos os grandes homens ficaram impressionados. Darwin saiu da sua única sessão em 1874 e ficou perplexo por o seu colega Alfred Russel Wallace ver o Espiritualismo como «uma ciência de vasta extensão» e base eterna para a religião e a filosofia. Mais veemente foi o aliado de Darwin, T. H. Huxley, que declarou famosamente: «O único bem que consigo ver numa demonstração da verdade do “Espiritualismo” é fornecer um argumento adicional contra o suicídio.

Mais vale viver como varredor de rua do que morrer e ser obrigado a dizer disparates por um “médium” contratado a uma guinea por sessão.» Tal como muitos ilusionistas, dizia-se que Dickens era médium, mas isso parece improvável, dado o escárnio que também derramou sobre a mediunidade. O facto de tais homens terem ido a sessões diz-nos algo. Na era das correspondências cruzadas, distinta dos melodramas crepusculares das sessões de materialização, estava a formar-se um fórum onde médiuns dignos, à vontade nos bosques académicos e no circuito londrino, eram contratados pelos abastados.

Na década de 1920, Geraldine Cummins, abalada pela morte do irmão em Gallipoli, iniciou uma carreira de cinquenta anos como médium, dividindo o tempo entre o oeste de Londres e a quinta da família em Cork. As suas obras mais famosas foram *The Scripts of Cleophas*, um suplemento ao Novo Testamento, e mais tarde *A Swan on a Black Sea*, comunicações recebidas de Sr.^a Winifred Coombe Tennant, a primeira delegada britânica à Sociedade das Nações.

Miss Cummins tinha muitos clientes abastados. Em 1939 visitou a mansão em Surrey de Lord Gerald Balfour, onde foi recebida em silêncio na sala de estar e, entrando em transe, produziu um maço de mensagens de

que Lord e Lady Balfour tomaram posse. «Depois todos se sentaram para almoçar, durante o qual os assuntos psíquicos não foram mencionados uma única vez.»

A proeminência em vida aumentava as hipóteses de regressar após a morte. Em 1947, o escritor espiritualista irlandês Shaw Desmond dirigiu-se a uma reunião em Newcastle-upon-Tyne na qual anunciou que o Presidente americano Franklin D. Roosevelt, falecido dois anos antes, visitara médiuns em busca de orientação política. Antes do final do ano, Geraldine Cummins relatara que o espírito de FDR falara através dela, prevendo o imperialismo económico dos EUA, agitação laboral para os britânicos e a ascensão de um líder forte em França.

Na América do século XIX, os comunicadores mais comuns eram Edgar Allan Poe, Thomas Jefferson e Benjamin Franklin, embora estes e outros comunicadores confirmassem a impressão do investigador da SPR Alan Gauld de que «se as grandes mentes deste mundo degeneraram tanto no próximo, a perspectiva para os peixes miúdos é realmente sombria». Quem quer que esteja familiarizado com a beleza matemática dos edifícios de Christopher Wren recuará perante a monstruosa Torre Arnewood vitoriana em Hampshire; que o arquiteto estivesse possuído por algo é certo, mas não era, como ele afirmava, Wren.

Na década de 1920, Margery produzia esporadicamente esboços de Wren e conseguia aforismos wildeanos aceitáveis; em 1923, a *Occult Review* relatou bons exemplos destes últimos a surgirem, embora as declarações de Shelley «teriam envergonhado esse génio em vida e certamente ultrajado a sua memória no mundo além». Harry Price encontrou certa vez uma parteira alegadamente controlada pelo poeta épico Homero, mas cujos versos «poderiam ter saído de uma caixa de biscoitos salgados de Natal».

A parvoíce abundava. Um Sir Walter Scott espiritual disse a Sr.^a Piper que havia macacos no sol e Gladstone, em vida impecavelmente patrício, confirmou a sua identidade com as palavras: «Yis, 'm 'im.» Após a guerra, Alan Crossley, um médium que não tinha dúvidas quanto a Helen Duncan, viu uma mulher que afirmava ser von Ribbentrop à procura do seu exército; quando Crossley a informou que von Ribbentrop fora Ministro dos Negócios Estrangeiros e, portanto, não tinha exército, ela tornou-se agressiva. Contou também de uma assistente controlada pelo espírito do seu cão de estimação que, ao som de gritos de «Deus te abençoe, amigo!»,

se arrastava pelo chão — a ladrar. Os círculos de transfiguração testemunhavam mais do que apenas zulus belicosos e mandarins inescrutáveis. Em 1935, um médium, esforçando-se por produzir Abraham Lincoln, chegou apenas à boca, ao passo que Edith Balmer conseguia fazer o rosto inteiro, mais Byron, Tennyson, Joseph Chamberlain e o Cardeal Newman.

Um assistente viu uma materialização de Lord Northcliffe na orelha de Sr.^a Balmer e, em 1948, Denys Parsons, embora céptico quanto a Sr.^a Duncan, ficou impressionado com um teste da SPR no qual a elástica Edith assumiu a aparência da Rainha Vitória, de Gladstone e de Sir Philip Sidney. Houdini regressava frequentemente em espírito, mas após três anos de mensagens a viúva perguntava-se se algum dia ouviria a palavra-código privada deles. Em 1936, no décimo aniversário da sua morte, mais uma vez o precioso Erich de Bess Houdini não apareceu numa sessão especial, pelo que ela decidiu apagar a luz no seu santuário.

* * *

As personalidades destinadas a trabalhar mais arduamente após a morte eram aquelas que tinham promovido o Espiritualismo em vida. Apesar do seu intelecto e credenciais, para muitos no establishment científico Sir Oliver Lodge foi longe demais com o seu Espiritualismo, que abraçara vinte anos antes da morte do filho Raymond. Confidente de pensadores radicais desde Joseph Chamberlain a George Bernard Shaw, foi atacado por Sir James Dewar, inventor do termo-flask, e por Charles Mercier, psiquiatra da escola behaviorista, embora o analista Freud aceitasse que a telepatia pudesse ser «uma espécie de paralelo psíquico à telegrafia sem fios» e possivelmente uma forma de comunicação atávica.

Para um físico cuja vida abrangia a Batalha de Balaclava e a Batalha da Grã-Bretanha, era compreensível que a especialização de Lodge em electricidade e telegrafia fosse acompanhada por interesse no magnetismo animal, mesmerismo, hipnose e telepatia, todos meios invisíveis pelos quais se obtinham efeitos físicos à distância. A metáfora para o funcionamento do cérebro, que no Renascimento fora hidráulica e nos nossos dias é digital, era na vida de Lodge telegráfica. A ideia estendia-se por toda a sociedade. Em 1886, o romance de Marie Corelli *The Romance of Two Worlds* fez da electricidade a matéria conectora entre Deus e a criação; camponeses franceses resistiram à instalação de linhas telefónicas

«malignas»; e na década de 1920 os médiuns eram comparados a emissores de rádio (Helen Duncan a um enorme emissor de rádio). Em 1931, *On the Edge of the Etheric* de J. Arthur Findlay ensinou que o universo consistia em ordens de vibrações das quais a mais elevada — a mente — se fundia no éter à morte, ideia que agradou a Lodge, que sabia que a física convencional podia acomodar a mediunidade. Na década de 1920 levou esta mensagem numa tournée de palestras pelos EUA e aí juntou-se ao debate sobre a mediunidade de «Margery». Inicialmente decidido a resistir aos preconceitos de Houdini, as suas esperanças de que Mina Crandon produzisse as impressões digitais de Raymond dissiparam-se gradualmente e em Julho de 1925 rejeitara até a ideia da sua «mediunidade mista».

A necessidade de proteger médiuns genuínos permaneceu, contudo, próxima do seu coração. Em 1928 protestou junto do Primeiro-Ministro Stanley Baldwin, que sugeriu educadamente que pedir imunidade legal para os médiuns poderia ser interpretado «como um pedido ao Governo para conivência na exploração fraudulenta do público». No mesmo ano, o Home Office arquivou recortes de jornais relatando dois suicídios de jovens que tinham experimentado o Espiritualismo.

A atitude de Lodge perante médiuns físicos era a relutância em permitir que a probabilidade de fraude obscurecesse o seu possível significado caso fossem genuínos. Qualquer desilusão que sentisse com Margery, portanto, um convite da LSA para ver uma das primeiras grandes atuações de Helen Duncan aceitou-o com esperança no coração. Na tarde de 30 de Outubro de 1930, Harry Price — conspicuamente ausente da lista de convidados — ouviu barulho das «pessoas lá em baixo» e saiu do laboratório: «Olhando por cima do corrimão enquanto subiam as escadas, não pude deixar de me perguntar o que a tarde traria. Não tardaria a saber, pois muito em breve o chão do meu escritório reverberava aos “Hurrahs!” e “Bravos!” dos que estavam por baixo, e soube que Sr.^a Duncan recebera o selo de aprovação dos espiritualistas.»

Lodge assistira enquanto Helen, sentada como uma boneca de trapos extravagante, fora examinada e vestida, e acompanhara-a até à sala de sessões onde os outros assistentes aguardavam. Sete minutos depois de ela ser atada ao saco e as luzes apagadas, uma tira de ectoplasma branco com trinta centímetros apareceu nas cortinas do gabinete e Lodge, a quem Albert elogiou o bonito nome, foi convidado a aproximar-se e a tocá-lo. O ectoplasma contorceu-se sobre a sua mão e ele voltou ao lugar, trocando

com outro assistente para ouvir melhor. Enquanto aguardavam «que alguém viesse tirá-la daqui e desmontasse os átomos», como o Albert disse, que físico digno desse nome resistiria a espreitar? Olhando para dentro do gabinete, Lodge viu a Sr.^a Duncan suada e a ressonar, e depois o ectoplasma novamente: «Era pesado, frio e pegajoso, a sua textura era como um feixe de fios paralelos com cinco centímetros de espessura. Poderia ter sido separado em filamentos.

Não era como fibra tecida, mas fibroso. Um odor ligeiramente desagradável permaneceu quer na minha mão quer nas minhas narinas como um ocasional sopro durante 12 horas depois.» Lodge observou enquanto o ectoplasma se coalescia num bloco. «Parece a cabeça de um bebê!», entusiasmou-se Henry, ao que a resposta previsivelmente seca do Albert foi: «Não é a cabeça de um bebê, achas que eu não tenho cérebro!» Lodge, que tinha um cérebro muito bom, não ficou excessivamente impressionado com estas inanidades de vaudeville; mas também não as criticou. Em vez disso, continuou a atuar como embaixador público do Espiritualismo em todas as suas formas.

No ano seguinte, Lodge palestrou para mais de dois mil homens na Portsmouth Brotherhood, para quem o seu exemplo era brilhante e inspirador. Conheciam-no melhor como autor do relato best-seller da sobrevivência espiritual do filho após a morte na Batalha de Ypres em 1915. Esse reencontro filial pouco tinha a ver com a mediunidade física oferecida por Helen Duncan e outras. Lodge ficara impressionado com Eusapia Palladino na Île Roubaud em 1894, mas tipos como Sr.^a. Piper e Sr.^a. Osborne Leonard eram mais o seu género, e era através destas mulheres mais sofisticadas que desfrutava das suas conversas regulares com o espírito de Raymond.

Gostava tanto de Etta Wriedt que lhe ofereceu um violoncelo e não se deixou abalar por acusações de que os ruídos do além na trombeta das suas sessões eram obtidos com um pó farmacêutico usado para revestir comprimidos. As dúvidas sobre a sua mediunidade eram superadas pela capacidade do seu guia, um emigrante de Glasgow do século XVIII para o Indiana, de a ligar a espíritos que falavam na maioria das línguas da Europa Ocidental, mais árabe, norueguês e croata.

As suas comunicações não eram apenas probatórias, mas emocionais, na medida em que construíam a ponte de amor até ao seu adorado filho, tema sobre o qual Lodge recebeu muitas cartas. Em 1933, uma Miss

Wainwright, professora reformada de St Leonards-on-Sea, sentiu-se impelida a escrever após ler os seus livros e receber mensagens numa tábua Ouija de um ex-aluno também morto em Ypres. «Caro Sir Oliver», maravilhou-se, «o que o senhor significa para nós que tateamos tão cegamente não pode ser expresso em palavras.»

A sua admiração bajuladora era partilhada pelo Muito Honorável W. L. Mackenzie King, Primeiro-Ministro liberal e idealista do Canadá, que procurou orientação no mundo espiritual depois de ser atirado para o deserto político no início da década de 1930, assistindo à primeira de muitas sessões em 1932. No ano seguinte escreveu, agradecendo a Lodge um exemplar autografado da sua autobiografia e expressando tristeza pela morte de Lord e Lady Grey, mas também a sua certeza de que tinham sobrevivido à morte. Disse que agora conhecia bem Etta Wriedt e que ela falava com carinho de Lodge e do seu violoncelo. Mackenzie King conhecera Lodge pela primeira vez em casa dos Grey em 1926, altura em que ainda era Primeiro-Ministro e estava na Grã-Bretanha para a Conferência Imperial na qual se estabeleceu o estatuto igual para os domínios.

Lady Pamela Grey era uma espiritualista devota que mandava o motorista buscar Sr.^a Osborne Leonard à sua casa em East Barnet e por vezes ia lá ela própria. Forneceu também um prefácio entusiástico para *Life Beyond Death with Evidence* (1927) do Rev. Charles Drayton Thomas: «Houve em todas as épocas alguns que afirmaram falar com os mortos e que nos transmitiram a sua mensagem. Pode ser que a mensagem esteja a ser registada, de forma frutuosa, finalmente.» De volta ao poder em 1936, o desejo expresso de Mackenzie King de abandonar a vida pública e dedicar-se aos escritos de Lodge pode ter sido mera lisonja, mas continua a ser significativo.

Mackenzie King, que nesse ano se opôs a sanções contra a Itália pela invasão da Etiópia, incluiu uma cópia de uma emissão do Dia da Memória na qual apelou às nações para «preservarem as bênçãos da paz» e confiava que as orações das crianças fizessem descer «legiões de anjos, cada um com o seu poder de salvar». Quando as orações falharam em 1939, e após consultar os espíritos, escreveu aos ditadores a apelar à paz, mas temia o pior. Nem foi esta a última guerra que viu aproximar-se.

Em 1947-8, ainda no cargo, sentou-se várias vezes com Geraldine Cummins e numa sessão no Dorchester Hotel em Londres foi aconselhado

a prestar atenção a desenvolvimentos graves na Ásia. Morreu em 1950, pouco antes do início da Guerra da Coreia.

* * *

A história do Espiritualismo ilustra como as memórias de uma guerra alimentavam o pressentimento da seguinte, mas também que os espíritos ofereciam uma forma de lidar com a «acumulação de morte» de Freud. O espírito de Raymond Lodge parece ter ajudado muitos soldados tímidos (em ambas as guerras mundiais) a regressar ao outro lado, ideia que adquiriu uma solidez inquietante em fotografias tiradas no Cenotaph, o principal memorial de guerra de Londres. Em Janeiro de 1924, Sir Oliver Lodge recebeu uma carta de Sir Arthur Conan Doyle com uma fotografia tirada por Sr.^a Ada Deane durante os dois minutos de silêncio no anterior Dia do Armistício, mostrando um miasma branco salpicado de dezenas de rostos masculinos. «Vale a pena examinar com uma lente», recomendou Conan Doyle. «O meu filho está certamente lá e, penso, o meu sobrinho.» Mais tarde nesse ano, Sr.^a Deane iniciou sessões com Estelle, filha de W. T. Stead, que levaram à publicação em 1925 de um opúsculo, *Faces of the Living Dead*, que ignorou as acusações do Comité de Ocultismo do Magic Circle de que as fotografias eram falsas.

No Westminster da década de 1920, o Cenotaph simbolizava a aceitação pública da morte, ao contrário da «Psychic Book Shop and Library» de Conan Doyle ao virar da esquina (telefone: «Ectoplasm, Sowesvt»), que representava uma negação privada da morte. Como ativista espiritualista, Conan Doyle não tinha o estatuto académico de Lodge, mas compensava com riqueza e energia, e a partir de 1918 incansavelmente percorreu a Europa, os EUA, a Austrália, a Nova Zelândia e a África do Sul. Diz-se que gastou 250 000 libras do seu próprio dinheiro a educar o público e a importunar políticos, o equivalente hoje a cerca de 5 milhões de libras.

Na primavera de 1929, o governo de Baldwin enfrentava uma eleição geral equilibrada a três, em que a competição pelos votos (incluindo os de todas as mulheres pela primeira vez) era intensa. Conan Doyle mandou enviar um questionário aos candidatos, prometendo apoio eleitoral (50 000 votos) a qualquer partido indicado pelo Comité Parlamentar da SNU, que se comprometia a reformar a lei. Tanto os Liberais como os Trabalhistas ofereceram compromissos escritos e, após uma reunião do comité de

emergência do Cabinet, o Ministro do Interior convidou os espiritualistas a redigir um projeto de lei, que receberia consideração simpática se os Conservadores fossem reeleitos. No final, o apoio foi para os Liberais — o que de pouco lhes valeu: os Trabalhistas venceram e Ramsay MacDonald tornou-se Primeiro-Ministro.

Quanto mais estabelecida a SNU se tornava na vida política, mais se esgotava a paciência com a SPR. Em 1930, Conan Doyle liderou uma onda de demissões, percebendo que o futuro estava na ação política prática e não na especulação académica confusa. A 1 de Julho de 1930, Conan Doyle chefio uma delegação da SNU ao Home Office, que incluía Hannen Swaffer, Charles Drayton Thomas e Sr.^a Philip Champion de Crespigny, directora do British College of Psychic Science e filha do Muito Honorável Sir Astley Cooper-Key. O Ministro do Interior J. R. Clynes ouviu afirmações de que o Espiritualismo tinha «uma grande contribuição a dar para a elevação moral e espiritual da sociedade» e de que as liberdades concedidas nos EUA e nos domínios deviam ser alargadas.

Clynes simpatizou, mas o fundamental era a lei, que, disse, existia para proteger o público contra a fraude e o «terrorismo mental». O deputado não espiritualista William Kelly, que apresentara a delegação, despediu-se com uma piada, esperando que a liberdade se materializasse antes de muito tempo. Seis dias depois, Conan Doyle estava morto, embora não desligado. A 8 de Julho, a Marylebone Spiritualist Association realizou uma sessão no Albert Hall para mais de 6000 enlutados, na qual Estelle Stead — agora Sr.^a. Estelle Roberts — viu clarivamente Conan Doyle na sua cadeira vazia e sussurrou uma mensagem à viúva de sorriso suave.

A partir daí, Conan Doyle intensificou a campanha, enviando mensagens para uma sessão noturna em Paris, para Harry Price via a médium do R-101 Eileen Garrett e para outra médium, Grace Cooke, que as suas atenções inspiraram a fundar a internacionalmente bem-sucedida sociedade espiritualista White Eagle Lodge. O rosto da médium de transfiguração de Manchester Sr.^a Bullock foi sequestrado pelo de Conan Doyle e uma médium canadiana foi fotografada a vomitar ectoplasma contendo não só a sua imagem mas também a de Raymond Lodge. Como vimos, o Brigadeiro Roy Firebrace recebeu uma mensagem e Helen Duncan conseguiu até uma fugaz materialização de forma completa.

Observando os desenvolvimentos da esfera da contemplação, o espiritual Conan Doyle deve ter ficado desapontado. Clynes frustrara as

ambições da SNU e, embora consentisse na redação de um projeto de lei, esse projeto estava condenado. O Spiritualism and Psychical Research (Exemption) Bill, que pedia o licenciamento de médiuns por igrejas oficialmente aprovadas, teve primeira leitura na Câmara dos Comuns em Novembro de 1930 e foi ridicularizado no Parlamento e na imprensa. Sir Oliver Lodge, que aconselhara que era demasiado ambicioso exigir reconhecimento ao abrigo da lei civil quando a batalha contra a lei criminal ainda não fora ganha, provou ter razão. O Home Office, que acompanhava de perto a opinião pública, rotulou privadamente o projeto de «ridículo» e após a segunda leitura escreveu aos whips dos partidos para o bloquear. E assim o deputado tory que divertiu a Câmara com o comentário de que era pena estragar as associações tradicionais entre médiuns e bruxas em vassouras levou a sua avante.

Mais para os bastidores políticos havia uma história ainda mais estranha. Em Outubro de 1930, Ramsay MacDonald sentou-se para jantar em Chequers sentindo-se inquieto com o R-101, ao qual o seu amigo Lord Thomson se juntara para o voo inaugural. As más notícias — previstas nesse dia num horóscopo de jornal — não o surpreenderam. A vida de MacDonald fora envolta em luto desde a morte da esposa Margaret, cuja presença sentia frequentemente. Pouco antes da formação do Governo Nacional em Agosto de 1931, uma amiga, a Effie Johnson, informou-o de que durante uma sessão de escrita automática a Margaret dissera: «Diz ao R. M. que preciso dele agora; preciso dele agora.» Nas semanas seguintes, Grace Cooke (já então em contacto regular com o Conan Doyle) recebeu mensagens semelhantes de Margaret, que disse que o trabalho do marido era construir a Irmandade do Homem da qual dependia o futuro do Partido Trabalhista e aconselhou que a Grã-Bretanha se aliasse aos EUA para se proteger de perturbações globais vindouras. A alegação da Sr.^a Cooke de que manteve longa correspondência com o Primeiro-Ministro soa verdadeira ao biógrafo de MacDonald.

Claro que ele não seria o primeiro chefe de governo tão envolvido. Arthur Balfour (Primeiro-Ministro 1902-6) fora Presidente da SPR em 1893, cargo ocupado em 1906 pelo irmão Gerald (antigo Chief Secretary para a Irlanda e Presidente do Board of Trade), e o seu envolvimento com médiuns era do domínio público. Menos conhecido é que em 1924, entre a demissão como Primeiro-Ministro e a eleição como líder Liberal, David Lloyd George escreveu a Sir Oliver Lodge a perguntar por uma sessão com

Sr.^a. Osborne Leonard, ao que Lodge respondeu que achava melhor mandar um carro buscá-la, como Lady Grey costumava fazer. Tal como Gladstone, MacDonald admitiu que deveria ter-se interessado mais pelo Espiritualismo do que o tempo lhe permitira, mas assistiu pelo menos a uma sessão. Em Abril de 1925 foi ligado ao recentemente falecido Ministro dos Negócios Estrangeiros Lord Curzon, que encarregou o líder trabalhista de promover a espiritualidade para evitar outra guerra.

Isso não conseguiu fazer e, uma década depois, com os sonhos pacifistas em ruínas, MacDonald retirou-se para Lord President of the Council. Em Outubro de 1936 fez um discurso na inauguração de uma biblioteca universitária em Edimburgo e, ao notar uma secção de 300 volumes intitulada «Demonologia e Espiritualismo», referiu-se a «uma onda de credulidade extraordinária entre jovens e pessoas atualizadas». Já não sendo jovem nem atualizado, um ano depois faleceu num paquete e as suas cinzas foram reunidas às da esposa no mesmo cemitério escocês.

* * *

Para Helen Duncan, o preço da fama não foi apenas a vilificação e a prisão, mas a aquisição forçada de uma persona moldada por um contexto mais amplo de vida pública. Os interesses espiritualistas dos grandes e bons, que enquadraram a vida de Helen, ajudam-nos a compreendê-la obliquamente no seu tempo, mas tiveram também um impacto mais directo nas vicissitudes da sua sorte. Os homens (e em menor grau as mulheres) que povoavam a política, o entretenimento, a ciência, a imprensa, o direito etc. também prodigalizaram atenção sobre ela; e fizeram-no não porque a amassem, mas porque reconheceram nela um recurso a explorar.

Isso era verdade até para muitos dos seus apoiantes, que mal toleravam a mulher que reverenciavam como médium; a vaidade e a ambição desta história pertencem-lhes tanto como a ela. Deste modo, a pobre Nellie veio a protagonizar a sua própria pantomima de fim de temporada, uma em que representava todos os papéis — a princesa e a mendiga, a heroína e a tola — e se viu abandonada em palco, cegada pelas luzes da ribalta e ensurdecida pelos apupos do público.

Após o julgamento de Helen Duncan, o Espiritualismo intrometeu-se na vida política muito mais do que o inverso. Sir Ernest Bennett, que trabalhara na Inteligência da Marinha durante a Primeira Guerra Mundial, tornou-se deputado trabalhista em 1929 e integrou a delegação britânica à

Sociedade das Nações em 1934. Não escondia o seu outro lado: listava as suas recreações no Who's Who como tiro, pesca e investigação de casas assombradas — sobre as quais publicou um livro em 1939. Em 1930-1, na altura em que Helen estava a ser testada, era Vice-Presidente da LSA e assistiu a nada menos de onze das suas sessões, incluindo aquela em que Sir Oliver Lodge esteve presente, e à sua primeira atuação, onde viu um rosto pequeno. A 5 de Dezembro roubaram-lhe o relógio e, sentindo um toque, olhou para baixo e viu dedinhos minúsculos; em Março do ano seguinte uma mão espiritual maior tomou a sua e apertou-a.

Nessa altura, os sentimentos de Bennett já tinham arrefecido quanto à «terrível mulher Sr.^a Duncan». A 15 de Maio de 1944, no Reform Club em Pall Mall, encontrou Harry Price, com quem passou uma hora ou duas a trocar memórias de Duncan, e Price ficou satisfeito ao saber que já em 1931 Bennett pensava que os rostos espirituais dela eram obtidos drapejando uma mão com musselina.

No entanto, a essa altura, a agenda avançara e importava menos o que Bennett ou qualquer outro político pensasse sobre a genuinidade ou fraudulentice da mediunidade de Helen Duncan, apenas o que a sua condenação ao abrigo da Lei da Bruxaria representava para as liberdades espiritualistas e, por extensão, britânicas — questão que, a partir da primavera de 1944, coube ao Ministro do Interior, Herbert Morrison.

No início de 1945, Morrison encontrou o seu velho aliado socialista Hannen Swaffer para almoçar no The Ivy, perto de Shaftesbury Avenue, e tiveram uma discussão amigável sobre a situação legal dos médiuns britânicos. Antes de se separarem, Morrison sorriu e disse: «Bem, vejo-te do Outro Lado», ao que «Swaff» respondeu ácida: «Herbert, tu já estás do outro lado.» Para a nação leitora de tabloides, Swaffer — que se dizia cético em relação a tudo exceto ao Espiritualismo — era um herói popular e, como rei da fofoca e das causas perdidas em Fleet Street, reinou ainda mais tempo do que W. T. Stead.

Cadavérico, desgrenhado e manchado de nicotina, o seu biógrafo comparou-o a um ator de teatro falido, as suas marcas registadas uma capa preta, uma gravata larga e uma beata de cigarro enfiada no rosto cavado. Um caricaturista em 1935 retratou-o como Dom Quixote inclinando-se contra moinhos com uma pena gigantesca, outro viu-o como ministro num gabinete fantasiado, com Bernard Shaw como Primeiro-Ministro e Sir Oliver Lodge como Ministro dos Negócios Estrangeiros («Este Mundo e o

Próximo»). Membro do círculo caseiro de Maurice Barbanell, mantinha contacto com o seu antigo chefe Lord Northcliffe e era amigo do artista Austin Spare, ensinado a pintar por uma bruxa que se gabava de ascendência até Salem. Tal como Lodge e Conan Doyle, Swaffer era tão ativista como frequentador de sessões e fizera parte da delegação da SNU ao Home Office em 1930.

Em correspondência brincalhona mas determinada com Morrison sobre a médium condenada Stella Hughes em 1943, sugeriu que, para ser coerente, o Ministro do Interior deveria também fazer cumprir leis antigas contra fazer empadas de carne picada, vender lagostas curtas e andar com charuto aceso — «Tremo só de pensar no que farás a Winston por causa disto.» Em 1945, Swaffer reproduziu as cartas num livro que pregava a importância do socialismo e do Espiritualismo para livrar o mundo de guerras futuras, objetivo próximo do coração de toda a nação.

Foi com espírito desafiador que Swaffer entrou na caixa das testemunhas no Old Bailey a 29 de Março de 1944 e recitou o juramento de forma irreverente, como uma graça dita por um estudante esfomeado. «Agora tome o juramento como deve ser», ordenou o Recorder, Sir Gerald Dodson, irritado. Swaffer tivera a precaução de consultar o Who's Who sobre Dodson e, sendo um flagelo implacável dos teatristas, deliciou-se ao descobrir que ele co-escrevera uma peça, que Swaffer sabia por experiência que teria sido atroz. Embora semelhante à das outras testemunhas de defesa, o depoimento de Swaffer foi proferido com muito mais à-vontade e só ele, referindo-se ao guia espiritual Albert, desdenhou do sotaque de Oxford como uma invenção da BBC.

A primeira sessão de Swaffer com Helen Duncan fora em 1932, a mesma em que ela escapara às algemas do mágico Will Goldston e ao cordão de seda atado, e na qual, recordou, a chama de um isqueiro de cigarro lhe fizera sangrar do nariz. Mais recentemente, Swaffer assistira às sessões de teste em Londres, incluindo a da casa de Percy Wilson em Wimbledon, e vira ectoplasma como neve viva formar uma corda grossa que jorrava das narinas dela, acrescentando que quem o confundisse com musselina teria de ser uma criança. Também não havia hipótese de ela estar a representar, ponto que deu origem a um diálogo jocoso entre juiz e testemunha, momentaneamente autor e crítico:

LOSEBY: Foi crítico de teatro?

SWAFFER: Infelizmente, sim.

O RECORDER: Para quem?

SWAFFER: O quê para, meu Lord?

O RECORDER: Disse «infelizmente». Para quem?

SWAFFER: Infelizmente para o pobre crítico que tem de assistir àquilo, meu Lord.

O Recorder, contudo, vingou-se negando a Swaffer a oportunidade de partilhar com o tribunal a sua prova do esófago normal de Helen Duncan, nem lhe permitiu tentar engolir a musselina que a Acusação trouxera. Embora Swaffer tenha posto Henry Elam à prova, a sua jactância posterior de que dera a volta ao «Conselho do Tesouro e depois saíra de rompante» foi excessiva e o júri pareceu pouco impressionado quando ele anunciou que também ele próprio recorria aos serviços de um guia, «Darak Ahmed». Nessa ocasião, o repórter tornou-se o reportado, a sua atuação colorida dando aos colegas jornalistas já cansados muito material para escrever. No Daily Mail da manhã seguinte, a manchete gritava: JUÍZ PROÍBE TESTE DE ENGOLIR NO JULGAMENTO DE «SESSÃO».

Era apropriado que o «Papa de Fleet Street» canonizasse Helen Duncan como a «Santa Joana do Espiritualismo» na imprensa popular. O seu julgamento, comparável ao de Sócrates, dizia Swaffer, era sinal de que «a ortodoxia voltara às vassouras» num Establishment que pouco se importava com as aspirações à tolerância estabelecidas na Carta do Atlântico de 1941. Após a condenação da Helen, o estilo e o conteúdo dos argumentos de Swaffer influenciaram muitos cidadãos indignados que mordiam a ponta da caneta, dos quais o Ministro do Interior recebeu sacos de correspondência aludindo às maquinações de uma Gestapo britânica e à perseguição de bruxas — «um dos grandes divertimentos da Idade das Trevas», dizia Swaffer.

Em Novembro de 1944, uma Sr.^a. Vernon-Smith de Folkestone acusou Morrison de trair as suas raízes e esquecer que os socialistas tinham estado outrora «do lado do povo, do lado do oprimido, do lado abusado pelo mundo, explorado pela política partidária e reprimido por malabarismos legais». Como outras do mesmo género, a carta mal datilografada era repetitiva e coberta de pontos de exclamação, sublinhados e correções a tinta; mas exprimia verdades sinceras e emotivas, todas diligentemente assinaladas a lápis azul por um funcionário do Home Office onde, numa era de sufrágio universal adulto, boa administração significava cada vez mais ouvir o público em geral em vez de apenas lhe dizer o que fazer.

Ligeiramente mais eloquente nos seus protestos foi o Air Chief Marshal Sir Hugh Dowding, nome conhecido desde a Batalha da Grã-Bretanha, durante a qual usara o radar para posicionar caças de forma cirúrgica, em oposição às táticas mais agressivas do seu companheiro espiritualista Leigh-Mallory. Pouco depois, «Stuffy» Dowding foi afastado e em 1942 reformou-se para se concentrar em informar o homem comum sobre a vida no Grande Além. Em 1943 causou polémica ao publicar no Sunday Pictorial cartas de militares mortos recebidas por escrita automática — muitos deles seus próprios pilotos de 1940 — e no mesmo ano escreveu Many Mansions, um manifesto espiritualista que apressou para impressão «enquanto todos estes rapazes têm as almas violentamente arrancadas dos corpos, deixando atrás de si entes queridos inconsoláveis».

Inspirado por Raymond, Dowding recorreu também a outra coletânea de mensagens do espírito de um soldado comum publicada em 1917 por W. T. P., um oficial em serviço. Aqui, o epónimo Private Dowding (sem parentesco) descreve como tentara ajudar os camaradas a transportar o seu corpo para o posto de socorros mas ficara para trás ao perceber que era um espírito. As mensagens de Sir Hugh Dowding da Segunda Guerra Mundial eram semelhantes: um marinheiro afogado que acorda num lugar estranho; um lojista norueguês a quem Deus disse para perdoar os nazis que o executaram; um piloto polaco fugitivo que se perguntava por que não estava cansado nem com fome; um oficial de tanque queimado cujo coronel, aparentemente alheio às balas que voavam à sua volta, o tomou pelo ombro e disse: «Não vês, Kit, estamos mortos.»

A contribuição de Dowding foi bem-vinda pelo movimento espiritualista. Em Julho de 1943 liderou a delegação da SNU da qual Charles Loseby foi porta-voz e foi recebido no Home Office pelo Subsecretário Osbert Peake, pois Morrison recusara recebê-los. Dowding qualificou as recentes acusações contra médiuns de «muito lamentáveis» e foi elogiado pelo deputado espiritualista presente, Thomas Brooks, por aumentar a consciência pública da sobrevivência. A correspondência subsequente entre Morrison e a SNU, por vezes ácida, foi amplamente divulgada.

Morrison fez inquéritos junto dos chefes de polícia e em Novembro de 1943 emitiu uma circular recomendando que se concentrasse em prevenir a «exploração por impostores de membros crédulos do público para ganho privado». A resposta privada da Polícia Metropolitana foi que essa fora a

sua política havia anos, «o ponto mais baixo de sempre». Não obstante, a SNU suspeitava agora que uma campanha generalizada contra médiuns era iminente e avisou um número selecionado daqueles que se julgava estarem em maior perigo para que exercessem cautela extra no seu trabalho. Esses poucos incluíam Helen Duncan.

Dowding sentou-se com vários médiuns, incluindo Estelle Roberts, e antes do fim da guerra assistia a sessões de materialização. Se chegou a sentar-se com Helen Duncan é desconhecido, embora Sr.^a Homer dissesse que ele manifestara interesse. Tendo anteriormente pensado no ectoplasma apenas como um «fenómeno extremamente misterioso mas aparentemente bem autenticado» e nas formas espirituais como «brinquedos do jardim-de-infância», ficou agora espantado com o que viu.

Tal como Conan Doyle e Lodge, Dowding subiu aos palanques, pregando sobre militares caídos que ansiavam por contactar os entes queridos e descrevendo o universo como um conjunto de esferas concêntricas, cada uma representando um estado de desenvolvimento espiritual. A 3 de Novembro de 1943 dirigiu-se a uma grande multidão em Portsmouth, que incluía Harold Gill, funcionário de uma Approved Society, que julgava o Espiritualismo «um monte de disparates» mas ficou impressionado com Dowding e não tardou a frequentar reuniões no Master Temple, onde ele e a esposa estavam na primeira fila na noite em que Helen Duncan foi detida.

Após o julgamento de Helen, Dowding escreveu ao Lord Chancellor citando as anteriores recomendações do Ministro do Interior, apenas para lhe ser recordado no início de 1945 que a Lei da Bruxaria se referia à impostura tal como a Lei dos Vadio. Outro memorando do Home Office foi enviado aos chefes de polícia recordando-lhes esse facto, acompanhado de um extrato da resposta do Lord Chancellor a Dowding. Com risos na Câmara dos Comuns, Thomas Brooks desafiou o Ministro do Interior a 3 de Maio e Morrison só se livrou por pouco de uma situação apertada culpando o capricho da interpretação legal.

Isso, porém, apenas expôs ainda mais a posição do Governo, levando o futuro arquiteto do serviço nacional de saúde, Aneurin Bevan, a perguntar de forma incisiva e profética: «Não será a lei ambígua o pior tipo de lei; e se houver alguma dúvida sobre este assunto, não deveria ser corrigida por nova legislação, para que os cidadãos saibam quais são os seus direitos ao abrigo da lei?» Cinco dias depois a guerra terminou e o espírito

democrático da pergunta de Bevan rapidamente impregnou todas as áreas da vida pública britânica.

* * *

Os apoiantes da Helen Duncan murmuravam sombriamente sobre conspiração. «O Estado», diziam, «tirara o pó a um estatuto arcaico para impedir que ela revelasse segredos suscetíveis de prejudicar o sucesso dos desembarques na Normandia — a maior invasão marítima de todos os tempos.» No início de 1944, o Maurice Barbanell escrevia um panfleto de propaganda: «É a Lei dos Vadio que estamos determinados a ver alterada. Não tememos o funcionamento da Lei da Bruxaria de 1735, pois é muito raramente invocada.» Aparentemente, os lacaios da lei percebiam que acusar alguém de bruxaria no século XX poderia soar um pouco ridículo. Mesmo antes da publicação, isto já estava desatualizado e teve de ser acrescentado um errata afirmando:

«Ninguém poderia ter previsto que no ano de 1944 o poder e a majestade da lei seriam invocados para iniciar uma acusação ao abrigo da Lei da Bruxaria de 1735, como foi feito no caso da Helen Duncan.» Não seriam, porém, precisos poderes clarividentes. Não só a linguagem da bruxaria já se infiltrava nas acusações ao abrigo da Lei dos Vadio, como o estatuto fora usado mais vezes do que os espiritualistas pretendiam.

Em Junho de 1805, em Kirkcudbright, na Escócia, onde um século antes Elspeth McEwen fora executada por enfeitiçar o gado dos vizinhos, Jean Maxwell foi condenada a um ano de prisão ao abrigo da Lei da Bruxaria por ler a sina nas folhas de chá, esfregar um líquido inebriante na cabeça de uma rapariga e assustar pessoas com arranhadelas de Satanás no braço. O julgamento da «Feiticeira de Galloway» suscitou grande excitação nos círculos jurídicos, tal como entre a população local, para quem foi impresso um panfleto best-seller cujo frontispício trazia a mesma passagem de Macbeth citada no capítulo um (p. 21).

A resposta sensacional sugere que a Lei de 1735 não era usada frequentemente, especialmente após a introdução da Lei dos Vadio em 1824, que permitia que adivinhos e similares fossem julgados sumariamente. Foi o acórdão de recurso no caso do escritor em ardósia condenado Francis Monck, em 1877, que chamou a atenção pública para o facto de tais infratores poderem ser julgados ao abrigo da mais grave Lei da

Bruxaria e, portanto, que não havia incentivo para o tribunal deturpar ou torcer a Lei de 1824.

A partir daí, os médiuns que se opunham a ser rotulados como vadios eram feitos a sentir-se afortunados por não terem sido julgados como bruxos. Um homem astuto da Cornualha foi indiciado ao abrigo da Lei da Bruxaria em 1894, embora o juiz se sentisse desconfortável com uma acusação formulada segundo «um estatuto quase obsoleto», sentimentos partilhados por um magistrado de Londres dez anos depois quando os adivinhos Charles e Martha Stephenson foram enviados a julgamento.

Neste caso, a Lei estava esgotada na tipografia do Rei e os Stephenson foram absolvidos. Apesar do desconforto com a palavra «bruxaria» ser usada em tribunal, a Secção 4 da Lei da Bruxaria cobria de facto as infrações cometidas por médiuns e adivinhos, e assim a polícia continuou a usá-la. Na década de 1920, pelo menos dois ciganos foram julgados ao abrigo dela: um em Northamptonshire recebeu um mês de trabalhos forçados por vender amuletos; outro na Cornualha foi condenado a seis meses de prisão por tirar 500 libras a um homem doente em troca de neutralizar os efeitos do mau-olhado.

Em 1935, magistrados de Bournemouth emitiram mandados contra vários médiuns, incluindo a clarividente galesa Nesta Lewis, que fora multada em 7 libras no ano anterior, questão levantada na Câmara dos Comuns pelo seu deputado E. A. Radford, mais tarde membro da delegação da SNU. Desta vez, Sr.^a. Lewis — alias «Nesta da Floresta» (o marido era druida) — foi multada em 25 libras ao abrigo da Lei da Bruxaria depois de um polícia disfarçado bêbado ter visitado o seu estabelecimento comercial situado entre a Marks & Spencer e o Electric Theatre.

O Home Office recebeu uma carta de protesto sobre o julgamento de Lady Knollys e abriu um processo. Em 1936, Nesta Lewis processou a revista John Bull por difamação no Tribunal do King's Bench, onde foi representada por Quintin Hogg, futuro Lord Hailsham. Perdeu; mas o juiz, Lord Hewart LCJ, não resistiu a perguntar à autora sobre o destino de Espanha, então dilacerada por lutas políticas, ao que ela respondeu: «O Rei e a Rainha regressarão lá.»

Nesta Lewis conseguiu lutar as suas próprias batalhas e mais tarde admitiu que a publicidade gerada pela ação lhe trouxe muitos novos clientes. Mas para mortais menores, os escalões superiores do movimento espiritualista estavam prontos a ajudar. Em 1937, o *Psychic News* tomou a

causa de A. H. Clive-Holmes, um médium de materialização preso em Wormwood Scrubs — na prática por conjuração — depois de um homem ter agarrado uma forma espiritual; um pedaço de ligadura de crepe apreendido sobrevive nos arquivos do IIPR. Maurice Barbanell importunou Sir Samuel Hoare no Home Office, divulgou a forma como ser enterrado vivo nas trincheiras tornara Clive-Holmes aterrorizado com a sua cela e criou um fundo para apoiar a família. O julgamento da Helen Duncan, portanto, não poderia ter sido exatamente o choque que Barbanell e outros fingiram, nem estavam desprevenidos.

Em 1942, na sequência de uma operação policial com dois agentes disfarçados de soldados convalescentes, os médiuns Austin Hatcher e Emily Little foram presos em Cardiff por «fingirem manter comunicação com espíritos falecidos para enganar pessoas»; e quando a Hatcher foi negada assistência espiritualista, a SNU usou rapidamente o seu caso como alavanca contra a injustiça.

Nessa altura, pois, a batalha já estava travada em diferentes partes do país. Mas este grau de atividade sugere que Helen Duncan foi processada não tanto como ameaça à segurança nacional, mas simplesmente como mais um incômodo que baixava a moral em Portsmouth — um ponto-chave de partida para o Dia D — no momento mais crucial da guerra. Para completar, verifica-se que a Lei da Bruxaria já fora usada uma vez antes pelos magistrados de Portsmouth: em 1939, uma cigana chamada Bessy Birch foi vinculada por receber dinheiro por aconselhar uma mulher que o seu anel estava enfeitiçado e que deveria enterrar meio quilo de bife com um cabelo humano e depois queimar uma luva com uma agulha e um alfinete dentro. Isso revelar-se-ia um importante precedente legal em 1944.

Afinal, as autoridades não teriam realmente receio dos poderes proféticos de Helen Duncan... ou teriam? Os nazis, claro, levavam o oculto suficientemente a sério. Obsessionado com astrologia, mesmerismo e Espiritualismo, Himmler criou um «Gabinete de Ocultismo» e uma equipa especial para estudar a caça às bruxas — embora aqui o objetivo fosse compreender a mecânica da perseguição mais do que a própria bruxaria. Hitler acreditava que o seu destino era determinado pela providência divina, ideia que elaborou com a teoria da criação da «eletricidade telúrica» de Hans Goldzier e a «força ódica» de von Reichenbach, vista por algumas pessoas em emanações luminosas de cristais. Usar um pêndulo sobre mapas para localizar navios de guerra era outra das excentricidades de Hitler.

Pouco se pode inferir sobre as atitudes britânicas a partir disto; no entanto, um princípio básico da recolha moderna de informações é: pensa o impensável ou o teu inimigo pode fazê-lo.

O Dr. Walter Stein, ocultista vienense, escapou a ser recrutado para o Gabinete de Ocultismo nazi e fugiu para a Grã-Bretanha, onde se tornou conselheiro sobre as crenças de Hitler, que incluíam, disse ele, uma obsessão pelo poder de uma relíquia alegadamente a lança que perfurara o lado de Cristo. O Ministério da Guerra empregou um astrólogo em Grosvenor House, Louis de Wohl, que traçou o horóscopo de Hitler para prever os seus movimentos e após a guerra uma figura sombria chamada Ernest Montgomery alegou ter feito parte de uma unidade psíquica do MI5 a partir da qual viajava por trás das linhas inimigas em forma astral — presumivelmente como a Henry Duncan a visitar a irmã em Arbroath, mas mais perigoso.

Poderia esperar-se que a história do oculto em tempo de guerra estivesse inundada de fantasias; mas devemos ter cuidado ao rejeitar tudo. Em 1940-4, a Geraldine Cummins realizou trabalho psíquico «de natureza investigativa empreendido por motivos patrióticos», um relato do qual se diz ainda estar na posse de um departamento governamental; outro, feito em 1949, permanece trancado nos arquivos da SPR.

Em 1938, o Coronel Maltby do MI6 pediu ao especialista em bruxaria Cecil Williamson que compilasse uma lista de alemães de alto escalão que se dedicavam ao oculto, trabalho que levou Williamson a criar um «Centro de Investigação da Bruxaria». Com o início da guerra serviu nos Royal Signals e, além de monitorizar o trabalho dos astrólogos nazis, também emitia propaganda e jazz «degenerado» para as tripulações de submarinos U-boats. Maltby achava o oculto uma tolice; mas esse não era o ponto. Os serviços de informações existiam para recolher informação; as fontes eram uma consideração secundária.

O Williamson, crente, alegou também ter testemunhado a «Operação Visco», um ritual realizado numa floresta de Sussex em 1941 pelo ocultista Aleister Crowley a pedido do MI5, onde um boneco com uniforme nazi foi queimado, rodeado de soldados de robe branco. Após a Queda da França, a «Operação Cone de Poder» foi lançada por uma convenção de bruxas na New Forest, uma cerimónia destinada a impedir Hitler de invadir, e grupos como a Society of the Inner Light realizaram muitos atos semelhantes no que foi chamado a «Batalha Mágica da Grã-Bretanha». Sir Hugh Dowding

era apoiante da campanha «Cruz de Luz» na qual o White Eagle Lodge de Grace Cooke distribuiu cartazes por Londres com a intenção de concentrar pensamento positivo e invocar poder espiritual contra as forças das trevas. Se partilhava da opinião deles de que fora esse surto que vencera a Batalha da Grã-Bretanha é menos certo.

Talvez os serviços de segurança não precisassem de acreditar que Helen Duncan era uma médium genuína para se preocuparem. A informação fluía dela numa altura em que a vitória dependia do segredo, e o MI5 dificilmente ignoraria tal mulher, por mais forte que fosse a intuição de que era inofensiva. «Havia certamente algo de invulgar na forma como ela foi tratada.» Deve-se ser cauteloso com a explicação do Home Office de que a responsabilidade de enviar um caso para o Old Bailey cabia aos magistrados de instrução; que era conveniente realizar o julgamento em Londres porque muitos testemunhos aí viviam (poucos viviam); e que o caso teria de esperar muito tempo até às próximas sessões dos tribunais superiores.

Poderia ter sido julgado sumariamente pelos magistrados de Portsmouth ao abrigo da Lei dos Vadio, ou poderia ter ido para as sessões trimestrais locais. Mas isso não aconteceu; nem é inteiramente verdade dizer que a decisão cabia aos magistrados: o Clerk do Old Bailey enviou uma nota (que sobrevive no Public Record Office) a informá-los de que o caso seria transferido para Londres «pelo motivo especial de que há circunstâncias especiais que tornam o caso invulgarmente grave e difícil e que atraso e inconveniente seriam causados por envio para sessões trimestrais ». Por que era o atraso tão indesejável num caso que parecia uma simples impostura vexatória?

Embora a Polícia Metropolitana negue ter quaisquer registos relativos a Helen Duncan, o Brigadeiro Firebrace alegou que após o afundamento do HMS Hood, a Scotland Yard pedira o seu conselho sobre como silenciá-la e que, «do ponto de vista das autoridades, Sr.^a Duncan era uma pessoa perigosa», fora por isso visada. Mas por quem? Desde 1944, Stanley Worth tem sido chamado toupeira, espião, testa-de-ferro e assim por diante, e embora pouco se tenha dito em tribunal sobre a sua associação com a polícia, o pai fora sargento superior na Polícia Metropolitana transferido para Portsmouth; o tio, Percy Worth, era o Chief Constable na Scotland Yard; e antes da guerra o próprio Worth fora *special constable* (polícia voluntário não remunerado) na Met em Harlington, Middlesex. Também se

tornara amigo do Chief Constable Arthur West e da família depois de estes terem assistido a um evento na sua base naval. Havia mais. Após a guerra, o filho de Percy Wilson, Richard, alegou que «todo o caso fora uma conspiração da polícia de Portsmouth, que se revelou mais difícil do que esperavam».

E dos Wilson veio uma alegação espantosa. No Natal de 1943, John Lock, armazenista nas fábricas de automóveis de Cowley, visitou os pais em Portsmouth — William e Bessie, o vendedor ambulante licenciado e a esposa presentes no Master Temple a 19 de Janeiro de 1944. William Lock disse ao filho que um oficial naval chamado Worth se juntara à sua igreja espiritualista poucas semanas antes e que, como ex-polícia ele próprio, pressentia que Worth trabalhava para a polícia para desmascarar Sr.^a Duncan. (Disso os Lock negaram todo o conhecimento no julgamento, embora fossem amigos de Charles Burrell, o médium dos estaleiros que avisara os Homer contra a fraude. Nem Worth admitiu conhecer os Lock antes do início dos procedimentos criminais.)

Além disso, os Wilson alegaram que a 3 de Janeiro de 1944 John Lock estava a discutir sessões de materialização com William Spencer, capataz soldador que assistira a sessões de Duncan e estava convencido de que ela era genuína. Lock apostou-lhe 5 xelins que ela seria detida dentro de poucas semanas e assim aconteceu. Percy Wilson arranjou para que Spencer aparecesse como testemunha no Old Bailey, mas nunca foi chamado. A história informou o pensamento tanto da Acusação como da Defesa, mas quão verdadeira era é impossível estabelecer. Em 1958, Percy Wilson repetiu o seu relato na conferência anual do College of Psychic Science em Brighton, mas aqui acrescentou não só que fora na realidade Spencer quem tinha acesso à informação secreta, mas que ele era sobrinho de Worth!

Stanley Worth negou ser testa-de-ferro da polícia e que tivesse lidado com alguém além do Detective Inspetor Ford quanto a Helen Duncan; o tio nunca estivera envolvido, nem tinha sobrinhos. Claramente, porém, reteve alguma coisa: o homem da SPR Donald West alega tê-lo encurralado e achou-o «muito mais franco e revelador do que quando posto na defensiva por interrogatórios agressivos na caixa das testemunhas». Embora possa não ter lidado diretamente com Worth, o Comandante da polícia Arthur West supervisionou pessoalmente a investigação e numa entrevista à BBC em 1975 admitiu que o Almirantado queria a Sr.^a Duncan fora do cenário

sem grande preocupação com a forma como ela obtivera conhecimento sobre o afundamento de navios de guerra. No início de 1944 havia a sensação de que algo tinha de ser feito e, após o seu relatório ao DPP, discutiu-se uma acusação ao abrigo da Lei dos Vadio. «Mas nada disto parecia cobrir o que estávamos a tentar nestas circunstâncias», recordou, «e portanto o Diretor disse: olha, vamos usar a velha Lei da Bruxaria. É velha, disse ele, mas cobre o que queremos. E foi essa que usámos.» A aprovação veio rapidamente do Almirantado.

West não mencionou a assistência de Douglas Craggs e do Magic Circle. Numa carta a Harry Price datada de 29 de Janeiro de 1944, a Mollie Goldney partilhou as suas suspeitas de que o Magic Circle estivera envolvido na queda de Sr.^a Duncan; mas Price já o sabia. No dia seguinte, Craggs escreveu-lhe a dizer que a investigação do Magic Circle em Portsmouth se tornara agora um assunto policial e que: «Pedem-nos para ajudar e desejamos fazê-lo se de alguma forma for possível. Temos estado em contacto constante com a Scotland Yard e espero que eventualmente consigamos resultados.»

A resposta de Price não é conhecida; mas é certo que emprestou a sua perícia, livros, fotografias e correspondência ao Comandante da polícia West, e que o julgamento decorreu praticamente como ele previra. A 9 de Fevereiro de 1944, West enviou *Regurgitation and the Duncan Mediumship* de Price ao representante do DPP, J. E. Robey, dizendo que, tendo revisto os factos do caso em relação à acusação, «sinto-me satisfeito de que estas quatro pessoas terão alguma dificuldade em provar a sua inocência.»

Outra pista: entre os papéis de Harry Price encontra-se um cartão de cortesia da pequena livraria de Portsmouth gerida pelo War Reserve Constable Rupert Cross. Isto tem de ser mais do que coincidência.

Por mais satisfeitos que estivessem a polícia, o DPP e o Almirantado, após o julgamento o Home Office começou a preocupar-se. O Assistant Under-Secretary Francis Graham-Harrison contactou o seu superior, Sir Frank Newsam (ambos presentes quando o Home Office recebeu a SNU em 1943), depois de lhe ter sido dito por J. B. Robey, em conversa, que a Acusação acrescentara a acusação de bruxaria sem consultar o DPP.

O Newsam pediu ao Under-Secretary Theo Mathew que averiguasse se isso era verdade e, a 6 de Abril de 1944, Mathew escreveu ao DPP, Sir Edward Tindal Atkinson, a perguntar por que razão fora usada a Lei da

Bruxaria, indicando que o episódio Duncan se estava a tornar uma dor de cabeça de relações públicas para o Home Office. Em vez de julgarem os arguidos por fraude, disse Mathew, as autoridades tinham jogado a favor dos espiritualistas que «exploraram ao máximo o facto de Helen Duncan ter sido condenada ao abrigo de uma Lei que podem, com alguma razão, apresentar como um anacronismo e completamente desalinhada com o sentimento contemporâneo».

Em resposta, Tindal Atkinson afirmou que pessoalmente teria preferido que a acusação principal fosse conspiração para defraudar ao abrigo do direito comum, mas que era sua prática habitual permitir que os advogados elaborassem os seus próprios indiciamentos. Nesta ocasião, explicou, o Procurador Geral nomeara John Maude KC, que considerava que o caso seria melhor provado ao abrigo da Lei da Bruxaria.

Um ponto final parece ter passado despercebido à posteridade: a presença de um oficial dos Serviços Secretos no julgamento da Helen Duncan. Se o MI5 tivesse de processar pessoas que violassem leis de segurança, fazia sentido que eles próprios acompanhassem o caso até ao fim — como no julgamento do traidor William Joyce (alias Lord Haw-Haw) em 1945, por exemplo. Contudo, alguns oficiais relutavam em comparecer — usando uniforme, como eram obrigados — porque testemunhar revelava as suas identidades. Não havia nenhum oficial fardado no Old Bailey em Março de 1944, embora o envolvimento do MI5 seja indubitável.

Um Major Nicholson presente numa reunião de chefes de polícia a 17 de Maio de 1945 era, dado o seu posto militar, quase certamente um oficial do MI5 e, ao discutir médiuns fraudulentos, argumentou que era necessária maior coordenação devido às «dificuldades que experimentara na recente acusação nesta área», presumivelmente o caso Duncan. Em 1943-4, o trabalho do Inter-Services Security Board — que reunia o Almirantado, o Ministério do Ar, o Ministério da Guerra e o MI5 — era dominado pelos preparativos para o Dia D e em todas as reuniões discutiam-se os últimos rumores públicos.

Para recolher histórias, a Divisão ‘B’ do MI5 (Contra-Espionagem), liderada por um antigo especialista em subversão da Scotland Yard, dependia da sua rede de uma dúzia de oficiais regionais de ligação de segurança aos quais os chefes de polícia relatavam «assuntos de especial interesse para a segurança». Durante a guerra, o MI5 recrutara os chamados

«homens de discrição»: os governantes naturais da Grã-Bretanha, saídos das escolas públicas, que seguiam instintos de classe em vez dos ditames de uma burocracia corrupta — o modelo europeu. Muitos vinham da profissão jurídica e recebiam o posto honorário de major no Intelligence Corps.

Um deles era John Maude. Em 1939 juntara-se ao MI5 e, como era habitual, era descrito simplesmente como «Funcionário Civil temporário no Departamento da Guerra do Estado Maior do Ministério da Guerra e em Dezembro de 1939 foi colocado à frente de uma secção que tratava de fugas de informação. Na primavera do ano seguinte esse trabalho era feito pela secção B19, da qual Maude também era chefe até que a B19 foi extinta, renomeada B1K e, em Maio de 1943, absorvida pela SLB2, a subdivisão da unidade jurídica do MI5 responsável por fugas de informação.

A própria Maude viajava disfarçada para investigar a origem de rumores (pelo menos uma vez até à Escócia) e foi responsável pela implementação de um esquema para colocar agentes que se faziam passar por criados domésticos em embaixadas estrangeiras. A partir de 1942 trabalhou especificamente para os Gabinetes do Ministério da Guerra. Certamente, portanto, a escolha do Procurador Público de Maude para o caso grave e difícil da Helen Duncan foi feita tendo em conta esta experiência.

A Mollie Goldney, que mantinha o ouvido muito colado ao chão, suspeitava não só do envolvimento do Magic Circle como do Almirantado, o que, na sua opinião, explicava a presença de um oficial naval como principal testemunha de acusação. O espiritualista B. Abdy Collins disse-lhe não só que acreditava que o julgamento da Duncan decorreria do incidente do Barham, mas que o advogado de acusação oferecera reduzir a acusação com a condição de a Defesa consentir que Sr.^a Duncan fosse encarcerada por seis meses «durante a próxima ofensiva». Loseby recusou. Poderá ser que as «atividades de caça às bruxas» que Churchill criticara outrora no MI5 se tenham literalmente concretizado?

* * *

Os espiritualistas sempre defenderam que Churchill ficou indignado com a condenação da Helen Duncan porque era um dos seus. Ao escapar de um campo de prisioneiros durante a Guerra dos Boers, diz-se, traçara a orientação com uma planchette, um lápis montado numa base com rodas

usada por médiuns para escrita automática. Como político, atraía várias cartas de espiritualistas. Em 1922, uma canadiana enviou-lhe poemas do espiritual Shelley, incluindo 7350 palavras de «A Song of Italy», que falava de Cristo a aproximar-se da terra escurecida através das esferas etéricas de luz. O Conan Doyle também correspondeu. «Gostaria que o senhor próprio investigasse esta questão psíquica», suplicou em 1923. «É de longe a coisa mais importante na terra e precisamos de líderes com energia.»

Que Churchill seria um dia Primeiro-Ministro fora predito pelos espíritos numa mensagem não solicitada que lhe enviaram em 1915, quando era um dos ministros de Asquith. Após o desastre dos Dardanelos, Churchill serviu nas trincheiras com os Royal Scots Fusiliers durante alguns meses e, embora não haja provas da ideia espiritualista de que ele e Charles Loseby foram camaradas de armas, é bem possível que se tenham encontrado como comandantes de batalhão em Ploegsteert em 1916.

Após a guerra, conheceram-se certamente bem. Em 1919, como Secretário da Guerra, Churchill recebeu uma delegação de Loseby acerca da promoção de praças a oficiais e também lidou com ele em relação a bónus de guerra. De facto, cobrindo o período 1918-22, o curriculum vitae de Loseby diz: «Trabalhei de perto com Winston Churchill para quem fiz várias missões — nunca perdi contacto» — relação confirmada por correspondência da década de 1920 e pela filha de Loseby, que se lembra de Churchill visitar a casa deles. Tudo isto pode explicar referências crípticas espiritualistas a Loseby ter sido um dos espíões de Churchill, mas de modo algum prova que Churchill partilhasse as simpatias espiritualistas de Loseby, embora devesse estar ciente delas.

Pelas cartas que recebeu em 1944, Churchill pode também ter estado consciente do sentimento público acerca da Helen Duncan. Após a sua detenção, uma dona de casa de Bath chamou a atenção do Primeiro-Ministro para a interferência policial no trabalho de médiuns que tinham «trazido conhecimento e conforto espiritual nestes dias sombrios» e disse que o seu filho, desaparecido desde a Batalha de Creta, era «apenas um de muitos que lutaram, e ainda lutam, pela preservação de um modo de vida idealista para estas ilhas».

A notícia da condenação de Helen comoveu o seu bom amigo Sr. Latimer em Alloa, a vinte milhas de Glasgow, a informar Churchill de todas as coisas maravilhosas que vira — os espíritos vestidos com vestes cintilantes, a luz dividida prismaticamente — mas disse estar certo de que

Churchill já sabia tudo sobre o poder espiritual, «pois nenhum mero homem poderia ter carregado o seu fardo sem ajuda». Como muitos outros, a sua carta terminava com um apelo: «O senhor é um grande homem, mas seja um homem justo e veja que esta mulher obtenha justiça ou a sua Carta será em vão e a Gestapo da religião ainda vive.» Tipicamente, tais cartas eram encaminhadas para o Home Office e podem nem ter chegado à secretária do Primeiro-Ministro, mas Churchill soube contudo da Helen Duncan e foi impelido a comentar. Na segunda-feira, 3 de Abril de 1944, enviou uma minuta pessoal a Herbert Morrison que dizia:

Que me tragam um relatório sobre por que razão a Lei da Bruxaria de 1735 foi usada num tribunal de justiça moderno. Qual foi o custo deste julgamento para o Estado, observando que testemunhas foram trazidas de Portsmouth e mantidas aqui nesta Londres apinhada, durante quinze dias, e o Recorder mantido ocupado com toda esta tolice obsoleta, em detrimento do trabalho necessário nos tribunais?

No mesmo dia, Morrison encaminhou a carta a Theo Mathew, que redigiu uma resposta afirmando que não cabia ao Ministro do Interior interferir numa acusação criminal; que a polícia fizera bem em atuar contra a fraude, especialmente «em tempo de guerra quando os familiares de homens mortos ou desaparecidos são vítimas fáceis»; e mais uma vez que eram os magistrados, não a polícia, que alocavam casos a tribunais específicos. A questão da Lei da Bruxaria foi deixada em aberto, propondo nova consideração quando fosse feito um relatório completo, ponto que Mathew explicou assim: «Incluí esta frase caso tenhamos de fazer algo para aplacar a opinião predominante de que uma lei é insatisfatória por ser antiga.

A minha opinião é que a Lei de 1735 é uma medida muito sensata e natural que se compara favoravelmente com a superstição e irracionalidade galopantes em 1944.» Finalmente, Mathew defendeu que despesa e inconveniente eram «parte do preço a pagar por manter o direito a ser julgado por um júri». Morrison eliminou uma passagem que admitia que noventa por cento dos julgamentos por indiciamento eram feitos sumariamente — isso apenas teria sublinhado que o caso da Helen Duncan era peculiar — e a resposta foi datilografada de novo, assinada e enviada a 6 de Abril. Churchill ficou sem dúvida satisfeito e o assunto ficou por ali.

A minuta de Churchill não fora bem «o pedido de inquérito e repreensão» que alguns espiritualistas ainda a consideram, nem ele se

levantou na Câmara dos Comuns para «deixar o mundo saber onde se posicionava quanto ao julgamento da Helen Duncan». Se alguma coisa, irritou-o que recursos fossem desperdiçados numa altura em que a eficiência nacional era crucial e, de qualquer modo, as suas emoções estavam dominadas pela morte de Orde Wingate, o impetuoso líder dos Chindits na Birmânia, em quem Churchill se via como jovem.

A de Morrison foi apenas uma de várias minutas pessoais enviadas a 3 de Abril — outros assuntos que preocupavam Churchill incluíam a situação política em Itália e o acordo russo-japonês sobre o Norte de Sakhalin. Churchill e Morrison encontraram-se no mesmo dia no War Cabinet, onde se concentraram em assuntos tão pesados como a política de bombardeamentos em territórios ocupados, receios de agitação industrial e relatórios de um ataque bem-sucedido ao último couraçado alemão, o Tirpitz; nem o *l'affaire Duncan* foi mencionado durante o resto da semana, ao passo que transportes internos, política nacional da água e aviação civil o foram.

Em ocasiões passadas em que Churchill tivera de lidar com o Espiritualismo, mostrara todo o pragmatismo construtivo que se esperaria de um homem que contava a alvenaria entre as suas recreações. Como Home Secretary em 1910-11, nada fizera para travar a Polícia Metropolitana nas suas rusgas periódicas a adivinhos e médiuns, e pode até ter sancionado deliberadamente a sua política. Quando interpelado sobre o assunto na Câmara dos Comuns em 1911, remeteu despreocupadamente o interlocutor para os termos da Lei dos Vadio de 1824. Como Chanceler do Tesouro em 1928, Churchill foi chamado a suprimir uma palestra da viúva do Capitão Walter Hinchcliffe, cujo avião se perdera sobre o Atlântico nesse ano. Sr.^a Hinchcliffe contou como ele regressara através de médiuns como Estelle Stead e Eileen Garrett, que fora encorajada a encontrar por Sir Arthur Conan Doyle, e como o espírito de W. T. Stead ajudara o marido a contactá-la.

Churchill era todo a favor de uma repreensão, mas o Public Trustee aconselhou contra antagonizar «o gangue Stead—Conan Doyle» e em vez disso a palestra foi ligeiramente censurada.

A história de que Churchill era frequentador regular de sessões, que visitara a Helen Duncan em Holloway, tivera uma sessão privada na cela dela e prometera compensá-la, era uma fantasia inevitável. Escusado será dizer que sugestões de que outros assistentes incluíam Mackenzie King, o

General de Gaulle, a Rainha Mãe e o Chief Sitting Bull devem ser tratadas com cautela, embora ironicamente o facto de Sitting Bull ter morrido em 1890 o tornasse o candidato mais provável se algum destes lhe tivesse realmente feito uma visita. A partir do Outono de 1945, a amiga de Mackenzie King, Mercy Phillimore, organizou sessões para ele na LSA e em 1947 prometeu «alguns dos melhores médiuns», embora não esteja registado se estes incluíam Helen Duncan (como os espiritualistas afirmam).

Sentou-se com a Lilian Bailey, cujo próprio desenvolvimento como médium de transe fora inspirado pela materialização por Helen de um oficial da Primeira Guerra Mundial, mas provavelmente foi o mais perto que Helen chegou de um chefe de Estado. A sugestão de que, como sagitarianos, Helen e Winston se compreenderiam pode muito bem ser verdade, mas nada diz sobre as crenças do grande homem. Não usou um lápis de planchette para escapar aos Boers, mas foi essa a metáfora que escolheu para descrever o instinto da sua marcha. Recordando a sua aventura sul-africana, Churchill falou da «assistência desse Alto Poder que interfere nas sequências eternas de causas e efeitos mais frequentemente do que estamos sempre dispostos a admitir».

Churchill era um homem de qualidades pessoais extraordinárias e, além de pragmático implacável, era um romântico livre-pensador, espiritual sem ser espiritualista e, tal como o seu grande adversário Hitler, acreditava ser um homem do destino.* Era também caprichoso nas suas atitudes e não pode ser resumido nem por uma fase anti-religiosa que atravessou após ler *History of the Rise and Influence of the Spirit of Rationalism* de W. E. H. Lecky, nem pelo virar de espírito metafísico que o inspirou, no final da década de 1940, a escrever uma história em que sonhava que o espírito do pai regressava para o interrogar sobre o século XX.

Para Churchill, tal como para os virtuosi inquisitivos do século XVII, tudo era interessante. Possuía pelo menos um livro sobre espíritos — possivelmente *The Vanity of Dogmatizing* (1661) de Joseph Glanvill — que em 1904 emprestou a Pamela Tennant, que em 1922 se tornou a segunda esposa de Sir Edward Grey após a morte do marido dela. A carta de agradecimento que acompanhou o volume devolvido dizia que a família Grey, com quem já estava familiarizada, tinha «uma cópia do livro de Glanvill sobre Bruxaria — *Sadducismus Triumphatus* (1668)» e expressava horror pela manifesta injustiça dos tempos das fogueiras. «Estas pobres

bruxas inocentes», lamentava-se, «eram sem dúvida pessoas com dons psíquicos. Como poderíamos estar mais avançados nessa direção se um tratamento tão rigoroso deste assunto nunca tivesse existido.» O espiritualismo que ela ostentava depois de se tornar Lady Grey estava portanto já em evidência muito antes de conhecer Etta Wriedt ou Mackenzie King.

O colosso da Grã-Bretanha do século XX, tal como tantos dos seus contemporâneos, não excluía nem incluía definitivamente os espíritos. A 25 de Novembro de 1947, três dias após uma sessão com Geraldine Cummins, Mackenzie King encontrou-se com Churchill e informou-o de que o espírito de Roosevelt lhe enviara uma mensagem. Churchill pediu para ficar com uma transcrição. O que pensou disso é impossível determinar, mas Mackenzie King acreditava que ele o levava a sério, registando no seu diário que o relato da sessão lhe fora devolvido acompanhado por «uma notazinha muito significativa».

A abertura de espírito de Churchill a tais ideias pode ser ainda demonstrada pela sua correspondência anterior com um astrólogo de Norwich chamado R. G. Hickling, cujas previsões e recomendações desconexas ele levou a sério ao ponto de as partilhar com colegas do Cabinet, incluindo o Primeiro-Ministro H. H. Asquith e o Ministro dos Negócios Estrangeiros Sir Edward Grey. A primeira carta de Churchill, avisando de algumas das piores conjunções planetárias em quarenta anos, foi recebida em Agosto de 1911, menos de uma semana antes de o Almirantado e o Ministério da Guerra iniciarem o planeamento estratégico para a guerra com a Alemanha.

As mensagens nos três anos seguintes diziam respeito a greves e à instabilidade dos Balcãs e, depois de Hickling prever corretamente um fim repentino à conferência dos mineiros em 1912, Grey escreveu a Churchill a perguntar: «Tem alguma indicação da natureza dos acontecimentos de carácter muito mais grave que se seguirão?» Nos meses antes do início da guerra, Hickling falou do perigo de conflagração mas estava confiante de que os planetas garantiriam a vitória britânica, como tinham feito na Guerra dos Boers.

Durante 1915, como Ministro da Marinha Real, Churchill continuou a estudar as previsões de Hickling acerca do momento mais propício para iniciar batalhas navais, embora seja talvez significativo que a última carta

nos arquivos, datada de 28 de Abril de 1915, previsse que a campanha dos Dardanelos seria a maior vitória pessoal de Churchill.

Em 1964, Wellesley Tudor Pole — o anónimo W. T. P. que editara as comunicações espirituais de «Private Dowding» em 1917 — escreveu à romancista Rosamond Lehmann, com quem mantinha longa correspondência. Tal como o John Maude, na Segunda Guerra Mundial servira como oficial do MI5 no Ministério da Guerra, onde avisara o Primeiro-Ministro sobre microfones ocultos na Câmara dos Comuns e formara a opinião, confiada à Lehmann na sua carta, de que «Churchill sempre temeu o sobrenatural não porque o considerasse disparate, mas porque acreditava nele».

Enquanto Churchill jazia a morrer poucos meses depois, quem sabe o que pensou que aconteceria à sua alma? Uma autoridade sustenta que não há prova da sua crença numa vida após a morte e é seguro assumir que estava a brincar quando disse uma vez que brandy e charutos mantinham os fantasmas à distância. No entanto, as provas de que admitia a possibilidade de uma existência superior são convincentes. Em 1942, Churchill disse à Câmara dos Comuns que o recentemente falecido Duque de York «fora juntar-se a uma família feliz», levando o deputado espiritualista Thomas Brooks a perguntar-lhe em privado se realmente acreditava nisso.

«Acredito», foi a resposta. «Então é verdade?», insistiu Brooks, ao que Churchill respondeu: «Não tenho dúvidas na minha mente.» É possível, portanto, interpretar a sua carta a Morrison sobre o julgamento de Duncan sob uma luz ligeiramente diferente e, por mais improvável que seja a afirmação de Hannen Swaffer (feita a um jornalista em 1944) de que três membros do War Cabinet tinham assistido a sessões e, portanto, violado a Lei da Bruxaria, não é de modo algum impossível. Talvez, afinal, Churchill tenha acompanhado o recurso da Helen Duncan contra a condenação com mais simpatia do que a sua preocupação primária com eficiência económica e responsabilidade pública nos levaria a crer. Que alguma vez a tenha visitado na Prisão de Holloway está fora de questão, mas pode muito bem ter poupado um pensamento à sua situação enquanto ela riscava os dias da sua sentença.

NELLIE, MANTÉM A CABEÇA ERGUIDA!
O CAMINHO PARA A LIBERDADE

A Prisão de Holloway, no norte de Londres, era uma fortaleza gótica com um século de idade, completa com seteiras e ameias, onde sufragistas em greve de fome tinham sido alimentadas à força e o Oscar Wilde ponderara as iniquidades da justiça inglesa. Havia quarenta anos que era uma prisão feminina, a maior da Grã-Bretanha, e embora as paredes tivessem sido repintadas num creme mais suave, pairava sobre os blocos de celas um véu de injustiça intemporal e anónima que irradiava de um poço aberto como os raios de uma roda. As celas individuais eram alcançadas a partir de galerias ao redor do perímetro, uma rede de passadiços cobertos de rede e escadas em espiral ligando-os uns aos outros e ao átrio principal. Era, em suma, um panóptico (*conceito arquitetónico e filosófico*) em que a vigilância e a servilidade, inspeção e introspeção, se destinavam a aproximar as caídas de Deus e dos ideais do Estado.

À chegada, a Helen Duncan e Frances Brown repetiram a rotina pela qual já tinham passado antes: separadas em celas de receção sombrias e dali para cubículos onde uma enfermeira as pesava, examinava o cabelo e perguntava sobre varizes, ataques e períodos. Finalmente, uma médica aparecia com o estetoscópio e maneira indiferente e decidia que, no caso de Helen, uma vez banhada e vestida, deveria receber tratamento para a diabetes e angina.

Como a maioria das suas companheiras de prisão — ladras, vigaristas, prostitutas, desvalidas e abortadeiras — os seus sentidos foram simultaneamente embotados pelo desânimo e aguçados pelo medo. Sentia-se desfalecer e esperava morrer.

Em tempo de guerra, tudo escasseava em Holloway, incluindo água quente, sabão e roupa; e o conteúdo do embrulho que cada nova prisioneira recebia estava invariavelmente sujo, incluindo a camisa de pano cru, as cuecas volumosas e as meias pretas de malha que, sem ligas, descaíam incessantemente. O vestido azul disforme já não trazia o que Sr.^a. Pankhurst chamara «a seta larga da desgraça», mas continuava a ser vestuário degradante.

Os sapatos não combinavam, os lenços eram escassos e contra o frio (as economias de combustível eram obsessivas) cada cela vinha com uma capa de sarja imunda que as prisioneiras usavam na capela e durante a sua

hora de exercício ao ar livre por dia. As celas mediam quatro metros por dois, com uma janela gradeada, uma porta blindada, e continham o essencial: uma cama de ferro, mesa, cadeira, jarro, bacia, caneca e balde tapado. Banhos e entrega de roupa interior limpa deveriam ocorrer semanalmente, mas uma espera de um mês não era invulgar. O papel higiénico era altamente precioso e as mulheres usavam frequentemente páginas das bíblias fornecidas para a sua reforma moral.

A comida era monótona — pão grosseiro, guisado de carne oleoso, vegetais sujos — e tendia a causar diarreia ou obstipação, dependendo da forma como o sistema digestivo reagia ao choque; a única «íguaria» era o cacau de navio enjoativo de que as prisioneiras retiravam a gordura para usar nas mãos gretadas do trabalho prolongado.

Marcar consulta com o Medical Officer («booking for the MO», como se dizia) significava ficar encarcerada enquanto se aguardava a visita, perdendo companhia e exercício e, portanto, não era opção fácil para simuladores. Ainda assim, as mulheres que se apresentavam doentes eram vistas com suspeita, embora no caso de Helen o pulso anormal e o tom azulado da pele fossem convincentes o suficiente. O hospital prisional onde se encontrou não era o refúgio antisético e luminoso que se poderia imaginar, mas apenas outra cela onde, em isolamento, estava confinada à cama, encarcerada vinte e quatro horas por dia.

Tal como em todas as celas, havia uma campainha de emergência, mas frequentemente era ignorada, pois tocar irritava as guardas. No início, Helen foi sondada e medicada, tratamento que recebeu da sua maneira passiva habitual. A diabetes foi controlada com doses regulares e precisas de insulina e uma dieta rigorosa que teria importado mais se o seu apetite voraz não a tivesse abandonado.

Desejava cigarros, mas não havia. Nem havia privacidade, mas pouco conforto se podia tirar do pessoal oficioso que a vigiava. Se viu muito Frances Brown não está registado. Havia romances insípidos da biblioteca, mas Helen não era rata de livros e sempre preferira que Henry lhe lesse. O sono vinha em ondas irregulares e o acordar não oferecia alívio da ameaça sombria dos seus sonhos. A realidade era pior.

As prisioneiras eram privadas de informação e os jornais eram raros, embora pelo furor dos últimos dois meses Helen pudesse adivinhar o que se passava no mundo exterior. Em tempo de guerra, a escassez de casos criminais notáveis significava que os que surgiam geravam interesse

extravagante entre a população entediada. Foram traçados paralelos com uma *cause célèbre* do fim da Primeira Guerra Mundial, um julgamento por difamação sobre a existência de um Livro Negro contendo os nomes de milhares de pervertidos em altos lugares, incluindo Asquith, o Primeiro-Ministro. Agora, como então, a imprensa popular teve um dia de campo e enlouqueceu para descobrir novos ângulos. No dia em que saiu em liberdade do tribunal, a Sr.^a Homer disse aos jornalistas que continuaria no Master Temple «da maneira habitual», mas na verdade manteve um perfil muito baixo.

O London Evening News, ansioso por saber o que acontecera às receitas das sessões de Helen imediatamente antes da detenção, enviou um repórter a Portsmouth que encontrou o número 301 de Copnor Road fechado, um aviso sobre serviços cancelados escrito com giz num quadro e o único ocupante aparentemente um cão chow. O Daily Mirror ficou tão excitado, após localizar o carpinteiro que fizera o crucifixo para a sala de sessões, que conseguiu referir-se a Helen como a Hilda Duncan. O Charles Loseby culpou todas as deturpações impressas pela Acusação que, disse, urdira no Old Bailey uma história «clara, simples, flagrante e vulgar e que se prestava a manchetes que foram dadas livremente».

Para a Mollie Goldney, porém, os propagandistas espiritualistas e os jornais tabloides eram igualmente maus e ela deliciava-se em apelidá-los a todos de «FFFs» porque eram fifty-fifty em frightfulness (meio a meio em atrocidade). O The Times, pelo contrário, acompanhou o julgamento com total impassibilidade e todos os dias usou a mesma manchete sóbria:

ALLEGED SEANCE DECEPTIONS
(ALEGADAS FRAUDES EM SESSÕES).

Sozinho entre os tabloides, o News of the World mostrou-se solidário, tendo percebido que, para além dos espiritualistas, correntes mais amplas de sentimento consideravam que o processo judicial contra bruxas e a guerra para libertar a Europa eram incompatíveis. De forma subtil e breve, a imagem histórica das caçadas às bruxas passou a simbolizar um passado marcado pela divisão de classes e pelo patriarcado numa altura em que os britânicos exigiam um mundo novo como recompensa pelo seu sacrifício.

E assim, no News of the World, a Helen foi retratada como uma filantropa doente cujo rendimento anual nunca ultrapassara as 200 libras — menos de metade da média nacional para um homem. Não que a articulação do apoio público em Abril de 1944 se baseasse apenas no

sentimento. O *New Statesman*, sério e radical (com «r» minúsculo), argumentou que uma condenação por «fingimento de exercer uma espécie de conjuração» tinha potencialmente consequências graves para os espiritualistas comuns e insinuou que a condenação de Sr.^a Duncan era arbitrariamente injusta se não as tivesse. Outro artigo no *Truth* lamentava que o «sabor medieval» da Lei de 1735 permitisse aos espiritualistas clamar perseguição quando isso não elevava Sr.^a

Duncan à santidade. Da mesma forma, o *Glasgow Herald* apelou a um novo estilo legal, sugerindo que «na próxima época de reconstrução o Parlamento poderá considerar que uma reformulação valeria a pena». O Marquês de Donegall, que estivera no Old Bailey, escreveu no *Sunday Dispatch* que não via diferença «entre uma pessoa que obtém dinheiro sob falsos pretextos fingindo ser bruxa e outra que faz o mesmo vendendo acções numa mina de ouro inexistente. Por que razão a primeira deveria ser acusada ao abrigo de uma Lei arcaica especial? Para mim, a chamada parte da bruxaria é puramente incidental.»

No Home Office, estes recortes eram colados em folhas de papel — por economia, sobras de antigos cartazes de propaganda — e arquivados com as cartas de protesto. Tanto o Robey no gabinete do Director of Public Prosecutions como o Chief Constable West em Portsmouth foram solicitados a elaborar relatórios para ajudar nas respostas e, na sua carta de 6 de Abril ao DPP Sir Edward Tindal Atkinson, Theo Mathew referiu-se ao Marquês de Donegall.

O Subsecretário Assistente Francis Graham-Harrison, que também vira o artigo do *Sunday Dispatch*, anotou que «à primeira vista, é uma pena que a Duncan tenha sido condenada ao abrigo da Lei da Bruxaria e não simplesmente por conspiração para obter dinheiro sob falsos pretextos. Já é claro que os espiritualistas farão o máximo do facto de ela ter sido condenada ao abrigo de uma Lei com 200 anos, que podem, com alguma aparência de razão, apresentar como arcaica e desalinhada com o sentimento moderno.» O Mathew usou palavras quase idênticas.

Confrontado com este idealismo, o DPP manteve-se impassível: provar a conjuração obviara a necessidade de prova de intenção de defraudar e a Lei da Bruxaria fora portanto apropriada. O que o Home Office contestava era a noção implícita de que um cidadão — inocente até prova em contrário — simplesmente tinha de ser condenado e que a mera existência de um estatuto era justificação suficiente para o seu uso.

A representação parlamentar e a literacia popular significavam que as pessoas eram menos passivas perante o despotismo do que no século anterior. Aos delírios sobre a Gestapo britânica juntavam-se críticas mais calmas de não espiritualistas melioristas que defendiam a liberdade para o mundo do pós-guerra. Um homem de York disse que havia coisas mais prejudiciais em que gastar dinheiro do que sessões espiritualistas e outro (escrevendo de um hospital psiquiátrico em Kent) afirmou que o país regressara à mentalidade do reinado de Jaime I e que, tal como os caçadores de bruxas dessa época, o Chief Constable de Portsmouth perdera a cabeça.

Conforme previra, o próprio Arthur West recebeu cartas de Land's End a John o'Groats exprimindo opiniões que, segundo ele, se dividiam grosso modo de empate a favor e contra as suas ações. Foi discreto quanto a um artigo na *Police Review* que seguia uma linha quase idêntica à do *New Statesman*, acrescentando que a condenação de uma médium cuja fraude não fora provada parecia minar a garantia do Ministro do Interior de Novembro de 1943 de que apenas a impostura seria perseguida pela polícia. Poucos negaram a validade da observação e um Home Office embaraçado viu-se forçado a refugiar-se na incapacidade de comentar enquanto o recurso estivesse pendente.

Entre os investigadores psíquicos, Donald West considerava que se Helen Duncan tivesse revelado segredos de guerra deveria ter sido julgada por isso, mas entre os colegas a justiça não era uma questão de grande interesse — nem sequer o estatuto ontológico das suas alegadas manifestações espirituais — comparada com os testemunhos extraordinários apresentados por Charles Loseby.

À espera do comboio para Putney após o julgamento, a Mollie Goldney, que acreditava que a sentença fora justa, avistou o campeão das testemunhas de defesa, o glasguense Dr. John Winning, e perguntou-lhe se agora pensava que a Helen Duncan era uma fraude. Sorrindo, ele respondeu baixinho que não e disse ter em sua posse fotografias dos espíritos dos seus familiares, mas recusou mostrá-las a Sr.^a Goldney porque não a conhecia.

Ela repreendeu-o educadamente até chegar o comboio dele. «Gostaria que a polícia tivesse deixado Sr.^a D. cozinhar-se no seu próprio ectoplasma!», desabafou o presidente da SPR W. H. Salter poucos dias depois. «Ela não vale todo este alarido.» Contudo, até ele achava que alguém deveria escrever um relatório adequado sobre a mediunidade dela,

mas com a típica arrogância proibiu Sr.^a. Goldney ou qualquer outro membro de contactar ou visitar Helen na prisão sem o consentimento expresso do Conselho da SPR.

Não que a Helen faltassem visitas. Era difícil para Henry viajar devido à saúde frágil e às responsabilidades, mas as filhas vinham quando podiam. A sua amiga Jean Beatson, que ensinara Gena sobre as fadas, viajava regularmente de Fife com cigarros escondidos em ramos de violetas. A B. Abdy Collins também visitou e ficou satisfeito por relatar que ela estava a ser bem tratada, atribuindo isso à má consciência das autoridades. Helen foi também uma das primeiras prisioneiras a quem foi permitido receber assistência espiritualista.

Em 1936, o Espiritualismo fora desqualificado como religião nas prisões, mas a campanha da SNU em nome de Austin Hatcher, o médium de Cardiff encarcerado, forçara a Prison Commission a reconsiderar em Outubro de 1943. Apesar das reservas de que permitir assistência ajudaria e encorajaria o crime pelo qual as prisioneiras tinham sido condenadas, reconheceu-se que o Espiritualismo provavelmente não era maior desvio da ortodoxia do que a Ciência Cristã ou o Budismo e as regras foram alteradas.

Também não há razão para supor que Helen, agora famosa, não desse leituras psíquicas em troca de cigarros, moedas ou favores. O mago jacobino do Duque de Buckingham, Dr. John Lambe, ampliara a sua clientela durante uma temporada na prisão de King's Bench e Helen pode ter agido de forma semelhante.

Mas aqui intervém a mitologia. Diz-se que ela realizava sessões completas às quais as guardas simpatizantes faziam vista grossa e que, de qualquer modo, se recusavam a trancar a porta da cela. Outra versão afirma que o Albert vinha ter com ela enquanto dormia e, tal como o Anjo do Senhor dissolveu as correntes de São Pedro quando este foi preso pelo rei Herodes Agripa, desmaterializou a fechadura.

Estes e outros rumores relatados na imprensa espiritualista retroalimentavam a comunidade onde nasceram e alimentavam ainda mais a campanha contra a condenação da Helen Duncan. Alguns condenavam a ignorância pública dos milagres. Como editor da *Psychic Science*, Abdy Collins publicou um artigo da testemunha de defesa Alfred Dodd que partilhava as suas experiências maravilhosas com justiça trovejante. «Com o avanço do conhecimento», declarou Dodd, «deixaremos de perseguir os

profetas e de farejar bruxas.» Os activistas receberam centenas de cartas de altos e baixos. Lady Eleanor Smith, a romancista filha de Lord Birkenhead, escreveu liricamente a Hannen Swaffer:

Embora não seja espiritualista, considero a condenação da Sr.^a Duncan uma desgraça para a justiça inglesa e mais uma tentativa detestável de interferir com a nossa liberdade pessoal. Não quero ir a uma das sessões dela — isso é comigo — mas por que raio não podem outros ir, se quiserem? De qualquer modo, se foi julgada ao abrigo de uma Lei da Bruxaria de 1735, só me espanta que não tenha sido condenada a ser queimada na fogueira. Desejo-vos todo o sucesso na vossa campanha.

O Maurice Barbanell tinha um saco de correio diverso. O Superintendente L. R. Russell da Polícia Indiana achava escandaloso que o seu país não tivesse disposição legal contra bruxas, ao passo que a Inglaterra erguia a sua democracia como modelo para o mundo. Segundo o artilheiro T. A. Mead, soldado espiritualista a servir em Itália, o caso ridicularizava a causa pela qual lutava. Muitos argumentos eram disparatados e engenhosos.

Passeios de burro ilegais aos domingos ficavam impunes e era hipócrita, acreditavam alguns, pagar 15 000 libras por ano ao Arcebispo da Cantuária por interceder entre Deus e o homem quando uma pobre médium podia ser presa por uns xelins. A 8 de Abril de 1944, no *Psychic News*, Barbanell observou o absurdo da situação quando a ressurreição era central no Cristianismo, especulando que «se todos os médiuns e espiritualistas que enxugam as lágrimas dos enlutados tiverem de ser presos, então a construção de prisões terá de tornar-se uma nova prioridade de guerra».

Finalmente, assegurou aos leitores — que, pelo menos neste artigo, incluíam Theo Mathew no Home Office — que apenas tinham perdido a primeira ronda e que a luta continuaria. Duas semanas depois, o *Daily Mail* noticiou a intenção da SNU de angariar 5000 libras para cobrir os custos do recurso e a sua determinação de levar o caso à Câmara dos Lordes se necessário.

Enquanto isso, à medida que Helen recuperava forças, aborrecia-se na cama do hospital e o médico permitiu-lhe passar algum tempo todos os dias na sala de trabalhos manuais, ocupada em artesanato. Se assistiu às aulas de fazer brinquedos de pano e economia doméstica, não sabemos; nem se aproveitou a oportunidade de ganhar dinheiro de bolso, que as mulheres gastavam em cosméticos para não terem de fazer rouge com capas de

cadernos de exercícios. Sabemos que a privação de companhia humana resultante de estar trancada na cela das 16h30 às 7h era o que mais afetava todas as prisioneiras e as tornava gratas por escapar à solidão mesmo no trabalho servil. Helen depressa se aclimatou à rotina de esvaziar baldes, trabalho e culto, bem como aos sons e cheiros — chocalhar de chaves e portas a bater, sanitas sem desinfetante e humidade institucional.

Sozinha à noite, a cama rodeada de postais e bilhetes de bem-querentes, os seus pensamentos voltavam-se para a família e fazia o possível por depositar a confiança em Deus e em Albert. E deve ter pensado no único homem que a podia salvar, Charles Loseby, talvez sem saber que, a oito quilómetros dali em Kensington, Loseby também pensava nela. Enclausurado no seu gabinete a preparar o caso, voltou a procurar inspiração no panfleto de Ellis Powell, que descrevia a Lei da Bruxaria de 1542 como «o primeiro estatuto anti-psíquico» e argumentava que «o demónio da Lei, não a deusa da Justiça» era o principal árbitro da verdade.

Isso Loseby já sabia. Após o julgamento, o Recorder, Sir Gerald Dodson, recusara emitir um certificado de recurso, mas em duas horas Loseby e o solicitador Godfrey Elkin deram aviso de que recorreriam de qualquer modo. Os fundamentos eram essencialmente três: a Lei da Bruxaria fora um estatuto inadequado; o veredicto fora «irrazoável e perverso», dada a escassez de provas da Acusação e a abundância das da Defesa; e o desprezo do Recorder pela possibilidade de a acusada ser uma médium genuína fora injusto.

Embora muitos vissem o recurso como fútil — Harry Price descartou-o como «mera propaganda» —, havia interesse sério entre juristas. O editor do Archbold's Criminal Pleading, Evidence and Practice obteve uma cópia do indiciamento para inclusão na sua revista, a principal autoridade textual em direito penal. A Law Quarterly Review dedicou um parágrafo ao recurso, notando que «um caso de outra forma sórdido ganhara qualidade dramática» pelo uso da Lei da Bruxaria.

Contrariamente à opinião de W. H. Salter de que Stanley Worth fora «um observador muito mau e uma testemunha muito má», C. E. Bechhofer Roberts, editor da Old Bailey Trial Series, comentou ao subordinado de Salter, Donald West, que Worth era «claramente uma testemunha digna de confiança em todos os assuntos essenciais», ao passo que os seus adversários extasiados — Loseby acima de todos — tinham ladrado à árvore errada ao tentar provar a verdade da sobrevivência pós-morte.

Inicialmente, a subtileza deste ponto perdera-se até no advogado de acusação júnior Henry Elam que, em tribunal, pareceu a Mollie Goldney «muito à deriva, com medo de estragar tudo». Notas a lápis feitas por alguém do lado da Acusação (possivelmente Elam) incluem esta observação nervosa: «A questão é: A Coroa provou que Sr.^a D. = Fraude?» quando essa não era de todo a questão. Outra nota feita aqui, segundo a qual a recusa do júri em assistir a uma sessão de teste era altamente significativa, também perdeu o ponto.

O júri fizera bem em recusar, não porque o teste provavelmente não produziria resultados, nem sequer porque constituiria uma prova de resistência como argumentou o juiz, mas porque era irrelevante para a questão de saber se a Helen Duncan conspirara ou não para fingir exercer uma espécie de conjuração em Janeiro de 1944. Nada disto, porém, escapou ao astuto do Maurice Barbanell que reconheceu que «ao abrigo da Lei da Bruxaria não havia defesa possível porque tudo girava em torno da palavra fingir conjurar espíritos, e legalmente sustentava-se que fingir significava se dissesse que podias produzir materializações... era bruxaria».

* * *

Quando o recurso foi ouvido, a 8 de Junho de 1944, o Dia D já passara e os britânicos tinham estabelecido uma cabeça-de-praia em Arromanches. O grande segredo já não precisava de ser defendido, o fingimento de que os desembarques ocorreriam no Pas-de-Calais terminara. A razão oficial para o recurso ter demorado dez semanas foi que a George Walpole & Co. de Chancery Lane teve de preparar uma transcrição completa dos oito dias de audiência. Quando as notícias chegaram de que os Aliados avançavam para o interior de França, o moral britânico subiu e, por um momento, também o da Sr.^a Duncan e Sr.^a Brown quando a carrinha da polícia as transportou de Holloway para os Royal Courts of Justice no Strand, onde voltaram a encontrar os Homer.

Longe de ser a figura pálida e consumida que muitos esperavam, os amigos e apoiantes foram obrigados a admitir que Helen emagrecera um pouco e parecia bastante bem — certamente melhor do que em Abril. Três juízes presidiram ao Tribunal de Recurso Criminal nesse dia: Viscount Caldecote, o Chefe do Tribunal Superior e pilar da Igreja de Inglaterra; Sr. Justice Birkett, filho de um comerciante de tecidos da Cúmbria e conselheiro em regulamentos de defesa; e Sr. Justice Oliver que em 1932

representara o Bispo de Norwich na acusação do depravado Reitor de Stiffkey, Harold Davidson. Era sinal dos tempos que, após ser desprovido das ordens, Davidson se tornara mais famoso do que o Arcebispo da Cantuária na sua nova carreira de atração de feira. O seu número era ficar dentro de um barril «a morrer de fome», façanha pela qual foi preso por tentativa de suicídio. O destino do Davidson, porém, não estava nos tribunais, mas numa jaula em Skegness onde, em 1937, um leão, também esfomeado, o devorou.

Entre eles, portanto, os três doutos senhores traziam experiência em religião, segurança e impostores incómodos; talvez Helen nunca tivesse tido hipótese. A sala estava cheia de espiritualistas chorosos, militares ociosos (incluindo um oficial de aviação americano), advogados curiosos e jornalistas demasiado ansiosos. Uma das primeiras coisas que todos notaram foram as pilhas de livros em torno das bancadas dos advogados — tomos encadernados a vitela, incrustados pelo tempo, de tamanhos irregulares caçados nas bibliotecas jurídicas — os advogados de ambos os lados tendo procurado a sabedoria do passado para dar sentido ao presente.

O discurso de Loseby foi impedido de se tornar uma obstrução por interrupções judiciais persistentes e, embora mostrasse habilidade e graça nas respostas, a esperança só se agitou nos corações espiritualistas. Quanto à alegação de parcialidade do Recorder no Old Bailey, Loseby foi forçado a retratar a acusação de impropriedade, mas quando Birkett lhe perguntou se teria objetado se o viés tivesse favorecido a Defesa, ele riu-se sardonicamente e respondeu que não estaria ali hoje se assim fosse. Seguiu-se um debate sobre a sessão de teste não permitida, com Birkett a perguntar se o júri teria conseguido lidar com materializações de animais, depois John Maude levantou-se para falar.

Travou-se uma discussão sobre o significado exacto de «conjuração» e na bancada da imprensa Maurice Barbanell perguntou-se o que estariam os espíritos a pensar. Argumentou-se que a palavra não aparecia na Bíblia e contra isso que invocar espíritos (e não apenas malignos) era o mais próximo de uma definição legal de conjuração que se poderia imaginar.

Uma discussão mais longa sobre o significado de «fingir» nasceu daí, com os juízes a sustentar a definição de Maude de «alegar falsamente» — a inferência sendo que Helen Duncan era uma impostora além de idólatra. Sentada bem atrás dos advogados, Helen ouviu a pedante hipocrisia deles, corada e ansiosa, e manteve-se calada exceto por soluços ocasionais

abafados pelo lenço. Os seus cúmplices mostraram-se mais impassíveis, embora Sr.^a. Brown tenha espremido algumas lágrimas.

Durante dois dias a discussão arrastou-se, tocando em assuntos tão recônditos como a tradução do Antigo e Novo Testamento, a verdadeira natureza da história da Bruxa de Endor, variações nas Leis da Bruxaria dos reinados de Henrique VIII, Isabel I, Jaime I e Jorge II, e as opiniões sentenciosas do Dr. Samuel Johnson. Bruxaria, feitiçaria, conjuração, invocação, magia e encantamento foram todos dissecados em significado e nuance de uma forma que não acontecia num tribunal inglês há mais de dois séculos, e assuntos intelectuais há muito considerados mortos com o Iluminismo pelo racionalismo triunfante pareciam agora apenas adormecidos.

Loseby leu de uma edição de 1727 do vade-mécum do magistrado do século XVII, Dalton's Countrey Justice, para argumentar que os espíritos outrora associados às bruxas eram familiares diabólicos e que essa crença fora atirada para o caixote do lixo das superstições redundantes. O dicionário de Nathaniel Bailey publicado em 1735, do qual tinham um exemplar em tribunal, deve ter servido melhor a Acusação, dado que a definição do verbo «to conjure» abrangia não só «levantar ou deitar espíritos» como também conspiração.

Volume após volume marcado era passado ao banco, os contínuos eram enviados à biblioteca para buscar mais e os funcionários do tribunal começaram a dormir. «Olha», sussurrou Barbanell ao vizinho, «lá vai outro a entrar em transe.» Roncos ouviam-se acima das trocas etimológicas contínuas, do folhear de páginas e do som de nádegas inquietas. No fim do segundo dia, os juízes murmuraram em consulta e anunciaram que o acórdão seria proferido na próxima sessão, daqui a dez dias.

Na terça-feira seguinte, enquanto Churchill descia de uma lancha de desembarque na cabeça-de-praia da Normandia, Hitler levou a sua guerra ao coração da Grã-Bretanha. A primeira bomba voadora V-1 — conhecida coloquialmente como «doodlebug» — caiu no leste de Londres, matando seis pessoas. O otimismo na capital era agora temperado por pânico e incerteza; nem o Governo sabia bem o que esperar e montou cinturões defensivos de balões de barragem, canhões antiaéreos e patrulhas de caças, temendo que 10 000 pessoas por dia pudessem morrer.

As prisioneiras em Holloway, privadas de notícias e incapazes de se juntar ao milhão de londrinos que fugiu antes do fim de Julho, sentiam-se

especialmente ansiosas e nenhuma mais do que a Helen Duncan, que ficava frenética com o zumbido dos motores seguido pelo silêncio sinistro quando a bomba esgotava o combustível e iniciava a descida providencial. A sua reação não era invulgar: muitas prisioneiras mostravam sinais de depressão e histeria, sintomas que as autoridades médicas de Holloway pouco reconheceram ou aliviaram. Ironicamente, uma V-1 pode ter dado a Helen algum prazer silencioso: a que caiu nos Royal Courts of Justice, destruindo a sala onde ela assistira ao erudito simpósio sobre bruxaria dias antes. Se tivesse sido realmente um julgamento de bruxaria, tal infortúnio oportuno provavelmente teria aumentado a sua culpa.

A 19 de Junho, com o *sang-froid* de «business as usual» (*a funcionar normalmente*) em que Londres em tempo de guerra era exímia, um abrigo antiaéreo foi mobilado com mesas e bancos de madeira simples e ali os espectadores fizeram fila tal como no início da audiência. Menos de cinquenta pessoas conseguiram espremer-se lá dentro e sentaram-se juntas, espiritualistas ombro a ombro com jornalistas e advogados — e até a Helen e as suas co-réus.

Pelo menos os procedimentos foram breves, não que os espiritualistas pensassem muito em misericórdia assim que Viscount Caldecote começou a ler o acórdão, que o fez tão depressa que os jornalistas entraram em pânico. «Nunca vão conseguir anotar isto», sussurrou Maude ao repórter espremido ao seu lado. O Lord Chief Justice levou vinte minutos a ler 4000 palavras — três por segundo. Até os estenógrafos especialistas franziram a testa. Mas a essência era clara. Os onze fundamentos do recurso foram rejeitados e a conduta do Sir Gerald Dodson confirmada. Quanto à interpretação legal de termos históricos:

Parece claro que com a abolição dos crimes graves de bruxaria, feitiçaria, encantamento ou conjuração as mentes dos homens estavam a avançar. Já não se acreditava nessas coisas, mas o estatuto de Jorge II não ia ao ponto de permitir que alguém fingisse conversar com espíritos, não sendo espíritos malignos. Tal distinção levantaria uma questão de facto impossível de determinar e baseada em nenhum princípio inteligível de lei ou religião.

Qualquer tipo de espírito — maligno ou benigno — caía sob os termos da Lei, que se aplicava, pois, à conspiração alegada.

Em conclusão, o Viscount Caldecote explicou que a Acusação não tentara provar que os espíritos não podiam ser materializados, apenas que a

Helen Duncan fingira — isto é, alegara falsamente — fazê-lo na ocasião em questão e que uma demonstração dos seus poderes em tribunal não a teria absolvido deste ponto. Tal exibição poderia até ter sido enganadora: hoje o acórdão R x Duncan é mais conhecido em relação ao poder de um juiz de excluir prova suscetível de toldar a questão perante um júri.

Decretou-se que a Frances Brown cumprira a sua pena menos a remissão por bom comportamento e deveria ser libertada imediatamente. Perdida a segunda ronda, Loseby pediu ao Attorney-General que o caso fosse ouvido na Câmara dos Lordes — o tribunal supremo do país. Mas isso não impediria Helen de regressar à sua cela nesse mesmo dia sombrio. Parecia completamente desolada, o rosto roxo de tanto chorar e, pouco antes de ser levada para fora do abrigo fétido, Maurice Barbanell conseguiu alguns minutos com ela. Sorrindo estoicamente, disse-lhe para manter a cabeça erguida e assegurou-lhe que a luta continuaria como antes e que ela seria vindicada. Sem dizer nada, ela limitou-se a gemer ao virar-se.

Mais tinta espiritualista foi derramada em correspondência e na imprensa, mas as esperanças sérias desvaneciam-se. O Chefe do Tribunal Superior foi criticado pela sua leitura errada da Bíblia e chamou-se a atenção para a ironia de ele rejeitar o Espiritualismo mas noutro lugar ter declarado a Ressurreição «um facto indiscutível». Mas o ar quente dissipou-se rapidamente e nada fez para tornar as quatro paredes da cela da Helen Duncan menos reais.

No Home Office, um funcionário colou o último recorte sobre o recurso (do Yorkshire Post) a um pedaço de um velho cartaz de recrutamento da ATS e esse processo em particular foi encerrado. Loseby provavelmente não esperava que o Attorney-General admitisse o caso na Câmara dos Lordes e já planeava pôr um ponto final no assunto escrevendo um livro, *The Vindication of Helen Duncan*, onde «as provas falarão por si». Parece que os oito dias do julgamento e os três do recurso nada fizeram para alterar a compreensão de Loseby das realidades jurídicas relevantes.

Contudo, quando anotou incredulamente que a implicação do caso do DPP era que Sr.^a Duncan estava indefesa, estava mais perto da verdade do que pensava — aí residia a antiga magia legal da Lei da Bruxaria. Desta vez, Abdy Collins expôs as suas críticas a Loseby num panfleto da Psychic Press, nunca publicado por causa de difamação, e Percy Wilson também apontou o dedo. J. B. McIndoe também escrevia um livro, para o qual Loseby forneceu uma introdução e aqui Loseby revelou que a única pessoa

que realmente queria vindicar era ele próprio. Pode até ter perdido o interesse em Helen a condenada e apenas mantivesse a chama por ela como figura de proa da causa espiritualista. O facto de ter começado a escrever negligentemente o nome dela «Hellen» pode não ter sido significativo; mas a sua alusão às manifestações ectoplásmicas dela como «jogos de salão» certamente foi.

Apenas em casa as atitudes em relação a Helen permaneceram constantes. Os filhos tinham depositado as esperanças no recurso, tal como Henry, que estava a ser cuidado pela filha Lilian, enquanto Gena, agora enfermeira, se encontrava no trabalho. Henry também tinha a sua própria miséria como chefe de família com que se preocupar, especialmente desde que deixara de aceitar uma ajuda de 3 libras por semana do Edinburgh Psychic College and Library em protesto por eles interrogarem Gena sobre se ele já tinha emprego. «Não acham que a vossa mãe já o sustentou tempo demais?», perguntaram.

Desesperado agora, decidiu peticionar o Ministro do Interior, o Primeiro-Ministro e o Rei. A 24 de Junho de 1944 escreveu três cartas, cada uma uma variação do mesmo tema: a esposa era uma boa mulher que ajudara milhares, mas agora estava destruída no corpo e no espírito. O Palácio de Buckingham encaminhou a sua para o Scottish Office, que a passou ao Home Office; o Secretário Particular de Churchill fez o mesmo; e a de Morrison aterrou na secretária de Francis Graham-Harrison, onde foi reunida às irmãs e registada num enorme livro de contabilidade digno do Sr. Micawber.

O Home Office tinha a desculpa perfeita para não fazer nada, tendo sido informado pelo Governador de Holloway que Helen Duncan apresentara pedido ao Attorney-General, pelo que o caso permanecia sob julgamento. O primeiro passo para a Câmara dos Lordes era Sir Donald Somervell conceder um fiat — um certificado — indicando que o acórdão do recurso envolvia uma questão de excecional importância pública e, até tomar uma decisão, explicou Graham-Harrison a Henry Duncan, tinha as mãos atadas.

Mas Henry ainda não estava derrotado. Mandou o médico de família resumir o historial clínico de Helen numa carta que enviou ao Home Office, apontando que a primeira audiência nos Lordes não seria antes de Outubro e implorando compaixão. O Home Office reiterou que não podiam

ajudar enquanto o caso estivesse em revisão; mas tiveram o cuidado de não prometer ação futura.

Foi uma política prudente, pois em Agosto Somervell recusou o pedido e com isso terminou a luta para reverter a condenação de Helen Duncan. Entretanto, o Home Office solicitara a opinião do Medical Officer de Holloway, cauteloso quanto ao seu martírio. Dado tudo o que tinham ouvido, os funcionários ficaram surpreendidos com o relatório do MO, que começava dizendo que a diabetes dela fora controlada com segurança: «O seu estado atual é inteiramente satisfatório, pois não há evidência de açúcar na urina com este tratamento.

Quanto ao coração, há alguma regeneração miocárdica devido a infiltração gordurosa do músculo cardíaco, mas isso beneficiou em certa medida da perda de peso. À Receção pesava 236 libras e agora pesa 212 libras.» Continuava dizendo que não havia problemas com a vesícula biliar nem com o abdômen. A única deterioração era mental. As bombas voadoras causaram ansiedade e «depressão ligeira» e, em geral, «tornou-se muito histérica emocionalmente», embora o MO tenha pensado duas vezes e substituído por «emocionalmente instável».

As más notícias sobre o recurso não ajudaram a angústia de Helen. Mais abatida do que nunca, marcou uma entrevista com o Deputy Governor para informar as autoridades prisionais que o seu atual curso de ação terminara e estas, por sua vez, informaram o Home Office. No dia seguinte, um funcionário do Home Office escreveu a Henry Duncan a informar que a esposa estava de boa saúde física.

A confusão no campo espiritualista quanto ao que fora alcançado com a campanha em nome da Helen Duncan tornou-se depressivamente mais clara com a atividade contínua da polícia e dos tribunais. Semanas após o julgamento no Old Bailey, um magistrado em Hull ofereceu-se para arquivar o caso contra uma adivinha acusada ao abrigo da Lei dos Vadio se ela conseguisse prever quanto decidira multá-la. Quando ela recusou — a resposta era um complicado 3 libras —, chamou-lhe impostora.

Ainda mais ominoso para os espiritualistas, a 10 de Julho de 1944, Jane Yorke, médium de setenta e dois anos, foi detida em casa em Forest Gate, leste de Londres. «Porquê, depois de vinte e três anos?», perguntou à polícia. Sr.^a Yorke realizava sessões na cave onde os espíritos falavam através do seu guia zulu que impressionava os assistentes com o grito de guerra «Umba, Umba, Umba!» A Rainha Vitória era uma comunicadora

frequente (Yorke enrugava a cara) e Sir Arthur Conan Doyle também lhe dedicava por vezes alguns momentos. As suas mensagens não eram apenas vagas, mas erradas, o que ela atribuía aos bombardeamentos. Atuando disfarçado, um inspetor da polícia foi informado de que perdera o pai na Primeira Guerra Mundial, uma agente que o seu bebé morto estava ao lado dela com um ramo de rosas e um sargento que o irmão fora queimado vivo numa missão de bombardeamento. Estas mensagens eram relativamente inofensivas; mas sempre que Yorke se aproximava da verdade o efeito podia ser devastador.

Uma mulher, chorando amargamente depois de Yorke tentar imitar o filho morto na RAF, foi avisada de que «um ente querido vai sofrer um acidente grave mas receio que seja fatal». Não lhe disseram quem, mas aconselharam-na a cuidar do marido.

O caso foi remetido ao DPP que esperou pelo acórdão do Tribunal de Recurso Criminal no caso Duncan e depois, confiante de que escapara a críticas, avançou. Nomeou Henry Elam como advogado de acusação que, mais seguro de si desta vez, formulou um indiciamento ao abrigo da Lei da Bruxaria usando uma fórmula quase idêntica à usada contra a Helen Duncan, a única alteração — ainda que significativa — um maior ênfase na aceitação fraudulenta de dinheiro. A 12 de Setembro, a Jane Yorke foi condenada no Old Bailey mas, presumivelmente devido à idade e incapacidade, Sir Gerald Dodson misericordiosamente aceitou vinculá-la por três anos.

Jane Yorke não era como Helen Duncan; não revelara segredos de Estado, a menos que se conte a Rainha Vitória a garantir o sucesso do Dia D («Preparem os vossos vermelho-branco-e-azul!») ou Conan Doyle a prever que a guerra terminaria em Outubro de 1944. A razão pela qual as autoridades usaram a Lei da Bruxaria contra ela é simples: depois de Helen Duncan, sabiam que podiam.

Esta confiança reflete-se ainda nos acontecimentos em Altrincham, perto de Manchester, onde duas semanas após a condenação de Jane Yorke a polícia proibiu uma reunião espiritualista — um discurso de um guia espiritual, «Dr. Letari» — sob o argumento de que constituiria um acto de conjuração.

A London and North-Eastern Railway já retirara anúncios das estações, a Altrincham Corporation retirou a permissão para usar o salão municipal e as tipografias recusaram imprimir a propaganda sobre o caso

que a SNU pretendia enviar aos deputados. Hannen Swaffer partiu para o local mas não lhe foi permitido falar em Altrincham e teve de deslocar-se para Sale, nas proximidades. Tal era o medo da Lei da Bruxaria, clamavam os espiritualistas. Na Câmara dos Comuns, Herbert Morrison desvalorizou tudo, mas os seus funcionários estavam menos complacentes.

Quando, em Dezembro, o Presidente da igreja espiritualista de Redhill foi informado de que clarividência e psicomетria constituíam conjuração punível ao abrigo da Lei da Bruxaria e foi obrigado a fornecer um compromisso escrito de que essas práticas cessariam, seguiram-se protestos públicos. Nesse Inverno, o Home Office começou a estudar formas de eliminar «leis malucas e incómodas» dos livros de estatutos.

* * *

Quando as notícias sobre Jane Yorke chegaram a Helen, faltava-lhe menos de quinze dias para cumprir a sentença. No fim, continuou atormentada pelos bombardeamentos e, ao contrário de muitos médiuns londrinos, encontrou pouco alívio em confiar no seu guia espiritual. Nessa altura, muitos dos locais de lançamento das V-1 tinham sido tomados pelos Aliados e oitenta por cento dos doodlebugs que atravessavam o Canal eram intercetados; contudo, o anúncio de que a Batalha de Londres terminara provou-se prematuro quando o primeiro foguete supersónico V-2 caiu a 8 de Setembro.

O círculo de ansiedade e depressão tornou-se ainda mais vicioso. Em anos posteriores, Helen lembrava-se de uma guarda que viera à sua cela em busca de conforto depois de um foguete explodir nas proximidades; mas era tão provável que fosse a guarda a consolar Helen, a «criança de maior crescimento», a tremer e a chorar, sozinha e assustada. Na manhã de sexta-feira, 22 de Setembro, o medo da guerra tornou-se medo do mundo quando a Helen foi banhada, examinada (geralmente não mais do que o toque de um estetoscópio) e lhe devolveram a roupa e os pertences. Menos a remissão habitual, cumprira 172 dias da sentença e, livre para partir, foi recebida à porta da prisão por vários familiares e juntos apanharam um comboio em King's Cross.

As filhas estavam radiantes e de volta a Edimburgo viram o pai chorar enquanto observava a sua preciosa Nell a ressonar numa cadeira, tirando uma sesta à tarde. Durante algum tempo esteve extremamente cansada e parecia de alguma forma diminuída. Estava amargurada com a conduta da

SNU e dentro de uma semana retirara formalmente os seus serviços como médium. O comité do SNU Freedom Fund emitiu um comunicado lamentando este «grave golpe para a investigação, avanço e progresso» e reafirmando a sua posição: «Estamos satisfeitos que Helen Duncan... fosse completamente inocente da acusação de fingimento que lhe foi feita, que o seu julgamento violou princípios elementares de justiça e que foi injustamente condenada.»

Quando chegou a Harry Price a notícia de que Helen se retirara da mediunidade — a declaração foi publicada no *Psychic News* —, ele mostrou-se profundamente cético. Quando ela começara a cumprir a sentença, terminara uma carta a Mollie Goldney com uma previsão irónica: «Uma última certeza: quando Sr.^a. D. sair, voltará ao mesmo jogo!»

Price tinha razão. Henry, que se culpava por ter desenvolvido a mediunidade de Helen, sentiu-se inquieto quando ela começou a dar sessões privadas, mas teve de se contentar com a promessa dela de que não haveria mais sessões de materialização. Helen lamentava que, ao viajar constantemente e depois ir para a prisão, tivesse perdido tanto do desenvolvimento adolescente dos filhos e começou a passar mais tempo com Lilian, Gena e Nan, e os netos, contando-lhes histórias da sua infância e refletindo sobre a segunda onda de choque de guerra que experimentara na vida.

Com o tempo, os filhos voltaram para casa, o Harry para o hospital com disenteria amebiana (casou com a enfermeira), o Peter traumatizado por um avião kamikaze japonês que atingira o HMS *Formidable* e matara o seu melhor amigo. A vitória sobre o Japão em Setembro de 1945 trouxe a paz, mas com ela novos perigos. O bombardeamento de Hiroxima e Nagasáqui (predito por Albert), combinado com a penetração da segurança insular britânica pelas armas V, sugeria que a próxima guerra significaria obliteração, talvez à escala global.

Em Agosto de 1942, um espírito falara através de Gladys Osborne Leonard, avisando de tempestades, terremotos e ondas gigantes que se seguiriam à guerra e, embora ela tenha subtraído um pouco do drama terrível ao ligar-se imediatamente a um adorável gato branco e a um cão castanho-escuro no espírito, a mensagem era clara e foi repetida em sessões por todo o país na era pós-guerra. As aspirações espiritualistas por uma nova ordem de paz, luz e Irmandade do Homem pareciam mais relevantes na era nuclear do que sequer em 1918.

Mais imediatamente, Helen alegrava-se por ajudar uma nova coorte de enlutados de guerra, a única irritação sendo uma mulher persistente que procurava dicas para a pista de galgos. Não tardou que a Lily Greig, médium e amiga de Helen, estabelecesse um círculo de desenvolvimento em casa dos Duncan, embora este tenha sido dissolvido pouco depois de Albert ter vindo dizer que ninguém ali se desenvolveria como médium físico — incluindo a filha da Helen, Gena — e os aconselhou a parar de tentar.

Um espírito dissera outrora a Sr.^a Osborne Leonard que ectoplasma não libertado se acumula nos músculos e pode causar cancro, mas é improvável que tenha sido o medo da única doença grave que ainda não contraía que trouxe a Helen Duncan de volta à mediunidade física: era simplesmente que a materialização era o que ela fazia melhor. Apesar da promessa a Henry, começou a organizar sessões em Edimburgo onde espantava os assistentes com manifestações, incluindo um rapazinho africano que conversou em suaíli com um agricultor colonial presente.

Não tardou a aceitar convites para o seu antigo reduto, a igreja espiritualista de Glasgow onde atuara antes de ir à sessão fatídica de Miss Maule em 1933. Agora o azar voltou a bater-lhe à porta.

Foi numa destas deslocações que concordou em levar a neta Dawn, mas mudou de ideias na Estação de Waverley depois de ter uma premonição e pediu a Henry que levasse a criança para casa. Sempre mártir, Helen partiu apesar do risco; recusou a oferta de um vendedor de cigarros a crédito quando descobriu que não tinha troco porque não tinha a certeza se voltaria. Pouco antes de o comboio chegar a Glasgow, descarrilou.

Segundos antes, a Helen ouvira clarividentemente o aviso do Albert e atirara-se para um cubículo de casa de banho vazio, que lhe deu alguma proteção do impacto. Lembrava-se de estar de cabeça para baixo entre a madeira estilhaçada e braços a estenderem-se para ela; mas a próxima coisa de que teve plena consciência foi estar de novo no hospital, onde foi observada alguns dias e depois teve alta. Mesmo enquanto recuperava em casa, os clientes batiam à porta e ela recorria ao Albert e ao ocasional copo forte para ajuda.

Uma noite, a Gena trouxe para casa George Brealey, um soldado que conhecera num jogo de futebol. A casa estava silenciosa e escura, exceto a lareira na sala de jantar, por isso o casal deixou a luz apagada antes de se

instalar. De repente, a voz de Albert trovejou uma saudação e Gena percebeu que a mãe estava sentada na sala. Talvez a parte mais estranha da história tenha sido a reação de George. Não tardou a descobrir-se que ele próprio era um médium aspirante, por isso, quando a futura sogra saiu do transe e se apresentou de forma mais cordial do que o guia, ele não se perturbou. Mas Helen já sabia disso.

Não tardou que a famosa médium voltasse ao ativo, sentando-se mais frequentemente e viajando mais longe. June Moore tinha vinte e poucos anos quando assistiu a uma sessão numa sala no rés-do-chão de uma casa geminada em Warrington. Sr.^a Duncan não saía da prisão há muito e os organizadores eram discretos e protetores, não permitindo que os poucos assistentes a conhecessem. A médium sentou-se a uma ponta da sala escurecida, parecendo gorda e peixeira, enquanto uma névoa começava a derivar, dentro dela uma velha spectral.

A June reconheceu-a como uma mulher da sua aldeia que fora atropelada por um autocarro e ali estava ela, tal como em vida, falando com voz trémula. A sobrinha, que estava presente, beijou-a e disse: «É tão bom ver-te, tia» e depois disso o espírito começou a desvanecer-se. Lancashire e o norte do País de Gales parecem ter sido destinos populares para Helen, talvez devido às praias douradas que tanto amava (e às quais os veraneantes do pós-guerra já podiam regressar) e à alta densidade de espiritualistas idosos reformados.

Em Blackpool, a joia kiss-me-quick da costa noroeste, dizia-se que homens-placa anunciavam as suas sessões, embora isso pudesse ser apenas um rumor malicioso entre quem achava que os seus padrões tinham caído. Relatos nesse sentido chegaram à SNU até que não aguentaram mais. Numa carta à activa membro da SPR Lady Ruth Balfour, escrita no início de 1946, Mollie Goldney partilhou a última fofoca: «Os espiritualistas estão agora tão furiosos com Sr.^a D. que a deserdaram e retiraram o chamado “diploma”. Compreendo que ela está a dar sessões à direita e à esquerda e a beber muito.» Alguns diziam que era a bebida que mais afastara a SNU dela; o novo Research Officer da SPR, Donald West, estava convencido disso.

Foi a Mollie Goldney quem sugeriu a Donald que escrevesse um artigo sobre Helen Duncan, pois Harry Price recusara fazer um estudo conjunto com ela. Mollie pediu a Lady Balfour que fornecesse detalhes de um encontro que arranjava com o Dr. John Winning em 1944, altura em que

estava ao serviço de guerra na Glasgow natal de Winning. Desde que Mollie o abordara na estação, a SPR tentava ver as fotografias dele, mas ele mantinha-se reticente. Lady Balfour, porém, vira as oito, a mais impressionante das quais mostrava um médico árabe de barba negra chamado Abdul que sabia os nomes de todas as enfermeiras do hospital local.

Quando a Lady Balfour questionou a Winning sobre a teoria da regurgitação de Price, ele mal conteve a raiva e ela saiu apressadamente. Mollie coordenou com vários outros em nome do seu protegido Donald, incluindo Price, que ressentia um pouco o recém-chegado, e Eric Dingwall, que se ofereceu para ler o rascunho, dizendo: «Quero que este seja o artigo sobre a gorda Helen.» Donald West também beneficiou de longas conversas com a Mollie, que achava que ele precisava de ser educado nos costumes metropolitanos e guiado pelo campo minado dos protocolos da SPR. Ela troçava do seu «espírito esquerdistista», tocava-lhe Bach e ficava satisfeita ao ouvir o sotaque de Mersey desaparecer.

Quando chegou a altura de publicar o estudo nos Proceedings da SPR, o Presidente W. H. Salter temia difamar Sr.^a Duncan, especialmente quanto à bebida. Donald protestou que tinha «montes de testemunhas» para o apoiar, incluindo Abdy Collins que dissera: «Sr.^a D. é uma mulher terrível e sempre bebeu algo como uma garrafa de uísque por dia.» No fim, Donald suavizou as coisas e em Abril de 1946 submeteu o rascunho, declarando o seu envolvimento com a Helen Duncan terminado. Em Outubro recebeu uma resposta tardia de uma Sr.^a E. Homer de Portsmouth, «Massagista Certificada, Detentora de Diploma, Curandeira, Oradora e Demonstradora». Sr.^a Duncan, assegurou-lhe, era uma médium honesta, mas lamentava informar que não tinha notícias dela desde o julgamento.

Ao contrário da Helen Duncan, a Mollie Goldney não bebia nem fumava — preferia gastar dinheiro em discos de gramofone, confidenciou presunçosamente a Donald West. Contudo, para além da queimadura ocasional em busca de atenção, o cheiro a bar que pairava nos seus espíritos mais sonolentos e o arrastar de palavras lânguido do Albert, os vícios da Helen nunca lhe causaram dano permanente — estava doente demais para isso.

A sua reputação talvez tenha sofrido numa era em que fumar feminino tinha o seu lugar e beber, que envergonharia um homem, era positivamente escandaloso numa mulher; mas isso pouco lhe importava. Além disso, para

cada atuação medíocre havia uma que recordava antigas glórias, quando o ectoplasma jorrava como uma nuvem de mercúrio e Peggy cantava «You are my Sunshine» como um anjo travesso. Em casa dela em Liverpool, o primo morto de uma médium chamada Susie Hughes — vítima de guerra — materializou-se, tal como o pai que abraçou a esposa e a ergueu acima da cabeça: metade reencontro choroso, metade acto de homem forte.

A Susie Hughes também assistiu a uma reunião pública de Helen no Daulby Hall, onde relatou ter visto uma rapariga irlandesa de caracóis longos e escuros tomar forma a partir de filamentos de névoa que subiam diante do pai dela sentado na primeira fila. No final da década de 1940, Helen cruzava frequentemente o Firth of Forth até Dunfermline, onde actuava no Cooperative Hall, na cave de uma igreja ortodoxa e no sótão do Sr. e da Sra. Lingwood.

As crianças dos Lingwood lembram-se bem das sessões. Eileen, amiga de Lilian (que voltara a casar), viu o habitual desfile luminoso, mais Peggy a saltitar e uma pequena fada luminosa que girava na palma da mão de Sr.^a Duncan — um novo membro do elenco espiritual e incrivelmente parecida com a rapariguinha miniatura que Madame Bisson dizia ter visto Eva C. manifestar em 1921. O irmão da Eileen, Harvey, que tinha de arrumar os brinquedos para dar lugar aos assistentes, estava na mesma tropa de escuteiros que o filho de Lilian e foi uma vez convidado para o chá, onde Helen, agora de óculos, o cabelo preso num coque severo, lhe impingiu bolo e disse que ele possuía poderes de cura.

A procura pelas suas sessões parece não ter diminuído, nem a perda do diploma a condenou aos olhos daqueles que a admiravam como médium e não apenas como emblema da mediunidade. Com eles, o seu martírio estava seguro e, ao chá e cigarros pós-sessão, contava frequentemente histórias das suas degradantes revistas às mãos de Harry Price e Mollie Goldney, como uma antiga quacre falando de sofrimentos passados.

Apesar do voto familiar de não terem mais nada a ver com o Edinburgh Psychic College and Library, a Helen continuou a trabalhar lá. Aplicavam-se condições de teste adequadas, com revistas vaginais e rectais por um «comité de senhoras assistentes», embora tivesse havido cortes desde a guerra. Os registos verbatim das sessões foram descontinuados — a desculpa dada a Donald West quando perguntou por fontes documentais para o seu artigo. Em 1949, uma jovem chamada Denise Hankey voou de Londres para Edimburgo visitar a mãe Muriel, que era Deputy Principal

por um semestre, e teve sorte de lhe oferecerem um lugar numa sessão após um cancelamento. Ectoplasma leitoso escorreu das narinas de Sr.^a Duncan como clara de ovo a solidificar em água a ferver, recorda ela, que se afundou no chão e fluiu num tapete rodopiante com cheiro a fluidos corporais. O Albert informou Denise que uma rapariga que «passara com uma condição na parte inferior do corpo» estava ali e antes que ela pudesse pensar quem seria, o ectoplasma à volta dos seus tornozelos saltou para formar o rosto bem definido de uma colega de escola que morrera de cancro do útero.

O espírito pediu a Denise que transmitisse uma mensagem à diretora, o que ela fez oportunamente. Todos receberam alguém exceto dois convidados de Oxford. Hoje, Denise conta a história com todo o assombro de meio século atrás; Sr.^a Duncan lembra-a como uma pilha grosseira e mal-educada de carne que bebia como um peixe — um veículo perfeito para a materialização.

Continuava a ser comum que os assistentes achassem algumas partes de uma atuação profundamente suspeitas, outras totalmente convincentes. O Sr. S. M. Gardiner, membro não espiritualista da SPR, assistiu a pelo menos onze sessões da Helen Duncan em Dunfermline e, embora por vezes lhe desse boleia até à estação a caminho de Glasgow, não era fã dela como pessoa, nem, ao que parece, como médium.

Dececionou-se por o espírito do pai apenas ter apontado para o bigode, achava que o Albert era provavelmente a personalidade secundária da Sr.^a Duncan e esperava pedir emprestado um telescópio de infravermelhos ao Almirantado (para quem trabalhava) para descobrir o que se passava.

E no entanto, a materialização da sua filha pequena deu-lhe que pensar. Olhando-o fixamente, o rosto a não mais de quarenta e cinco centímetros do dele, ela disse «Vou tocar no meu papá» e deu-lhe palmadinhas na cabeça. A esposa conversou com a forma luminosa da criança e ficou convencida. Os Gardiner conheciam o passado de Sr.^a Duncan, mas também sabiam o que tinham visto e acreditavam que, se alguns fenómenos eram fraudulentos, devia haver conteúdo genuíno também.

Uma conclusão semelhante foi alcançada por Leah Longman. Uma noite de 1949 chegou a um apartamento privado em Edimburgo e ouviu o que descreveu como a «poderosa voz masculina» da Sr.^a Duncan que

conversava e fumava à vontade com os assistentes, cada um dos quais pagara 10 xelins e 6 pence pelo privilégio de a ver atuar. Um pequeno nicho fora transformado em gabinete de onde surgiu a primeira forma espiritual. «Não tinha qualquer semelhança com nenhum comunicador», disse Sr.^a Longman, «mas uma semelhança marcada com Sr.^a Duncan.»

Apesar da repulsa inicial, achou os espíritos seguintes mais convincentes — diferenciados, volúveis e emocionalmente vivos — e várias mulheres foram reduzidas às lágrimas. «A minha opinião no momento», informou à SPR, «é que é tão difícil explicar os fenómenos de Sr.^a Duncan por linhas normais como seria aceitá-los pelo valor nominal.»

Relatos semelhantes, que chegavam de tempos a tempos à sede da SPR em Tavistock Square, suscitavam sempre interesse, ainda que por vezes mais nostálgico do que académico. Donald West ainda ansiava por uma sessão de teste adequada como as que Helen Duncan concedera a Harry Price em 1931, mas sempre negara à SPR. Em 1947, a SPR aumentou o prémio por prova de mediunidade física de 250 para 1000 libras e, no Outono desse ano, Donald pediu ao Sr. Gardiner em Glasgow que abordasse Sr.^a Duncan em seu nome. Gardiner fê-lo — em vão.

Helen indignou-se, perguntando se por «a SPR» ele queria dizer Price e Goldney e depois lançou-se na história completa: o saco de sessão que a sufocava, o penso higiénico, o estômago duplo e a criada Mary McGinlay (que, segundo Helen, ninguém empregaria agora). Emocional com as recordações dolorosas, Helen endureceu-se contra Gardiner e declarou que não o faria por um milhão de libras — embora se suspeite que, se fosse essa a oferta, estaria a chamar um táxi para a Estação de Waverley a toda a pressa.

A resposta de Donald a Gardiner foi que, ao recusar, ela apenas prejudicava a própria reputação — um pouco forte, considerando que a sua difamação já fora levada ao extremo. Talvez, tal como Harry Price troçando da adoração à musselina, West achasse difícil aceitar que a popularidade dela sobrevivera e prosperaria enquanto a lei martirizante permanecesse inalterada.

Era também difícil aceitar que os Duncan estavam novamente a inverter a sua fortuna material. Tinham-se mudado para um quilómetro de distância, para o número 36 de Rankeillor Street, na margem do Holyrood Park, onde Helen e Henry poupavam as escadas dormindo no rés-do-chão e alugavam os quartos de cima a inquilinos respeitáveis. A casa dos Duncan

era favorita entre os vagabundos que passavam por comida, marcando os degraus com giz para guiar outros. Helen deve ter-se visto jovem numa rapariga galesa grávida que acolheu e da mesma forma em Maggie, uma jovem de dezoito anos que conhecera enquanto fazia compras e cujo cabelo caía. Helen convidou-a para o chá, comprou-lhe duas perucas e ela ficou quatro anos. Mas mesmo com hóspedes, havia sempre espaço de sobra. Henry guardava os livros numa divisão traseira que chamava «a biblioteca» e outra divisão estava vazia exceto por uma pianola.

A cozinha caseira e movimentada tinha uma mesa de pinho esfregada, uma máquina de lavar e uma despensa com acesso direto cheia de frascos de pickles. Gena vinha todos os dias ajudar, acompanhada pelos filhos, a bebé Sandra (nascida no aniversário de Helen) e um bebé, Sheila — ambas destinadas a ser psíquicas. Quando eram um pouco mais velhas, tinham medo do estrondo do depósito de água, que Helen lhes dizia ser o som de um papão que chamava «Alligator Bill».

O ambiente em que os filhos de Gena cresceram estava tão impregnado de poder espiritual como aquele em que ela própria fora criada, especialmente para Sandra, que escolheu viver com Helen (que sentia falta dos próprios filhos) e de quem ela era mais ferozmente protetora. Helen soubera que Gena estava grávida de Ann mesmo antes de Gena e mandara o seu médico espiritual, Dr. Johansen (o que a salvara de um coma induzido por uísque na década de 1930), dar-lhe uma vista de olhos. Sentadas no colo de Helen, as meninas escreviam perguntas em pedaços de papel que ela queimava, esfregando a fuligem no braço, de forma emocionante, para revelar a resposta.

No mundo para além de Rankeillor Street, o Espiritualismo declinava em vitalidade como religião. Muitos que se tinham desiludido por os espíritos terem previsto paz em 1938 deixaram as crenças esmorecer e os novos convertidos eram poucos. A eflorescência do Espiritualismo após 1918 não se repetiu em 1945: a perda de vidas fora menor, o impacto público atenuado pela experiência.

Claro que a dor privada de cada lar — um terço de milhão deles — era tão devastadora como na Primeira Guerra Mundial e para eles os médiuns estavam disponíveis. Eram demasiado poucos, segundo alguns soldados mortos, um dos quais disse ter encontrado militares da Primeira Guerra no mundo espiritual que lhe emprestaram o Raymond de Lodge. Médiuns físicos como Minnie Harrison (irmã da desmascarada Agnes Abbott)

ajudaram muitas pessoas entre 1946 e meados da década de 1950, período em que houve centenas de extrusões ectoplásmicas, materializações e levitações de trombeta. Numa sessão especial do Dia do Armistício em 1947, uma papoila e um botão de túnica da Artilharia Real foram aportados. Mas o fim de uma era aproximava-se. Em 1952, o *Psychic News* relatou um declínio geral nos fenómenos psíquicos, declínio que os próprios médiuns tinham notado.

A crença no sobrenatural não era o problema. Um estudo da Mass-Observation sobre o Londres do pós-guerra indicava que dois terços dos homens e quatro quintos das mulheres acreditavam em Deus, a maioria dos quais numa vida após a morte; um vigário disse que o seu rebanho ainda imaginava o mundo de lazer sem problemas habitado por Raymond Lodge. Mais de um terço acreditava em espíritos contactáveis, metade na clarividência. A diferença agora era que a inclinação para agir sobre tais crenças esmorecera.

Em 1944, o Maurice Barbanell afirmara que havia um milhão de espiritualistas na Grã-Bretanha, mas na década de 1950 a SNU reclamava uma fracção dessa cifra. Originalmente semanal, o jornal *Light* da LSA tornara-se mensal em 1944, depois trimestral em 1955, já não dedicado exclusivamente ao Espiritualismo; nesse mesmo ano a LSA foi renomeada *College of Psychic Science* para reflectir interesses em mudança e sustentar a deriva de membros para longe da SPR. Em 1932, C. E. Bechhofer Roberts previra que o Espiritualismo estaria «condenado a perecer pela mão do seu próprio filho, a investigação psíquica».

Tinha razão; mas pelo motivo errado, pois o interesse público na investigação psíquica era mais fraco do que antes da guerra. Em 1948, W. H. Salter escreveu uma história auto-congratulatória da SPR, sugerindo que as ambições dos fundadores eram tão relevantes como sempre. A realidade era outra. A Grã-Bretanha estava agora muito longe da *noblesse oblige* intelectual de Sidgwick, Myers e Gurney em busca de salvação da ruína sem Deus. Nandor Fodor, que fugira para Nova Iorque onde era mais fácil entregar-se à teorização, compreendia agora que «a investigação psíquica tentou ser demasiado científica durante anos e faliu como resultado».

A mudança pode ser detetada na revolução mediática. As ondas de rádio, que haviam sugerido uma compreensão da comunicação psíquica, estavam agora firmemente estabelecidas como meio de comunicação por direito próprio. Como aspirante a unificador nacional, o Espiritualismo dera

lugar à BBC e mesmo o interesse secular em radar e ondas de rádio do espaço tinha pouca consequência cultural comparada com a transformação do entretenimento popular. Agora, os novos reinos de experiência em que as pessoas se aventuravam mais frequentemente existiam neste mundo. Na véspera da guerra, quarenta por cento da população ia ao cinema uma vez por semana e com a vitória até isso estava ameaçado, não tanto pelo rádio — para o qual havia 34 milhões de assinantes em 1939 — mas pela televisão.

A posse de aparelhos de TV cresceu exponencialmente quando as transmissões, suspensas durante a guerra, foram retomadas em 1946, especialmente após a cobertura se estender para além do sudeste. Enquanto apenas alguns milhares viram o Desfile da Vitória de 1946, 20 milhões de lares ligaram a televisão para ver a Coroação em 1953.

Na televisão residia um paradoxo que se revelaria um golpe amargo para o Espiritualismo: as pessoas saíam menos, mas sabiam mais. A Grã-Bretanha do entre-guerras aceitara o que lhe diziam (especialmente se dito com sotaque de Oxford ou da BBC) e continha muitos que obtinham fenómenos de sessão se os esperassem.

O Espiritualismo era também uma religião para ativistas gregários; a televisão era pessoal e passiva. No fim do século, esta geração de espiritualistas lamentava a falta de disciplina nas fileiras do movimento e sabia bem que uma geração criada para esperar gratificação instantânea nunca passaria as horas que os médiuns aprendizes outrora dedicavam aos seus círculos de desenvolvimento. Uma era inundada de informação não consegue sustentar isso, nem as suas pessoas compreendem bem aqueles frequentadores de sessões cuja inocência é facilmente confundida com ignorância e que usavam os sentidos de forma diferente.

Com toda aquela expectativa e todo aquele esforço, quem sabia o que poderia acontecer na escuridão quando a agulha do gramofone encontrava o sulco e as cortinas do gabinete começavam a abrir-se? E a luz foi lançada sobre a magia de forma mais prática após a guerra com a maior disponibilidade de câmaras de infravermelhos e equipamento ótico. Em 1936, Harry Price estava à beira de conseguir gravar uma sessão cinematograficamente e ansiava pelo dia em que isso aconteceria. «Quando lá chegarmos», previu, «o dia do médium fraudulento estará acabado.»

A fraudulentice pré-guerra ainda estava em evidência. Sem grande esforço, uma fotografia de Minnie Harrison a suportar uma trombeta num

pseudópode ectoplásmico pode ser interpretada como tecido esticado dos dentes dela até uma vara enfaixada entre as pernas onde a trombeta foi encaixada. Pode não haver fotografias de Helen a trabalhar nesses anos, mas, pelo menos nos dias maus, era exatamente esse tipo de coisa que ela fazia. E ela própria admitiu que a prisão a tornara enganadora. Uma das suas amigas, Ivy Northage, formou a opinião de que, embora possuísse poderes notáveis, Helen era, no entanto, «uma mulher muito tola» que era «explorada» em casa para ganhar dinheiro, a implicação sendo que precisava de recorrer à fraude para compensar as energias que se esgotavam rapidamente.

O medo do palco afetava-a pior do que nunca e um trago de coragem holandesa ia longe. Numa sessão em casa do Sr. Latimer em Alloa (o que apelara a Churchill), o som de vidro a partir fê-la arrumar tudo de imediato — ou, se preferirem, uma lanterna passada a um espírito materializado fez o ectoplasma regressar a correr ao corpo dela. (Como sempre, até a explicação mundana é bizarra: lá em cima, o filho de quatro anos dos Latimer, incapaz de rodar a maçaneta da porta da casa de banho, partira o vidro com um martelo.)

Helen foi levada de volta a Edimburgo com o estômago queimado. Confrontada com tais perigos, o Albert era mais frequentemente sábio depois do facto do que antes. Helen precisava de um assistente mais prático, especialmente porque seis meses após a sessão de Alloa entrou em coma diabético, os rins revelaram-se em mau estado e ela estava rapidamente a tornar-se inválida. Despejando filosofia caseira sobre ter de morrer algum dia de alguma coisa, forçou-se a voltar ao trabalho, mas já não conseguia operar sozinha. Henry ficava em casa e Helen dificilmente poderia perguntar a Frances Brown se queria juntar novamente a velha equipa.

Foi, pois, oportuno que um dos seus primeiros compromissos fosse com Gert Hamilton, que mantinha uma sala de sessões acima da sua mercearia em Stoke-on-Trent.

Gert desfrutou do que os espiritualistas chamam uma sessão muito «evidencial», vendo um aviador materializado, um impressor que perdera os dedos numa máquina de corte e o espírito de uma mulher que iluminou o rosto com uma lanterna para mostrar a todos a sua fenda palatina; desta vez a luz branca não fez mal à médium. Com base nisso, Gert tornou-se a protetora e companheira de viagens de Helen, assegurando-se de que

tomava a insulina e mantendo assistentes suspeitos longe da primeira fila. Albert também fez a sua parte, acordando Helen à noite para a avisar de um homem de cabelo ruivo que viria à próxima sessão. Gert vigiava-o e dirigiu-o diretamente para a última fila, as suas suspeitas aumentadas pelo facto de ele usar uma peruca. No início da década de 1950, a saúde de Helen deteriorava-se e entrava e saía do hospital. Eileen Lingwood, então a formar-se como enfermeira, viu-a pela última vez debruçada na janela da casa de banho do Departamento de Oftalmologia do Edinburgh Royal Infirmary a fumar um cigarro às escondidas, mas não parou para conversar porque chovia e o seu toucado engomado estava a molhar-se. O catálogo de desastres médicos cresceu.

A visão de Helen já não era o que fora; Gert levou-a a Paris, mas teve de trazê-la de volta depois de o nível de açúcar no sangue disparar; sofreu um pequeno ataque cardíaco; um enorme abscesso na virilha foi drenado, altura em que lhe diagnosticaram zona; e num Natal foi internada num hospital galês com a diabetes. O mais devastador de tudo foi a notícia que recebeu a caminho de Gales: Gert recebera um telegrama de Henry a dizer que a filha deles, Nan, morrera.

Emocional e fisicamente, Helen Duncan estava a desmoronar-se, um símbolo trágico da religião e ciência outrora florescentes que representava. Tal como Eusapia Palladino, que morrera em 1918 após uma tournée desastrosa pelos EUA, sentia a proporção de bons para maus fenómenos deslizar para seu desfavor. Havia relatos fracos de sessões em Londres. Muriel Hankey e a filha Denise assistiram a uma sessão num grande salão onde algum ectoplasma cobriu o rosto da Helen e, embora uma amiga de Denise tivesse reconhecido a mãe, a actuação foi pouco impressionante.

Um investigador da SPR, Tony Cornell, esteve presente numa reunião semelhante algures perto da Seven Sisters Road, onde, apesar dos arrebatamentos das mulheres à sua volta, tudo o que conseguia ver era musselina e um cabide a reluzir na luz fraca. Noutras partes, as frases do Albert arrastavam-se distraídas e as formalidades dos velhos tempos eram dispensadas.

Em vez de apresentações educadas, uma mão espreitava pelas cortinas do gabinete, estalava os dedos e apontava para o assistente afortunado; a outra mão costumava segurar um cigarro, cujo cheiro se espalhava inconfundivelmente. O Gert Hamilton tentava manter as coisas juntas. Chris Newberry acabara há pouco o serviço nacional quando gastou 1 libra

num bilhete para ver uma sessão de Duncan num salão não-conformista no Plymouth Hoe. Várias formas espirituais aproximaram-se do público, uma das quais Chris reconheceu como o avô, pregador leigo que mostrou a sua surpresa por não ter esperado pela Última Trombeta para regressar. Gert, sentada a uma mesa ao lado do gabinete, abriu as cortinas para revelar a médium ainda em transe e o público deliciou-se ao ver o espírito curvado de uma velha senhora que perguntou se Helen estava bem e se deveria levar-lhe um copo de água. No fim, o Gert ajudou uma Helen aparentemente alheia a levantar-se, estendeu a mão por ela e a fada luminosa manifestou-se ali e deu uma volta. Todos arfaram.

O ano de 1954 foi misto. O Alan Crossley, médium abalado pela experiência de guerra (o seu guia espiritual era um soldado morto em Dunquerque), encontrou Helen pela primeira vez em Liverpool e tornou-se devoto, embora recorde assistentes a murmurar que ela já não era tão boa como antes. O Alan viu dezenas de materializações, incluindo o pai de um amigo que encorajou a esposa a seguir com a vida, gémeos bebés aos gritos nos braços de Helen e o mayor de Tewkesbury resplandecente com as suas correntes de cargo.

O Alan também viu Helen fazer um dueto em Southend-on-Sea com a Maud Gunning, outra enorme médium de materialização que transformava água em vinho e aportava fruta e flores, que doavam ao hospital local. Noutra ocasião viu a Helen desmaterializar uma chávena de chá que uma assistente derramara pelo vestido abaixo.

Em Londres, um investigador que abandonara a SPR pela LSA achou a médium monótona e monossilábica, mas não podia negar que a mãe regressara até ele de uma nuvem de névoa branca. No mesmo ano, porém, Mollie Goldney recebeu uma queixa de «uma rapariga sensata» sobre uma sessão a que assistira com a colega de apartamento. Cortinas de blackout formavam um gabinete, acima do qual musselina estava suspensa de um buraco onde passavam tubos.

O Albert não tinha rosto e tinha o braço esquerdo de Sr.^a Duncan como espinha dorsal e um xequê árabe — presumivelmente Abdul — apareceu ainda a colar a barba. Uma manifestação que uma senhora jurou ser a filha adolescente «parecia exatamente Sr.^a D. e mais 70 do que 17». No mesmo mês, um espiritualista de Lancashire perguntou-se se deveriam contar a Helen o que estava a acontecer, temendo que tivesse sido tomada por «Poderes das Trevas». Em Maio, uma Sr.^a Quinlan de Manchester ficou

destroçada mas grata quando Helen materializou o irmão que, soube pela primeira vez, fora morto na Nova Zelândia. Ao receber uma carta dele em Agosto, ficou extasiada e furiosa.

Helen continuou a viajar muito em 1955. Em Gloucester, Jean Frost lutou para ver uma amiga na forma de uma jovem mulher que se formou a partir de ectoplasma, mas não chegou a conclusão firme antes de o espírito se derreter; nem o espírito triste proferiu palavra. Em West Kensington, Richard Sheargold, membro da SPR, viu Albert — «uma longa faixa branca com traços quase indistintos» — aparecer entre Helen e Gert Hamilton.

O Albert mostrou aos assistentes a sua «caixa de voz», descrita por Sheargold como «um objeto peculiar, algo como uma batata branca grande» e por outros em anos anteriores como um grande par de lábios pendentes, uma caixa quadrada numa vara de ectoplasma e o punho drapejado de Sr.^a Duncan segurado verticalmente. Nesta ocasião, cerca de uma dúzia de espíritos passaram — um irlandês aqui, um bebé negro ali — todos menos um reconhecidos. Um espírito, uma velha senhora, parecia Helen Duncan com um robe cinzento com capuz.

«Outro pretendia ser letão», registou Sheargold, «mas em resposta a torrentes de eloquência nessa língua por parte de uma assistente, emitiu um som irreconhecível que poderia ser qualquer coisa e desapareceu.» No ano seguinte, Helen atendeu aos desejos pungentes de mais refugiados, desta vez da revolta húngara, muitos dos quais tinham encontrado emprego nas minas de carvão em torno de Dunfermline. Harvey Lingwood viu o espírito de uma mulher falar com o filho no Cooperative Hall e, embora ninguém soubesse se aquelas palavras eram realmente húngaras, as lágrimas do homem falavam por si.

* * *

Quaisquer palavras duras que Helen tivesse de enfrentar, pelo menos estava mais segura da lei do que ela e os seus colegas médiuns alguma vez tinham estado. Durante a guerra, embora a delegação da SNU ao Home Office tivesse perdido a batalha para mudar a lei, muitas escaramuças menores tinham sido travadas: assistência a prisioneiros; reconhecimento para espiritualistas nas forças armadas; ataques ao embargo da BBC a emissões espiritualistas; o estatuto das igrejas e os seus endowments; permissão para realizar serviços fúnebres espiritualistas. Nem a ambição

maior fora arquivada. O líder trabalhista Clement Attlee comprometera-se a revogar legislação obsoleta e, quando se tornou Primeiro-Ministro em 1945, nomeou um Ministro do Interior não-conformista na religião e libertário na política: o James Chuter Ede. A escolha do Attlee foi propícia para a SNU, que redobrou os esforços de lobby, enviando uma delegação ao Home Office logo após a eleição geral e, em geral, construindo sobre a indignação justa de «Um Cidadão Espantado de Gateshead» e outros que tinham escrito a Herbert Morrison.

O Governo Trabalhista de 1945 era auto-conscientemente modernizador e não havia como escapar ao facto de que a Lei da Bruxaria — de facto a própria palavra bruxaria — cheirava a Idade Média, transformava a polícia em caçadores de bruxas e os tribunais na Inquisição. Em áreas chave da vida nacional — leis, instituições, escolas, saúde — a Grã-Bretanha parecia desatualizada em relação a outros países numa era de internacionalismo dominado pelos EUA e mudar a lei era um preço pequeno a pagar para impedir que atitudes oficiais ao Espiritualismo fossem usadas como símbolo desse atraso.

Desde que o Attorney-General negara que o caso de Helen Duncan era de importância pública, Maurice Barbanell, entre outros, estava determinado a fazê-lo engolir as palavras. E o facto de alguns peritos jurídicos serem simpatizantes dava-lhe uma hipótese. «A situação actual, em que tanto espiritualistas como charlatões são processados ao abrigo de duas Leis obsoletas», argumentou The Solicitor em 1944, «é altamente insatisfatória e exige investigação.»

Quanto à polícia, acordara-se em 1945 que a discricção sobre processar ou não médiuns cabia aos chefes de polícia que, devido à publicidade gerada pelo julgamento de Duncan, eram agora esperados referir todos os casos ao DPP. O Home Office também aconselhava cautela e levou a sério um argumento na crítica de Desmond MacCarthy ao livro de Bechhofer Roberts de que «o efeito sobre um médium da exposição pública não é o que se poderia supor: traz maior seguimento e um aumento de fé».

Aos poucos, a SNU conseguia o que queria e em 1948 o Criminal Justice Act de Chuter Ede finalmente impediu a polícia de deter médiuns suspeitos a menos que houvesse boa razão para crer que fugiriam. As acusações tornaram-se mais raras, embora cada vez que um adivinho fosse julgado ao abrigo da Lei dos Vadio de 1824 — trinta e nove em 1949 — servisse como lembrete de que uma espada de Dâmocles judicial ainda

pairava sobre os espiritualistas. Esta sensação tornou-se mais vívida em Junho de 1950 com o julgamento no Old Bailey de Charles Glover Botham, médium de Leigh-Mallory, que assegurara a Lady Wilson, viúva de um banqueiro e antigo deputado tory, que 1500 libras deixadas atrás de uma almofada seriam desmaterializadas pelo espírito do marido e dadas à caridade. As notas desmaterializaram-se de facto: para o bolso do médium e ele foi rapidamente desmascarado — graças a Mollie Goldney — e julgado por falsos pretextos.

Contudo, a acusação foi apoiada por um indiciamento ao abrigo da Lei da Bruxaria de 1735 caso se revelasse que a vítima acreditara que o marido apareceria realmente — uma ofensa agora bem estabelecida como fingimento de conjuração. As palavras do juiz — ninguém menos que Sir Gerald Dodson — foram uma partida significativa de 1944 e portanto, palha no vento. Após a condenação, Glover Botham foi repreendido por ter «prejudicado gravemente o Espiritualismo, que é tido em grande reverência por muitas pessoas devotas». Como a fraude era tão flagrante, Dodson dispensou o júri de dar veredicto sobre as acusações subsidiárias, mas a SNU ainda conseguiu capitalizar o facto de a Lei da Bruxaria ter sido sequer mencionada.

Nesse mesmo ano, Charles Loseby, que, desesperado com Inglaterra, emigrara para Hong Kong, recebeu uma carta de Percy Wilson com as últimas fofocas. O editor do *Two Worlds* era comunista; Ernest Oaten envelhecia rapidamente; os espiritualistas seculares estavam em guerra com os cristãos; Hannen Swaffer sofrera desmaios; Maurice Barbanell «caíra em maus dias», desviando os lucros de reuniões de propaganda para pagar uma ação de difamação perdida; e «Sr.^a Duncan está a portar-se mal outra vez!».

A maior notícia era que, como unitarista, o Ministro do Interior apoiava a luta deles pela liberdade e embora o projeto de lei deles tivesse sido rejeitado, uma alternativa aceitável fora redigida pelo Home Office e pelo Parliamentary Counsel. Na segunda-feira, 16 de Julho de 1951, o Comité Parlamentar dos Espiritualistas deu um jantar animado na Câmara dos Comuns em honra do deputado espiritualista Thomas Brooks e de Sir Hugh — agora Lord — Dowding, para celebrar a Lei ter recebido o Assentimento Real três semanas antes. Fora lida pela primeira vez em Novembro de 1950 pelo deputado Walter Monslow, não espiritualista mas metodista que compreendia a importância da liberdade de culto — tal como

Chuter Ede e os seus companheiros unitaristas, e os congregacionalistas, católicos e judeus atrás dele nos Comuns.

De facto, antes da eleição geral em Fevereiro, cerca de 200 deputados tinham prometido apoio aos objetivos da SNU. Brooks secundou a moção, chamando às Leis de 1735 e 1824 «medidas terríveis para aplicar a gente decente» e aludindo ao julgamento de Glover Botham. Após alguma preocupação com a exploração dos enlutados de guerra ter sido expressa, Chuter Ede levantou-se para dizer o que tinha a dizer.

Antes do início dos trabalhos do dia, ele fizera uma visita à biblioteca do Home Office onde encontrara uma edição de 1616 da *Daemonologie* de Jaime I e parara para refletir sobre o que a bruxaria significara para um governo anterior. O seu discurso foi o epítome da razão sólida. A seguir, um subsecretário do Home Office pediu desculpa por ter brincado com a obsolescência das vassouras durante a campanha eleitoral de 1945, a sua resposta a uma pergunta sobre a Lei da Bruxaria enquanto falava em público sobre a produção em massa de aspiradores.

Todos na Câmara riram. Um deputado da retaguarda comentou a peculiaridade dos ingleses que na noite anterior tinham discutido a possibilidade de uma guerra na Coreia e hoje não só as primeiras páginas estavam absorvidas pelo Test Match australiano, mas ali estavam eles a mastigar o assunto das bruxas. Chuter Ede, contudo, sentia-se agora certo de que isso era o fim e que no futuro a fraude deveria ser julgada como fraude e a bruxaria seria relegada para a história.

Após a segunda leitura, um comité permanente recomendou pequenas alterações e em Maio de 1951 o projecto de lei passou para a Câmara dos Lordes, onde foi lido por Lord Dowding. O antigo Lord Chancellor, Viscount Simon, concordou que deveriam ter vergonha de usar legislação antiga contra espiritualistas. No mês seguinte, a *Fraudulent Mediums Act* de 1951 revogou a Lei da Bruxaria e substituiu certas disposições da Lei dos Vadio de 1824, o ponto central sendo que agora seria necessário provar intenção de enganar ou defraudar.

Havia uma cláusula que previa uma defesa especial para «qualquer coisa feita unicamente com fins de entretenimento» e todas as acusações requereriam o consentimento do DPP. Após um século, os espiritualistas estavam finalmente livres para praticar o culto e livres do estigma de um passado mágico e maléfico com o qual a Lei da Bruxaria lhes permitia

serem marcados. De facto, pela primeira vez desde 1547, a bruxaria, por qualquer definição casuística que fosse, deixara de ser crime em Inglaterra.

Dentro do movimento espiritualista, o sentimento era forte de que, quaisquer que fossem os méritos ou deméritos dela, a Helen Duncan acelerara esta mudança — de facto, o seu exemplo fora citado logo no início da primeira leitura do projeto de lei. O julgamento refrescara argumentos antigos e gerara publicidade que estendera e intensificara o debate para os novos pastos da liberdade.

A polícia foi atualizada pelo Home Office e Theo Mathew — agora DPP — pediu para ver apenas os casos mais graves e «não aqueles que dizem respeito apenas a uma cigana adivinha em Epsom Downs» — frase que tomou emprestada de um velho processo. No terreno, a polícia, que ficara desorientada com o Criminal Justice Act, estava agora incerta quanto a adaptar-se às novas definições e a confusão chegou ao ponto de um oficial superior fazer a seguinte recomendação revigorante: «Penso que chegou a altura de deitar fora todas as instruções existentes e começar de novo.»

E o que foi feito do Espiritualismo agora que podia deleitar-se na sua hora de triunfo, abençoado com uma nova oportunidade de vida, um novo começo? Talvez aqui resida uma das maiores ironias de toda a história. Um movimento que durante tanto tempo prosperara sendo difamado e incompreendido e construíra os seus objetivos sobre a perseguição pelo governo, tribunais e polícia, via-se agora acomodado e protegido. Já não era possível lutar contra a autoridade e o fanatismo em nome da justiça e da verdade.

A Helen Duncan ajudara a levar a história do Espiritualismo na Grã-Bretanha ao seu clímax; mas, igualmente, a sua carreira como médium fora alimentada pela coincidência com a hora mais gloriosa do movimento. Agora era uma boa altura para se retirar, pois não havia ninguém para fazer lobby, nada contra o que protestar e as pessoas ficavam em casa a ouvir o rádio, a ver televisão e a falar umas com as outras ao telefone. Em 1961, o editor do *Psychic News*, Bill Neech, resumiu o declínio de forma sucinta: «Doyle morreu, veio e foi a Segunda Guerra Mundial. Swaffer afastou-se cada vez mais da vida pública, o Espiritualismo foi reconhecido numa Lei do Parlamento. Foi o beijo da morte.»

EPÍLOGO

ALÉM DO VÉU

Na hora mais escura da noite, o Henry Duncan acordou e viu Helen completamente vestida de pé ao fundo da cama. Ela fora dar sessões em Nottingham e ele não a esperava de volta tão cedo. O primeiro pensamento de que algo estava errado confirmou-se quando, acendendo o candeeiro, viu o rosto dela mortalmente pálido e grossas lágrimas a rolar-lhe pelas faces. Quando perguntou o que se passava, ela respondeu apenas que ia deixá-lo — após quarenta anos de casamento — mas não conseguira trazer-se a fazê-lo.

Perplexo, o Henry estendeu a mão para ela, momento em que a forma spectral dela tremeluziu de volta às sombras e desapareceu.

Incapaz de dormir, Henry levantou-se, vestiu-se e fez uma chávena de chá enquanto o sol nascia sobre a colina de Arthur's Seat. O carteiro não chegaria antes de duas horas e Gena só às nove. Inquieto, saiu no frio da manhã de Outono para comprar um jornal e, ao voltar para casa, deixou os olhos deslizarem pelas últimas notícias da Crise de Suez: parecia que a Grã-Bretanha entraria em guerra outra vez; que mais havia a dizer?

Quando finalmente o rosto de Gena apareceu à porta, explicou-lhe os seus receios e ela fez o possível por o tranquilizar; mas também ela estava assustada e quando chegou um telegrama mal suportaram abrir o envelope. Era do Gert Hamilton e dizia apenas o essencial: a polícia invadira uma sessão, Helen estava gravemente doente e o Gert trazia-a para casa nesse mesmo dia.

Era terça-feira, 30 de Outubro de 1956. Correndo para encontrar o táxi, a Gena conduziu a mãe que se contorcia para dentro de casa, onde descobriu que até um abraço leve lhe doía. Enquanto o Gert explicava a Henry o que acontecera, Gena levou Helen para o quarto, começou a despi-la e, ao tirar-lhe o espartilho, descobriu a causa do desconforto. Mesmo como enfermeira ficou horrorizada e soltou um grito que fez Henry e Gert acorrerem.

No seio direito da Helen havia uma queimadura lívida do tamanho de um prato de chá e no estômago outra do tamanho de um pires — ferimentos, dizia-se, causados pela reabsorção violenta de ectoplasma. Henry tomou conta, ajudando a esposa trémula a vestir o camisão. Quando o médico chegou, disseram-lhes que as queimaduras eram elétricas, o que

levou Henry a perguntar se poderiam ter sido auto-infligidas. O médico duvidava, acrescentando que ela teria de ir para o hospital de qualquer modo para tratar a diabetes. Henry jurou que desta vez processaria a polícia e, depois de Helen ficar confortável no Western General, sentou o Gert e fez com que ela repetisse o que acontecera em Nottingham duas noites antes:

Tinham sido convidadas a ficar com um Sr. Timmins, podólogo e curandeiro, em West Bridgford, um subúrbio a sudeste da cidade. Num quarto no andar de cima, o Sr. Timmins arranjara os assistentes nessa noite, a maioria dos quais conhecia bem, embora um homem — apresentado por uma nova paciente como marido dela — tivesse encontrado apenas uma vez e dois amigos deles nunca.

Enquanto a Helen tomava o seu lugar, duas mulheres atestaram que a tinham visto mudar para o fato preto, depois a luz branca foi mudada para vermelha. Durante uma recitação do salmo vinte e três, Albert desejou a todos boa noite antes de apresentar a primeira aparição. Vinte minutos depois, duas tinham sido reclamadas — um médico local e um pianista estrangeiro — mas a sessão foi interrompida abruptamente por batidas e toques urgentes à porta da frente. Segundos depois, um enxame de agentes de polícia caiu sobre eles, flashes de câmaras, mãos a fixar Helen no sítio onde caíra.

O rosto cinzento-atroz, com a voz do Albert tranquilizou a Gert de que não estava morta. Após a polícia a advertir, foram precisas todas as mãos para a levar para uma cama onde foi vigiada por uma agente enquanto a Gert, protestando que deviam chamar um médico, era levada de volta para a sala de sessões.

Os assistentes foram retidos mais de uma hora enquanto eram tomados depoimentos, a polícia ansiosa por encontrar as barbas, máscaras e «sudário». Inutilmente revistaram as malas da Gert e da Helen, ignorando os apelos do Sr. Timmins para que todos fossem revistados, que manteve até um inspetor ameaçar prendê-lo. Diz-se que um médico, chamado pela Gert, foi solicitado pelo inspetor para revistar o ânus e a vagina da suspeita mas recusou-se e simplesmente examinou-a (não encontrando queimaduras), deu-lhe uma injeção de insulina e foi-se embora. Ainda estendida na cama em profundo choque, a Helen foi interrogada longamente e disseram-lhe que se «confessasse tudo», a polícia podia facilitar-lhe as coisas. A prisão era impensável; mas como poderia

confessar? No dia seguinte, a polícia disse a Gert que estavam livres para deixar Nottingham, mas ficaram mais uma noite até Albert sentir confiança de que Helen estava suficientemente forte para viajar. Não querendo preocupar Henry enquanto ele nada podia fazer, só então a Gert enviara o telegrama.

Henry Duncan obteve imediatamente o apoio da imprensa espiritualista. A esposa já não era a mulher que fora, disse-lhes, e parecia que voltara para casa para morrer. A 10 de Novembro, numa carta aberta ao Chief Constable de Nottingham, o *Psychic News* acusou os seus agentes de se comportarem como a Gestapo e citou a *Fraudulent Mediums Act* de 1951, nomeadamente que a mediunidade só era ofensa se pudesse ser provada intenção de enganar.

Entretanto, é provável que o Director of Public Prosecutions ou o Chief Constable tenha contactado o Home Office, porque a 15 de Novembro os processos de Helen Duncan de 1944 foram requisitados do arquivo. Imaginamos que a polícia teria sido aconselhada a abandonar o caso mesmo que a saúde dela não fosse má. Dada a inevitável publicidade e possível martírio, era melhor deixá-la em paz. Além disso, a acusação — que uma materialização fingira ser um homem que estava vivo — era insubstancial, as fotografias inconclusivas e não havia outra prova. E sem a Lei da Bruxaria precisariam dela.

O quinquagésimo nono aniversário de Helen passou sem alegria no hospital. Poucos dias depois estava em casa em Rankeillor Street, mas nesse fim-de-semana, quando Novembro virou Dezembro, a família não conseguia pensar em nada para lhe levantar o ânimo. Uma dor nas costas piorou, não conseguia comer, nem dormir sem comprimidos. Cedo na segunda-feira, Gena fez a peregrinação diária pela Dalkeith Road e encontrou a mãe em angústia, o pai sombrio, por causa de uma carta recebida nessa manhã do Chief Constable de Nottingham informando-a numa frase que o caso fora passado ao DPP.

Descrevendo-a como «um ato calculado de crueldade», Henry enviou a carta diretamente ao editor do *Two Worlds* e procurou simpatia e conselho de quem pudesse. Gena, entretanto, ficou com Helen cuja dor se tornou tão intensa que desejava ter coragem para acabar com a vida. Sem fôlego devido à angina e ao pânico, deitou-se e esperou pelo médico que pouco pôde fazer exceto injetar-lhe morfina. Nessa noite, quando voltou para repetir a dose, o estado dela deteriorara-se e aconselhou Henry a

preparar-se para o pior. No dia seguinte, o médico administrou mais morfina e Helen retirou-se ainda mais do mundo de sofrimentos. Na quarta-feira deu os poucos presentes de Natal que já comprara e falou chorosa da mãe com quem em breve se reuniria em amor e perdão. Nan, Etta e Alex, os seus filhos no espírito, também a esperavam. Harry — «o seu Henry» — fez uma visita e, contendo as lágrimas, cheirou o estranho perfume floral no quarto onde a mãe entrava e saía da consciência. Parecia que a profecia dela de que nunca viveria para ver outro julgamento estava prestes a cumprir-se.

Nessa noite, uma Gena exausta beijou a cabeça da mãe e foi para casa ver a própria família e dormir. Por volta das onze horas, o médico veio dar a injeção a Helen e deixou Henry a ler-lhe ao lado da cama. Não tardou a adormecer e não acordou durante várias horas. Em algum momento entre as três e as quatro da manhã, com o Albert e as legiões dos entes queridos falecidos a chamarem nos seus sonhos morfínicos, Helen passou suavemente pelo véu, não tanto enfurecida contra o apagar da luz como atraída pela luz que guiara a sua vida. Gena, que soube que a mãe partira por uma pancada solene à porta da frente, estava pronta quando foi chamada ao amanhecer.

Era 6 de Dezembro. A família não emitiu comunicado formal, declarando não ter interesse em promessas espiritualistas de peticionar o Ministro do Interior e fazer perguntas no Parlamento. «Queremos ficar sozinhos com a nossa dor», foi tudo o que disseram. Henry, contudo, encontrou-se com o Maurice Barbanell que veio a Edimburgo na primeira oportunidade para assegurar a Henry o apoio financeiro do movimento e encontrou a família composta e calmamente determinada a procurar reparação legal. Mesmo sem comunicado, a imprensa local e nacional cobriu a história:

MORTE DE MÉDIUM CULPABILIZA POLÍCIA foi a manchete do Daily Express a 8 de Dezembro. Do estrangeiro, Charles Loseby emitiu uma rara declaração pública: «Helen Duncan foi assassinada!» O certificado de óbito registou diabetes e falência cardíaca.

O corpo de Helen foi devolvido do serviço funerário Cooperativo e exposto na biblioteca de Henry em Rankeillor Street, rodeado pelos livros que moldaram a visão dele dela e pelos papéis que registavam como ela correspondera. Acompanhada pela Gert Hamilton — tia Gert para os netos — a menina de dez anos Sheila espreitou nervosamente para o caixão e

lembra-se de ver uma mulher serena mas inchada «como uma baleia encalhada», embora o peso tivesse caído, dizem alguns, para tão pouco como doze stone (76,2Kg). «Essa não é a minha avó», disse Sheila a Gert com desafio choroso. Sob um céu carregado, o funeral realizou-se na segunda-feira, 10 de Dezembro, no crematório privado de Warriston e foi muito concorrido por família, amigos, clientes, antigos inquilinos e presidentes de igrejas espiritualistas de todo o país. Veio um representante do Edinburgh Psychic College and Library onde fora observado um minuto de silêncio na última reunião. O Maurice Barbanell voltou para prestar as últimas homenagens. O Rev. Thomas Jeffrey, ministro da Igreja Espiritualista da Escócia que assistira a muitas sessões de Helen, conduziu o breve serviço no qual a descreveu como a Joana d’Arc da Escócia.

Antes, a Gena fora sozinha à capela mortuária e, de pé sobre o caixão aberto, sussurrara que amava Helen ao colocar uma rosa vermelha no peito dela — uma rosa, assegurou-lhe uma médium, que um dia lhe seria devolvida. Gena deu as cinzas à irmã Lilian que as levou para a América onde as guardou no quarto debaixo da fotografia emoldurada do busto do Albert. Mais tarde, os restos da Helen foram trazidos para casa, para Callander, e espalhados entre as sepulturas dos MacFarlane no antigo cemitério de Kilmahog.

* * *

O retrato de Albert era uma das poucas relíquias de Helen. O relógio de ouro que lhe fora dado pelo homem que ganhara no «Double Chance» foi herdado por Gena que adivinhou que ninguém mais o deveria possuir quando desapareceu. Hoje resta pouco pelo que lembrar Helen. Os móveis finos e os livros de Rankeillor Street foram vendidos e a roupa dela destruída ou dada, enquanto o Henry se recolhia no seu mundo encolhido. Algumas fotografias estão dispersas em arquivos, bibliotecas e entre a família.

Diz-se que a trombeta dela ainda era usada num círculo caseiro em Wiltshire na década de 1980; outras que pode ter usado jazem no armário do College of Psychic Studies. O espelho de ébano testado por impressões digitais espirituais está certamente lá, partido e baço. A folha de ectoplasma apreendida em 1939 está segura na cave da Biblioteca da Universidade de Cambridge.

Os frágeis cilindros de cera nos quais Harry Price gravara a voz de Albert não sobreviveram, embora por volta de 1955 o Alan Crossley tenha

feito uma gravação numa bobina Grundig. Os sotaques das assistentes femininas sugerem que a sessão ocorreu em Lancashire ou Cheshire, mas a qualidade é má e é difícil entender o que é dito. Do Albert conseguimos ouvir: arrasta as palavras e soa ofegante, oscilando entre uma paródia de inglês middle-class cortado e australiano grosseiro, muito do qual é murmúrio abafado e pode ter sido assim na altura: «I wahnt someone — jus' like thees, but furthair beck, towards the cor-nah thay-are — to ask a yang laydee aaht that passed... Now, I hev a feeling that she's hed an operation of sam koynd.» E assim por diante.

O impulso para lembrar Helen Duncan e ver justiça feita começou no momento em que ela morreu. Numa semana, o Two Worlds convidava contribuições para um fundo de memorial e o Ministro do Interior, Gwilym Lloyd George, foi importunado até responder que o assunto tinha de ser tratado com o Chief Constable de Nottingham. No fim, o dinheiro do fundo não foi gasto da forma pretendida. Henry, um homem a desmoralizar-se por dentro, estava a ser cuidado por Gena e não estava em condições de organizar os próprios assuntos, quanto mais uma ação judicial.

De qualquer modo, o seu solicitador, que inicialmente fora otimista quanto às hipóteses, agora aconselhou-o a abandonar o caso por insuficiência de prova médica que sugerisse que a polícia causara a morte de Helen. Além disso, Percy Wilson temia que, se o caso fosse tornado sub judice, pudesse atrasar ações e comentários noutras áreas. O Sr. Timmins também abandonou a sua ação, anunciando piedosamente que oferecer a outra face era comportamento mais adequado a um espiritualista. Por que razão a Helen Duncan fora novamente alvo de rusga após tantos anos permanece portanto um mistério.

Não houve rumores de conspiração, como em 1944, e provavelmente a polícia local simplesmente soube das sessões, talvez após uma queixa, e interveio para proteger o público. Dito isto, acusações ao abrigo da Fraudulent Mediums Act eram muito raras. E há uma última peça de prova intrigante: os desembarques anglo-franceses para retomar o Canal de Suez, que envolveram o Serviço Secreto, foram a maior operação militar marítima britânica desde o Dia D. A coincidência — e seguramente não é mais do que isso — é mais estranha porque a rusga policial ocorreu menos de trinta e seis horas antes do assalto ao Egipto começar.

A lenda da vida da Helen continuou a desenvolver-se, mas suscitava menos interesse público do que teria sido o caso antes da guerra. Maurice

Barbanell publicou uma seleção das suas memórias, incluindo a história de uma atuação improvisada para Estelle Roberts em que Helen usara apenas uma toalha de mesa vermelha e a vez em que materializara o piloto de corridas Sir Henry Segrave, morto no Lago Windermere em 1930 ao quebrar o recorde mundial de velocidade em lancha. Segrave apareceu à viúva tal como em vida e até deixou o autógrafo num bloco. Barbanell recordou também como Helen conseguia fazer mensagens espirituais aparecerem numa ardósia — o truque que praticava desde os dias dos testes de história na Callander Parish School.

Em meados de 1957, tributos e reminiscências ainda apareciam no *Two Worlds* e *Psychic News*, embora o que antes de 1951 se tornaria uma cruzada para emancipar espiritualistas fosse pouco mais do que um fio de nostalgia. Hoje em dia, o movimento parecia mais preocupado com avisos espirituais sobre a bomba de hidrogénio. Helen encontrou o seu memorial mais adequado e duradouro nas recordações privadas das pessoas que ajudara. Uma dona de casa de Stockport descreveu uma sessão a que assistira assim: «Foi como se as portas do céu se tivessem aberto e me deixassem entrar por um curto espaço de tempo.

Não consigo pôr em palavras a alegria que senti.» Um ex-mineiro de Yorkshire, que se reunira com a mãe e vira a Peggy a devorar chocolates, terminou uma carta ao Alan Crossley com estas palavras: «Aos oitenta e oito anos, estamos a chegar ao fim da estrada da vida, mas isso não me preocupa porque só passarei por um véu para uma vida melhor onde encontrarei todos os meus entes queridos outra vez.»

A Helen Duncan transformou vidas e nenhuma mais do que a de Ena Bigg, a rapariga de Gosport cujo noivo Ronald fora para o mar e cujo amigo Bob Brake estava estacionado em Preston com a RAF. Ena e Ronald casaram-se em Janeiro de 1940, mas um mês depois ele foi morto quando o navio foi afundado por um U-boat. Embora os espíritos a tivessem preparado para a tragédia, ficou devastada e nem sequer tinha uma sepultura onde concentrar o luto.

Tudo o que tinha eram os pijamas dele. Ena procurou consolo em Bob e no fim do ano concordara em casar com ele, desde que Ronald desse a bênção do mundo espiritual. Na primavera de 1941 assistiram a uma sessão da Helen Duncan e Ena viu por si mesma os «oceanos de branco» que jorravam da boca dela. Primeiro apareceu a avó de Ena, depois o Albert chamou-a para invocar um jovem cujo corpo jazia no fundo do mar. Com o

braço de Bob à volta dos ombros, ela implorou: «Vamos, Ron querido, vem falar comigo», momento em que o gabinete se abriu e saiu Ronald com um uniforme de ectoplasma luminoso. «Olá, querida», disse ele, «vim dar-te a minha bênção. Quero que saibas que a tua felicidade é sempre a minha felicidade. Cuida dela, Bob, até ela poder juntar-se a mim.» A experiência deles não foi única.

Vincent Woodcock, testemunha no julgamento do Old Bailey, recebeu uma bênção semelhante da esposa falecida quando decidiu voltar a casar; e depois havia a mãe viúva do amigo do Alan Crossley, a quem disseram para seguir com a vida. Mas o que torna Ena e Bob especiais é que, agora na casa dos oitenta com filhos e netos, continuam felizmente casados e a viver em Yorkshire e continuam a falar do seu pequeno milagre — e da Helen Duncan — com a mesma reverência e gratidão que sentiam há sessenta anos.

Embora não seja difícil encontrar pessoas que assistiram às sessões de Helen Duncan, a maioria dos principais actores de 1944 já morreu... Dodson, Robey, Morrison, Arthur West. Charles Loseby viveu os seus últimos dias como exilado fiscal em Guernsey; Maude e Elam tornaram-se juízes respeitáveis. O Hannen Swaffer morreu em 1961 e enviou uma mensagem a Maurice Barbanell: «Querido Barbie, é completamente falso que eu esteja morto, Swaff.»

O homem que Swaffer ridicularizava e injuriava, Harry Price, morreu de insuficiência cardíaca em 1948, a fumar o cachimbo depois do almoço; foi imediatamente atacado pelos colegas do Magic Circle e, desde então, espiritualistas e investigadores psíquicos têm batido na sua memória. A sua parceira — e, dizem alguns, amante — a Mollie Goldney, recebeu o MBE (pelo trabalho no banco de sangue) e durante anos foi um pilar da SPR, cruzando espadas com membros mais crédulos, antes da sua triste descida à senilidade. O Donald West tornou-se psiquiatra, mais tarde Professor de Criminologia Clínica em Cambridge e, recentemente, deixou a presidência da SPR. Continua a sentir que, embora a Helen Duncan fosse uma fraude, o caso contra ela nunca foi provado.

O Percy Wilson reformou-se do serviço civil em 1949, sofrendo de «sobrecarga nervosa», e como Presidente da SNU viu o prestígio e as finanças dela entrarem em declínio acentuado — tal como os espíritos tinham previsto uma década antes. O filho, Geoffrey, mensageiro da Defesa no julgamento de Helen, vive na América e lembra-se sobretudo de como

tudo aquilo foi aborrecido. O Stanley Worth permaneceu na Marinha Real até 1953, quando emigrou para a Nova Zelândia, onde trabalhou em imobiliário até à reforma; continua a negar que tenha espiado para alguém que não ele próprio. Em 1949 casou com a cunhada do War Reserve Constable Rupert Cross, que mais tarde também deixou Inglaterra rumo à Nova Zelândia. O número 301 de Copnor Road, Portsmouth, para onde trouxeram tanto caos em Janeiro de 1944, está atualmente vazio e à procura de inquilino.

Os trabalhos de demolição da antiga Prisão de Holloway começaram em Janeiro de 1971. O Partido Trabalhista nunca abraçou «a lei fundamental da Irmandade Espiritual», que o espírito da esposa de Ramsay MacDonald previra ser a única esperança para eles e para o mundo. A ameaça de guerra nuclear recuou. Os fantasmas das duas guerras mundiais são agora menos numerosos, pois há menos sobreviventes para os assombrar.

E os Duncan? O Henry morreu em Edimburgo em 1967, a segunda esposa incapaz de penetrar no casulo de sentimentalismo que ele tecera à sua volta. As netas de Helen, Sheila e Ann, ambas enfermeiras a viver em Staffordshire, partilham a convicção da mãe Gena de que o legado de perseguição levou certos membros da família a negligenciar os seus dons psíquicos e que o peso da memória abençoada causou o fim do casamento dela. Primos, sobrinhos, sobrinhas e netos estão espalhados pela Escócia, Inglaterra, Austrália e América e variam na curiosidade quanto à famosa antepassada.

Ainda há MacFarlanes em Callander onde, nas lojas e pubs, Helen é recordada com franqueza e discrição como «Hellish Nell», embora a origem do cognome — a sua traquinice de rapariga — tenha sido há muito ultrapassada pela memória da condenação no Old Bailey e de toda a publicidade que se seguiu. Em 1997-8, reacendeu-se a controvérsia quando um grupo espiritualista, a White Rose Fellowship, ofereceu ao Callander Community Council um busto especialmente encomendado de Helen Duncan que, até agora, não conseguiu encontrar lugar para expor.

A Stirling District Tourism Limited não considerou que o Rob Roy Visitor Centre fosse morada adequada para o bronze volumoso e, devido às associações de Helen Duncan, alguns locais preferem que não seja exibido de todo.

Claro que a imortalidade de Helen não depende apenas do seu legado póstumo. No dia em que morreu, uma médium de Glasgow, a Margaret Lyon, sentiu o odor de ectoplasma e, em poucas horas, recebeu uma mensagem de Helen enviando amor a Henry e dizendo que fora recebida pelo Albert e reunida com a Nan e que o mundo espiritual era mais maravilhoso do que ela alguma vez imaginara. O Maurice Barbanell transmitiu a notícia ao Henry que, não muito depois, também experimentou o regresso da esposa.

Deitado na cama uma noite, a temperatura desceu e uma nuvem escura jorrou dos lençóis ao flutuar na sua direcção. Uma mão que lhe apertou suavemente a sua soube ser de Helen e imediatamente sentiu-se tranquilizado e encorajado. Muito mais tarde, a presença de Helen foi detetada no círculo caseiro de Gena e uma vez uma trombeta chegou a levitar, mas sem a voz dela sair dela. Noutras partes, Helen comunicou muitas vezes e atuou como guia espiritual para vários médiuns; e no entanto, exceto pelo braço reprovador em 1958, nunca chegara a materializar-se realmente.

Médiuns físicos capazes de tais façanhas eram uma espécie em extinção e, de qualquer modo, sugeriu-se que Helen ficara tão desiludida com a vida na Terra que nunca quis regressar. Mas no início da década de 1980 começaram a circular rumores de que uma médium em Leicester, Rita Goold, realizava sessões onde Helen Duncan era a principal comunicadora (Raymond Lodge era outro), aparecendo em forma totalmente materializada na escuridão. Em 1983, Alan Crossley não só testemunhou isso como falou com a Helen durante três quartos de hora, sentiu o efeito de gangorra quando ela se sentou ao lado dele no sofá e quase teve a vida espremida para fora.

Parte disso gravou, incluindo o conselho de Helen para que tomasse cuidado, «porque sabes o que me aconteceu». Helen protegia Rita: uma vez um homem tentara acender uma lanterna mas falhara porque a Helen desmaterializara as pilhas, deixando-as cair na mão dele antes de o expulsar. Um ano antes, um repórter do *Psychic News* levava a Gena Brealey, onde durante mais de uma hora uma sombra espiritual com o porte da mãe dela conversou com ela de forma privada e esotérica. Vários objetos foram também aportados, incluindo uma única rosa vermelha de haste longa, salpicada de orvalho como costumam ser as flores aportadas

espiritualmente. Gena chorou amargamente — embora se estava totalmente convencida fique em aberto.

Hoje, a Helen envia frequentemente mensagens e, livre das suas maleitas e doenças, está feliz no palácio de Deus, desfrutando da Comunhão dos Espíritos e do Ministério dos Anjos. A comunicação recente mais conhecida ocorreu em Setembro de 1994 — quinquagésimo aniversário do julgamento — quando um exemplar imaculado do Daily Mail datado de 1 de Abril de 1944 foi aportado a um círculo caseiro em Scole, Norfolk. O círculo crescera a partir da Noah's Ark Society, fundada em 1990 para reavivar a mediunidade física, e o desacordo quanto à genuinidade dos seus efeitos espetaculares (aportes de Churchill, vozes extraterrestres, luzes coloridas e imagens em filme não exposto, incluindo St Paul's durante o Blitz) dividiu o Conselho da SPR, organização que cambaleia, aparentemente alheia ao facto do establishment científico e o público britânico em geral nem saberem nem se importarem com as suas preocupações.

A parapsicologia moderna pouco se ocupa de assombrações, preferindo uma dieta de telepatia em gémeos, poderes extrassensoriais em animais de estimação, sonhos premonitórios e experiências de vidas passadas. Até hoje, o resultado desta investigação foi, segundo Nicholas Humphrey, «um museu cheio de curiosidades do género “nunca vi” e dados laboratoriais disputados»; para ele o mundo natural e as suas pessoas são suficientemente complexos e maravilhosos para não haver necessidade do sobrenatural.

Mas tal como os espiritualistas modernos, que ainda se reúnem em pequenas congregações na maioria das cidades britânicas, os parapsicólogos continuam a contar-se histórias reconfortantes que os ajudam a acreditar que estão a ganhar e seguem o ditado atribuído ao Sir James Dewar (o inventor do termo-flask que atacava Lodge) de que as mentes são como paraquedas: só funcionam quando estão abertas. Outros, porém, preferem o conselho cauteloso do filósofo Jacob Needleman que recomenda que nos mantenhamos sempre de espírito aberto, mas não ao ponto de os miolos caírem.

* * *

Na Grã-Bretanha moderna, a crença no sobrenatural é endémica, mas tem tantos matizes e saídas que não reparamos nela. O Cristianismo, o Hinduísmo, o Islão, o Judaísmo, o Budismo e assim por diante são todos

códigos estabelecidos pelos quais os mortais depositam fé em seres e reinos para os quais não existe prova tangível. A Wicca — paganismo da Nova Era — é considerada a religião de crescimento mais rápido. Muitos mais se envolvem com forças imaginárias de forma subtil: lendo horóscopos, contornando escadas, evitando viajar na sexta-feira 13. Tal como Helen, temos medo do escuro, mas nem sempre sabemos dizer porquê. Em 1993, quatro membros de um júri em Hove, Sussex, usaram uma tábua Ouija para contactar o espírito de uma vítima de homicídio para os ajudar nas deliberações; o suspeito indicado foi condenado.

E devemos lembrar-nos de que o mundo ocidental é o canto mais secularizado do globo, um lugar onde há mais de dois séculos gerações aprenderam a adorar a tecnologia, a indústria e o consumismo e a esquecer-se de ir à igreja. Noutras partes, a crença na bruxaria como força prejudicial e curadora é indistinguível das crenças correntes na Grã-Bretanha há meras quinze gerações. Em 1997, o Estado sírio condenou e decapitou um homem pelo crime de bruxaria.

Uma coleção de recortes de jornais dos últimos anos relata linchamentos de bruxas em Assam, Fiji, norte de Samatra, Quénia, África do Sul, leste do Uganda e na Tanzânia onde se pensa que até 5000 suspeitos tenham morrido entre 1994 e 1998. Enquanto escrevo, trinta pessoas foram detidas pela polícia no estado indiano de Andhra Pradesh por suspeita de terem feito parte de uma turba aldeã enfurecida que espancou quatro mulheres e um homem tidos por bruxos, os amarrou a uma árvore, regou com querosene e queimou vivos.

Há apenas trezentos anos, em Kirkcudbright, Dumfriesshire, era assim que tanto governantes como governados consideravam adequado lidar com a infeliz Elspeth McEwen.

Tudo isto deixa Helen como uma representante mais mainstream das crenças humanas do que possa parecer à primeira vista. O animismo — a crença em espíritos — é provavelmente a mais antiga crença religiosa, a ansiedade pela sobrevivência a nossa emoção mais antiga, e ambas remontam dezenas de milhares de anos a uma época em que os homínídeos tomaram consciência do facto de que morreriam mas eram incapazes de contemplar a própria extinção pessoal.

Imaginar a morte continua a ser um paradoxo sublime. Por causa disto, e porque continuamos a desejar controlo sobre os nossos destinos, pode ser que a nossa mentalidade inata como espécie não seja secular mas

mágica. Talvez os nossos antepassados — tal como as pessoas da Índia, África e Sudeste Asiático — acreditassem em bruxas não por falta de conhecimento melhor, mas porque intuitiva e intelectualmente fazia sentido explicar o mundo dessa forma. Ainda hoje, para além de superstições túbies, muitos mais de nós no mundo desenvolvido do que estamos dispostos a admitir passam a vida a resistir à ideia de que sorte e azar possam ser determinados por forças intangíveis e de que pode muito bem haver um lugar para onde regressamos na hora da morte.

Esquecemo-nos de que passámos infâncias imersas em monstros e faz-de-conta e ficamos surpreendidos ao descobrir-nos a desejar e a rezar em momentos de crise pessoal. Nunca será provado que Deus e o diabo são ficções escolásticas, que os céus estão vazios e que Raymond Lodge não está lá em cima numa ordem esférica de existência a beber um whisky com soda como o pai acreditava. Mesmo que a prova existisse, o puro desejo de imaginar um universo encantado seria inevitavelmente satisfeito e a ideia pegaria. Assim falaram as irmãs Fox em 1848.

Talvez uma necessidade inata de comunhão com os mortos, e o verdadeiro sentido de propósito e conforto que pode trazer, faça afinal a condenação de Helen Duncan em 1944 parecer injusta. Talvez o dela tenha sido um amor altruísta pela humanidade, uma torneira que não se conseguia fechar. Há, claro, quem acredite que a injustiça reside simplesmente no facto da sua genuinidade como médium. Em 1997, centenário do seu nascimento, uma campanha para anular a condenação da Helen foi reavivada por um grupo de espiritualistas assessorado por um advogado quacre reformado.

Quando a Criminal Cases Review Commission recusou remeter o caso ao Tribunal de Recurso (porque a condenação antecedia a Fraudulent Mediums Act e fora feita segundo padrões de justiça aceitáveis na época), os ativistas passaram a procurar um Perdão Livre pelo exercício da Prerrogativa Real de Misericórdia — concedido apenas uma vez antes, em 1966, no caso de Timothy Evans enforcado por homicídio em 1950. A imprensa mostrou interesse, a manchete no Guardian de 31 de Janeiro de 1998 — PARDON HOPE FOR LAST WITCH BRANDED A WARTIME TRAITOR — sendo amplamente típica. O The Times publicou uma caricatura do Ministro do Interior Jack Straw a recomendar clemência à Rainha depois de ele próprio se transformar num sapo. Não há acordo quanto ao que Helen quer que aconteça e, mesmo na morte, tem sido

puxada para um lado e para o outro. O principal ativista Michael Colmer alega que o espírito dela lhe disse para «manter-se longe da família, rapaz»; mas, no geral, os familiares acreditam que ela só quer descansar em paz. Uma campanha rival de perdão alega ter sido encarregada da sua exoneração; mas a Presidente da SNU sustenta que o espírito de Helen lhe confidenciou: «Parece importar muito mais aí em baixo do que aqui em cima.»

O Colmer apelou ao seu deputado, Michael Ancram, para pressionar o Home Office a agir, levando o jornal italiano de parapsicologia Luce e Ombra a revisitar a história da Helen Duncan num artigo intitulado «Tony Blair e a última bruxa inglesa». Contudo, o que era verdade para o Home Office em 1944 é verdade hoje: o Secretário de Estado não pode contrariar decisões tomadas constitucionalmente pelos tribunais. No Verão de 1999, o caso já não estava em consideração ativa e Michael Ancram devolveu os papéis que Michael Colmer lhe enviara. Os ativistas permanecem otimistas, porém, e insistem que o seu trabalho entrou numa «fase discreta».

«Um dia a verdade virá ao de cima», assegura-nos Alan Crossley. «Está tudo nos arquivos e, quando vier, ela será aclamada como mártir.» Nunca acontecerá, nem os ativistas provavelmente conseguirão o que querem (a menos que uma recente decisão judicial sobre padrões de justiça possa ser explorada com sucesso). A verdade elusiva sobre Helen Duncan é que não há verdade para descobrir, pelo menos nenhuma versão única que afaste para sempre a especulação e a controvérsia.

Chegar ao fundo de mistérios históricos pode tornar-se mais difícil quanto mais fundo se cava — a água turva sobe, as paredes do buraco desabam — e, em assuntos de segredo de guerra em particular, pode-se compreender o que Churchill quis dizer quando falou dos preparativos para o Dia D: «A Verdade é tão preciosa que deve sempre ser acompanhada por uma guarda-costas de mentiras.» Alguns poderão sentir que a matéria-prima deste livro se inclina mais para a ficção do que é aceitável numa biografia histórica e, por essa razão, delimitei deliberadamente até que ponto saí do mundo que este material descreve. Tanto quanto possível, foram os frequentadores de sessões e os investigadores psíquicos a contar as suas próprias histórias, usando categorias que leitores perspicazes não precisarão que eu qualifique por eles.

Além disso, o propósito deste livro não é apenas valorizar, vilipendiar ou vingar a Helen Duncan, mas fazer tudo isso — e com um motivo

ulterior. A um nível, a sua vida, vista no seu todo, é fascinante e tem a mesma força de entretenimento que qualquer aventura. Não se pode negar a verdade do comentário do Alan Crossley de que a sua história é «uma de tragédia e absurdo, mas ao mesmo tempo de triunfo sobre a adversidade» e que, como tal, merece ser contada. Mas há mais qualquer coisa.

A Helen Duncan diz-nos coisas subtis sobre o modo como fomos ao abrir uma janela através da qual vislumbramos o século XX — a era dos extremos — não meramente como sequência de acontecimentos mas como drama cultural onde pressupostos não ditos e atitudes ambivalentes eram tão influentes como expressões conscientes e ações concretas. Num recente livro de história infantil, o seu julgamento é ilustrado por uma caricatura de uma mulher com roupa dos anos 1940 amarrada a uma estaca prestes a ser queimada, momento em que um membro da multidão se vira para outro e diz: «Não achas que talvez estejamos a exagerar um bocadinho?»

O apelo irresistível da piada sugere que a história da Hellish Nell é importante, não só porque lhe é devida, nem sequer porque nos ensina sobre um terreno histórico mais amplo, mas porque fornece um comentário sobre a condição humana, pousando e iluminando temas universais e eternos de amor, verdade, poder e morte — todas coisas que as crianças compreendem tão completamente como compreendem o fascínio da bruxaria.